

ROMANCE

ANIMAL



LISA TADDEO

**DA AUTORA DE TRÊS MULHERES,
BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES***



ANIMAL

ROMANCE

LISA TADDEO

Tradução
Stephanie Fernandes



RIO DE JANEIRO, 2022

Copyright © 2021 by Woolloomooloo, LLC. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © 2021 por Casa dos Livros Editora LTDA.

Título original: *Animal*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editora: *Lara Berrueto*

Assistência editorial: *Anna Clara Gonçalves e Camila Carneiro*

Copidesque: *Bonie Santos*

Revisão: *Vanessa Sawada*

Design de capa: *Alison Forner e Zak Tebbal*

Imagem de capa: *Bendik Stalheim Møller / EyeEm*

Adaptação de capa: *Renata Zucchini*

Diagramação: *Abreu's System*

Conversão para ePub: *SCALT Soluções Editoriais*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Taddeo, Lisa

Animal / Lisa Taddeo; tradução Stephanie Fernandes. – 1. ed. – Rio de Janeiro:

Harper Collins Brasil, 2022.

Título original: *Animal*

ISBN 978-65-5511-247-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

21-88600

CDD: 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Para minha mãe e meu pai.

Sumário

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[Sobre a autora](#)

1

DEIXEI A CIDADE DE NOVA YORK DEPOIS QUE UM HOMEM ESTOUROU OS miolos na minha frente. Era um homem glutão, e quando seu sangue jorrou parecia sangue de porco. É cruel pensar assim, eu sei. Foi em um restaurante onde eu estava jantando com outro homem, outro homem *casado*. Está vendo aonde isso vai dar? Mas eu nem sempre fui assim.

O restaurante se chamava Piadina. Da parede de tijolinhos pendiam fotografias de matronas italianas enrolando *gnocchi* com seus dedos gigantes enfarinhados. Eu estava comendo uma pratada de *tagliatelle* à bolonhesa. O molho era espesso e cor de ferrugem e tinha um ramo fresco de salsinha em cima.

Eu estava de frente para a porta quando Vic entrou. Ele estava de terno, como de costume. Eu só o tinha visto de roupa informal uma única vez, camiseta e calça jeans, e tinha me perturbado bastante. Ele com certeza percebeu. Os braços dele eram pálidos e molengas, e eu não conseguia parar de olhá-lo.

Ele nunca foi Victor. Era sempre Vic. Era meu chefe, e por um bom tempo antes de acontecer qualquer coisa, eu o admirava. Ele era muito inteligente e arrumado e tinha um rosto amigável. Comia e bebia com um apetite voraz, mas havia uma dignidade no excesso dele. Era generoso, servia o creme de espinafre para todo mundo antes de se servir. Tinha um ótimo vocabulário, o

cabelo penteado de lado e uma extensa coleção de belos chapéus. Tinha dois filhos, uma menina e um menino. O menino era deficiente intelectual, e Vic dava um jeito de esconder isso de mim e das outras pessoas abaixo dele. Só tinha uma foto da filha na mesa.

Vic me levou para centenas de restaurantes. Comíamos bisteca em lugares badalados com sofás vermelhos e os garçons davam em cima de mim. Achavam que ele fosse meu pai, ou um marido mais velho, ou imaginavam que eu fosse sua amante. De certa forma, nos encaixávamos em todos esses cenários. A esposa dele ficava em casa no distrito de Red Bank. Ele dizia, sei que você não vai acreditar nisso por eu ser tão desleixado, mas minha esposa é muito bonita. Na verdade, não era. O cabelo dela era curto demais para o formato do rosto e a pele, muito clara para as cores que ela gostava de vestir. Parecia ser uma boa mãe. Gostava de comprar cumbuquinhas de sal e toalhas turcas, e no começo da nossa amizade, quando eu batia o olho em uma cumbuca de bambu em uma das minhas andanças pela cidade, tirava uma foto e mandava uma mensagem para ele, *Sua esposa gostaria dessa?*

Ele dizia que eu tinha um gosto excelente, mas o que isso quer dizer?

Dá uma sensação de segurança ser amiga de um homem mais velho que te admira. Onde quer que você esteja, se der algo errado, basta fazer um telefonema que o homem aparece. O homem que aparece deveria ser seu pai, mas eu não tinha pai na época e você nunca vai ter.

A certa altura passei a contar com Vic para tudo. Trabalhávamos em uma agência de publicidade. Ele era o diretor de criação. Eu praticamente não tinha experiência alguma quando comecei, mas tinha talento, ele dizia. Ele me promoveu de assistente para redatora. No começo, eu curti os elogios, mas então passei a sentir que merecia tudo o que eu conquistava, que ele não tinha nada a ver com aquilo. Levou uns anos para chegar até esse ponto. No meio-tempo engatamos um relacionamento sexual.

Eu poderia ficar horas falando sobre transar com um homem por quem você não tem tesão. Acaba que gira tudo em torno da sua própria performance, do seu próprio corpo e de como ele é visto de fora, como se mexe por cima desse homem que, para você, não passa de um espectador.

Enquanto estava rolando, eu não tinha noção do tanto que mexia comigo. A ficha só foi cair muitos anos depois, quando três banhos por dia já não bastavam.

A primeira vez foi na Escócia. A agência tinha fechado uma conta com a cerveja Newcastle, e Vic propôs que eu tomasse as rédeas, comparecesse a

todas as reuniões e conduzisse o negócio. Era uma conta grande, e meus colegas ficaram com inveja. Eu era nova na agência e naquele trabalho em geral. Eles pararam de dar em cima de mim e passaram a agir como se eu fosse uma dançarina exótica, batendo uma e me julgando ao mesmo tempo.

A Newcastle me colocou em um hotel luxuoso nos arredores de Edimburgo. Era todo de pedra fria e janelões, e a entrada principal era uma via circular de cascalho. Eu olhava pela janela para ver os carros que entravam e saíam, antigas relíquias, SUVs pretas da Mercedes e pequenos Porsches prateados. Tinha uma manta de tartã na cama e o telefone era um pato-real. A diária era mil e quatrocentos dólares.

Fazia uma semana que eu estava na Escócia quando comecei a me sentir pra baixo. Estava acostumada a ficar sozinha, mas é diferente em outro país. Nunca fazia sol, mas também não chovia. Além disso, eu ainda era muito ingênua com as questões de trabalho e os representantes da Newcastle perceberam. Liguei para Vic lá na agência. Não era minha intenção, mas desatei a chorar. Comentei que estava com saudade do meu pai. Claro, estava com saudade da minha mãe também. Mas era diferente, você ainda vai entender por quê.

Na noite seguinte, Vic já estava na Escócia. A passagem de última hora foi exorbitante, coisa de doze mil dólares, e ele tirou do próprio bolso porque morri de medo de os nossos colegas acharem que eu tinha fracassado. Ele não participou de qualquer reunião. Só bateu uns tópicos de conversa comigo. Pegou um quarto só para ele no fim do corredor. Na primeira noite jantamos e tomamos uns drinks no saguão do hotel e cada um foi para o seu quarto. Mas na segunda noite ele me acompanhou até o meu.

Homens mais velhos e inteligentes sempre dão um jeito de se enfiar entre suas pernas. Não parece sórdido a princípio e, se bobear, fica a impressão de que foi ideia sua.

Eu estava usando um vestido creme de lã e minhas pernas estavam à mostra. Eu nunca usava qualquer tipo de meia-calça ou legging, nem mesmo no inverno. Estava com os meus saltos Mary Jane pretos.

Vic estava de terno. Ele vivia vestido como os homens das propagandas de cigarro. Não me sentia atraída por ele, mas achava o perfume dele aconchegante. Estávamos dando risada, andando pelo corredor verde e dourado do hotel. Um casal passou pela gente e eu me lembro de como a mulher olhou para mim. Passei um bom tempo andando por aí com aquela sensação.

No meu quarto, abrimos duas garrafas médias de vinho tinto do minibar, mais três garrafinhas de *scotch* que ele bebeu por conta própria.

Provavelmente por autopreservação, não me lembro muito bem de como começou. Tenho certeza de que fui em grande parte responsável, testando os limites do meu poder sexual. Até onde ia minha beleza. Mas o que me vem à mente com mais clareza é o espelho na parede oposta às janelas em que eu tinha passado dias a fio ouvindo os carrões esmigalharem o cascalho. Levantei para me olhar no espelho porque ele tinha dito que eu estava com vinho tinto no canto da boca, parecendo uma viciada em crack. Haha, eu disse. Mas aquele homem jamais seria capaz de fazer com que eu me sentisse feia.

Ele surgiu atrás de mim no espelho. A cabeça dele era enorme perto da minha. Meu cabelo longo e escuro fazia um contraste elegante com o creme do meu vestido. Ele colocou uma mão no meu ombro e outra no meu cabelo, perto da orelha, inclinando meu rosto. Vi o olhar dele quando encostou os lábios finos no meu pescoço. Senti um frio na espinha, um pouco por repulsa, mas também por uma reação sexual involuntária. Ele tirou meu vestido por cima. Fiquei de salto e sutiã branco de renda e calcinha branca com lacinhos vermelhos nas laterais. Eu me vestia para alguém na época e gostava de acreditar que era para mim. Uma vez, em uma lojinha de itens de cozinha no SoHo, comprei um avental com estampa de coelhos e chalés e menininhas tomando sorvete de casquinha.

Depois vieram as viagens para Sayulita, para Scottsdale, para aquele spa chique. Tinha banheiros de azulejos azuis e um sushi maravilhoso. Guacamole de aperitivo, dançarinas do ventre, manobrista, tudo.

Em certo ponto eu não aguentava mais, mas por um bom tempo fui levando. Não era muito físico de modo geral. Dá para se safar com um monte de nada se você jogar direitinho, ainda mais quando o homem é casado. Você pode falar de moral e do que o seu falecido pai acharia. Dá para fazer o homem estremecer só de segurar a mão dele, isso enquanto você está em um desses lugares quentes com palmeiras e carrinhos de golfe.

Não deixei de sair com outros homens durante esses anos. Tive uma ou outra obsessãozinha, mas nada sério. Cheguei a contar de algumas para Vic. Falava que eram meus amigos e o deixava lidar com a desconfiança. Mas, geralmente, eu mentia. Dizia que ia sair com as amigas e então deixava o escritório de fininho, corria para uma estação de metrô, olhando para trás o tempo todo, morrendo de medo de que ele estivesse me seguindo. Então eu me encontrava com algum cara péssimo e Vic ia para casa bisbilhotar a

internet em busca de sinais meus pelas redes sociais. Ele me escrevia em torno das onze, *E aí garota*. Não usava ponto de interrogação para não parecer tão inquisitivo. Você começa a entender a natureza humana em um nível celular quando um homem mais velho fica obcecado por você.

A situação toda era administrável. Nós dois estávamos conseguindo o que queríamos, embora eu pudesse me virar sem ele. Acontece que ele não conseguia viver sem mim. Ele comparava a relação dele comigo a Ícaro. Ele era Ícaro e eu era o sol. Essas declarações, nas quais eu acreditava totalmente e ainda acredito, me reviravam o estômago. Que tipo de garota quer ser um sol sobre um país que ela nem quer visitar?

Tudo correu bem por uns anos, até surgir o homem de Montana. Eu o chamava de Big Sky e, no começo, Vic também. Mandeí Vic para as profundezas do que um homem é capaz de suportar. Não recomendo, e acho bom você saber o que isso faz com outro ser humano.

Acho que Vic pretendia atirar em *mim* naquela noite, é o que eu acho.

2

SE ALGUÉM PEDISSE PARA EU ME DESCREVER COM UMA ÚNICA PALAVRA, *depravada* é a que eu usaria. A depravação sempre foi útil para mim. Útil pra quê, eu não saberia dizer. Mas já sobrevivi ao pior. *Sobrevivente* é a segunda palavra que eu usaria. Vivi uma história obscura de morte quando era criança. Vou contar para você, mas antes quero contar o que aconteceu depois daquele fim de tarde que mudou o curso da minha vida. Vou fazer desse jeito para que você se poupe da compaixão. Se é que você é dada a compaixão. Tudo bem se não for. O mais importante é acabar com várias ideias equivocadas — sobre mulheres, principalmente. Não quero que você dê continuidade ao ciclo de ódio.

Já fui chamada de puta. Fui julgada não só pelas coisas que fiz com os outros, mas, o que é cruel, pelas coisas que aconteceram comigo.

Eu tinha inveja das pessoas que me julgavam. Essas pessoas que levam uma vida certinha, previsível. A faculdade certa, a casa certa, a hora certa de se mudar para um lugar maior. O número prescrito de filhos, às vezes dois e às vezes três. Aposto que essas pessoas não passaram por um por cento do que eu passei.

Mas o que me tirava do sério era quando me chamavam de sociopata. Algumas pessoas falavam isso como se fosse uma coisa boa até. Sou do tipo

que acredita saber quais pessoas deveriam estar mortas e quais deveriam estar vivas. Sou muitas coisas. Mas sociopata, não.

Quando Vic abriu um rombo na cara, o sangue escorreu que nem licor. Eu não via sangue daquele jeito desde os dez anos de idade. Aquilo abriu um portal. Vi o reflexo do meu passado naquele sangue. Vi o passado com clareza, pela primeira vez. Os policiais pareciam estar com tesão quando apareceram. Tinham evacuado o estabelecimento. O homem com quem eu estava à mesa perguntou se ficaria tudo bem comigo. Ele estava colocando o casaco. Ele quis dizer se ficaria tudo bem comigo aquela noite e pelo resto da minha vida, porque eu nunca mais o veria. Ele tinha me perguntado uma vez qual era o meu grupo e eu não tinha entendido o que ele queria dizer, mas naquele momento eu entendia. O homem estatelado no chão era o meu grupo. Eu fazia parte de um grupo que Dartmouth não reconhecia. Depois que os policiais foram embora, segui para o meu apartamento a pé. Achava que não tinha carboidratos em casa, mas encontrei uma caixa de tacos. O pior de comer demais é que você acaba precisando de mais Rivotril do que de costume. Fiquei dopada bem a ponto de fincar o pé em uma decisão. Coloquei na cabeça que iria encontrá-la.

Vic já devia estar frio. Imaginei os tentáculos frios dele. Quando alguém te sufoca com o que acredita ser amor, mesmo quando você sente o fluxo de ar sendo cortado, pelo menos é como um abraço. Quando Vic morreu, fiquei completamente sozinha. Eu não tinha energia para fazer outra pessoa me amar. Fiquei inerte. *Vuota*. Palavra que minha mãe teria usado. Ela sempre tinha as melhores palavras.

Restava uma pessoa. Uma mulher que eu nunca tinha conhecido. Era uma ideia assustadora porque mulheres nunca tinham me amado. Eu não era o tipo de mulher que outras mulheres amavam. Ela morava em Los Angeles, uma cidade que eu não entendia. Reboco em tons de malva, criminosos e purpurina.

Eu não achava que Alice — esse era o nome dela — fosse me amar, mas torcia para que ela pelo menos quisesse me ver. Eu sabia o nome dela fazia anos. Tinha quase certeza de que ela não sabia o meu. Pela primeira vez em muito tempo eu ia para algum lugar com um propósito. Não fazia ideia de como seria na Califórnia. Não sabia se foderia ou amaria ou magoaria alguém. Sabia que esperaria por um sinal. Sabia que ficaria com raiva. Eu não tinha um tostão, mas não descartava a possibilidade de ter uma piscina. Eram

vários os rumos que minha jornada poderia tomar. Não imaginei que algum deles pudesse me levar a assassinato.

ELA NÃO DEIXAVA RASTROS FAZIA ANOS. NADA DE REDES SOCIAIS, NADA DE transações imobiliárias. De vez em quando eu procurava por ela. Mas não tinha quase nenhuma informação, sem contar que eu morria de medo.

Então uma tarde fui ao dentista porque dois dos meus dentes tinham caído. Obra de um homem, mas, tecnicamente, não envolvera violência. O dentista era careiro, mas o homem responsável pela perda dos dentes estava pagando.

Esperei na recepção por mais de uma hora, folheando uma dessas revistas aspiracionais para pessoas que ganham mais de cinco milhões de dólares por ano. Lá estava ela, na capa, com outras quatro mulheres bonitas que representavam o melhor do fitness, da ashtanga, do aikido e outras coisas em Los Angeles.

A aparência dela me fisgou tanto que resolvi ler o artigo, e foi aí que vi o nome dela, que eu guardava em um pedacinho de papel fazia mais de uma década. Fiquei tão embasbacada que soltei um suspiro e o ar assoviou pelo buraco entre os meus dentes.

Ela era mais bonita do que eu jamais poderia imaginar. Os peitos dela eram absolutamente perfeitos. Um ex — não ex-namorado, um desses que oferecem muitas manhãs incertas — uma vez falou isso de uma atriz que mostrou os peitos em cena. Os peitos dela, ele me disse enquanto tomava um sorvete barato de creme, são absolutamente perfeitos. Ainda me admira que eu não o tenha matado.

EU VINHA SONHANDO COM ELA FAZIA ANOS. ÀS VEZES SONHAVA EM machucá-la. No restante do tempo era outra coisa, igualmente preocupante.

Poucos dias após a morte do Vic, meu apartamento já estava vazio. Eu era especialista em ir embora. Não sabia onde iria morar. Sondei uns lugares para alugar perto do trabalho dela. Mas o dinheiro estava curto e não havia muitas opções dentro do meu orçamento. A coisa estava tão feia que liguei para saber de um lugar cuja foto principal era de um banheiro com mofo no rejunte, uma embalagem de shampoo três em um boxe e mais nada.

Tracei uma rota aleatória e impraticável no mapa e peguei a estrada para a Califórnia com meu Dodge Stratus. Era um carro feio de doer, mas era espaçoso, e coube bastante coisa dentro. As joias da minha mãe, guardadas em uma latinha cinza. Meus melhores vestidos, cada um deles embalado em plástico e dobrado em cima do banco do passageiro. Meu Derrida e fotos e

cardápios de restaurantes em que eu tinha passado noites memoráveis. Óleos essenciais de um lugar sagrado em Florença. Um prensado, um *bong*, noventa e seis comprimidos dos mais variados formatos e tons de creme e azul. Roupas caríssimas de ioga, calças cobre e tops mostarda. Pacotes de sal defumado e vinte caixas de *pastina*, que ouvi dizer que não vendiam nos supermercados locais. Peguei as coisas que só poderiam vir comigo, que não poderiam ser confiadas aos cuidados de mais ninguém em uma viagem. Minha echarpe favorita, meu chapéu panamá. Minha Diane Arbus. Minha mãe e meu pai.

Ambos estavam em sacolas plásticas. Foi o jeito mais seguro em que consegui pensar para transportá-los. As sacolas estavam em uma velha caixa de clementinas, dessas de papelão, no chão do lado do passageiro. Meu pai costumava me chamar de Clementina, ou cantava a música, em todo caso. Talvez fizesse as duas coisas. Ele tinha um cavanhaque e quando beijava minha testa, eu me sentia um anjo.

Oitenta milhões de carros circulavam na rodovia Pacific Coast. O sol nos capôs fazia ficar ainda mais quente do que já estava. A praia parecia seca a distância, mais uma superfície reluzente do que uma profundidade azulona. Pouco antes da saída para o cânion notei uma feira com móveis e itens de decoração em promoção, carvalhos ocos transformados em mesas, bustos de deuses feitos em resina.

Parei porque queria vasos novos para as cinzas. Tinha jogado os velhos fora. Naturalmente, era terrível para mim a ideia de carregar os restos deles em sacolas, mas eu estava muito mais arrasada com os restos que haviam sobrado nos vasos. Ficava pensando que partes deles teriam se perdido para sempre. Uma unha de um pé talvez tivesse ficado em um vaso. Um terço de um osso da sobrancelha.

Saí do Dodge e passei reto pelos castiçais de vidro. Desenhei um traço na camada de poeira de um globo espelhado de jardim. Passei por cavalos-marinhos de topázio, crânios mexicanos de açúcar, peças de vidro marinho em turquesa, dispostas em redes de corda.

Fui atendida por um menino de rosto redondo que vestia um moletom com capuz naquele calor do cão.

— Senhorita — ele disse —, em que posso ajudar?

O sorriso alegre o fazia parecer alheio a tudo o que acontecia no mundo.

— Em nada — eu disse.

Falei com jeitinho, mas àquela altura na minha vida eu tinha baixa tolerância para papinho.

A feira compartilhava o estacionamento com um galpão de produtos para animais. Alpiste para pássaros, tonéis de grãos para cavalos. Havia muitos cavalos no cânion. Mulheres de tranças longas galopavam sobre os rochedos. Imagino você como uma delas, mais alta que eu, suntuosa em todos os aspectos.

Havia vasos em uma barraca ao lado de petúnias pendentes e rosas empoeiradas. Um dos vasos era preto com flores amarelas. Um sapo de vidro com olhos e pés laranja pendia do bocal, olhando para dentro. Era vulgar, o tipo de coisa que você encontraria na casa de uma pessoa de idade na Flórida. Chamou minha atenção.

O moço do caixa reparou em mim e não tirava mais os olhos. Eu estava com um vestido estilo camisola, fininho que nem fumaça. Ele estava cutucando uma espinha no queixo e me encarando. São centenas de pequenos estupros como esse por dia.

Peguei o vaso e dei uma volta com ele, fingindo olhar as almofadas para a área externa da casa e os cachorros de jade. O caixa cheio de acne atendeu o telefone. Eu podia ouvir o outro funcionário atrás de mim, movendo cavalos-marinhos de um lado para outro. É raro alguém achar que você vai roubar uma coisa maior que a sua cabeça.

COM O VASO NO CARRO, SENTI QUE TINHA TODAS AS PEÇAS IMPORTANTES DE que precisava. Combinei de encontrar os rapazes da mudança na casa. Um caminhão de coisas em que eu tinha sentado. Comecei a subir o cânion. Folhas escuras brotavam já murchas das fendas arenosas por entre as pedras. O lugar era cheio de arbustos de clima quente, avenças, flores de índigo-selvagem e agróstis. Tinha uns respingos de cor aqui e acolá, mas era quase tudo marrom e verde-oliva e desmazelado para além de todas as expectativas. As casas que dava para ver da estrada eram estruturas típicas dos anos setenta, feitas de lenha e vidro jateado. Davam para cascavéis e uma relva trigueira. A vista no cânion era importante. A corretora, Kathi, não parava de repetir essa palavra. *Vista*. Chegou a um ponto em que parou de soar como uma palavra que eu conhecia.

Ela também falou dos coiotes e das cascavéis. Mas não se preocupe, ela disse. Ao telefone soava ruiva e bonita. Não se preocupe, Kevin gosta de capturar as cascavéis e levá-las para um lugar mais alegre, sem drama.

Kevin era o ex-astro de rap que morava na propriedade. Não sei se vai significar algo para você. Relevância é um negócio passageiro. Tinha também um cara mais novo chamado River que morava em uma tenda na pradaria. O proprietário mora nas redondezas, a corretora comentou. Caso surja algum problema. Você vai adorar lá. É foda, é o paraíso.

Subi a estradinha sinuosa até ver a placa para a Comanche Drive. Fiquei apavorada porque a rua já não parecia lá muito charmosa. Não tinha árvores, e a casa ficava no topo de um passeio íngreme de cascalho. Era o ponto mais alto de Topanga Canyon, praticamente espetando as nuvens. Parecia mais um lugar para fazer metanfetamina.

Não tinha sequer estacionamento oficial, então parei ao lado de um Dodge Charger preto em uma faixa de terra que dava para um barranco. De perto, a propriedade parecia com as fotos que a corretora tinha mandado, mas não do jeito que importava. Ela tinha me apresentado o sonho. Tinha me mostrado a vista das janelas e o forno à lenha. Não tinha mostrado a banheira enferrujada na frente da porta de entrada que estava cheia de suculentas ressecadas. Ao lado da banheira-terrário havia uma mesa de ferro fundido com duas cadeiras. A areia vermelha se misturava com pedrinhas, de modo que nem a mesa nem as cadeiras paravam em pé muito bem. As janelas estavam roídas pelas traças. A casa era de adobe laranja-escuro, em formato de um transatlântico. Não tinha nada de chamativo no design, nada simétrico. Tanto fora quanto dentro fazia um calor de matar velho. Quando penso em você sozinha num calor daquele — como eu viria a ficar —, preciso me forçar a pensar em outra coisa.

Tinham me instruído a bater à porta de Kevin. A casa dele era uma estrutura meio que conjugada abaixo da minha. Acho que era uma propriedade com dois apartamentos, não dava para entender muito bem. Kevin me daria as chaves. O nome artístico dele era White Space. A corretora, Kathi, falava dele do jeito que certo tipo de mulher branca fala de um homem negro que ganhou fama.

Antes de bater à porta, dei uma volta na propriedade. Kathi tinha razão. A vista era teatral. Sempre que conversávamos, eu a imaginava em uma mesa externa sob o sol, saboreando um *gravlax*. Eu tinha certeza de que, se por acaso viesse a conhecê-la, a odiaria.

No sopé da montanha dava para ver o mar e, do outro lado do cânion, os retângulos delgados da cidade erguiam-se atrás das árvores. O horizonte deixava a desejar. Caminhei até o ponto mais alto da propriedade. Ficava quilômetros acima da rodovia. Pairava uma névoa delicada que devia ser pura

nuvem. Quando eu tinha dez anos, minha tia Gosia dizia que era lá que estavam meus pais. Nas nuvens. Mas estão juntos lá em cima?, eu perguntava, e ela se levantava para lavar a louça ou fechar uma janela.

No cume ficava uma grande área para fogueira. Parecia um cenário medieval com seus pedregulhos e madeira chamuscada. Tinha um estoque colossal de lenha debaixo de uma lona preta. Uma garrafa de cerveja Michelob cheia de água da chuva.

Avistei a tenda no vale umas dezenas de metros abaixo. Uma trilha de mato batido que descia na outra direção dava em um casebre vermelho. Parecia ser uma estufazinha bem decente, dessas que se compra em loja de construção, mas maior e mais elaborada. Era a única área com grama na propriedade, por conta dos carvalhos. Em todo o resto, o solo era seco e acastanhado, mas em volta da estufa era úmido e verde. Tinha dois canteiros cheios de calêndulas em torno de uma porta holandesa. Fiquei com receio de o casebre pertencer ao proprietário. Eu não queria viver tão perto assim dele. Mas Kathi não tinha mencionado essa proximidade. De jeito nenhum.

Tentei descolar o vestido do corpo, mas ele grudou de volta no meu suor. Eu ainda viria a aprender que não adiantava tomar banho no cânion. Era questão de segundos até uma camiseta ficar translúcida.

Bati à porta de Kevin. Dava para ouvir um rap com um quê de blues, e depois de um tempo bati de novo, mais alto. Ele desligou o som no meio do caminho, então ofuscou a vista com o corpo. Tinha cheiro de tinta lá dentro.

— Srta. Joan, prazer, bem-vinda à vizinhança.

Ele era bem alto e bonito e tinha olhos amigáveis. Não olhou para mim. Olhou através de mim como se eu mal estivesse ali.

Estendi a mão para cumprimentá-lo, e ele saiu e fechou a porta. Eu já o tinha visto nos palcos, encolhido com um microfone. Luzes estroboscópicas e garotas de shortinhos curtos de Lycra. O homem na minha frente parecia nunca ter falado alto nem dançado.

— Como foi a viagem?

Falei que tinha sido boa.

— Cara, adoro pegar essa estrada. Já faz tempo... Aviões me deixam maluco.

Ele fez as asas com os braços longos. Àquela altura eu já estava suando no couro cabeludo.

— Também fico maluca com aviões.

— Você veio pegar as chaves, imagino. Precisa de ajuda com a mudança?

— Já contratei um pessoal. Obrigada.

— Certo, certo. Não tenho limonada para oferecer. Não assei torta de merengue nem nada. Mas vou ver o que tenho aqui. Vai ser legal. Você vai gostar daqui, srta. Joan. A gente gosta daqui. Somos como uma pequena família. Já conheceu meu velho Leonard, meu garoto River?

— Ninguém.

— Opa — ele disse. — A moça cortou a estrada e chegou chegando na calada da noite. — Ele mergulhou a mão em um gesto de fatia junto à minha cintura. — Vou pegar suas chaves, srta. Joan. Vou deixar você se ajeitar, dar um tapa na casa.

Quando ele voltou, me entregou duas chaves presas por um arame de fechar embalagem de pão de forma.

— Caixa de correio — ele disse, apontando para uma chave. — Casa — disse, apontando para outra. — Não, espera, é o contrário. — Ele riu com gosto. — Estou do avesso hoje. Desculpa, srta. Joan. Passei a noite gravando. Eu gravo, depois durmo a tarde toda. Agora são cinco da manhã pra mim.

Peguei as chaves e encostei na mão dele sem querer e estremeci e pensei, ah, pelo amor de Deus. Olhei para ele e ele me observou. Dava para ver que estava me analisando. Então sorriu. O encanto já tinha passado.

Na estrada tinha me batido uma vontade de transar com um caubói de verdade, alguém sem redes sociais. Sexo fazia eu me sentir bonita. Na altura do Texas a viagem já estava quase no fim. O homem com quem trepei se chamava John Ford. Ele vestia uma camisa de caubói e colocou minha mão na braguilha dele no saguão do resort Thunderbird. O hotel tinha paredes verde-água e tapetes de pele de vaca. Ele contou que já tinha trabalhado em um rancho. Mas, no fim das contas, era uma excursão de escotismo que ele lembrava como se fosse ontem. Ele trabalhava com venda de bebidas em Chicago. Nunca tinha ouvido falar do diretor de cinema que tinha o mesmo nome que ele. Nem de Monument Valley, onde os filmes eram feitos, os faroestes incríveis que eu via com minha mãe. Ele soltou dois arrotos, altos demais para ignorar, e pediu a pizza de massa fina com cebolas caramelizadas em vinagre balsâmico. Mas pelo menos se chamava John Ford.

3

DENTRO DA CASA CHEIRAVA A PALITO DE DENTE. O QUE SERÁ QUE TEM NA mudança para um lugar novo que faz a gente querer se matar? Imagino que não seja assim com mulheres que etiquetam as caixas. Mulheres que têm mata-moscas, que deixam as roupas de inverno guardadas no verão. Já eu, andava com o curvex da minha mãe. Tinha cremes amarelados de lojas que não existiam mais. Minhas caixas fechadas permaneceriam fechadas. Repletas de memórias, repletas de cheiros, em especial o odor pungente das bolas de naftalina que minha mãe colocava nas bolsas. Quando eu era criança, achava que eram bolas de cristal.

A casa era uma sauna gigante, três andares de pura madeira. Poderia ter sido linda. E até que era, de certa forma. Mas como costuma ser com muitos muquifos com potencial, pedia habilidade. A habilidade de dispor certos tapetes e luminárias. Abstrair a sujeira dos lugares impossíveis de alcançar. Eu imaginava que Alice fosse uma dessas pessoas.

O primeiro andar consistia em uma cozinha, uma sala de estar e o único banheiro da casa. Na sala de estar o aquecedor estava cheio de cristais lilases em vez de lenha. A lateral da casa que ficava de frente para a boca do cânion, era só janela. As fotos que a corretora tinha me mandado mostravam uma figueira alta e umas palmeiras ressecadas. Mas sem as plantas, o sol era branco, ardente e despótico. Iluminava a poeira nas tomadas.

A casa não tinha lava-louça, e os armários da cozinha estavam todos desalinhados. As gavetas estavam pegajosas por dentro, como se tivessem limpado mel só com um paninho úmido. Não daria para cozinhar longas refeições aconchegantes ali. Nada de mexilhão no vapor ou frango crocante. Era uma cozinha para sanduíches de peito de peru. Uma vez namorei um irlandês que fazia esses sanduíches de merenda escolar com tomate velho e peito de peru barato, de aspecto lustroso e cheio de nitrato. Ele deixava o peito de peru em cima do balcão depois de fazer os sanduíches, e na manhã seguinte ainda estaria lá, e aí ele pegaria e jogaria fora.

Lembrei desse ex na minha cozinha nova. A noção de se virar com o que dá. Na primeira noite que transamos estava tão quente no apartamento dele, do lado da linha de trem, que ele suou em bicas em cima de mim. Pingava suor das pontas de pincel do cabelo dele no meu rosto e no meu peito.

O segundo andar era para ser um quarto. O acesso era por uma escada em espiral. Só tinha espaço o suficiente para a cama. Havia um armário pequeno de madeira de pinho. Parecia o Colorado ali. Tinha uma velha sela de cavalo pendurada em uma viga. Consegui visualizar uma vida diferente, esquis de marca apoiados na parede.

Subi a escada curtinha para o terceiro andar, anunciado como um escritório. Tinha uma estante improvisada à esquerda, deixada por um antigo inquilino, e umas capas de discos velhas soterradas em areia e cabelo. Era como entrar em uma sauna. Àquela altura já escorriam gotículas dos meus sovacos que pingavam no chão.

Sentei em cima do meu vestido branco. Pude sentir as farpas de madeira espetando a seda e sabia que assim que levantasse o vestido estaria arruinado. Era o vestido que eu tinha usado pelo país inteiro. Havia lavado uma vez em Terre Haute e outra em Marfa, na pia do quarto do hotel de John Ford. Tinha vestido ele molhado naquela manhã e deixado secar torrando contra a minha pele ao sol. Era da minha mãe. Ela o manteve em excelentes condições por muitos e muitos anos.

Uma traça saracoteou pelo meu joelho e então alguém bateu na porta com tudo. Desci correndo e abri a porta para dois homens largos de camisa preta e short jeans. Eu sempre pensava, se tivesse que dar para um dos homens no recinto para salvar a minha vida... Se tivesse que ser arregaçada no chão... Para qual deles seria?

Com aqueles dois, não soube dizer qual seria mais seguro. O homem de tatuagem no pescoço parecia ser do tipo que deixa um cachorro montar em

sua perna até alguém flagrar, daí ele teria que matar o cachorro.

Eles me perguntaram onde eu queria deixar algumas coisas. Quando viram a escada em espiral, o homem de tatuagem no pescoço resmungou. Em um primeiro momento eles me fizeram oscilar entre me sentir como uma madame velha e uma babá. Eu não queria ser nenhuma das duas.

O segundo homem, o que tinha um dente de ouro bem na frente, desviava tanto o olhar dos meus olhos para os meus peitos que achei que ele tinha um tique. Eu não estava usando sutiã, então meus mamilos estavam salientes, parecendo búzios. Não sei por que pensei nessas coisas, mas me imaginei sendo dobrada ao meio e estuprada pelo homem de dente de ouro ali na pia baixa. Cheguei à conclusão de que talvez me sentisse confortável pedindo para ele montar meus móveis da IKEA.

No meio da mudança percebi que estavam usando metanfetamina no meu banheiro. Entrava um depois do outro a cada trinta minutos, e saíam parecendo versões ogradas de si. Eu me pergunto o que dizer a você sobre drogas. Eu tomava uns comprimidos, fumava maconha e teve uma época em que, vez ou outra, cheirava cocaína sozinha à noite. Usava o antigo espelho de maquiagem da minha mãe e uma nota de quinhentos dinheiros de Banco Imobiliário. Então ficava acordada até três ou quatro da manhã, comprando vestidos online. Mas eram principalmente comprimidos. Eu não era forte o bastante para conseguir levar a vida sem dormir quando bem entendesse. Talvez você não precise tomar comprimidos. Sonho que você vai ser muito mais forte. Uma vez, em uma ilha, nadei em um lago verdinho e na água cristalina reparei na mera existência de meus membros. Observei os peixes roxos, vermelhos e azuis se movendo ao redor do meu corpo e fiquei um tempão boiando. Depois deitei na areia e me concentrei no sol aquecendo meus joelhos e ombros. Conto nos dedos das mãos momentos assim. Meu sonho é que você tenha muitos momentos como esse — tantos que só vai se dar conta deles quando mergulhar no próprio cérebro e reconhecer essas instâncias pelas armadilhas que são.

Na sala de estar, enquanto os homens carregavam as coisas pesadas, bufando, nervosos com o fardo da minha vida, chacoalhei meu pai no vaso de sapo e o coloquei em cima do aquecedor à lenha. Por ora deixei minha mãe na sacola ali do lado.

Andei pela casa para ver se tinha algo interessante, mas a geladeira era do tipo em que não cabiam maços exuberantes de alface romana. Não era uma geladeira própria para couve ou estocar beterraba. Na melhor das hipóteses,

servia para pacotes de cenourinhas descascadas. Mal havia espaço na despensa para todas as minhas caixas de *pastina* e do tradicional caldo de cozinha do College Inn. Na infância eu tinha uma amiga cujos pais eram pobres nível século XIX. Tinham uma despensa cheia de comida velha encaixotada, doada pelas senhoras da igreja. Uma vez fui passar a noite na casa dela, e quando a mãe dela abriu uma quentinha de macarrão com queijo, veio uma chuva de larvas cor de leite, fazendo cócegas em seus cotovelos ressecados. Ela catou as larvas do macarrão, jogou-as na pia e ligou a água quente para escaldá-las. Mais tarde, à mesa, minha amiga me encarou com olhos reluzentes, marejados. A família fez as preces, encolhi o queixo e fingi fechar os olhos. Mas não os desgrudei do prato, para ver se não tinha nada se mexendo. A mão da minha querida amiga segurando a minha era pequena e morna. Depois daquela noite nunca mais brincamos juntas. Era uma amizade recente ainda, e na época não senti doer tanto. Mas agora penso nela o tempo todo. Penso nela toda vez que abro uma caixa de massa.

— Onde você quer isso? — perguntou o homem de tatuagem no pescoço. Eles estavam segurando meu sofá Ploum vinho, o ninho aveludado do amor, sem descanso de braço, que Vic tinha me dado. Ele me comeu mais de uma vez nesse sofá. Essa era a ideia por trás de muitos presentes.

Eu queria que ficasse no terceiro andar, mas os homens estavam suando. As gotas de suor reluziam em suas testas como aquelas larvas.

Soltei o rabo de cavalo, balancei o cabelo oleoso e esfreguei o ombro.

— Dá pra ver que vocês são muito fortes, mas imagino que seja impossível carregar isso até o terceiro andar, né?

— Nada é impossível — disse o homem do dente de ouro.

Sorri e agradeci. Tremeliquei as pálpebras. Era uma coisa que eu fazia mesmo. Então me virei e fui andando até a cozinha, sensualizando. Não vejo nada de errado em usar sexo. Sei que algumas pessoas acham errado, mas não entendo o porquê. Eu tinha sido treinada pela minha tia Gosia. Gosia não era minha tia de sangue, era a segunda esposa do irmão do meu pai. Ela era austríaca e linda, uma beleza de extravagância pura: topete loiro, ternos pretos da Dolce & Gabbana, preenchimento além da conta. Ela me treinou na arte do combate sexual. Disse que as mulheres precisavam usar todas as forças para vencer. As pessoas vão malhar você, ela disse. Mas é só porque elas se odeiam.

Quando os dois passaram por mim com o sofá, vi o ponto descolorido que eu tinha esfregado para tirar o sêmen do Vic. Primeiro fiquei revoltada, mas

depois acabou virando um emblema desbotado.

— Ei, sabia que o White Space mora aqui embaixo? — disse o homem com a tatuagem no pescoço.

Comentei que sabia.

— Porra, incrível — disse o homem do dente de ouro. — Que lugar é esse? Uma comunidade artística?

— Não faço ideia — eu disse.

Os homens tinham ficado muito feios para mim. Olhei pelas janelas, desejando mais uma vez ter me mudado para algum lugar onde nevasse, com grandes lince amarelos que rugissem nas manhãs de tempestade glacial. Eu adorava faróis de carro em meio a nevascas. Mas eu tinha vindo para Los Angeles por um motivo. Tinha passado muito tempo em Nova York quando deveria estar tentando encontrar Alice. Devo te dizer que Nova York é uma mentira. Cada cidade é uma mentira própria, mas Nova York é gritante. Não espero que você me escute quanto a isso. Cada um aprende no seu tempo.

Os homens perceberam que eu tinha parado de me insinuar. Eles nunca gostam quando a gente para. Eu tinha medo de aborrecer um homem. De não ser uma mulher agradável. Tinha medo de ser assassinada. Para amenizar a culpa por não trepar com eles depois de flertar, dei uma gorjeta de cinquenta dólares para cada um. Fiquei me perguntando se eles precisavam comprar a metanfetamina ou se era algo que dava para cozinhar em um trailer oxidado. Imaginei os dois comendo biscoitos de água e sal dos balcões de sopa de mercados sombrios do vale.

Tive momentos na vida em que eu não achava cem dólares nada demais. Mas quando aquelas notas de cinquenta deixaram minha mão, senti a testa esquentar. Bateu aquele medo familiar. Teve uma época em que passei um mês inteiro dirigindo até o posto de gasolina, à noite, para comprar raspadinhas na máquina de bilhetes da loteria. Raspava os bilhetes debaixo de uma lâmpada repelente do lado do compressor de ar. Usava uma moeda de dez centavos porque era dentada. Uma vez, ganhei cinquenta dólares e me senti pronta para me candidatar para as próximas eleições.

Eu tinha cogitado não dar gorjeta para os rapazes da mudança, dizendo que não tinha dinheiro vivo, que mandaria pelo correio. Pensei, com um alívio perverso, que se as coisas degringolassem em pouco tempo, se eu não conseguisse arrumar emprego, poderia fazer boquetes no sofá Ploum vinho. Eu poderia fazer o entregador de pizza se sentar, e o entregador de gás

também, afastar os joelhos gigantes deles, e deixá-los pressionar minha cabeça feito uma válvula de descarga.

4

EU SABIA ONDE ENCONTRAR ALICE, MAS OUÇA O QUE EU DIGO, NUNCA TRAVE contato com uma pessoa estranha antes de entender o mundo dela. Não deixe ninguém levar vantagem.

Dirigi até o Froggy's, que ficava na curva mais acentuada da Topanga Canyon Boulevard. Kathi havia me dito que era o lugar que os locais frequentavam, um misto de bar e casa de shows e peixaria. O tema da decoração era restaurante mexicano no fundo do mar. Vendiam ostras em meia concha, mexilhões ao vapor em redes, *tacos* com *carnitas*, filés de tilápia empanados em coco. Sentei perto do palco onde tocava música ao vivo nos fins de semana. Pedi *quesadillas* de camarão para ter um prato de comida na minha frente. Bebi um Bloody Mary. Era a única coisa mais forte do que vinho que eu curtia. Talvez fosse a forma como a espessura do tomate suavizava a vodca, ou talvez fosse porque meu pai sempre pedia. Eu costumava comer o salsão do copo dele, as azeitonas recheadas de pimentão.

Um casal mais velho estava sentado em uma mesa próxima com o filho de trinta e tantos anos de idade que parecia ter paralisia cerebral. Ele tinha o cabelo raspado estilo militar, e quando levantava, os braços balançavam como os de uma marionete. O pai foi com ele até o banheiro. A mãe, uma mulher pálida e bonita de cinquenta e poucos anos e olhos vítreos, ficou sentada na

mesa enquanto seus homens se ausentavam e espremeu um limão na Coca-Cola. Lá estava alguém, pensei, que talvez me entendesse.

Vi uma garçonete já calejada dizer para o barman: Preciso que você cubra as minhas mesas. Tenho que ir ali nos fundos. Vou demorar um pouco. Algo não me cheirava bem.

A garçonete correu para a cozinha, o rabo de cavalo grisalho batendo nas costas. Olhando naquela direção, vi um pedaço de mau caminho sentado no bar, de cabelo loiro-acinzentado e olhos claros da cor de hortênsias azuis. Ele olhou de volta e sorriu, e de repente estava abrindo mais o sorriso e vindo na minha direção.

— Ei — ele disse. — Eu vi você caminhando até seu carro, lá na casa. Pensei em dar um oi, mas eu estava...

Ele não terminou a frase. Era um dos homens mais sensuais que eu já tinha visto em carne e osso. Não precisava fazer nada, bastava não ser cruel.

— Desculpa. Sou o River. Eu moro na tenda. Você deve ser a Joan.

— Devo ser mesmo — eu disse, mordendo o lábio em pensamento.

— Se importa se eu sentar?

Ele tinha vinte e dois anos, Kathi tinha me contado, e também tinha dito que era um gato. Ele tinha bochechas rosadas e o lábio inferior grosso, e eu jurava que já tinha aprendido a lição. Ele tinha trazido a caneca de cerveja com ele. Tinha um jeito delicado mas indiferente, a indiferença devastadora dos jovens.

Não me importo, eu disse, embora ele já estivesse sentando. Estava tocando “Werewolves of London”. Atrás dele pendia da parede um grande marlim azul e prata. Ele me perguntou o que tinha me levado à Califórnia, e eu disse: A vida de atriz. Era o que eu falava para todo mundo para que me deixassem em paz. Imaginava que fosse bem vergonhoso ser associada a uma vontade de ser atriz aos trinta e tantos, a ponto de não me importunarem com isso.

River gostava de lendas japonesas. Ele vendia painéis solares para celebridades no cânion. A empresa pertencia a dois irmãos de Santa Mônica, tinham prometido uma fatia dos lucros para ele. Ele dirigia a caminhonete de trabalho durante a semana e no fim de semana usava uma bicicleta sem marcha. Quando combinava de sair com os amigos, iam buscá-lo. Vinham de West Hollywood ou do centro de Los Angeles ou de Culver, o pegavam em Topanga Canyon e seguiam até o Bungalow para tomar uísque perto do mar. Na semana anterior ele tinha vendido um pacote para Lisa Bonet. Ela estava cheia de bofe no cabelo e vestia pura seda. Vivia com centenas de crianças em

volta dela e criava cabras, e as crianças bebiam o leite das cabras. River chegou a provar e disse que tinha gosto de grama.

— E como você volta para casa quando vai para os bares de Hollywood? — perguntei.

Kathi tinha comentado comigo que nenhum táxi que se prezava fazia o trajeto de Hollywood até o cânion. Ou, quando faziam, cobravam centenas de dólares.

— Não costumo voltar — ele disse.

E claro que entendi o que ele queria dizer.

River era de Nebraska. Ele contou que caçava cervos com o pai e vendia a carne para fornecedores locais.

— De onde eu venho — ele disse —, vendem carne de cervo nos postos de gasolina. Você negocia ali entre as bombas e alguém sai com um saco enorme de carne.

Imaginei o saco sangrento e a neve caindo em um posto de gasolina de uma estradinha do interior. Ele recostou na cadeira e descansou o pé no patamar do meu assento. Ele estava de jeans bem clarinhos, acho que já meio fora de moda. Você sempre acaba conhecendo um novo tipo de homem justo quando acha que já esgotou a fonte.

Tocou “Werewolves of London” de novo. O sistema de som devia estar com alguma coisa emperrada.

— Ainda bem que eu gosto dessa música — eu disse.

Ele riu de um jeito que significava que nunca tinha escutado. Às vezes, eu sonhava em casar com Warren Zevon, devorar drogas com ele em Joshua Tree e viver de curry em potes manchados sob as chuvas de Shoreditch.

— Você já conheceu o Lenny? — ele perguntou.

— Não.

— Ele é meio doido. Perdeu a esposa uns meses atrás. Ainda está fodido da cabeça.

— Por quanto tempo você acha que as pessoas deveriam ficar de luto?

— Meu pai morreu faz um ano e meio. Foi por isso que mudei para cá.

— Sinto muito.

— Ele teve um ataque cardíaco enquanto tirava a neve da calçada. Cheguei em casa e o encontrei caído na entrada. Dava para ver o asfalto em algumas partes. Ele já estava quase terminando.

Balancei a cabeça em solidariedade. A sério. Senti muito por ele, mas eu sempre sentia além da conta quando o assunto era morte. O barman veio até

a mesa e tirou os copos sujos. Eu estava prestes a pedir mais uma rodada quando River disse que precisava ir. Precisava da estâmina para pedalar os três quilômetros morro acima.

— Posso dar uma carona, se quiser.

Ele pensou por um instante e disse que seria ótimo. Tocou “Werewolves of London” pela terceira vez. Comentei que estava torcendo para que continuasse para sempre e percebi que isso me fez soar ridícula.

— Imagino que ninguém tenha explicado para você como funcionam as contas — disse ele.

Falei que não. A palavra *contas* me fez tremer na base. Eu estava soterrada em dívidas em vários cartões de crédito. Tinha vendido umas coisas que Vic havia comprado para mim e isso cobriu a viagem de uma ponta à outra do país, os rapazes da mudança e dois meses de aluguel.

— É o seguinte: você, o Kevin e o Leonard racham o gás, a água etc. Não faço parte do bem bolado, todo mês leio meu medidor. Meu uso total de quilowatts-hora fica sempre em torno de dois mil e cem. Minha última leitura deu dois mil e oitenta e cinco. Fiz as contas e vi que nos últimos vinte e quatro dias usei noventa e sete. Minha produção total de energia solar é novecentos e oitenta e sete. Isso significa que produzi cento e trinta e sete quilowatts-hora nos últimos vinte e quatro dias, o que foi subtraído da conta compartilhada. Então sou responsável por menos quarenta quilowatts-hora. Devo um total de zero dólares e dez dólares foram subtraídos das contas. Faz sentido?

Fiquei só olhando para ele.

— Eu poupo um dinheiro para vocês. Produzo energia.

— E o resto suga tudo, feito gado.

Ele deu risada.

— Ainda bem que gostamos dessa música — ele disse.

Deixei duas notas de vinte e segui atrás dele pela noite quente e perfumada. Na fila do manobrista esperamos atrás de um homem de sessenta e tantos anos com uma mulher de vinte e poucos. A mulher usava um vestido rosa justo e sapatos baratos. O homem estava com a mão na bunda dela. Ele mexia as falanges dos dedos em círculos concêntricos. Não deu gorjeta para o manobrista.

River olhou para eles e então para mim e sorriu. Poucas coisas são mais afrodisíacas do que encarar outro casal com desprezo.

No carro o joelho dele encostou no meu. E a mão dele encostou na minha quando engatei a marcha no estacionamento. Algo no espírito jovem dele me fez lembrar de todos os momentos antes de acontecer algo terrível.

— Tem muita natureza no cânion. Uns lugares legais para fazer trilha. Estou pensando em pegar um cachorro. Mas tem os coiotes.

— E as cobras? — eu disse.

A bicicleta dele sacolejava no fundo. Dirigi devagar, porque o porta-malas estava aberto. A primeira coisa que ele fez foi abrir a janela até embaixo e colocar o cotovelo para fora.

— As cobras não são tão ruins quanto os coiotes. Escuta, toma cuidado quando estiver perto do Leonard. Lenny. Sabe, ele é ponta firme. Mas anda muito carente.

— Está bem — eu disse, pensando em como os jovens temiam carência.

Eu estava concentrada nas curvas, que me assustavam. Sentia como se a lateral do meu corpo estivesse ralando na superfície das pedras. Ainda estava usando o vestido branco, mas tinha acrescentado óleo de limão no meu pescoço e nos meus pulsos e um bracelete de ouro que era da minha mãe.

River me contou que o pai de Leonard tinha idealizado uma espécie de comuna um tempo antes. Um bunker da era McCarthy. Ele perguntou se eu já tinha visto a banheira de imersão japonesa atrás da casa do Leonard. Houve um tempo em que era ponto de vaivém de mulheres bronzeadas, estrelas pornô e devotos de Satã. Todo tipo de gente soltinha em busca de diversão frequentava a casa. Os peitões saltitantes dessa gente boiavam na superfície turva da banheira.

Ele falou do lançamento do míssil na Coreia do Norte. Falou disso como homens jovens falavam de ameaças, com engajamento político e nenhum medo de morte por radioatividade. River era imortal. Eu conhecia a marca dos imortais. Comiam ervilhas com *wasabi* e usavam a mesma toalha por semanas a fio sem lavar.

— Sou adepto do estoicismo — ele me contou.

Já na propriedade, ficamos uns minutos no carro. Ele falava de Roterdã. Achei que seria legal transar, principalmente porque eu estava pensando na morte do pai dele, e isso me deixou enternecida. É que é muito difícil encontrar alguém para partilhar o luto com você. As pessoas que choram com filmes mal reagem quando você conta uma tragédia, sequer piscam. Dizem Sinto muito pela sua perda, como se você tivesse perdido mil dólares em uma

corrida de cavalos. Como se fosse algo substituível. Uma bobagem na ordem natural das coisas.

ÀS VEZES ELE FICA DIAS SEM SAIR DE CASA, RIVER COMENTARA SOBRE Leonard. Mas ele fica de olho na janela, então não faça nada que você não queira que os outros vejam. Pendurar roupa limpa de biquíni, torrar no sol de topless e tal.

Eu estava pensando em quantas garotas River já tinha levado para a cama. Provavelmente via mulheres peladas várias vezes por semana. Gostei do jeito que ele disse topless, como se não fosse nada. Já tentei falar disso com outras mulheres, da sensação de gostar de homens que não procuram sexo ativamente. Quase todo homem é como um caranguejo, rastejando por aí com suas pinças de fora.

Olhei para o lado e fiz o que sempre fazia quando me mudava para um lugar novo e apertado. Imaginei um berço do lado da cama. Que ridículo que ficaria. Que terrível seria aquela escada para subir e descer com um bebê. Como tudo era perigoso e como seria cansativo deixar segura uma casa que estava caindo aos pedaços. O berço era sempre de palha e branco, resquício de um velho mundo que balançava quando você entrava no quarto. Eu mesma nunca tinha usado berço. Dormi com meus pais por mais tempo do que era considerado razoável. Costumavam passar cigarros Marlboro do maço vermelho por cima do meu corpinho. Lembrei da longa extensão do braço franzino da minha mãe passando por cima de mim até alcançar meu pai, um homem pequeno, mas musculoso. Ele batia o cigarro. O cinzeiro ficava sempre do lado dele. Mimi, era assim que minha mãe o chamava quando o cigarro pairava sobre minha cabeça. Que é, Cici?, meu pai retrucava.

Queria contar esses detalhes para Alice antes do fim da vida como eu a conhecia. Naquela noite eu sonhei que ela era o Anticristo, que ela seria cruel e tentaria me machucar. Uma parte minha queria machucá-la. Às vezes, eu tinha dessas de querer machucar todo mundo.

Acordei suando às três da manhã. Não foi o calor que me acordou, mas uma barulheira dos infernos — um ruído agudo, algo entre choro de bebê e uivo de cachorro pequeno. Parecia tão perto que eu não quis nem acender a luz. Não queria me deparar com um tufo de pelo prateado na cama.

Dei uma olhada e vi um só coiole pela janela do quarto, mas havia mais deles fora de vista. O coiole que eu vi estava no morro mais alto do terreno, a uns cento e cinquenta metros de distância. Era menor do que eu imaginava.

Olhei para ele, ele olhou para mim, e o barulho de repente parou. Foi um momento de paz. Não ventava e nenhum pedaço da terra se movia, como se fosse uma pintura. Então o bicho jogou a cabeça para trás, abriu a mandíbula e emitiu um uivo que soava como pedras rachando em um fogaréu. Os coiotes invisíveis juntaram-se ao coro.

Corri pela casa fechando todas as janelas. No fim da trilha batida, lá embaixo, vi uma luz acender no casebre de Leonard. Arranquei o vestido agoniado de calor e reparei pela primeira vez em um aparelho de ar-condicionado instalado na parede entre o primeiro e o segundo andar. A corretora dissera que não tinha ar-condicionado. O aparelho provavelmente nem funcionava, mas arrastei minha mesa de jantar até a porta. Coloquei uma cadeira em cima da mesa e subi. Na ponta dos pés eu alcançava. Quase caí duas vezes. Enfim consegui, apertei o botão, e o trambolho ligou com um ronco gratificante. Senti cheiro de lascas de tinta, mas logo veio o ar fresco. Fiquei tão contente que comecei a chorar.

Abri o pote de receitas estampado de margaridas que eu tinha deixado do lado da torradeira e peguei dois tablets de dez miligramas de zolpidem. Abocanhei um e meio. Um e meio era meu número mágico para a maioria dos comprimidos. Era mais do que o necessário sem ser demais.

Nos meus sonhos, eu quase nunca estava sozinha como era na vida. Usava bonés de beisebol e tinha uma criança comigo, quase sempre uma menina. Meus peitos doíam nos meus sonhos como se estivessem cheios de leite. A menina já era grande demais para amamentar, mas eu sempre sentia que a colocava para dormir comigo, recostada em meu peito. A cama ficava à beira de uma janela circular em alguma cidade costeira da Grécia ou da Itália. A menina usava um vestido branco e estava sempre em perigo. Às vezes comíamos juntas, felizes, em um restaurante de fast food, até que de repente surgia um carro atrás da gente e eu me dava conta de que alguém vinha tirá-la de mim. Quando eu acordava sentia aquela pontada de dor pela saudade da risada de alguém. Também sentia um alívio. Eu não tinha ninguém com quem me importar. Ninguém que temesse perder.

NA PRIMEIRA MANHÃ NO CÂNION ACORDEI COM ALGUÉM ESMURRANDO A porta. Soava como se já estivesse ecoando fazia tempo antes de eu me dar conta. Uma vez Vic me acordou com uns murros na porta assim. Disse que achava que eu tinha morrido. Fazia dias que eu não retornava as ligações dele. Ele ficou constrangido quando abri a porta, mas também estava bravo. Mais

tarde, quando o mandei embora e me olhei no espelho, entendi por quê. Eu estava com rímel debaixo do olho. Minha boca parecia em carne viva. Eu não tinha feito nada com ninguém na noite anterior, mas ele não teria acreditado. Em parte ele gostava de acreditar que eu tinha feito.

bang bang bang bang. Pausa. Mais quatro batidas.

De uma mala aberta no chão tirei um suéter que pinicava e batia no joelho. Abri a porta e me deparei com um homem velho.

Ele estava bravo, mas então fechou e abriu os olhos. Olhou para as minhas pernas longilíneas.

— Joan — ele disse.

Fiz que sim e apertei os olhos. Quando eu acordava cedo depois de tomar zolpidem, sentia sempre um frio na espinha: com quem eu trepei ontem à noite, o que foi que eu comi?

— Sou o Leonard.

— Prazer.

— Desculpa, acho que acordei você.

— Está tudo bem?

— Então... — ele disse, entrando na casa sem ser convidado.

Abria o caminho com uma bengala. Usava tênis de velho, um New Balance bege. Apontou para o ar-condicionado com a bengala.

— Não é para usar esse aparelho — ele disse. — É muito perigoso. Tem amianto. Dá câncer. Não é seguro e o filtro não foi trocado. Não atende aos regulamentos municipais.

— Ah — eu disse. — Então o que está fazendo aí?

— Preciso mandar tirar. Você não viu a cláusula do contrato sobre o ar-condicionado?

— Eu achava que todos os contratos de aluguel fossem padrão.

— Bem, é um contrato padrão, sim, mas todos os contratos têm cláusulas.

Ele falou como se eu fosse burra.

— Tem uma sobre o ar-condicionado — ele continuou. — Outra sobre animais de estimação. Fêmeas têm que ser castradas.

— Por causa dos coiotes — eu disse.

Kathi, a corretora, tinha me explicado isso a fundo. Havia dito que no calor qualquer coisa era despedaçada pelos coiotes. Tinha explicado como jogar fora meus absorventes. Era para colocar dentro de três saquinhos de cocô de cachorro.

Leonard concordou. Coloquei a cadeira em cima da mesa.

— O que você está fazendo? — perguntou Leonard, nervoso, enquanto eu subia na mesa. — Não faz isso. Deixa que eu chamo o Kevin para vir aqui desligar.

— O Kevin deve estar dormindo. Ele grava de noite — comentei enquanto tentava me equilibrar no encosto duro da cadeira.

Eu não estava usando calcinha e senti o olhar do homem velho entre minhas coxas como um foguete.

Quando descí, ele estava ofegante, como se ele é que estivesse subindo em cadeiras. Que mão de vaca, pensei. Rachávamos as contas. Era por isso que ele não queria que eu usasse o ar-condicionado. E eu não podia me dar o luxo de pagar a mais. Houve vários períodos da minha vida em que eu comprava coisas em toda loja em que entrava. Eu comprava móveis por impulso, lâmpadas Edison enormes, próprias para luminárias antigas de ferro. Comprava rolhas de armazenamento de vinho em museus, embora nunca tivesse bebido vinho sem matar a garrafa em uma só noite. Mas não era um desses momentos. Eu precisava desligar velhos ares-condicionados. Precisava lidar com as coisas grotescas de homens velhos acabados.

— Pronto — eu disse. — Melhor assim.

— Desculpa por acordar você.

Ele tinha um cabelo bonito e macio e um rosto patricio, mas tirando isso era só mais um homem que farejava em mim a perda do meu pai.

— Estou atrasada para um teste, então precisava me levantar mesmo — eu disse.

Ele ainda estava balançando a cabeça quando fechei a porta na cara dele.

5

O ROSTO DE ALICE NAQUELA REVISTA CONFIRMOU TUDO O QUE SEMPRE temi. Ela era muito mais linda. Em uma parada no caminho para Alamogordo entreouvi uma menina de quatro anos falar para a mãe que a mãe da amiga dela era mais *linda-linda*. A mãe da menininha sorriu e disse: É mesmo, a mãe da Vanna é muito bonita. Não, disse a menininha, ela é *linda*.

Depois que o bruto do proprietário foi embora, eu me vesti. Passei o mesmo protetor labial rosado nas bochechas e na boca. Tentei ficar atraente, mas eu sabia mesmo antes de vê-la em pessoa que ela era e sempre seria mais linda-linda.

A ideia de vê-la ao vivo era quase demais para mim. Eu queria adiar por tempo indefinido. Mas não podia. Àquela altura, já não tinha mais volta. Ver Alice não era crucial para a minha sobrevivência, mas para a sua. Às vezes, você não passa de uma aparição encrespada, como o calor que emana do asfalto na frente do carro. Quando fiz dois dias no cânion, você veio a existir. Eu não conseguia ver a sua forma, mas podia te sentir me escapando. Podia sentir alguém, alguma coisa, me afastando de você. Me puxando para uma sala branca enquanto eu berrava por você. *Me devolve ela!*

Eu teria ateado fogo no mundo inteiro para ter você de volta. Mas e se eu não conseguisse?

LOS ANGELES ERA MAIS IMPRESSIONANTE E MENOS BONITA DO QUE EU esperava. Pimenta-caiena e ruas estreitas, mulheres magérrimas e um ar pomposo de mistério. As mansões de Beverly Hills eram horripilantes de perto. A tinta estava descascando e tudo parecia vazio, como se os atores outrora famosos estivessem morrendo por dentro.

Mas o cânion era diferente. Era laranja e pedregoso, e o mato — a erva-de-santa-maria, a ambrósia marítima e a salgadeira — não era verde exuberante, mas seco e marrom ou amarelo queimado. Entre as pedras brotavam ervas daninhas e carqueja. As fotos que eu tinha visto mostravam castillejas em primeiro plano, o amarelo ofuscante de uma prímula na orla ao entardecer e tapetes de papoula-californiana como o mundo technicolor de Oz. Mas agora eu via as coisas como eram. A erva-dos-carpinteiros dourada chacoalhava com as cascavéis.

Umas semanas antes não teria problema. Era um consolo saber que, contanto que eu arranjasse uns trocados para a gasolina, eu poderia dirigir. Poderia visitar o Grand Canyon. Poderia dormir no Túnel de Argo e me levantar no raiar do dia antes de os grupos de turistas aparecerem. Mas não tinha como deixar Los Angeles. Era a última parada e eu sabia. E ali estava eu, na parte mais estranha da cidade. Precisei arrumar um lugar para morar a poucos minutos de distância de onde ela trabalhava. Como quando eu era criança e queria uma saia e calçados de tênis antes mesmo de bater em uma bola de tênis. Como adulta eu não era diferente. Precisava sentir que tinha um imóvel antes de usar um banheiro.

Não havia um núcleo, um centrinho em Topanga Canyon. Eram só uns aglomerados de lojas a um quilômetro e meio de distância uns dos outros.

A velha loja de ferragens era de outro mundo. Não era uma típica preciosidade californiana, mas também não tinha parado nos anos cinquenta. Cheirava a giz lá dentro. Eu adorava o cheiro de lojas de ferragens quase tanto quanto adorava o cheiro de cloro.

Parei no brechó apinhado de saias de tule e vestidos de paetê e calças boca de sino de poliéster e cartões retrô e postais que um dia tinham sido sinais de prestígio.

Querida mamãe,

O tempo está lindo em pleno inverno. Está tudo bem na escola. Vendem ouro de vinte e quatro quilates por um bom preço nas lojas e estou mandando junto um

colar para a Susan, de Natal. Por favor entrega para a Susan, mãe. Fala para o papai que vi uma Ferrari 312 aqui, planando pelas ruas do centro de Pádua. Vermelho-cereja, com o interior em couro marrom. Manda lembranças pra todo mundo.

*Com amor,
Jack*

Não muito tempo atrás todo mundo escrevia em letra manuscrita. Meu pai escrevia à mão. Eu achava que ele tinha a letra mais linda do mundo. Mas todo mundo da época dele também tinha.

Subi e descii ruas em que não dava para enxergar as curvas. As pessoas pareciam dirigir de olhos fechados, por instinto. De vez em quando surgiam umas casas impressionantes, de azulejos espanhóis, com cavalos pastando. Havia instalações de arte e símbolos da paz feitos de calotas de carros. Havia cercas de bambu e nenhuma nuvem no céu. Quando bateu a fome, parei em um lugar chamado La Choza, do lado de uma lavanderia. Eu estava usando o mesmo vestido branco. Cheirava a suor, mas não topei com ninguém que fosse reparar.

A mulher mexicana atrás do balcão me atendeu com uma colher enorme de estanho em mãos. As instruções de como fazer o pedido estavam escritas em um pedaço de cartolina. ESCOLHA UM: FRANGO MARINADO, CARNE, FEGUMES NA BRASA.

Eu queria meio frango e meia porção de legumes na brasa. Não queria arroz.
— Só pode escolher um — disse a mulher.

— Posso ficar com metade de cada, e você me cobra pelo frango, que é mais caro?

— Não, escolhe um.

A mulher usava uma rede na cabeça que marcava o cabelo escuro dela, deixando-o cheio de estrelinhas.

— Mas eu quero meio a meio, e você, a loja, vai fazer mais dinheiro com esse pedido. Porque o frango é mais caro e vou pegar menos. Entendeu?

A mulher balançou a cabeça.

— Por quê? — perguntei. — Você poderia me explicar por quê?

A mulher baixou a colher e limpou as luvas de plástico no avental, manchado de caldo amarelo e marrom. Ela pegou a colher de volta e agressivamente a enfiou debaixo de uma porção de arroz.

— Eu não quero arroz — eu disse. A mulher se retirou para a cozinha. Eu ainda estava com fome.

De volta ao carro, dirigi escutando Marianne Faithfull e Joni Mitchell. Vou fazer uma lista para você de todas as músicas que significaram algo para mim.

Estacionei no café de comidas saudáveis do lado do estúdio dela, que por acaso era renomado mundo afora. Rod Rails Power Yoga. Rod Rails era um desses pretensos astros da comunidade de ioga. Um homem sem camisa, de cabelo grande e pau torto feito um osso de bisteca, depois ouvi dizer. Em uma foto segurava uma criança malnutrida no Nepal, na outra envolvia os ombros pontiagudos de uma atriz mais velha. Ele dava aula duas vezes por mês. Passava mais tempo em viagens para lugares sagrados nas montanhas e franquias. A maioria das aulas era ministrada por garotas como a Alice. Gostosas que nunca tinham fumado um cigarro na vida.

Fui até a porta. Minhas pernas tremiam e me senti uma ninguém. Ainda por cima, não sabia nem o que iria dizer.

Tinha um calendário na porta. Procurei o nome dela. Era uma terça-feira. Ela só daria aula na sexta. Fiquei tão aliviada que tudo dentro de mim se aquietou no mesmo instante. Volto na sexta, pensei comigo. Mas não precisava voltar nunca. Eu poderia achar um vendedor de carros usados, deixá-lo comprar um duplex para a gente no Baldwin Park e me recusar a dar em qualquer posição que não fosse cachorrinho.

A outra coisa que sempre me dava vontade de adiar era arrumar um emprego. Depois que acabou o dinheiro que ganhei com a venda da casa dos meus pais, fiz um monte de bicos. Boa parte do tempo eu não tinha emprego algum. Vendia alguma coisa que um homem me dava e que às vezes rendia por meses.

Entrei no café de comida saudável ao lado pela cortina de miçangas. Moscas gordas zuniam lá dentro. O café vendia kombucha, cestos de corda, publicações independentes com poemas de escritores locais, barras de chocolate feitas com hortelã-pimenta de Oregon. Uma placa que dizia TEMOS VAGAS parecia estar na parede desde sempre. Tinha uma máquina La Marzocco rosa-choque. Uma menina com chapéu de caubói e duas tranças longas estava atendendo no balcão. Um crachá sem laminação pendurado no peito dela dizia NATALIA. Era novinha o bastante para ser minha filha caso eu tivesse engravidado aos dezessete.

— Uma *frittata*, por favor.

— De espinafre ou de couve?

- Espinafre.
- Vem com bolinho de milho.
- Não quero.
- Posso embrulhar para você levar.
- Você quer levar uma porção para casa? — eu disse.

Pedi um café americano para ver a menina usar a máquina rosa-choque. Ela era bonita, o tipo de beleza simples e indiscutível que eu nunca tinha tido. Eu era sexy, atraente. Às vezes as outras mulheres não percebiam.

- Você pode me dar uma ficha também, para eu me candidatar a uma vaga?
- Oi?

Dei uma batidinha na placa de vagas com uma unha empoeirada. A menina se debruçou no balcão e virou o pescoço para ver. Os peitos dela eram grandes e estavam espremidos. Ela tinha um pingente de Buda em quartzo rosa em um cordão de couro em volta do pescoço.

- Ah.
- Não estão precisando de gente?
- Verdade. Estou para ir embora, para seguir com os estudos.
- Maravilha.
- De quantas você precisa?
- Só uma, mesmo.
- Você quer a *frittata* para comer aqui ou para viagem?
- Vou comer aqui.

Deixei o estabelecimento com a ficha e o café e me dirigi até o pátio semicoberto decorado com cadeiras *butterfly*, velhas mesas de costura e mesas redondas de madeira, cada uma com uma garrafinha de molho de pimenta em cima. Tive um pressentimento terrível. A vida toda eu tive esses pressentimentos e quase ninguém acredita em mim porque eu sempre conto depois de acontecer. Não confio em mim mesma a ponto de me pronunciar quando sinto a intuição bater. Então dessa vez, assim como em todas as outras, silencieei minha mente o quanto pude. Me concentrei na folha de papel diante dos meus olhos. Não preenchia uma ficha desse tipo desde a adolescência. Perguntava se eu tinha disponibilidade nos fins de semana e feriados e quantas horas eu gostaria de trabalhar por semana. Perguntava que matérias eu tinha estudado na escola. Sim, sim, muitas, escrevi, e história da arte.

Antes da história com Vic, passei um tempo chutando homens nos testículos com salto alto. Um homem me deu uma pintura, fui lá e vendi por

vinte e cinco mil dólares. Outro me deu uma impressão em placa seca de *Uma viúva em seu quarto*, da Diane Arbus. Essa fotografia era tudo para mim. Às vezes eu sentia que era o que eu tinha de melhor.

De repente veio um estrondo da rodovia. Preciso contar para você que sempre acontecem coisas terríveis ao meu redor. Fui marcada aos dez anos. As pessoas preferem não saber que esse tanto de coisa ruim pode acontecer com alguém ou ao redor de alguém. Acontece algo ruim, e seus colegas de trabalho se amontoam em volta do seu cubículo e colocam as mãos ásperas no seu ombro. Acontece outra coisa ruim, e você já não é mais uma pessoa digna da generosidade deles. Você vira um maço de cigarros esmagado no meio da estrada.

A menina, Natalia, apareceu com a *frittata* em um prato. Um Tahoe tinha batido de frente com um Fusca amarelo. O Fusca, que parecia um ser humano, estava prensado, o rosto amassado. Ouvi outros carros freando e uma única buzina, mas tirando isso reinou uma paz invernal pelo cânion. Olhei para a menina e a menina olhou de volta para mim.

O homem demorou uma eternidade para sair do Tahoe, e quando saiu, estava coberto de um pó cor de gelo. Cambaleou até o Fusca. Era um modelo dos anos setenta com puxador no capô e os faróis como os olhos de uma joaninha. Soltava uma fumaça cinza, quase preta.

Era como se o motorista do Tahoe estivesse andando fazia horas sem nunca chegar ao outro carro. A ambulância chegou primeiro. É possível que tenha chegado em tempo recorde. A motorista do Fusca, uma mulher, parecia uma torrada queimada. Foi colocada em uma maca. Os socorristas deixaram a urgência para o outro passageiro. Virei o rosto justo quando uma cadeira de bebê inteira estava sendo retirada da fuselagem pelos homens de ombros largos. Pude ver o bebê, que não estava chorando. Pude sentir o gosto do metal e das lágrimas do pai pela manhã.

Ao meu lado, a menina estava de queixo caído, mas não tampou os olhos e não deu um pio. Provavelmente nunca tinha visto a morte. Ficou ali parada com o prato branco. Tinha sido treinada para colocar uma rodela de tomate na borda. Deu vontade de enfiar o nariz dela em uma poça de sangue. Mas eu não podia. Precisava deixar a menina ir para casa, sentar no sofá da mãe e contar para o namorado que tinha visto uma mulher e seu bebê recém-nascido morrerem na rodovia hoje. O namorado iria perguntar os modelos dos carros envolvidos.

NA VOLTA PARA CASA ME DEPAREI COM O PROPRIETÁRIO SENTADO NA MESA do lado de fora. Estava com uma jarra e duas taças de cristal.

— Joan — ele disse. — Essa mesa é de todo mundo. Deixei mais perto da sua casa, onde faz sombra, mas se não quiser ela aqui, posso mudar de lugar. Se não gostar de companhia.

Estava quente e abafado. Eu não tinha chorado por causa do acidente e imaginei que se entrasse sozinha em casa ia perder a cabeça. Tomaria um comprimido e ficaria sentada em cima de uma das minhas caixas. Sentia que poderia ter impedido o acidente de algum jeito. Eu sabia que poderia ter salvado meu pai e minha mãe. Gostava de pensar que um dos motivos de ter vivido meu próprio pesadelo era um dia poder impedir outra pessoa de sofrer. Mas a criança morreu. A mãe morreu. Vi com meus próprios olhos. Terminei de preencher a ficha para a vaga no café.

— Como foi o teste? — ele disse.

Ele me serviu uma taça. Em um tom onírico ele comentou que era a limonada da Lenore.

— Meu teste — falei em voz baixa. — Acho difícil eu ter conseguido o papel.

— Você já tem certa idade. Se importa se eu perguntar?

— Uns trinta anos a menos que você — eu disse, e ele sorriu.

Quanto mais velho o homem, maior minha especialidade. Eu sabia que quando conhecesse Deus um dia daria tudo certo.

Dava para sentir a vodka na limonada. Pedacos de hortelã flutuavam na superfície. Pensei no rádio do carro, no que a mãe e a criança estariam ouvindo. Imaginei que fosse Peter, Paul & Mary e que a música ficaria no ar para sempre. Sons não morriam.

Ele me falou para chamá-lo de Lenny e me perguntou o que todo mundo sempre quer saber. De onde você vem, o que você faz da vida, por que está sozinha. Passei uma lista de bicos para ele. Babá, arranjos de flores. A época em que eu maquiava pessoas mortas.

O chão tremeu sob nossos corpos e olhei para o céu. Um terremoto era uma das minhas fantasias mais intensas. Mas era só o Kevin acordando e girando o botão prateado de uma caixa enorme.

O joelho de Leonard começou a tremer. Ele tinha uma cara de ator antigo, um Paul Newman da vida. Era um rosto interessante, e gostei mais dele do que de manhã cedo, com a bengala e o bafo metálico. Parecia revigorado.

Estava de moletom branco e calça cinza. Nada mais de tênis de homem velho. No lugar estava com um belo par de mocassins. E ainda assim parecia que seus tornozelos tinham sido desenterrados.

— Já terminou de tirar tudo das caixas?

Eu tinha caixas que jamais abriria. Seis caixas grandes. Continham tranqueiras como os pacotinhos quadrados de toucas de banho de hotel que minha mãe guardava. E, da primeira vez que minha mãe cortou meu cabelo, uma trança preta solta.

— Já — eu disse. — Você mora na estufa?

Ele deu uma risadinha e fez que sim, como quem diz, *Sei bem o tipo de mulher que você é*.

— Não é uma estufa. É uma dessas casas compactas. Não preciso de muito espaço. Eu costumava morar aqui, na sua casa.

— Por que você se mudou?

— Não precisava de tanto espaço — ele reiterou.

Eu percebi que tinha ido longe demais. Queria não me importar.

— Você sempre quis ser atriz?

— Não. Não queria competir com todas as outras meninas bonitas quando era nova. Então esperei. Imaginei que seria mais interessante agora. Eu estava dando tempo ao tempo.

— Kathi me contou que você veio para cá sozinha.

— Vim dirigindo.

— Ela veio dirigindo — ele disse, passando o dedo na borda da taça. Então me olhou daquele jeito familiar.

Terminei minha bebida e me levantei. Ele encostou dois dedos no meu pulso e me serviu mais uma taça, dizendo: Um pássaro não voa com uma asa só, minha querida. Você pode bater uma asa, mas não vai conseguir voar.

Eu me sentei de volta. Lenny tinha um ar controlador. Em algum momento da vida ele estivera no comando das coisas — dinheiro, legado, o futuro do petróleo, uma esposa, uma amante —, e homens velhos como ele nunca deixavam de exercitar seu suposto poder. Às vezes, quando ele era galante, me lembrava o meu pai, mas até aí todo mundo lembrava. Por muito tempo escrevi a palavra *Papai* nas vidraças embaçadas de boxes de banheiro. Isso quando eu morava em lugares com boxes de vidro. No meu apartamento em Jersey City eu tinha escrito em tantos lugares diferentes que quando batia sol pela janela turva dava para ver as letras em várias direções, como palavras cruzadas.

— Minha esposa faleceu — ele disse — há pouco menos de um ano.

— Sinto muito.

Ele balançou a cabeça. Parecia acreditar que eu deveria sentir a dor junto com ele.

— Ela se chamava Lenore. Lenny e Lenore. Quer ouvir como a gente se conheceu?

— Claro — eu disse.

E queria mesmo. Todo mundo sempre quer saber como os outros se conheceram. Parecia possível que a resposta para a vida estivesse contida em esquinas na primavera quando um homem pegava o lenço de uma mulher caído na calçada.

— Foi no *Love Connection*. O programa de televisão.

— Uau.

— Era a primeira temporada do programa no ar. Ela estava usando um conjunto roxo de terno com saia e salto baixo.

— Ela era bonita?

— Mais que bonita. Aquele algo a mais. Chuck Woolery perguntou se ela tinha algum fetiche. Ela respondeu que sim, tinha dois. O primeiro era que camisas e meias precisavam combinar. Ela não gostava quando um homem usava camisa branca com meias pretas. Achava desleixado. Na hora, Chuck Woolery olhou para baixo e estava usando camisa branca com meias pretas. Lenore riu. Acho que ninguém nesse mundo nunca vai ter uma risada tão encantadora. É difícil, Chuck disse, combinar com xadrez. Dessa vez ela não riu. Ela sabia como manter um homem em suspensão. É um talento raro. Fiquei com ciúme de Chuck logo de cara. Eu vivia preocupado, no começo, achando que Lenore iria se apaixonar por alguém melhor.

— Qual era o segundo fetiche dela?

— O segundo fetiche eram botas de caubói. Ela disse que não gostava. Que tinha nojo. Faziam ela pensar em coisas do mato e nas linguças Jimmy Dean, naquele logo com as botas.

— Pelo jeito — eu disse — ela não entendia o significado da palavra *fetiche*.

Lenny piscou.

— Ela era nova. Tinha acabado de completar vinte e quatro anos. Eu já estava com trinta e tantos, devia ter a mesma idade que você tem agora.

— Vocês dormiram juntos no encontro? Sempre me perguntei isso sobre o *Love Connection*.

— As pessoas faziam as mesmas coisas que fazem hoje.

— Então vocês treparam logo de cara.

Kevin saiu de casa de banho tomado e vestido todo de preto na hora mais quente do dia. Cumprimentou nós dois no caminho para o carro dele. Eu me senti uma puta.

6

NA SEXTA-FEIRA EM QUE ALICE DARIA AULA, VESTI UMA CALÇA DE LYCRA E um top. Passei rímel e sequei o cabelo. Dirigi até o estúdio. Eu estava suando tanto que riachos quentes escorriam pelos meus braços.

Não havia vestígio do acidente. Tinha sido apagado da face do cânion. O ar estava seco porque era cedo e o sol estava opressor como em um faroeste hollywoodiano. Em Nova York o sol era de chumbo. Superamos a morte como se acontecesse só em filmes.

Olhando no retrovisor, absorvi o óleo das minhas bochechas e do meu nariz com um papel mata-borrão com fragrância de rosas. Encarei meu rosto com desgosto por tanto tempo que senti vergonha de mim mesma, como se os outros estivessem me vendo me odiar e me julgando por isso. Então saí do carro e praticamente me arrastei até a porta, uma pessoa totalmente diferente da que eu era no carro. Quando abri a porta, tocou um sino de bronze. Como tudo em Los Angeles, não era nada do que eu esperava. Eu esperava paredes brancas reluzentes e orquídeas da cor do amanhecer. No lugar havia espadas-de-são-jorge e cactos em vasos terracota. A tinta verde das paredes estava descascada e o lugar cheirava a acampamento de verão. Enquanto esperava na fila para me matricular, observei as mulheres magras e suadas saírem com toalhas no pescoço e tapetes de ioga enrolados e amarrados com um cordão em cima do ombro. Pensei no jeito que os homens falavam de mulheres que

tinham perdido a beleza. Eu sabia o que queriam dizer porque estava acontecendo comigo. Os olhares desbotados e um ressecamento geral, como uma laranja passada. Mas eu acreditava que era menos uma questão de mudança física do que um subproduto de ver os maridos começarem a ter uma queda pela babá, como se a babá tivesse resolvido uma equação insolúvel ou mediado a paz mundial em vez de simplesmente ter feito uma trança na criança sem que ela chorasse.

Paguei por uma aula só, vinte e seis dólares de um maço de dinheiro que me dava a sensação de últimos suspiros. Escrevi minha idade e o número me encarou de volta. Pude vê-la pela porta de vidro. Primeiro vi só a nuca e fiquei abalada na hora. Às vezes a gente fica abalada com a nuca de alguém. Não precisa nem se perguntar se a pessoa é deslumbrante de frente. Quando ela se virou, perdi o ar. Ela tinha uma beleza dessas que você quase nunca vê, mesmo em um lugar cheio de meninas lindas. Era tão indiscutivelmente perfeita que me deu vontade de bater nela.

Foi minha tia Gosia que me falou dela, ou melhor, que deixou informações a respeito dela para mim. Quando Gosia e minha mãe ficaram próximas, fiquei enojada. Ela tinha largado tudo para fugir com um homem, era uma segunda esposa, e senti inveja. Aparentemente elas se falavam bastante ao telefone, três vezes ou mais por semana, quando eu estava na escola. Não acreditei que ninguém tinha me contado. Eu estava intimamente envolvida com cada parte da rotina da minha mãe, para a irritação cada vez maior dela. *Não posso nem trocar meu absorvente cheio de sangue sem você por perto.*

Quando meus pais morreram, fui morar com Gosia. Mas morar com ela não era como morar com um guardião ou uma mãe. Era como morar com uma amiga casual. Comprávamos roupas juntas, ela me dizia que eu tinha um apelo sexual, mesmo com dez anos, e me mostrava como usá-lo a meu favor. Ela me deixou crescer sozinha. Eu ia para a escola e voltava para casa e tomava a sopa de beterraba dela com os bolinhos esquisitos de cogumelo, mas se eu não quisesse comer, tudo bem. Eu passava quase todo verão na Itália com os primos da minha mãe. E tinha abertura, não precisava voltar para casa se não quisesse. Mas Gosia me dava amor sempre que eu precisava. Quando eu precisava que sentissem saudade de mim, ela sentia. Quando não precisava, ela me deixava quieta. Não serei capaz de oferecer isso para você.

Ela também me deu todo o dinheiro dos meus pais que eu não deveria receber até completar vinte e um anos. Gosia acreditava que eu não deveria ser controlada pelo governo nem por ela e meu tio. Torrei boa parte do

dinheiro em roupas, sapatos, hotéis com televisão no banheiro, caviar e *foie gras* e *steak tartare* e ostras.

Depois do colegial, que foi uma névoa de notas ruins, franjas péssimas e cigarros, me mudei para Manhattan. Gosia não me pressionou para fazer faculdade. Meu primeiro apartamento ficava em Rivington. A cozinha era uma faixa estreita de fórmica com uma geladeira amarelo-manteiga e um fogão branco enferrujado, mas eu tinha orgulho dela. Pendurei os preciosos panos de prato venezianos da minha mãe na haste de aço da porta do forno. Gosia visitava e batíamos perna na Barneys, tomávamos chá e comíamos salmão escalfado. Ela me dava umas centenas de dólares todo mês, embora eu ainda estivesse vivendo da herança. Comprava sapatos caros para mim. Foi a primeira pessoa a fazer isso. Manolos e Louboutins. Um par de *mules* Chanel rosa-pétala que eu só uso quando está fazendo um tempo muito bonito.

Gosia me contou tudo o que sabia, mas jamais poderia ter me preparado para a realidade de Alice.

Alice tinha um nariz longo, quase masculino, mas o tamanho dos olhos azuis e a espessura dos lábios dela compensavam. Era um truque. O narigão fazia você sentir que precisava continuar olhando para entender o que tinha ela de tão estonteante. O cabelo era espesso, longo e cor de Coca-Cola. Ela estava usando um top e uma calça de Lycra. Era um corpo perfeito, aos moldes de desenho animado. Tinha uma cinturinha violão e quadris dramaticamente largos. Imaginei alguém a agarrando por trás. Tinha vinte e sete anos.

Alice começou a aula com saudações ao sol. Diferente de outros instrutores, ela não ficava discursando sobre energia ou gratidão. Mal abria a boca, mas quando abria, a maneira como sua voz se descortinava era hipnotizante.

Na aula usamos pesinhos de braço e pesos de perna, sacos de dois quilos e meio com Velcro para prender nos tornozelos. Tinha uma curadoria de música variada: *steampunk*, blues, *grindcore*, *ghazal* indiano.

Tentei seriamente parecer elegante nas posturas. Na postura do corvo fiquei ciente da cratera entre meus peitos. Observei os homens, me inseri na cabeça deles e visualizei todos os jeitos como talvez dobrassem a jovem instrutora ao meio. Era erótico e dilacerante.

Na hora da postura do cadáver ela colocou “White Pepper Ice Cream”, de Cibo Matto. Ela caminhava suavemente pela sala, de corpo estirado em corpo estirado, agachava do lado do rosto de cada um e nivelava a carne entre seus ombros e peitos. Quando fez isso comigo, abri os olhos sem querer e nos

olhamos. Vi o reflexo dos olhos azuis dela nos meus. Quase desmaiei. Levantei logo em seguida e deixei a sala antes do namastê.

SAÍ DA AULA ME SENTINDO COMO SE TIVESSE SESSENTA ANOS. EU QUERIA ligar para Vic. Queria ligar para Gosia. Precisava de alguém que eu já conhecesse para me estabilizar. Não me restava nada além de Alice.

Em seguida dirigi até a Rodeo Drive, porque minha mãe adorava passear por lá. Era impossível agradá-la ou animá-la, mas tinha lugares que ela venerava como se fossem fundidos em ouro, e Los Angeles era um deles. Ela tinha visto muitos filmes *noir* quando era nova, *Pacto de sangue*, *Crepúsculo dos deuses*, e Los Angeles era o rico coração aveludado de todos eles.

Contei as palmeiras e não senti saudade de Nova York. Eu não tinha como separar o que tinha acontecido em Nova York do resto de Nova York, do Broome Street Bar com suas canecas de cobre e o barman bonitão, do Spring Lounge na noite em que me apaixonei pelo homem mais *sexy* do mundo. Da Broadway à meia-noite, bem no centro, onde Manhattan parecia Roma, grande, anódina e toda de pedra. A cidade inteira agora patinava no sangue cintilante dele.

Visitamos a Rodeo Drive quando eu tinha nove anos, e meus pais compraram um vestido de quatrocentos e vinte e cinco dólares para mim que precisava usar com anágua. Era preto com florzinhas e uma gola Peter Pan. Minha mãe ficou brava por causa do vestido, mas ela mesma tinha comprado um par de brincos de rubi, então nada mais justo, meu pai falou. A pedra do aniversário dela nem é rubi, soltei, me dirigindo a meu pai, mas olhando para minha mãe. É *granada*. Quando vejo você em meus sonhos, você está vestindo todos os vestidos que já namorei.

Peguei a Pacific Coast até a Sunset. Se alguém me dissesse que o inferno era ali, eu não me surpreenderia. As palmeiras poderiam muito bem ter brotado de baixo do manto da terra. E se fosse mesmo o inferno, até que era agradável a sensação de ter passado para o outro lado. Lembrei de como foi só ladeira abaixo com John Ford, eu me sentindo como um canal que aquele homem calvo estava atravessando. Eu me virei para ver os olhos imprestáveis dele tremulando feito uma máquina caça-níqueis quando ele gozou.

Você é prostituta?, um homem me perguntou uma vez. Eu estava comendo sozinha no bar de um restaurante chique. Estava com a boca cheia de hambúrguer. O hambúrguer estava horrível, um sabor oxidado. Eu estava

usando meu suéter como uma manta sobre minhas pernas nuas. Você tem cara de Sylvie, ele disse. Você se chama Sylvie?

Eu só tinha amado um homem. *Amor* não era bem a palavra. Ele não me amava. Mesmo agora eu ainda não conseguia lidar com isso. Ele teria amado Alice.

Eu estava jantando com aquele homem, o homem que eu amei, quando Vic entrou e estourou os miolos. Ele atirou no próprio nariz. Estou falando do nariz porque detalhes são importantes. A mancha de sangue na parede era do formato da folha da bandeira do Canadá. O que restava do rosto dele era uma sugestão. Uma vez vi um feto quando trabalhava no hospital, a imagem dele em um ultrassom, e o bebê não tinha nariz. A mãe, uma brasileira grandona, reagiu à notícia enquanto uma jovem enfermeira traduzia. Ela concordou com serenidade. Como Deus quer, ela disse.

Como Deus quer.

A luz do sol era branca em Beverly Hills, ao passo que em Topanga era laranja e gasosa. Eu estava aprendendo que Los Angeles é composta por diferentes países a meros minutos de distância. Não exatamente países, mas ecossistemas. Os sem-tetos pedem dinheiro de um jeito diferente de cidade para cidade.

Entrei na Lanvin. Eu ainda estava usando o mesmo vestido branco. Fazia eu me sentir jovem. Eu estava com uma bolsa de lona atravessada e velhas sandálias sujas nos pés. Mulheres conseguem medir o valor de outras mulheres pelos sapatos ou pela bolsa. Você pode se vestir com uma lona, mas os sapatos e a bolsa precisam passar no crivo. Eu estava ciente disso quando fui atendida por uma moça loira de maquiagem pesada.

Houve um tempo em que eu quis ser endinheirada. Eu queria o melhor do melhor porque tinha me dado conta de que coisas caras eram mesmo melhores, duravam mais e ajudavam você a viver mais tempo. Produtos de limpeza caros não davam câncer. Esmaltes da Chanel duravam pelo menos quatro dias a mais do que as marcas comuns de salão.

Isso tudo ainda era verdade, mas agora eu via a vida por outro prisma. O que eu mais queria naquele momento, no que eu sentia como se fosse o último ano da minha vida, era ser pobre, com uma criança. Passar pelo drive-thru de um restaurante de fast food e pedir dois itens que não estivessem listados no cardápio, feitos especialmente para a gente, e uma Coca-Cola para dividir. Sentar juntas nos bancos da frente do Dodge, fingindo comer com delicadeza, como se estivessemos em um chá sediado pela rainha no estacionamento de

uma rede de fast food. A mancha amarela emanando da placa iluminaria a sujeira nos porta-copos. De manhã tomaríamos leite e comeríamos biscoito, do tipo que você pega de graça nos saguões de café da manhã de hotéis.

Na loja provei um lindo *scarpin* verde-esmeralda com tira no tornozelo. A vendedora não tinha nada melhor para fazer, então ficou me olhando. Meus pés estavam cobertos de poeira. Levantei o vestido para ver como ficavam minhas panturrilhas com o sapato.

Desfilei pela loja de salto verde. Estava tentando me sentir normal, ou melhor, não exatamente normal, mas um pouco como a menina que eu era antes de conhecer Vic. Claro, eu sabia que já estava semimorta quando conheci Vic — imaginava vários segmentos meus como os *baba au rhum* que minha mãe adorava, bolinhos ensopados de rum. Meus pulmões, por exemplo. Quando eu não conseguia respirar à noite, imaginava que meus pulmões estavam embebidos em um licor adocicado.

Cheguei à Califórnia em um estado pior ainda. Tinha vergonha de um dia ter sequer pensado que poderia ser mãe. O desejo de ser linda tinha sido substituído pelo reles medo de ficar feia. Mas ver Alice mexeu comigo de um jeito que eu não esperava. A beleza dela fez eu me lembrar da minha.

Meu telefone tocou e atendi porque o número parecia familiar e pensei que pudesse ser minha tia, embora ela já tivesse morrido.

Era uma mulher com quem eu nunca tinha falado, mas de quem eu sabia bastante coisa.

— Joan? — disse ela.

— Quem fala?

— Eu me chamo Mary. Eu sou... Eu era esposa do Vic.

A PRIMEIRA VEZ QUE VIC E EU TRANSAMOS FOI NA ESCÓCIA, MAS SEXO NÃO tem muito a ver com a primeira vez com alguém. Para algumas pessoas o que fica é uma mão no joelho. Tirar o cabelo pegajoso do rosto do outro.

O time todo estava na ilha Jekyll para uma conferência. Eu já não dava tanto valor a quartos de frente para o mar. Na primeira manhã pulei o café da manhã em grupo e comi sozinha no saguão chamado Varanda Jasmine, onde pedi chá adoçado, mingau e um prato de presunto com molho de carne. Sentei naquele salão espaçoso e fiquei olhando para toda aquela gente que não tinha vivido muito. Quase todo mundo era mais velho que eu, mas estava na cara que era a primeira vez que bebiam de uma taça com uma orquídea congelada.

Eu estava bronzeada e era jovem e imprudente. O garçom encheu minha caneca com uma cafeteira prateada e polida. Vi uma mulher de trinta e poucos anos entrar no restaurante, usando duas muletas para andar. O marido e o filho andavam na frente dela, seguindo a atendente até uma mesa, e uma mulher mais velha, provavelmente a mãe dela, a segurava pelo cotovelo. Fiquei com vontade de mandar alguma coisa, uma rabanada, para a mesa deles. Afinal, a agência cobria as nossas refeições. Chamei o garçom, mas antes que pudesse fazer o pedido, Vic se materializou.

Queria poder incluir uma foto dele. Não tenho nenhuma. Ele era mais como um sentimento às vezes. Ternos elegantes, mas largos demais. Um monte de tecido, como uma fábrica.

— Oi, garota — ele disse, pairando sobre a mesa.

— Ah, oi.

— Resolveu comer sozinha?

— Não estava em clima de grupo.

— Eu também não. Se importa se eu me juntar a você?

Eu estava com uma edição da revista *Departures* e queria muito ficar sozinha. Eu sabia a cor exata em que queria meu café e como ter um orgasmo em menos de trinta segundos. Precisava de todas as pessoas do mundo, garçons inclusive, menos do que elas precisavam de mim.

— Claro — eu disse.

— Claro que você se importa, ou...

Ele morria de medo de mim. Era o ouvinte mais maravilhoso do mundo inteiro.

— Claro que não me importo.

Como ele tinha me encontrado? Como sempre dava um jeito de me encontrar? Uma vez, não sei como, ele me encontrou no segundo andar de uma delicatessen entre ilhas de bufê com frango velho e cor de laranja reluzente.

Ele sentou e esqueci completamente de mandar a rabanada para a mulher com deficiência. Só fui lembrar à noite, no quarto enorme do Vic com o oceano a nossos pés. Nunca cheguei a me hospedar em um lugar daquele com meus pais.

Éramos eu, uma menina que trabalhava na redação e tinha feito uma queixa de assédio sexual no RH e um cara jovem, meio puxa-saco do Vic, mas até aí todo mundo puxava o saco dele. Vic tinha uma garrafa de Johnnie Walker Blue e bebemos na varanda em copos próprios para uísque com gelo, de vidro

trabalhado. O quarto do Vic era uma suíte com um sofá na antessala, e puxamos duas cadeiras do quarto. No começo estávamos eu e a outra garota no sofá, mas em algum momento trocamos os pares e Vic ficou no sofá comigo. Eu tinha tomado dois copos de *scotch* depois de já ter tomado três taças de vinho tinto no jantar. Não sei se deitei a cabeça. Meu palpite é que foi ele, com seus movimentos calculados, que a abaixou: Ah, pobrezinha, tão cansada. Só me lembro da pista de pouso que era o colo dele, os quilômetros navais. O chiado do mar. Os outros dois me vendo deitada nele. Não aconteceu nada, mas só a posição da minha cabeça no colo dele já era um estupro de certa forma. Ele ter me caçado na miúda daquele jeito, eu ter deixado meu pescoço à mercê das presas de algo tão estúpido. Fechei os olhos para que continuasse acontecendo só para os outros e não para mim, e foi quando eu me lembrei da mulher com deficiência. Fiquei triste por não ter mandado a rabanada com creme de baunilha Bourbon e as flores de lavanda que vinham de acompanhamento. Então logo depois eu pensei, Ela não precisa de você, imbecil. Ela tem uma mãe e um filho. Você não tem nada.

Essa foi a primeira vez com Vic. Ele fez cafuné no meu cabelo. No lóbulo da minha orelha, o que depois fiquei achando vulgar e doentio.

Enfim, foi isso que a esposa do Vic — Mary —, foi isso o que ela me perguntou.

— Como começou? — ela indagou.

Pedi para ela esperar na linha. Disse que talvez demorasse.

Saí da Lanvin com os saltos que estava calçando. É mais fácil roubar quando você não sabe que está roubando. A loira de maquiagem pesada tinha ficado de olho em mim o tempo todo, mas por acaso estava imersa em uma troca frenética de mensagens quando saí da loja. Eram sapatos da vitrine, então não apitaram quando me tiraram de lá.

De repente eu estava à luz do sol com aquele scarpin lindo da Lanvin em verde vivo. As tiras eram como cobras esguias em volta dos meus tornozelos. Turistas estavam pegando cupcakes em uma máquina. Eram italianos e estavam rindo. Os sapatos me levaram até o Spago. Me deram uma mesa na área externa. Não estava ventando, era cedo para almoçar, e todo mundo pareceu ficar contente com a minha presença, os garçons principalmente. Pedi a salada de lagosta do Maine e uma taça de Dr. Loosen. Tirei o telefone do mudo.

— Desculpa — eu disse. — Você pode repetir a pergunta?

— Quero saber como começou.

Fiquei um tempão sem falar nada e segurei o telefone no ouvido com a mão no bocal enquanto o garçom enchia minha taça. Ele sorriu para mim em um tom de complô. Ali estávamos nós sendo bacanais enquanto a pessoa do outro lado da linha provavelmente estava dobrando a roupa limpa.

— Você entendeu minha pergunta?

— Perfeitamente — eu disse. — Acho que é o que eu também ia querer saber. Começou no colo dele.

Ela fez um barulho de nojo que servia também como reprovação. Como se eu fosse burra por me deitar no colo de um homem casado.

— Você sabe que meu marido morreu, claro. Mas você sabia que meu filho sofreu um acidente mês passado e agora também está morto? Disso você não sabia, sabia? Sua *vadia*.

Até ali, eu tinha tomado várias medidas para não pensar nas crianças.

Como era um prato frio que só precisava ser montado e como eu era a primeira cliente da tarde, minha salada de lagosta chegou rapidinho. Cascas reluzentes de avocado. A vagem estava bem verde e acetinada, o bacon estava crocante e dourado, e a lagosta estava tão fresca que parecia crua.

— Não sabia. Como...?

— Ele se afogou.

Então Mary começou a fazer uns barulhinhos do outro lado da linha, como um porquinho-da-índia. Vic e ela tinham se conhecido no colégio. Ele me contou que nunca tinha traído a esposa com ninguém além de mim. Talvez fosse mentira, mas eu achava que não era. Ele provavelmente tinha ido para a cama com cinco ou seis mulheres antes dela... Colegiais nos anos sessenta, imagino que sem camisinha, as meninas simplesmente indo para casa e mirando uma torneira para exumá-lo do corpo delas. Talvez tenha havido um ou dois abortos nessa história. Aposto que fui a primeira mulher com quem ele não gozou dentro, e tudo que é novo, para um homem, pode ser uma descoberta erótica.

Desatei a chorar. Eu conhecia um pouco do mundo em que Mary estava vivendo agora. Os comprimidos para o coração que ele não precisava tomar mais. O pior são as coisas na geladeira, porque não dá para guardar por tempo indefinido. E se o falecido voltar e quiser o iogurte com café?

Mas a criança. Eu não conseguia conceber. Ou conseguia. Antes de encontrar você, imaginei que te perdia. Era como se alguém estivesse servindo meu coração em uma bandeja e me forçando a desfiar uns pedaços pulsantes e comê-los sem tempero.

— Por que você está chorando?

— Desculpa — eu disse. — Eu não devia estar chorando. Não queria que fosse assim. Sinto muito pelo seu menino.

— Você é uma vagabunda mentirosa!

Ela jamais entenderia. Se eu tivesse dito Volta pra casa, pra sua esposa, seu porco, ele iria me querer ainda mais e querer a esposa ainda menos. Não dá para falar essas coisas para uma mulher, ainda mais uma mulher de luto.

— Desculpa — falei mais baixo.

— Estou ligando — ela disse — por outro motivo. A minha filha, Eleanor... Caso ele nunca tenha falado os nomes deles pra você... Não sei onde ela está. Ela te odeia. Disse que quer te matar. E estou aqui pensando se ela não foi atrás de você. Se ela for atrás de você, você ao menos me dá a dignidade de me contar?

Balancei a cabeça ao telefone.

— Você está me ouvindo, sua vadia?

— Sim — eu disse.

Pensei na palavra *dignidade* e fiquei com vontade de me matar.

7

NO CAMINHO PARA CASA TOMEI DOIS MILIGRAMAS DE RIVOTRIL. FEZ EFEITO suficiente para eu me esquecer um pouco da criança. Mas ela me voltava à mente em imagens terríveis, olhos de anime piscando dentro de um caixão de dimensões infantis.

Quando entrei em casa, deparei com o proprietário sentado no meu sofá. Pasma, eu não tinha a quem recorrer.

— Querida! — ele disse, se levantando. — Desculpa, eu me sinto péssimo. Fiquei aqui andando de um lado para o outro, querendo me matar.

— Leonard?

— Sim, minha querida. Já acabou? Você foi lá?

— Fui aonde?

— Pelo jeito você não seguiu em frente, e tudo bem. Não tem problema, querida. Vamos passar por isso juntos. Vamos dar um jeito. Vem cá, senta aqui comigo, minha vida. Vamos comer um jantar bem gostoso e ver uma comédia.

Ele estava com uma bebida em uma mão e um livro na outra. William Carlos Williams, *Spring and All*. O cabelo dele estava bagunçado. A camisa branca tinha manchas verdes.

— Lenny, acho que você está confuso.

— Pois é, confundi você. Sou um homem terrível, Lenore, e não mereço essa nossa vida. Vem aqui, meu corpão. Minha mulher de azul.

Trabalhei por uns meses em um supermercado de Utah embalando peitos de frango com filme plástico. Meu chefe era um homem de chapéu e gravata de caubói. Vivia com as mãos no bolso. Um dia ele surtou e atirou na esposa, no pescoço. Claro, essas coisas não acontecem *um dia*. Provavelmente aquilo tinha fermentado por meses a fio, mas como eu poderia ter percebido, empacotando frangos sem olhar no relógio por longos períodos para ficar surpresa e contente quando visse quanto tempo tinha passado. Mas quando a polícia apareceu e começou a fazer perguntas, lembrei de como o meu chefe tinha me chamado de Shelley várias vezes: Shelley, precisamos de mais peitos na geladeira, e tem que transferir os de ontem para a seção de descontos. Eu nunca o corrigia. Não via por quê, na época.

— Lenny.

— Que foi, meu amor?

— Leonard — eu disse. — Não sou a Lenore. Acho que você está passando por uma crise.

Falei com calma. Vi a mente dele retornar ao corpo. Quando deu por si, ficou pálido. O rosto dele ganhou um aspecto lânguido e de repente ele parecia dez anos mais velho.

Olhou ao redor da sala, se dando conta de que era a antiga casa dele e de que não morava mais lá.

— Ai, meu Deus.

— Está tudo bem. Não quer sentar um pouco? Vou pegar um copo d'água.

— Jesus amado. Que vergonha. Quanta vergonha.

— Não fica assim.

— O luto deixa a gente esquisito.

— Imagino.

— É terrível. Num dia tem uma pessoa gritando com você por estar fazendo barbearagem no trânsito. No outro você se sente livre.

Servi água morna da pia em um copo empoeirado para ele.

— Além do luto — ele disse —, também tem as drogas que usei na juventude.

— De que tipo?

— LSD. Mescalina. Peiote. E assim vai. Me fazem perder o juízo por um tempo, de vez em quando.

Lembrei das compras que tinha feito no caminho para casa, o leite esquentando naquele calor. Aquela segunda morte de uma criança tinha feito meu estômago revirar. Ir ao mercado era um dos melhores jeitos de me acalmar. Os corredores limpos e frios. Tudo iluminadíssimo a qualquer hora do dia.

— Você se importa, Lenny? Preciso pegar minhas compras no carro. Já volto.

— Deixa que eu pego. Deixa eu ser um cavalheiro para não sentir tanta vergonha.

— Não. Fica aí.

Já eram quase quatro horas, e decidi fazer o jantar para ele. Eu tinha um monte de verduras e legumes, e não iria caber tudo na geladeira.

No começo eu sempre cozinhava para Vic no meu apartamento. Não deveria fazer isso. Se você cozinhar para um homem, e cozinhar bem, como eu cozinhava, ele vai achar que você pertence a ele. A verdade era que eu estava sempre praticando para um homem que eu talvez viesse a amar de verdade. Big Sky, por exemplo. Com cada codorna crocante que assei para Vic, estava aperfeiçoando minha técnica para Big Sky. O chalé de luxo dele nas montanhas ficava todo arrumado para o Dia de Ação de Graças. Decoravam as longas mesas de carvalho com pinhas e galhos, sem toalhas, e deixavam água fresca com gás e um toque de limão em cima.

Lenny sentou em uma das banquetas modernas de bar, que estavam fora de lugar naquela choupana rústica. Ele ficou me vendo picar o alho. Minha mãe picava alho bem rápido, tão rápido que eu sempre me certificava de que todos os dedos dela ainda estavam no lugar quando ela terminava. Eu picava no meu tempo. Diferente dela, eu não tinha uma criança a meus pés e um marido a caminho de casa.

Mas dessa vez piquei de qualquer jeito. Quase decepei meu dedo. Estava com a cabeça no telefonema. Não tinha parado para pensar nas pessoas que Vic tinha deixado para trás, não muito, pelo menos, até ouvir a voz dela. Quando você sofre o tanto que sofri, começa a ver tudo em perspectiva. Sabe exatamente o jeito que as pessoas vão dar para seguir em frente e sabe que vão dar risada de novo. Faz o sofrimento de agora delas parecer prosaico.

— O que você está preparando?

— Estou refogando brócolis com alho, pimenta em flocos e farinha de rosca.

— Parece forte.

— Você é um desses homens velhos que não toleram temperos fortes?

— Você tem um quê de crueldade.

Deixa eu te falar uma coisa: homens adoram crueldade. Faz eles se lembrarem de todas as vezes em que os pais deles não os acharam bons o bastante. Crueldade cai melhor em uma mulher do que o vestido perfeito.

— E glúten? Sal? A quantas anda seu coração?

Ele bateu no peito.

— Forte — disse. — Algumas coisas aqui seguem firmes e fortes.

Entendi que ele quis dizer entre as pernas. Eu queria que ele soubesse que não restava uma pessoa no mundo que treparia com ele.

Abrimos uma garrafa de vinho. O alho estalava na panela. Quando joguei os caules espessos de alho-poró, Lenny disse: Você vê o valor de uma mulher pelo tanto de comida que ela desperdiça. Houve momentos assim em que tive vontade de estrangulá-lo. E então ele me elogiava, dizia que meu cabelo era como ônix ou estendia o braço velho para encher minha taça.

Perguntei sobre Lenore porque era um conforto para mim ouvir as pessoas falarem de amor como se fosse real. Quero que você saiba da Lenore, das mulheres que os homens insinuam que são melhores que você. Quero que você saiba de tudo que eu talvez não seja capaz de ensinar.

Lenny falou de bom grado. Eles se conheciam fazia só um mês quando ele a pediu em casamento, e a cerimônia foi duas semanas depois. Ele falou da lua de mel em Anguilla. De mergulho e coquetéis cremosos de abacaxi. Um amigo mexeu uns pauzinhos para eles ficarem em uma suíte de um dos melhores hotéis da região. Dois quartos, dois banheiros gigantescos de mármore. Lenore disse que conseguiria manter seu mistério pueril com o segundo banheiro por pelo menos mais dez dias. Eles fizeram amor nas duas camas. Pobre faxineira, ele disse com um sorriso no rosto, como se ficasse excitado com a camareira tendo que arrumar duas camas sujas. Tinha uma Jacuzzi na varanda, redonda e de pedra. Debaixo do quarto deles, palmeiras e sombrinhas brancas de musselina contornavam a enorme piscina azul. O hotel tinha baldes cheios de espumante e biquínis em cores vibrantes e mais mulheres do que homens, de óculos escuros e chapéu de palha, lendo revistas altas e lustrosas, e ninguém estressado à vista, ninguém que tinha acabado de sair do hospital ou que sabia que precisaria voltar. Ele disse que mediu todas as mulheres de biquíni, algumas de fio-dental, com o belo traseiro exposto, e nenhuma delas, ele disse, chegava aos pés de Lenore. E além desse luxo todo foram abençoados com o mar caribenho, turquesa e infinito, as ondas batendo suavemente na areia branca.

— Em algum momento você chegou a repensar o casamento? — perguntei.
— Por não se conhecerem há tanto tempo assim?

— Escuta, vou falar uma coisa — ele disse, olhando nos meus olhos como um imbecil. — Se um homem leva mais do que dois ou três meses para pedir você em casamento, é porque ele não te ama. E nunca vai te amar. Você tem algum homem na sua vida?

— Até pouco tempo atrás eu tinha.

— Ele te dava o necessário, em termos financeiros, digo?

Pensei por um instante. Vic tinha me provido, sim. Ele me promoveu várias vezes. Comprou passagens de avião, sofás e computadores para mim, vinhos bons e uma baita de uma adega climatizada onde armazená-los.

— De um jeito que eu não precisava.

— Então ele te dava o necessário?

Assenti.

— Você deixou ele em Nova York? Ele deixou você?

— Acho que, de certa forma, deixamos um ao outro.

— Não é assim que funciona.

Homens velhos são tão convictos de tudo. Ele estava enfiando uma garfada de brócolis na boca. Tentei ver se ele tinha próteses dentárias. Ou coroas, talvez. Ele vinha de uma família rica. Agora andava cismado com aparelhos de ar-condicionado, mas é assim que todas as pessoas velhas acabam. Mais certo que o encontro com a morte ser o caminho da parcimônia.

— Ele se matou — eu disse.

QUANDO EU TINHA DEZ ANOS BEBI GRAPPA EM GROSSETO. NO SOPÉ DA colina onde estavam meus pais e meus primos, em um campo que não tinha nada a ver com fazendas ou cavalos, mas estava cheio de fardos de feno. Era fim de setembro. O horizonte consistia em uma fileira de ciprestes, umas nuvens esparsas e uma pradaria seca. Os resquícios de um olival.

Conheci um garoto chamado Massi, de Massimiliano. Max, eu falava para meus amigos quando voltei para casa. Ele era bem mais velho, tinha catorze anos. O cabelo ruivo dele era muito grosso, mas todo o resto estava deliberadamente encaixado ali por Deus para uma menininha americana se apaixonar. Ele foi o último menino a me fazer sentir valorizada, a me colocar num pedestal como Lenny fazia com Lenore. Claro, meu senso de valor coincidia com o fato de que eu ainda não tinha passado pelo inferno.

Estávamos em uma festa numa mansão oferecida por uns parentes distantes da minha mãe. O dia durou uma eternidade. Um quarteto de cordas estava tocando “Hallelujah” na grama alta e estaladiça. Havia figos pelo gramado, tão pesados quanto corações.

Eu tinha visto o menino jogar futebol, havia reparado nas pernas fortes e bronzeadas dele, na habilidade dos pés. O que uma menina ama com dez anos de idade? O que você vai amar? Eu amava o ar que rodeava esse menino.

Misturado com os cigarros fortes dos homens, os perfumes florais das mulheres e os limões das árvores.

Fiquei encarando o menino, sentada ao lado do meu pai. Eu me sentia ninada pela mão do meu pai no meu ombro enquanto ele conversava com um círculo de homens, fumando e bebendo, quase todos barrigudos. Eu tinha comido tanto do coquetel de camarão que estavam servindo em bandejas que um dos homens me elogiou de um jeito que tenho certeza de que foi sexual. Ele disse para o meu pai: A menina gosta de coisas caras, hein. Vai ter que casar com um homem endinheirado. Meu pai sorriu. Não, ele disse em um italiano decente, ela vai se virar sozinha. Volta e meia eu pensava nisso, no quanto meu pai acreditava em mim. Minha mãe achava que eu teria que me casar com alguém com grana, talvez pensasse assim por conta da própria história de vida dela. De qualquer forma, o menino, Massi, era de uma família abastada. Eu estava pensando em agradar minha mãe. Além disso ou talvez por causa disso, eu queria beijá-lo mais do que queria qualquer outra coisa, afora o amor da minha mãe.

Massi lançou vários olhares para mim. Garotos italianos são bons de contato visual. Eu parecia mais velha de vestido de ombro de fora, com meu cabelo comprido e escuro e o batom coral da bolsa da minha mãe. Eu não via a hora de me apaixonar desde o jardim de infância. Tive várias paixões antes, vivia gamada em meninos desde Jeremy Bronn com seus dedões calejados. Quatro anos antes, na seção de lingerie de uma loja de departamento, eu tinha tirado da arara uma camisola safira de *plush*, com cinta-liga e espartilho de renda. Implorei para minha mãe comprar, e ela, ou por levar o pedido na inocência ou por entendê-lo como ninguém, me deixou levar a peça sedosa de dormir. Na privacidade de casa, eu vestia a camisola larga e cintilante sobre minhas pernas de varapau e meu peito reto.

Fiquei vendo minha mãe se embriagar. Ela estava gargalhando alto com alguns dos músicos, mais alto que o normal. E passou um tempão do lado de uma mulher linda, de rosto de pedra, com uma piteira de marfim. Senti subir um ódio em mim aquele dia, um ódio que ficou sempre à espreita. Minha mãe me trancou para fora do quarto dela várias vezes na vida, e eu chorava e implorava à porta, esmagando as pontas dos dedos contra a madeira barata de pinha, e por onde andava meu pai? Eu não sabia muito bem, fazia tanto tempo, mas eu me lembrava da amargura que sentia, e tudo voltou naquele momento, vendo minha mãe rir com pessoas novas de um jeito meio

malicioso. Usando um colar de ossos no pescoço. Ah. O colar de ossos da minha mãe.

Foi então que apareceu o menino, Massimiliano, com seu cabelo ruivo denso e seu jeito de andar cheio de si, tentando arranhar meu idioma, *Andare* comigo?, e escapuli com ele. Meu pai estava distraído e sempre pensava em mim como a menininha dele, linda sem nenhuma implicação sexual, e assim deixamos o campo de visão dos convidados e chegamos à sombra fresca de uma alameda de ciprestes. Massi colheu uns figos e me deu. Ele tinha surrupiado meia garrafa de *grappa* de uma das mesas. Parecia ser uma péssima ideia caso ele fosse um primo, mas não perguntei, só passou pela minha cabeça, e minhas bochechas ardiam como as bocas do fogão que tínhamos na casa de Pocono, desses com mesa de vidro temperado e sem ferro que esquentavam e ficavam vermelhos assim que você virava as costas.

Espera, ele disse, e saiu e voltou com dois copos de suco. Ele pegou os figos da minha mão, colocou-os nos copos e completou com três dedos de *grappa* para cada. É tim-tim que você fala?, ele disse, e tomamos um gole de *grappa* e quase engasguei, mas o primeiro amor é assim mesmo.

Aquele foi o ano antes de meus pais morrerem, se ao menos eu soubesse. Mas eu sabia. Ao longo de todo aquele dia ensolarado, eu sabia. À noite, quando voltamos para pegar os figos e eles estavam inchados com um dos licores mais fortes do mundo, eu sabia. Quando o menino me beijou, lábios e língua, mais sensual do que eu imaginava, eu estava bêbada de um jeito mais maduro do que qualquer outra bebedeira que eu viria a ter no futuro, e eu sabia que aquele era o primeiro e último dia perfeito da minha vida. Queria contar esse dia para a Alice. Queria esfregar a cara dela no pasto pisado pelas vacas. Queria que ela soubesse de tudo o que tinha tirado de mim.

9

NO DIA SEGUINTE O CAFÉ DE COMIDA SAUDÁVEL ME CONTRATOU. NUNCA nada tinha sido tão fácil. Um cara me ligou. O nome dele era Jim e eu jamais o veria. Ele arrotou do outro lado da linha. O telefonema era para ser uma entrevista, mas ficou parecendo que eu já estava contratada antes mesmo de nos falarmos.

— Precisamos de alguém que venha todos os dias. Você poderia cobrir todas essas datas?

Eu estava fritando um ovo no meu fogão amarelado. Sempre que aceitava um trabalho ficava apavorada, como se estivesse prestes a ser mandada para a prisão. Para a maioria das pessoas, é o contrário. A grana é libertadora, então veem as horas de trabalho como uma saída. Tenho uma relação estranha com dinheiro, como já comentei com você. Já ganhei presentes que cobrem um ano inteiro fazendo café com leite vaporizado.

— Posso, sim — eu disse.

Quando virei o ovo, a gema escorreu. Fiquei tão chateada que perdi o fio da meada até ouvir Jim falar do valor por hora. Era menos que a metade de uma aula de ioga no estúdio. No noticiário da semana um legislador tinha dito que americanos desfavorecidos que reclamavam do preço da assistência médica deveriam abrir mão de comprar o celular novo que tanto queriam para gastar o dinheiro com seguro.

— Que tal?

Vi River pela janela. Ele estava carregando a carroceria da caminhonete de trabalho com painéis que pareciam ser bem pesados. A lateral do veículo dizia SOLAR FORWARD. Um sol estava manuseando um cortador de grama. River estava de bandana e camiseta branca. Fiquei vendo os braços se moverem à luz do sol.

— Fechado — eu disse. — Quando eu começo?

— Amanhã.

— Ótimo.

Pensei que poderia pedir as contas a qualquer momento. Na verdade, eu só queria desligar o telefone. Na noite anterior Leonard só tinha ido embora depois que bocejei três vezes, bem agressiva da última vez. Eu já tinha lavado toda a louça. Fiquei batendo as panelas, mas ou ele não se tocou ou não quis se tocar. Assim que ele foi embora tomei dois comprimidos e tentei não pensar no menino do Vic.

Fui lá fora. Passei por River quando ele estava em cima da carroceria e abri meu carro. Eu não tinha nada para tirar de lá de dentro. Peguei um pacote de chiclete no console felpudo.

— Ei — ele disse.

Estava tão desperto. Sorri e protegi os olhos da luz e me odiei por acordar tão tarde todo santo dia.

— Estranho, sonhei com você.

— Ah, é?

— Verdade. Você era uma mulher-lobo. Ah, não no mau sentido. Foi por causa daquela música, eu acho. Você estava revirando a casa atrás de cobertores, o que não faz o menor sentido com esse calor que está fazendo.

O garoto de Nova York, Jack, era exatamente assim. Os novinhos fazem você se sentir desejada, mas também passam a sensação de que podem agarrá-la ou deixá-la a qualquer momento. Jack tinha bolas caídas como os relógios de Dalí. Não tinha a menor vergonha disso. Ele deixava o apartamento que dividia com dois outros meninos em Hoboken e vinha até o meu. Dizia que meu apartamento violava um código de diversão. Que passava semanas sem a menor curtição. Quando sentia falta dele, eu escrevia, tudo em letra minúscula, qualquer coisa sobre qualquer coisa que eu precisava mostrar para ele.

Vc tá tentando me atrair pra sua fortaleza urbana?, ele respondia.

não sei, será? é que minha fortaleza urbana está ruindo com o fardo da violação do código por falta de diversão. precisa ser violada...

Vic sabia de Jack. Foi ele quem veio com isso de *o garoto*. Ele me chamava de garota até que comecei a sair com um novinho. Você vai ser arregaçada pelo garoto esse fim de semana, é?, Vic perguntava. Falei para o Vic das bolas coral caídas do Jack. Ele perguntava se eu servia biscoitinhos com leite para o garoto depois da foda. Se ele sentia a minha raiva, dizia: Brincadeirinha, garota. Uma mulher como você vai ser sempre uma menina. Ele é o filho da puta mais sortudo do mundo, pelo menos até você enjoar dele.

River era mais atraente que Jack. Ri do sonho dele, embora tivesse o poder de me fazer sentir destemida. Desejei um bom dia de trabalho para e segui até a porta dos fundos de casa de modo que ele pudesse olhar para o meu traseiro. Eu estava usando meu shortinho cinza de dormir. Os comprimidos bateram, e fiquei zozza.

Assim que fechei a porta, pressionei dois dedos no meio das pernas com uma força moderada. Eu teria sido capaz de gozar fácil assim, na hora. E bem que eu queria, para depois ligar para o Vic e dizer que tinha um garoto novo no pedaço. Aquilo me virava o estômago.

NÃO SABIA COMO ME VESTIR PARA O PRIMEIRO DIA DE TRABALHO NO CAFÉ saudável. Eu sempre quis não me importar tanto. Tenho as roupas da minha mãe para dar para você e algumas das minhas peças favoritas. Você pode jogar tudo fora, mas aprendi que é bom ter coisas de tecido. É um jeito acessível de preservar a memória.

Parei o carro no pequeno estacionamento. Meu Dodge parecia velho e triste perto dos dois conversíveis despudorados. Passei pelo estúdio, mas não espiei. Era assustador saber que ela estava lá. Eu a imaginei sentada em um banco feito com um só tronco de árvore, minha mãe e meu pai em volta. Falavam de mim como se eu não fosse entender algo. Visualizar os três juntos era uma das coisas mais sórdidas que eu já tinha feito.

Quando entrei, Natalia estava enxaguando canecas na imensa pia prateada.

— Tudo bem? — eu disse, olhando nos olhos de Bambi dela.

— Ah, tudo, sim — ela disse, e perguntou se eu queria um café, o que foi simpático da parte dela.

Pelo jeito iríamos fingir que o acidente que testemunhamos juntas nunca tinha acontecido. Dava para ver que ela estava nervosa por treinar uma pessoa quase vinte anos mais velha.

Ouvi tudo por alto exceto pela explicação da máquina de café e da caixa registradora. As duas coisas tinham muitas peças, e fiquei com receio de cometer algum erro. Natalia não era uma boa professora. Falava muito baixo e muito rápido e atropelava as coisas importantes. Para ajudá-la a se acalmar, perguntei de onde ela vinha. Era tão burrinha.

— Salinas — disse. — Meu pai trabalha em uma fazenda.

Era o máximo que ela estava disposta a falar. Não perguntou absolutamente nada sobre mim.

Ela chegou bem perto de mim enquanto fazia a demonstração de uma alavanca debaixo da máquina La Marzocco. Cheirava a perfume barato de baunilha. Quando escrevia mensagens no celular, suas belas unhas cor-de-rosa apunhalavam a tela com habilidade. Folheei o manual da cafeteira. Li os ingredientes das barras de chocolate.

Em torno do meio-dia o sino em cima da porta tilintou e entrou um homem. Era um cinquentão acabado, largado e muito bonito.

— Tudo bem com você, Natalia? — ele disse.

— Tudo bem, obrigada — ela disse.

Ele olhou para mim.

— Tudo bem? — disse.

Ele falava como se não precisasse de resposta, mas era o bastante para mim. Fiz que sim e sorri.

Tirei as canecas secas do escorredor e coloquei na prateleira. Ele pediu uma sopa verde para Natalia. A cozinheira, uma mexicana sagaz chamada Rita, fazia a sopa a cada três dias e deixava em um tonel. Era um purê de aspargo, couve e cebola, e levava bastante manteiga. O câniom todo era maluco pela sopa. Ele foi se sentar do lado de fora.

Eu tinha ficado abalada por causa dele, e de repente entendi por quê. Ele me lembrava o Big Sky, como Big Sky seria dali a dez anos. Alice me faria ver essas coisas, minha queda por certo sabor de homem, certo tipo de autodestruição idiota.

— Ele vem sempre aqui? — perguntei para Natalia.

— O Dean. Vem. Ele era famoso.

— Qual é o sobrenome dele?

— Ah, não sei. Mas era do Doctor Johnson, sabe? O vocalista.

Quando a sopa ficou pronta, falei para Natalia que levaria para ele. Não manjava muito de Doctor Johnson. Eu conhecia a música “Jessica’s Father” e sabia que eles interpretavam poemas de Shel Silverstein.

Ele estava recostado na cadeira, as pernas esparramadas com jeans. Os mocassins dele eram caros e as sobrancelhas avermelhadas, como se tivesse tentado tingir o grisalho. Dava para ver que ele tinha feito um procedimento nas pálpebras, e não consigo explicar por que me sentia atraída por homens velhos que fingiam ser novos. Eu também gostava de narigões, expressões desonestas. Homens que não se davam ao trabalho de nada, mas eram simpáticos. Ego. Antigos quarterbacks colegiais. Homens que traíam.

— Sopa da deusa — comentei, deixando o bowl de cerâmica diante dele.

— Obrigado. Você é nova aqui?

— Sou, sim.

— Nova no cânion também?

— Eu sou.

— Está gostando?

— Ah, não sei.

Que pergunta besta. Detesto quando me fazem perguntas bestas assim.

Ele abriu um sorriso. Eu podia ver claramente a juventude dele. Eu via homens mais velhos como eles ainda se viam. Era por isso que gostavam tanto de mim. Eu era um painel solar, absorvia e refratava e reenergizava.

— Às vezes é um lugar estranho — ele disse —, mas é o melhor ar de Los Angeles.

Tinha o mesmo sotaque de praticamente todos os homens de que já gostei.

Big Sky, claro, tinha sotaque. Tinha crescido no sul do país. A voz dele era heroica. Sotaques também são uma mentira.

Eu o conheci em um bar chique de Wall Street que ficava no subsolo, com lustres pendentes e sofás de couro vermelho. Isso foi na época do Vic. Quase sempre na minha vida havia ao mesmo tempo um homem que eu desejava e que não me oferecia nada e outro que não mexia comigo, mas quem eu sugava bastante.

Big Sky estava usando um casaco de caxemira com um colete de pesca por baixo. Assim que bati o olho nele, pensei, É o homem mais incrível de toda Manhattan. Fizemos contato visual a uns dez metros de distância. Ele tinha olhos azuis também, de um azul ainda mais profundo do que os olhos do meu pai. Comecei a suar quando ele veio na minha direção. Aquela umidade instantânea debaixo do braço. Eu estava com um prato de ostras e uma taça de Gewürztraminer na minha frente. Ele estava a caminho do banheiro. Parou de propósito perto de onde eu estava sentada e o barman nos

apresentou. Dissemos oi e no mesmo instante entendemos o que estava se passando entre nós.

Na volta do banheiro ele me perguntou das ostras. Feito uma idiota, falei que preferia as ostras da costa oeste às ostras da costa leste. Depois de pedir com jeitinho e educação se podia provar, sorveu uma ostra de sua praia pedregosa como se soubesse o quanto eu já o desejava.

Ele estava no bar com um amigo, um homem meio loiro que era casado e morava em um bairro de família mais afastado. O abismo entre eles era imenso. O amigo era um cara regular com uma gravata regular. Pegava o trem para o trabalho e a esposa dele não precisava se preocupar.

Eu me perguntei se a esposa do Big Sky tinha com que se preocupar. Vi uma foto dela quando ele foi me mostrar uma do filho pequeno. Cabelo castanho longo, com um corte certinho, pernas desinteressantes. Ela trabalhava na cidade, com alguma coisa criativa, antes de pedir demissão para se dedicar ao filho. Era de uma cidade e de uma família que deixavam Big Sky orgulhoso. Corria no parque toda manhã.

Big Sky apontou para o amigo com seu lindo polegar.

— Acredita que o cara ainda se abstém na Quaresma? Não é trágico?

Ri alto demais.

O bar, voltado para coquetéis de happy hour, começou a esvaziar às nove da noite. O barman abriu a porta e senti a brisa geladinha de primavera. Fiquei com frio. Estava usando um vestido sem mangas. Um cara do bar que eu conhecia veio com o casaco dele, um sobretudo grosso de retalhos de couro, e colocou nos meus ombros. Era pesado e pendia do meu corpo franzino com um ar tirânico. Não foi um gesto legal. Era como se ele tivesse estendido as bolas para mim. Homens viviam colocando seus casacos nos meus ombros. Marcam território assim. É melhor congelar até morrer.

Big Sky tinha ido ao banheiro ou estava fazendo um telefonema e eu não pensava em nada além dele, mas tolerei umas conversas com outras pessoas porque no dia em que você conhece alguém assim você ainda tem um senso de decência, ainda pode ter um interesse na vida para além de cada fio de cabelo dele.

Ele voltou e disse: O que é isso?, tirou o sobretudo dos meus ombros e o trocou pelo casaco de caxemira dele. Ele ajeitou o casaco, um dos dedos dele relou na minha carne e ele disse: Melhor assim, não acha?

O amigo foi embora porque tinha um trem para pegar. Conversamos por mais uma hora. Ele trabalhava em finanças. Falou abertamente sobre o que

estava acontecendo, o colapso de Wall Street.

Ele me olhou nos olhos por cima da cerveja dele com cheiro amargo e comentou que ele e todos os homens lá não passavam de um triste bando de perdedores.

— Não criamos porra nenhuma — ele sussurrou perto da minha boca. — Trocamos papéis. E não vale nada.

Era o mesmo tipo de coisa que Tim dizia, mas Big Sky ganhava ainda mais dinheiro. A desonra dele era mais dramática, mais sexy.

Quando os homens contam para você que são uns merdinhas, quando contam que são lixo, é porque no subconsciente sabem que você está fisgada. E isso deixa você ainda mais na dele. Eles afastam você para puxá-la de volta e o mais terrível de tudo é que não é nem de propósito.

Falei para ele que precisava de um contador, que estava no meio do meu próprio colapso. Ele sorriu e disse que tinha o melhor para indicar. Disse que ele mesmo me daria bons conselhos sobre investimento. E que o contador dele era do tipo que deveria ir para a prisão, mas jamais iria.

— Me escreve ou me liga — ele disse. — Eu coloco vocês em contato.

Então ele disse que também precisava ir. Anotou o nome inteiro, telefone e e-mail dele em uma comanda.

Naquela noite voltei para casa me sentindo linda.

Uns dias depois escrevi para ele. Minha mensagem foi toda em um tom de negócios e ele escreveu de volta, *Que tal um drink próx quarta?*

Ele não era muito dado a pontuação, e eu achava o máximo porque mostrava confiança e despreocupação. *Eu topo, falei, mesmo lugar?*

Ele escreveu, *Que tal o spring lounge?*

Ficava umas vinte quadras acima do pessoal do trabalho dele e de onde eu morava.

Fui a pé. Era um dia claro de começo de primavera. Vesti um top de couro, jeans e bota de montaria. Prendi o cabelo em dois rabichos frouxos. Uns pensamentos hipocondríacos estavam passando pela minha cabeça. Câncer, basicamente. Tinha uma mancha preta e azul na parte de dentro do meu braço que imaginei que poderia ser o primeiro sinal de câncer no sangue. A dor de cabeça aguda significava que já tinha se espalhado para o meu cérebro. Eu me acalmei pensando que se estivesse morrendo tudo acabaria logo, inclusive o fato de não poder ter aquele homem que era o único por quem eu tinha sentido algo tão forte, apesar de só tê-lo visto uma vez.

Pensei em dar meia-volta. Mas eu estava bonita e uma parte minha sabia que eu precisava daquilo, que não dava para fugir de sentimentos assim mesmo quando eles estão errados. Liguei para minha tia, que falou para eu entrar. Que, por Deus, estava fazendo o dia mais lindo.

Então entrei. E o vi logo de cara. O Spring Lounge tinha uns janelões clássicos com acabamento abaulado, e o sol de Páscoa brilhava no rosto dele. Toda a ansiedade sumiu do meu corpo de uma vez. Ele parecia fruto da imaginação, vestindo o mesmo colete de pesca e calça cargo. Eu ainda viria a conhecer melhor e a amar aquele conjunto como uniforme dele. Ele tinha pedido duas cervejas e estava segurando uma mesa de canto para a gente.

— Espero que você não se importe — ele disse —, mas tomei a liberdade de pedir uma Stella pra você.

Falei oi, agradei e disse que precisava correr para o banheiro, onde olhei no espelho e berrei com o meu reflexo. John Fogerty abafou meu berro. Eu estava apaixonada.

Tomamos umas cervejas e não havia ninguém ali tão animado quanto a gente. Reluzíamos juntos. Eu tinha orgulho de várias coisas a meu respeito. O jeito como eu sabia deixar qualquer prato mais gostoso com sal ou cúrcuma ou parmesão ou raspas de limão ou cardamomo. Como eu era capaz de fazer uma pessoa se sentir confortável ou menor. Como eu raramente ficava bêbada ou fora de controle. Eu tinha orgulho até da minha dor. Me deixava enigmática e alerta. Mas nunca tinha me sentido tão bem comigo mesma como naquele momento, com a luz do sol passando por aquelas janelas bonitas e encardidas, sentada do lado daquele homem.

— Parece que esse seu contador secreto vai ser de grande ajuda. Já me meti em diversas situações insustentáveis.

— Escuta — ele disse, se debruçando na mesa. — A verdade é que não estou só querendo ajudar. Olha, eu estava animado pra vir aqui. Fiquei pensando nisso a semana toda.

Corei, e então fizemos o que as pessoas fazem em situações ilícitas. Fingimos que nada impróprio tinha sido dito enquanto curtíamos o calor disso à nossa volta.

Várias vezes tentei pagar uma cerveja para ele.

— Como forma de agradecimento — eu dizia.

Mas ele insistia:

— Não, não é assim que funciona. Cavalheiros é que pagam.

— Sou um certo tipo de mulher.

— Está bem, então me paga uma bebida em algum outro lugar, certo tipo de mulher. Este lugar já está ficando sem graça.

Caminhamos até o Tom & Jerry's, um bar que tinha o mesmo barman barbado fazia anos. No caminho ele fumou maconha em um cachimbo de metal. Fumava da boa. Achei sexy. Passamos por uma igreja no SoHo e ele me falou dos entalhes. Ele sabia a história dos lugares. Conhecia bons bares. Não dava para determinar a fortuna dele muito bem, ficava em algum lugar entre um apartamento de dois quartos em Chelsea e um clássico apartamento de seis cômodos no Upper West Side. Falei qualquer coisa engraçada e ele riu, e então parou em um quarteirão de Manhattan por onde eu, no futuro desolador, sempre viria a passar, tentando reconstruir a essência daquela primeira noite. Ficava parada naquele mesmo ponto onde ele parou a gente.

— Isso é tão estranho. Sério. É o melhor primeiro encontro que eu já tive. Só que eu sou casado.

Eu estava tão contente. Contente demais. Devia ter ido com calma. Daria tudo para voltar no tempo e ir com calma. No Tom & Jerry's sentamos lado a lado no balcão. Bebemos gins-tônicas. Ele elogiou meu cabelo e minha inteligência. Nossas coxas estavam encostando, meu jeans contra a calça cáqui dele. Senti o calor da perna dele através do tecido. Eu nunca tinha desejado tanto alguém.

— Nunca desejei tanto alguém — ele disse. — Tenho uma esposa e um bebê me esperando em casa. Preciso ir.

Ele pagou e saímos do bar e lá fora tinha começado a chover, deixando as ruas mais escuras. Aquele pedacinho da Elizabeth Street viraria sagrado. Em questão de meses seria como se o amor da minha vida estivesse enterrado sob os maços de cigarro e as flores de magnólia caídas. Ele chamou um táxi. Passou um voando.

— Esse a gente não queria mesmo — ele disse, rindo.

Passou um outro e parou, e Big Sky abriu a porta para mim. Quando fui entrar no carro, ele segurou meu ombro.

— Ei — ele disse. Jesus.

O rosto dele me lembrava um lobo. Tinha um nariz longo e olhos azuis astutos. Não parecia ser um mentiroso. Era sexy como era centrado em si.

— Posso te dar um beijo? — ele disse.

A impaciência do taxista era palpável, mas ninguém mais importava.

— Pode.

Ele chegou perto. Meu coração era uma pedra batendo no meu peito. Foi um beijo de boca aberta, mas sem língua e não durou mais que três segundos. Aquele beijo foi mais sexo do que qualquer sexo que eu já tivesse feito. Talvez não fosse amor, mas não sei do que chamar o que senti por dentro naquele instante.

Está vendo como é um ciclo? Lá estava eu, parada do lado de um vocalista de uma banda de folk dos anos setenta. Sentindo atração por aquele homem murcho porque ele parecia Big Sky, porque eu desejava homens com vidas felizes das quais eu nunca faria parte. A experiência com Big Sky tinha me atravessado. De certa forma, Big Sky foi responsável pela morte do Vic. Um homem como esse pode ser responsável por cada pequena e grande coisa na vida de uma mulher. Uma mulher com quem ele não é casado e em quem ele não pensa muito. Mas não é culpa do homem. O homem não é nada. A questão é o que você acha que está faltando dentro de si. Prometo para você que não está perdendo nada.

EU NÃO SABIA SE AGUENTARIA VER ALICE DE NOVO. GOSTO DE PENSAR QUE estava à espera, afiando uma faca, mas estava apenas adiando a última coisa que tinha a temer.

Cogitei escrever uma carta para ela.

Querida Alice,

Vivi uma vida de sofrimento. Até onde sei, você não. Tenho uma coisa para te contar, e você tem uma coisa para me contar. Estou completamente sozinha. Pensei em me matar, mas queria te conhecer antes. Sou depravada. Espero que você goste de mim.

No caminho do café para casa cruzei com River passeando com um cachorro. Estavam na beira do mirante que fica logo antes de Comanche. O sol e o mato compunham um quadro em volta deles.

Não era um cachorro de raça, era cinza e marrom com uma barbinha de schnauzer e do tamanho de um pastor. River veio até minha janela aberta e disse: Esse é o Kurt.

Ele me contou que Kurt era um vira-lata que ele tinha encontrado em um abrigo sujo em Marina del Rey. Homens e seus cachorros. Levam os bichos com eles para tudo quanto é lado e nunca os abandonam. Diferente das mulheres e dos filhos. Cachorros não pedem nada de um homem além de tudo que um homem quer dar.

O animal não estava preso por uma guia, mas ficou esperando de bom grado do lado dele enquanto a gente conversava. Tem algo de admirável em um homem que consegue manter um vira-lata a seus pés. Me deu vontade de transar com ele.

Tudo, tudinho o que eu estava fazendo era para que aquele novinho quisesse me comer. Quem são essas pessoas que têm conversas platônicas? São adultos.

Esfreguei o queixo no ombro, expondo metade do meu pescoço. Não soube dizer se ele ficou excitado, então fiz vinte outras coisas. Invejar outra mulher me deixava feia de tão carente.

Eu precisava ir embora primeiro — você sempre tem que ser a primeira a ir —, então dei tchau e saí dirigindo como uma pessoa que dirige sem a menor prudência. Dei a volta na casa que tinha um portão de alumínio ao redor. Palmeiras despontavam por trás do metal e uma buganvília se estrangulava por entre as grades. Não dava para ver nada a distância. Boa parte do cânion era assim. Por trás de uma murada de árvores e cerca poderia haver uma casa gloriosa com carros bacanas na garagem, cavalos ao longe e plantações; ou poderia haver casas agrupadas como a nossa, estruturas arenosas em adobe, o oculto. Aquela casa, Lenny tinha me dito, era um antigo paraíso de *swing* chamado Sandstone. Banheiros compartilhados e áreas para dormir, banheiras de hidromassagem, mulheres peladas enxaguando as pernas em fontes naturais. Você fazia uma entrevista de dia, e se passasse, podia voltar mais tarde para uma noite de teste. Se fosse atraente e sensual, podia acabar recebendo um convite para virar membro. Lenny falava como se tivesse apenas escutado as histórias e nunca frequentado. Mas descrevia nos mínimos detalhes as mulheres com o cabelo todo trançado pulando em camas elásticas com estampa de vaca enquanto o sol se punha atrás das montanhas vermelhas.

Naquele momento, enquanto passava pelo portão enferrujado, tive o pressentimento de que me tornaria uma assassina.

10

UM DOS MEUS MOTIVOS PARA TRABALHAR NO HOSPITAL DO CENTRO ERA ME dessensibilizar. Eu ainda acordava aos berros de madrugada, tateando a cama à procura dos corpos deles. Então ficava vendo os médicos do pronto-socorro jogarem conversa fora, os braços balançando tacos de golfe imaginários enquanto vidas breves e longas terminavam ao redor deles. Fui trabalhar no hospital para aprender na prática. Que a morte era corriqueira e não tão ruim assim.

Não deu certo. Numa tarde de setembro veio uma mulher e se deparou com a filha de maria-chiquinha entubada. A menina tinha saído correndo atrás de uma borboleta na rua e se afastado dos professores no parquinho. Tinha sido atropelada por um ônibus. A mãe não conseguia entender. Mas um ônibus é tão grande, ela ficava dizendo. As enfermeiras não compreenderam, mas eu, sim. Ela queria dizer: Como um ônibus simplesmente *bateu* no corpinho de varapau da minha filha? *Só* bateu. Implorei para as enfermeiras desfazerem o penteado da menina e elas resmungaram comigo como se eu fosse idiota. Mas eu sabia que quando a mãe visse as marias-chiquinhas, não seria capaz de tomar nenhuma decisão racional.

O que funcionou melhor para me dessensibilizar foi chutar Tim.

Tim trabalhava na AIG e isso foi em pleno colapso de Wall Street. Ainda aconteceria tanta coisa terrível depois do colapso que me pergunto se você vai

achar essa história lá grande coisa. Mas, na época, foi um período obscuro para pessoas obscuras. Homens que tiravam milhões por ano de repente se viram falidos ou amedrontados. A gente se conheceu em um restaurante. Eu costumava comer sozinha antes do Vic.

Tim estava com outro homem do mesmo tipo, e estavam sentados ao meu lado no bar onde, uns meses depois, eu viria a conhecer Big Sky.

Eu tinha escutado os dois pedirem uma garrafa de um vinho francês de 1966, primeira safra, de mil e quatrocentos dólares. O outro homem tinha dezessete stents no coração, pediu o filé e comeu as batatas fritas do prato do Tim. As caixas de som tocavam Elvis. O barman entornou o vinho em um decantador de gargalo longo. Era um pouco mais escuro do que sangue velho.

Perguntaram se eu queria provar. Eu disse não, não, não, mas insistiram. O barman trouxe uma taça para mim e ficou olhando Tim para ver quando devia parar de servir. Imagina que péssimo, nem sequer querer o vinho e ser submetida a uma dose calibrada. Ser medida desse jeito. Quanto será que eu valia, um golinho de cem dólares, ou duzentos e cinquenta?

— O que achou? — Tim me perguntou.

Ele estava ficando calvo e usava uma camisa de gola contrastante. Tinha dentes grandes e olhos que pareciam estar no meio de uma transa independentemente do que ele estivesse fazendo.

— Não é nenhum Yellow Tail — falei.

Na hora eles ficaram sem saber se deviam rir. No fim das contas Tim soltou uma risada, porque lancei um dos meus olhares para ele.

Fiquei para tomar mais uma taça. O barman limpou o balcão e o cheiro do *rib eye* se dissipou porta afora.

Na época, quando os homens de colarinho azul que trabalhavam na Ford pensavam em Wall Street, suas veias saltavam. Só de pensar em bares como aquele, rótulos de vinho a trezentos e cinquenta dólares por cálice... Não que eu solidarizasse com homens como Tim — não havia nada digno de pena em um desses engomadinhos de Wall Street —, mas o outro lado simplificava demais. Era um ódio desproporcional e, para falar a verdade, homens como Tim queriam mesmo que a gente os detestasse. Se você dissesse para eles que não eram perversos, diriam que eram, sim. Os homens não querem necessariamente ser os vilões da história, mas também não querem ser caras comuns.

— Ali embaixo — Tim comentou comigo, apontando para as mesas do estabelecimento, para as garrafas dos homens e as taças das mulheres —,

depois do expediente, dá para ver todo dia se tivemos um dia bom ou ruim. Dá para saber sobre o mercado pelo clima deste bar. Trabalhamos duro e damos duro e de noite celebramos ou afogamos as mágoas. Não é nada saudável. É como um boxeador depois de um round... seja bom ou seja ruim, ele sai do ringue sem a menor condição.

Acho que gostei da honestidade dele. Tinha um quê de inocente e um quê de cavalheiro. Vic seria parecido. Todos eles, reles substitutos do meu pai.

Quando fui pagar a conta aquela noite, meu cartão foi recusado. Nunca tinha acontecido comigo, ou melhor, aquele era só o começo de uma vida passando por esse tipo de situação.

— Deixa comigo — Tim falou para o barman.

Ele empunhava o cartão *platinum* entre os dedos como se fosse uma espada.

Não foi muito barata a minha conta. Eu tinha pedido o *foie gras* e o *steak tartare*, mais algumas taças de vinho. Comer daquele jeito era o único consolo que eu conhecia.

Ele pegou meu número de telefone e eu peguei o dele, e no dia seguinte estava prestes a escrever, dizendo que mandaria um cheque para o endereço do escritório dele. Mas ele me escreveu primeiro. Perguntou se eu não conhecia alguma mulher, alguma menina, para o amigo dele que gostava de levar chutes.

Veio outra mensagem logo em seguida.

O amigo sou eu, dizia, com uma carinha piscando.

Olhei ao redor do meu quarto. Era um apartamento jeitoso e limpinho para onde tinha me mudado fazia pouco tempo e temia que me botassem para fora. Mal estava mobiliado porque eu tinha perdido o emprego no hospital. Perdido, não. O contrato tinha acabado. Uma semana antes eu tinha cancelado minha assinatura de TV a cabo e devolvido dois vestidos da Bergdorf já usados. Aceitavam de tudo na época, etiqueta arrancada, cheiro de cigarro. Não sem um preço, claro. As mulheres juntavam as peças, cheiravam e olhavam para você como se fosse ralé.

Tenho uma amiga que talvez se interesse, escrevi de volta.

Um minuto depois escrevi: *A amiga sou eu*.

Chutar o Tim foi mais saudável do que toda a carne dos jantares com Vic.

— Como é para chutar? Retinho, com o dedão?

Eu estava no quarto de hotel dele, no Soho Grand. Era um quarto minúsculo, mas sofisticado, escuro. Ele estava de pé, encostado na parede, com a camisa bonita de trabalho e o samba-canção elegante. As finas meias

pretas cobriam as pernas branquelas dele até a panturrilha. Eu vestia um terno de risca de giz cuja saia tinha uma fenda alta e um salto que ele tinha acabado de comprar para mim na região mais comercial de Manhattan. Estava irritada porque tinha deixado ele escolher o sapato. Um *peep toe* de couro envernizado e tira no tornozelo. Ridículo.

Ele fez que sim com a cabeça, afoito, porque dar instruções iria contra o espírito da coisa.

Estiquei a perna para trás cheia de pompa, então esmaguei os testículos dele contra o frigobar onde ficavam o decantador e os copos de uísque. O quarto estremeceu com o barulho. Ele gemeu, mas não se cobriu. Também não sorriu nem parecia estar em conexão sexual com a dor.

Naquela primeira noite, com Talking Heads de fundo, dei seis chutes nele. Depois ele ficou de conchinha comigo na cama. Eu o senti pequeno e duro contra a saia do conjuntinho. Ele se mexia em movimentos curtos, para cima e para baixo em vez de para a frente e para trás. Ficou com a palma da mão grudada na minha cintura, como a mão paralisada de uma vítima de derrame. Descemos para jantar cedo no restaurante do hotel. Pedi um aperitivo de polvo e ele foi de salada de endívia. As folhas estavam lustrosas, com uma modesta camada de azeite e limão. Nós dois bebemos água, então ele voltou para Connecticut e eu voltei para casa, para o meu estúdio, com mil dólares na mão.

Nunca sabemos quão pior pode ficar. Isso é a melhor coisa que temos na vida. Quando criança você rala o joelho e na primeira vez arde horrores. Reluz que nem mica até começar a cicatrizar. Por uma semana, se tanto, você olha e pensa, Meu Deus, doeu tanto. Mas então uma criança se desprende de você. Talvez você devesse parar de me ouvir. Às vezes, acho que você não vai dar conta da vida sem as coisas que eu aprendi, e às vezes penso justamente o contrário. Mas o que eu acho mesmo é que você não vai me amar.

11

NO MEU TERCEIRO DIA NO CAFÉ DE COMIDA SAUDÁVEL TRABALHEI SOZINHA. Natalia tinha ido embora. Ela, as tranças e o chapéu de caubói dela tinham voltado para casa em Salinas para o verão.

O cantor *folk* desgrenhado apareceu ao meio-dia. Pediu a sopa verde e ficou ali mesmo, esperando sair. Eu não tinha esboçado o menor sinal de saber quem ele era. Tinha certeza de que em algum momento ele acabaria tocando no assunto, agora que Natalia não estava mais lá.

— Sabe, quando o Doctor Johnson era famoso... Você conhece alguma música nossa? “Jessica’s Father”?

— Conheço, sim. Sou fã.

— É mesmo?

— Não.

Ele estava debruçado no balcão fitando o teto entre nós. Usava uma calça informal de marca e uma papete de couro e não ficou ofendido.

— Quando a banda estava em alta, a gente fez um show no Theatricum Botanicum, ali embaixo. Um casal de amigos hospedou a gente em Tuna Canyon e nos trouxe aqui para almoçar. Uma mulher jovem e linda estava servindo arroz e feijão. Tinha *leche* na geladeira e Pepsi. Agora olha só para este lugar.

Meu telefone vibrou em cima do balcão. “Esposa Vic”, dizia o identificador de chamadas. O timer do forno apitou. A sopa de Dean estava pronta. Algumas tigelas de sopa eram espessas, marrons. Outras eram ralas, fininhas, em rosa-claro. Não podíamos deixar os clientes levarem eles próprios essas mais finas para a área externa.

— Posso acompanhá-lo até a mesa — eu disse.

Estava segurando o prato de sopa quente e meu telefone vibrou de novo.

— Não quer atender?

— Não, obrigada.

— É a esposa do Vic — ele disse, sorrindo. — Parece ansiosa para falar com você.

— “Esposa Vic” daria uma boa continuação para “Jessica’s Father” — comentei, e ele riu, mas não o bastante.

Uma mulher mais velha estava sentada em uma mesa à sombra. Usava óculos e era ruiva, de cachos cheios. Eu tinha vendido um chá de *rooibos* para ela fazia horas e ela ainda estava na metade. Nem sequer suava. Ela tinha comentado comigo que cuidava de flamingos em um jardim de flamingos e que se eu quisesse fazer uma visita, era só aparecer.

Dean Johnson se sentou e apontou o polegar na direção da mulher.

— Se algum dia você se perder, pode se localizar pelas velhacas. Em Beverly Hills, parecem uns galgos. Aqui no cânion são sempre umas ripongas murchas de cabelo vermelho.

Deixei a sopa na mesa e ele aproveitou para medir meu pescoço. Eu gostava quando homens bonitos olhavam para as partes menos óbvias do meu corpo.

Voltei para o balcão e tinha uma mensagem da esposa do Vic:

me liga sua vadia

QUANDO ALICE APARECEU, EU ESTAVA NO CELULAR, EM UM APLICATIVO DE compra e venda que tirava fotos de um item qualquer e automaticamente subia uma descrição e um título, e você dava o preço. Em algum ponto de um raio de vinte e cinco quilômetros, quem quisesse seu pacote de Super Bonder mandava uma mensagem combinando de retirar com você.

Eu estava rodando o café, tirando fotos dos cestos de *bukedo* e ráfia. Pedia dez dólares acima dos preços listados para cada item. O plano era me encontrar com os interessados depois do expediente e embolsar o lucro. Tinha marcado a localização em Beverly Hills e colocado uma foto minha em

Sayulita no perfil. O cabelo trançado, biquíni branco, sentada na areia em postura de lótus.

Quando ela entrou, tropecei em um cesto e quase caí. Não estava preparada para que *ela* viesse até mim. Fico falando da beleza dela, mas não quero que você pense que importa tanto assim. Só importava isso tudo para mim.

Eu podia sentir o cheiro do suor dela. Me lembrou o suor do meu pai. Dei oi, e ela me cumprimentou de volta.

As sobrancelhas dela eram volumosas. O cabelo parecia estar cheio de areia e todo suado. Eu não era uma dessas mulheres hétero que diziam sentir atração por outras mulheres. Quem eram essas mulheres, afinal? Eu podia ver na cara delas, estavam tentando impressionar quem quer que estivesse ouvindo — homens — com sua fluidez. Eu entendia a inclinação, claro. Mas com Alice o que senti foi muito puro e chocante para mim. Quando olhei para ela, não senti desejo. O que eu queria era devorá-la, queria me tornar ela. Queria passar a mão entre as minhas pernas e sentir a boceta dela ali.

Perguntei, nervosa, qual era o pedido dela, ao que ela respondeu, animada:

— Uma sopa verde, por favor!

Ela falava de um jeito tranquilo, segura de si. Eu nunca tinha morado em um lugar por tempo o bastante para puxar conversa com atendentes de balcão, assim na intimidade.

Fiquei com vergonha, como se ela pudesse enxergar dentro de mim: meu turbilhão de pensamentos, minha solidão, meu sofrimento e, o mais humilhante, minha inveja mesquinha.

Ela se dirigiu à geladeira, pegou uma latinha de Tecate e levou até o balcão. Colocou a cerveja debaixo do braço e enfiou a mão no bolso traseiro da leggings. Me deu uma nota amarrotada de dez dólares e olhou na minha cara com afinco. Chegou tão perto que dava para sentir o cheiro do shampoo de maçã dela. Bateu o instinto de me afastar, mas reprimi. Ou ela reprimiu por mim. Não sei como aconteceu, mas nossos rostos pairavam sobre o balcão como ímãs.

— Posso fazer uma pergunta? — ela enfim soltou.

Eu podia sentir a bruma do hálito dela nos meus lábios. Fiz que sim. Me senti fora da validade. Ela respirou fundo e abriu um sorriso como se tivesse vencido a primeira interação. E tinha mesmo.

— Você raspa o rosto? — ela disse.

Fingi uma surpresa protocolar e me odiei por isso. Falei que não, e ela sorriu.

— Perguntei porque você tem uma pele tão lisinha. As mulheres andam raspando o rosto agora, pelo visto. Dizem que os homens parecem mais novos do que as mulheres porque fazem a barba todo dia. Acaba que eles removem uma camada da epiderme, e por isso a pele está sempre se regenerando.

Alice encostou no próprio rosto.

— Cresceu pelo em mim este ano — ela comentou.

— Bem — eu disse —, somos animais.

Tentei soar impassível, mas senti que estava explodindo. Queria sair correndo. Passei a vida toda sem me importar com o que as mulheres pensavam de mim. Mas não passava de uma mentira que eu contava a mim mesma para poder contar aos outros. A verdade era que eu tinha medo de mulheres.

Quando levei a sopa lá para fora, ela puxou mais conversa. Apontou para a cadeira na frente dela e perguntou se eu não queria me sentar, como se fosse eu que estivesse querendo bater papo, e não o contrário. Ela usava uns brinquinhos de rosas que reconheci de algum lugar.

O pátio ficava colado a um morro. As pedras perto do nosso rosto davam uma sensação de reclusão e claustrofobia. Eu estava no meu horário de almoço, então eu não teria problemas por ter deixado um aviso na porta dizendo VOLTO LOGO em uma letra ao estilo dos anos setenta. Era permitido, mas era a primeira vez que eu fazia isso desde que tinha começado a trabalhar lá. Bebi uma Tecate também. Nunca tinha curtido tanto uma cerveja.

Comentei com ela que era nova no cânion, e ela percebeu que eu tinha deixado Nova York por algum motivo, mas, como todas as pessoas seguras de si, não fez perguntas. Ela foi sociável logo de cara, me pegou desprevenida até, o que a deixava simpática, encantadora. Ao mesmo tempo parecia ser difícil de agradar e jovem demais para ser tão esperta.

Um homem forte de cabelo loiro passou pelo café.

— Um belo de um oito — ela disse.

— Quê?

— Quase não tem homem bonito por aqui. São dois, se tanto.

O homem se virou para olhar para a gente. Ela olhou de volta. Acho que ela seria capaz de acabar com qualquer casamento.

— Percebi, e olha que cheguei tem uns dias só.

— Hoje em dia não é pra gente gostar de homem — ela comentou, ainda olhando para o homem.

— Não de homem errado, pelo menos.

Ela concordou e se virou de volta para mim, deixando o homem lá, como se nunca tivesse reparado nele, para começo de conversa.

— Mas — ela disse —, homem certo é um tédio.

— Homem certo não mente. Não esquece de ligar.

— E quem é que vai atrás de homem confiável?

Fez-se um silêncio. Então sorrimos e caímos na gargalhada. Não há nada mais sensual do que uma mulher que faz você trabalhar para arrancar um sorriso dela.

— Não é melhor aqui? — perguntei.

— No quesito homem, você diz? Se é melhor que Nova York? Depende do que você está procurando.

— Já nem sei se quero alguma coisa. Perguntei mais por curiosidade.

Naquele primeiro momento, senti uma conexão vulcânica com Alice, diferente de tudo o que já tinha sentido na vida. Foi mais forte que qualquer ligação que eu já tive com um homem, com meus pais, mesmo com Gosia.

— Qual é o seu tipo de homem? — ela indagou.

— Tenho tipos demais.

— A gente não devia estar falando de homem. Imagina se alguém pega a gente no flagra. Era pra gente estar falando de carreira e satisfação emocional.

— Vamos falar de carreira, então — eu disse, apontando para aquele café ridículo ao meu redor, os cristais reluzentes.

Ela soltou outra risada, mas senti que era pura sorte, como se eu estivesse jogando *pinball* com uma alavanca quebrada e o defeito estivesse trabalhando a meu favor.

— O último homem com quem me envolvi era marinheiro — ela disse.

— Nossa, um marinheiro.

— Não, sabe, um desses caras que andam por aí com o barco do pai. Ele tinha um trabalho normal, o que quer que isso signifique em Los Angeles. E passava os fins de semana velejando.

— Ah. Um *marinheiro*.

— Pois é. Ele disse que na maior parte do tempo me imaginava dando para outra pessoa. Enquanto ele ficava assistindo.

— Acho que eu curto isso também — falei, me lembrando de como quase gozei quando imaginei River e uma garota transando dentro de um carro.

— A maioria das mulheres curte — Alice disse. — Acho que mais até do que os homens. Elas só não querem acessar essa parte do cérebro.

Ela foi até o estacionamento e voltou com um maço de American Spirit e uma caixa de fósforos de uma *osteria* de Roma. Colocou o maço na mesa e empurrou para mim, e balancei a cabeça. Mal pude acreditar que ela fumava. Me perguntei se não seria encenação para ostentar os fósforos. A caixa tinha o desenho de um menininho de macacão e bochechas rosadas comendo uva em cima do capô de um Fiat azul-bebê. Então me dei conta de que isso era algo que só eu teria feito, e passei um tempo ali tão investida em me odiar que Alice ficou com a impressão de que eu estava entediada. Falamos nossos nomes e não saiu faísca. Ouvir meu nome não a deixou balançada.

— Você está a fim de sair com alguém? — ela perguntou. — Porque aqui não vai rolar. Você tem que ir até Santa Mônica. Ou Hollywood, se não ligar para piolho.

Eu disse que não estava procurando nada e ela disse que estamos sempre procurando alguém, e a detestei e perguntei qual o tipo dela.

— Não sei bem qual é o meu tipo. Preciso testar todos antes de decidir. Estou por aqui de padrãozinho.

— Marinheiro já foi.

— Verdade. Posso riscar da lista.

— Eu quero um caubói — falei.

— Caubóis não existem. Que tal um lenhador? Um lenhador bem sóbrio. Charlie, o marinheiro, tinha um perfil muito bem-escrito. Foi o que me pegou. Quando estávamos na cama e ele me pediu para dizer o quanto eu amava o pau dele, fiquei desconfiada. Depois soube que um amigo dele de Nova York tinha escrito o perfil. Falei para o Charlie que o perfil dele devia dizer: *Netuno, deus dos Mares, procura Barbie Aula de Ioga para sexo com bate-papo.*

— Você aprendeu uma nova arte.

— Eu podia colocar isso no meu perfil. Como uma habilidade. — Alice abriu a mão como se fosse uma placa, com a palma para fora, e completou: — Também sei fazer isso.

Falamos sobre certos bares para mostrar uma para a outra que falávamos o mesmo idioma. Conversamos sobre plantas e livros e eleições e melatonina e raspar o rosto, mas no fim das contas voltamos a falar de homem. De meninos. Éramos meninas falando de meninos. Eu sempre tive um certo receio de que pensar em homem significasse não ser uma mulher forte. Mas Alice era forte e gostava de discutir estratégias mesquinhas para responder uma mensagem. Tentava, por exemplo, usar sempre menos palavras do que

quem escrevia para ela, nem que fosse uma diferença de uma só palavra. Disse que ultimamente as mulheres só eram consideradas fortes quando não falavam das coisas que amavam e que não as amavam, quando não se machucavam ou não se sujeitavam a eventuais humilhações, mas que na verdade força era querer o que você quisesse sem ter vergonha.

— Sua vez — ela disse. — Qual foi o último relacionamento que você teve?

— Não sei nem sobre qual te conto.

— Foram dois de uma vez?

Fiz que sim.

— Quero saber dos dois, mas primeiro me conta com qual você queria mesmo trepar.

Fiquei com vontade de perguntar “Como você sabe?”, mas não é bom elogiar muito uma pessoa no começo de uma relação. Afeta o equilíbrio de poder.

Ela abriu um sorriso e deu um trago no cigarro, tudo muito sedutor. Contei para ela do Big Sky. Do primeiro encontro. Contei como tinha terminado a noite, ele perguntando se poderia me dar um beijo na boca. “Que erótico”, ela disse. “Que jeito sexy de pedir um beijo.” Contei para ela que naquele fim de semana morri a morte da mulher solteira obcecada por homem casado. Fiquei imaginando que ele e a esposa estavam na feira de orgânicos, escolhendo berinjelas disformes e temperos para o molho do macarrão. Caminhei e caminhei e caminhei. Tentei “encontrá-lo”. Na sexta-feira mandei um e-mail e ele foi curto e grosso na resposta. Não só senti que eu tinha exagerado o romance da nossa noite juntos como passei a achar que era tudo coisa da minha cabeça. Não consegui comer nada além de brotos e floretes de brócolis enrolados em tortilhas de linhaça. Senti o estômago contrair e pensei, Pra quê, a essa altura? Acabou que o tempo abriu no fim de semana. Aonde quer que eu fosse, mães compravam laranjas suculentas e talos enormes de alho-poró e pais empurravam pequenas bundinhas nos balanços à luz do sol. Ninguém estava fumando. E eu fiquei digitando a senha do celular de dez em dez minutos para abrir meu e-mail, e nada. Não sei muito bem o que estava esperando.

— Talvez — disse Alice —, você estivesse esperando um *Desculpa a mensagem brusca na sexta, minha mulher estava do lado com o bebê no colo, então não deu pra escrever direito. Senti muito a sua falta.*

— Pois é — falei —, acho que era exatamente isso. E continuou na mesma. Passei a checar o e-mail de meia em meia hora para aumentar as chances de

uma resposta. Achei até que meu celular tivesse desistido de mim, sedento por um dono mais seguro de si. Veio a segunda-feira. Esfriou, e eu sosseguei.

— Deixa eu adivinhar — disse Alice.

Respondi balançando a cabeça.

— É ciência — ela disse. — O homem sabe o momento exato em que você larga o osso. O momento *exato*.

— Chegou um e-mail — continuei. — O nome dele. *Quer dar um pulo no Harry's mais tarde, tomar alguma coisa?* Não fiquei contente logo de cara. Fiquei foi atordoada, a garganta seca. Como é que pude sentir algo tão forte tão rápido? Eu tinha uma amiga que transformava toda foda de uma noite só no amor da vida dela. Mas eu não. Nunca tinha conhecido um homem como aquele. Te amo, eu disse para o meu celular. Puta merda, te amo.

Alice estava debruçada sobre a mesa, vidrada. Era bom que alguém entendesse a paixão, que era possível sentir algo tão forte por um homem depois de um encontro e meio.

— Demorei três horas para responder. Tomei um banho, sequei o cabelo e passei rímel. Enfim, às cinco, escrevi, *Bora*.

Eu animo. Maravilha, já estou a caminho, ele respondeu na hora.

— Você fez bem em demorar um tempo. Mas não é terrível? É assim que nos aplaudimos. Aposto que você queria bater nele e dar pra ele ao mesmo tempo. Com que roupa você foi?

— Um vestido florido de manga longa que ia até o meio da coxa e bota de caubói. Uma coisa meio a filha piriguete de um fazendeiro.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Sei, sei — falei.

— Desculpa. Continua.

— Ele já estava sentado a uma mesa, com o mesmo amigo loiro, e tinha tomado dois martinis. Segunda era dia de martíni, ouvi alguém comentar, e copos tilintavam. Ele olhou para mim.

— Você está com cara de que vai chorar.

— O barman me cumprimentou com um “Fala, menina”, e Big Sky sorriu. O amigo dele foi embora depois de dar oi e uns últimos goles no drink dele. Acho fascinante como os homens sempre sabem a hora de ir embora.

— Você acha que eles combinaram antes?

— Acho que não.

— Nossa, que sexy.

— Então ficamos a sós. Trocamos olhares por uns segundos. Vi ele medir as minhas pernas e curti a sensação de poder. Então ele disse: “Pensei em você o fim de semana inteiro”.

— Socorro.

— Ele tinha ido para a casa de campo da família, nas montanhas Catskill. Daí foi colocar um filme para assistir no porão da casa, um que ele tinha falado para eu assistir, e pensou em mim. Foi fazer uma fogueira, ele disse, e pensou em mim. Foi cortar lenha e pensou em mim. “E você”, ele disse, “você é uma VADIA”. E me deu um soquinho de leve no peito, bem entre os seios, mas com educação. Porque não respondi o e-mail dele na hora.

— Que filho da puta!

— E lá estava eu — falei, remoendo aquele longo fim de semana, o tanto que tinha tamborilado na tela do celular, os trinta passos com agachamento que dei pelo apartamento, imaginando que no meio-tempo ele me responderia. — Ele pegou um pote oleoso cheio de cerejas e disse: “Eu devia dar uma de cada vez para você. Mas não, estou aqui cedendo o pote inteiro de uma vez só”.

— Ele estava bêbado?

— Estava, mas não era um bêbado babaca.

Ela comentou que entendia o que eu queria dizer e sabia exatamente o tipo de homem que ele era. Fui até o bar e peguei mais duas cervejas. Depois precisaria repor o dinheiro no caixa. Daria uma hora de trabalho, mas eu não ligava. Quando voltei, ela estava recostada na cadeira. A pose — os olhos fechados, ainda que em busca do sol, o longo pescoço dourado — era digna de um iate.

— Obrigada — ela disse, pegando a cerveja. — Por favor, continua a história. Estou até sem ar.

— A gente se beijou — eu disse — ali no bar mesmo, que ele frequentava sempre. O barman estava na outra ponta do balcão. Aproximei meu corpo e coloquei a mão na coxa dele, de leve. Ele deixou uma nota de cem no balcão para pagar a conta de quarenta dólares. Eu me odiei por ficar impressionada. Saímos do bar e ele me colocou contra uma parede de tijolos, joguei as pernas em volta da cintura dele e nos beijamos mais. No caminho para a minha casa, um carro buzinou quando atravessávamos a Broadway. Ficamos rindo enquanto ele passava voando, sabendo que quem quer que fosse ao volante não sabia o que era estar empolgado por estar vivo. Estávamos de mãos dadas,

eu me sentia chapada. Pensei, Vou me lembrar pra sempre desse momento, tão lindo. Vou ser sempre grata.

— E é mesmo?

Sorri e balancei a cabeça. Queria chorar só de lembrar.

— Ele parece ser um baita de um cuzão. Pior que eu curto um cuzão também. Me conta o resto. Preciso de mais um cigarro.

— No meu apartamento rolou um oral. A gente ficou se agarrando feito uns animais. Esbarramos na porcaria do meu bar, a estante balançou e reparei especificamente no Rémy Martin. Era dos meus pais e eu nunca tinha encostado o dedo na garrafa nem deixado ninguém encostar. Mas em um futuro próximo, iria deixar ele beber. Não transamos, ele só me chupou, e eu fingi um orgasmo porque estava apaixonada. Depois, ficamos praticando umas posições de ioga juntos, de cachorro olhando para baixo, a do corvo e de volta para a prancha, quando tocou o celular dele. Ele estava com a respiração pesada, mas deu um jeito de segurar: “Oi, amor. Ah, não esquenta. Eu pego uma pizza no caminho pra casa. Já estou de saída aqui. Tá bom, te amo”. Ele sorriu como se não tivesse acontecido nada. Não foi cruel... É que ele estava altinho e não cabia no momento agir estranho ou comentar. Fui na dele. Rimos de mais umas bobagens e ele disse: “Então”. E eu disse: “Tchau”. E ele disse: “Se cuida, menina. Vou nessa”.

— E a esposa... — disse Alice, como se ela fosse uma personagem vital de video game que tínhamos esquecido de incluir no nosso jogo de capture o banqueiro.

— O que tem ela? — perguntei, tentando ser neutra, querendo saber se ela estava do lado da esposa ou do outro lado.

— A esposa está em casa, jogando fora os filtros velhos do café da manhã, cansada demais para cozinhar, e não faz a menor ideia de que o marido está na posição do corvo no apartamento de uma vadia.

— Você está me julgando — falei.

— Longe de mim. Não tem nada de interessante em moralismo. Fico intrigada com esse papinho besta de confiança. Nunca vou confiar em um homem que amo. Se confiar, é porque não amo ele tanto assim. E homem nenhum deve confiar em mim. Por favor, continua. Estou abalada com essa história. Fico interrompendo porque estou abalada, sem brincadeira.

— Dez minutos depois, meu coração ainda estava batendo forte e meu tapete ainda estava meio no chão, meio na parede, quando chegou um e-mail com o nome dele. *Bons sonhos*.

— Filho da puta! Esses homens têm mais é que morrer.

— Eu estava *tão* feliz. Porque ele tinha esquecido o boné do Mets e o fone de ouvido no meu sofá. Fui dormir sem tomar remédio e deixei as persianas abertas pra ver a lua. Estava muito contente mesmo.

— É estranho pensar que em algum lugar do mundo tem um cara bonzinho querendo ler Pushkin pra gente e colocar uns vinis para tocar, sem trepar por um mês até.

Ela matou a cerveja e jogou a bituca do cigarro na latinha. Levantou, e medi a altura dela. Devia ter um e setenta e cinco. A mãe dela era alta. A minha, não.

— Eu costumo vir aqui algumas vezes por semana, pra almoçar depois da aula — ela comentou. — Você vai estar por aqui amanhã? Eu adoraria ouvir o resto.

Tentei soar descontraída quando disse que estaria lá todos os dias. Fiquei vendo-a entrar no carro. Era um Prius verde-claro. Foi tão bom falar com ela. Vi o braço dela para fora da janela com um cigarro enquanto ela deixava o estacionamento. A buganvília roxa junto à cerca estava loira, banhada de sol. A felicidade tinha vindo fácil para ela. Era uma pessoa que nunca tinha sido obrigada a tomar uma decisão aterrorizante. Tudo era entregue de bandeja para ela. Só dava para homens que claramente lavavam o pau.

Uma das melhores coisas da infância é não ter escolha. Seus pais fazem escolhas por você e você precisa habitá-las. Melhor ainda é não ter a menor noção de nada. Você não faz ideia de todas as escolhas erradas que provavelmente a deixariam aleijada. É só pegar a rua à esquerda que você não vai ser atropelada pelo carro que irá matá-la se pegar a rua à direita.

A última vez que vivi sem saber de escolhas foi em Poconos. Era 1989 e tinha quase onze anos. Eu me lembro de todos os dias antes de a minha vida acabar. Lembro de todos os cachorros-quentes, de cada pôr do sol. Tínhamos uma propriedade, uma estrutura triangular de cedro com um terreno em Saw Creek Estates. Que coisa essa palavra, *propriedade*. Eram umas casinhas feias de veraneio e temporada de esqui, com linóleo e carpete cor de aveia de parede a parede.

Nem ficávamos na casa. Íamos para o Fernwood, o hotel local, para encontrar os amigos dos meus pais. O hotel tinha um ringue de patinação anexo. As memórias de patinação, vívidas, eletrizantes, dão vontade de me matar. Os cortes incisivos no piso do ringue. O cheiro de pizza e madeira. Eu

ficava fascinada com as adolescentes que trabalhavam lá. As meias de arco-íris e o cabelo frisado. O que faziam depois de o rinque fechar.

No jantar íamos para uma churrascaria chamada The Big A. Tinha um touro de ferro enorme na entrada, e o A grandão em neon vermelho piscava como um sinalizador. Foi onde me apaixonei pelos bares tipicamente americanos. Batata frita bem fininha. Homens bebendo cerveja em canecas grossas. Garçonetes de rosto todo marcado. Nunca esperávamos mesa, embora o lugar estivesse sempre lotado.

De vez em quando íamos para um restaurante que tinha toalhas de mesa brancas chamado Villa Volpe, cavernoso como um salão de festas. Garçons de gravata-borboleta e mais de cinco entradas com peixe no cardápio. Às vezes meus pais me levavam porque eu gostava da ideia de coisas requintadas. Penso nisso o tempo todo. Em como o lugar requintado da minha infância pareceria fajuto para mim hoje. Falida que sou.

Tinha um lugar numa saída da I-90 que vendia *pierogi*. Minha mãe e eu costumávamos dividir a porção de seis. Eu achava que era só a gente no mundo todo que conhecia. Não imaginava que fosse uma comida típica ou que pudesse ter variações. Os pequenos anéis de cebolinha em cima eram emocionantes. Comíamos à luz do sol, à beira da janela, sentadas em bancos e vendo os carros passarem. Mergulhávamos aqueles pasteizinhos em creme azedo, em uma tigela de plástico. Uma vez um dos *pierogi* ainda estava congelado no meio. Eu me senti traída. Nunca que iríamos pedir para a cozinha requeimar. Acho que jogamos no lixo.

Tinha uma feira com *funnel cakes*, calotas, armas, pista de kart, mórmons vendendo sabonete, velas, homens de regata vendendo geradores, colchas de retalhos, velhas bonecas com cabelo de lã, Tartarugas-Ninja falsificadas, corujas de latão, casacos de pele, grelhas quentes com hambúrgueres e saquinhos Ziploc com batata frita caseira por cinquenta centavos. Sempre pegávamos os *funnel cakes*. Passávamos o tempo certinho dando uma olhada e eu voltava para casa com um cristal de quartzo ou um broche da Guerra de Secessão.

De vez em quando tinha uma exposição de automóveis. Eu falo *de vez em quando*, mas estou certa de que, como tudo no mundo, tinha data e horário. É que meus pais pareciam se deparar com as coisas por acaso. Não planejavam. Sempre chegavam na hora em tudo que era para chegar na hora, mas de fim de semana, ainda mais em Poconos, a gente simplesmente se levantava e pegava a estrada sob o sol e, se passássemos por uma exposição de

automóveis, meu pai parava. Ele adorava carros. Conversava com os donos sobre a transmissão e espiava pelas janelas, protegendo os olhos do sol e se aproximando sem nunca encostar no veículo. Ele entendia o valor do primor. Em casa eu era proibida de encostar nas paredes. Sempre que ficava brava com meus pais, fechava a cara e pressionava as palmas das mãos contra as paredes creme às escondidas, deixando marcas que talvez só fossem ser descobertas anos depois, mas que certamente causariam dor quando isso acontecesse.

Mas a minha coisa favorita em Poconos era a piscina. Eram duas piscinas. Uma perto de casa, beirando um lago com patos e pedalinhos. Tinha um daqueles canudos flutuantes de gincana. Talvez tenham colocado lá uma vez só, mas me lembro muito bem da sensação de não conseguir ficar em pé por mais de um segundo. Uma sensação terrível que some da noite para o dia, e de manhã você já acorda com esperança para tentar de novo.

E havia uma outra, na parte mais pomposa de Saw Creek. O nome era Top of the World. Ficava no topo das montanhas, rodeada de árvores, e tinha um bar e mulheres que deixavam as alcinhas do biquíni caídas no ombro.

Nas dependências havia quadras de tênis, aquele verde vistoso de quadra coberta, as batidas suaves de bolas e os grunhidos dos homens em eco.

Não frequentávamos muito a Top of the World. Era um centro recreativo mais adulto, e meus pais não costumavam beber de dia. Eu sentia que estavam me privando de luxo, e se privando também.

O cheiro da piscina lá era mais intenso. O cloro era mais forte. Sei que muitas crianças amam cheiro de cloro, mas me pergunto se amam tanto quanto eu amava. No fim das contas, acho que estou preparando o terreno para você. Mais uma amante do cloro, solta no mundo.

12

A ESPOSA DO VIC LIGOU DE NOVO À NOITE. EU ESTAVA NA COZINHA. DE noite, aquela maldita casa até que era tolerável. O brilho da lamparina em cima da pia era âmbar e reconfortante. Dava para ouvir River jogar a bolinha para o cachorro lá fora. Não atendi, e Mary escreveu, *Minha filha está aí? Me fala, sua vagabunda.*

Procurei o perfil da filha no Facebook. Comecei pela esposa do Vic, que não postava nada desde quatro horas antes da morte do marido.

Recentemente uma amiga dela tinha deixado uma citação de Khalil sobre morte na página de Mary. Cliquei no perfil da amiga e li a última postagem.

Todo dia acordo cedo e deixo meus três filhos em casa para dirigir por uma hora até o trabalho. Às vezes trabalho de fim de semana. Abdico do tempo em família e com amigos porque sei que o meu trabalho e o trabalho da minha organização fazem diferença. Não posso viajar para zonas de conflito, mas posso passar cada dia da minha vida apoiando lobistas de Washington D.C. para ajudar a prevenir guerras, impedir crianças de serem separadas das mães (eu morreria se acontecesse comigo) e no geral deixar o mundo mais seguro para todos. Acredito de coração que a paz internacional importa para os americanos e espero que o Congresso concorde.

Não seja uma dessas pessoas que dizem ou escrevem essas coisas, que precisam que os outros pensem algo sobre elas.

Fiquei clicando pelo perfil de Mary atrás de uma foto de Eleanor, a filha, de dezessete anos. Cabelo ruivo. As bochechas largas e retas de Vic. Aparentava doce e inteligente, como Vic. Não parecia ter namorado. Tinha panturrilhas grossas e jogava softbol.

Se estivesse mesmo atrás de mim, faria todo o sentido. Acabei com a vida dela no estalar dos meus dedos insensíveis. A maioria das pessoas não se preocupa com ameaças do tipo. Meninhas não matam ninguém. São só umas meninas bobas. Mas quase ninguém entende uma menina. Começamos duras feito bolas de gude.

Imaginei aquela menina em um carro compacto e limpo, cruzando o Texas com uma mordaca com bola e uma faca. Bem nessa hora, quando estava imersa em pensamentos, a maçaneta da porta chacoalhou, e dei um pulo.

Era só Leonard. Ele foi entrando, tagarelando como se estivesse falando fazia um tempão.

— Leonard! — gritei.

Uma parte minha se perguntava se não era pegadinha, se ele não estava totalmente consciente.

— Ah — ele disse, quando enfim me viu ali.

— Jesus.

— Nossa, minha querida. Desculpa.

Ele pôs a mão no topo da testa. Brilhava de suor. Olhei para as mãos dele. Várias mãos me lembravam as do meu pai. Tinha um frentista em particular, no fim da rua da casa onde cresci. No dia que tirei a habilitação, passei em frente à minha antiga casa de carro. Tinha sido vendida para uma família de seis pessoas. Quando me aproximei do grande carvalho com o canteiro natural de tulipas contornando o tronco, vi todos eles do lado de fora. O pai estava brincando de pega-pega com uma das meninas. A mãe estava bebendo chá gelado e sorrindo para o seu rebanho. Depois fui até o posto de gasolina. O frentista lembrou de mim, ou melhor, lembrou do carro do meu pai. Não me perguntou por onde andava meu pai. Ele era paquistanês, quieto e simpático e, quando olhei pelo retrovisor, as mãos dele na bomba de gasolina eram as mãos do meu pai. Eu as reconheceria em qualquer lugar. Deixei de gorjeta mais dinheiro do que ele ganharia naquela semana inteira. Ele amava

meu pai do jeito silencioso que homens amam outros homens que não veem com muita frequência.

— Lenny — falei com mais calma —, está tudo bem.

— É Parkinson *e* Alzheimer.

— Quê?

— O que eu tenho. Por favor, não comenta com ninguém.

Ele apontou pela janela vagamente, e então gesticulou na direção dos aposentos do Kevin, lá embaixo.

— Ah. Pode deixar.

— Até o médico ficou surpreso. Ele também é um velho judeu. Ele disse: “Você deve ter feito muita coisa errada no seu tempo”. Rá!

— Quando você descobriu?

— Eu sempre soube.

Ouvimos os coiotes uivando à distância. As vozes deles eram radiantes e ósseas. À noite no cânion era tudo muito parado. Ou ventava horrores ou não havia movimento algum.

Leonard olhou ao redor da minha casa. Olhou para os envelopes em cima das mesas como se fossem peças de lingerie. Era quase tudo boleto atrasado.

— Você é uma mulher misteriosa, Joan.

— Você é um velho enxerido.

— Talvez seja mesmo. Mas sou um velho enxerido rico. Que tal você me tratar bem? Nunca se sabe quem lembra de quem no testamento.

— Nunca se sabe — eu disse, me agarrando ao balcão.

Eu precisava tanto de dinheiro. Quando tinha dinheiro, podia me afastar de mim mesma.

Ele conferiu as horas em um relógio que eu nunca tinha notado, então balançou o acessório na minha cara.

— Está vendo isso aqui, velhota?

— O quê?

— É o único relógio desse modelo que existe. Patek Philippe 1939 Platinum. Meu pai era um merda. Eu achava que ele ia ser enterrado com o relógio. Mas ele deixou pra mim. A única coisa que fez na vida. Acho que não foi por amor, de qualquer forma. Esse relógio, velhota, vale uma grana.

— Não parece.

Ele riu de mim.

— Não ri de mim, Leonard.

— Desculpa, querida. Preciosidades nem sempre são chamativas.

Ele se virou para a porta, depois para mim.

— Joan. Você poderia me acompanhar até em casa? Estou sem tomar meus remédios. Faz tempo que não tomo, para falar a verdade.

Eu não queria ir, mas fui. Tinha feito a mesma coisa com todos os outros homens que já tinha conhecido. Ia na deles com receio de a coisa ficar feia e eu precisar ser salva. Digo, não salva por um homem. Salva por dinheiro, por alguém fazendo algo sujo por mim. A parte suja era que eu não conseguia aceitar a ajuda de ninguém sem me reprimir de um jeito sexual, estarrecedor.

Saí de casa e desci a trilha gramada com Lenny. Soprava uma brisa, para variar um pouco. Os abastados ficavam com as brisas todas só para eles em Beverly Hills, em Pacific Palisades. Lenny tinha grana, então eu me perguntava por que ele morava em uma estufazinha no topo daquele cânion enferrujado. Sempre que eu tinha grana, vivia uma bela de uma vida. Eu era boa em viver o presente, em acreditar que o amanhã se resolveria depois. Gosia vivia me falando isso. “O dinheiro sempre volta”, ela dizia. Vai e vem, mais do que qualquer outra coisa.

Lenny destrancou a porta. Achei curioso que deixasse trancada.

— Aqui estamos — ele disse.

Entrei logo atrás do corpo franzino dele. O cheiro acabou comigo. O cheiro idoso de pó de osso e tapetes altos. De café e suco de laranja largados na mesma pia. Sempre que eu sentia cheiro de velho, me sentia traída por não ter pais. Ao mesmo tempo me sentia grata. Embora a morte dos meus pais quando eu era tão nova tivesse me trazido um mundo de devastação, eu pelo menos seria poupada de vê-los perder a dignidade. Minha mãe sempre seria linda, meu pai sempre seria forte, via as mãos grandonas, colocando gasolina, pelo retrovisor.

Era uma construção toda de pinho, até o teto, abarrotada com os móveis e tapetes persas da casa maior que eu agora ocupava e que realmente davam um ar aconchegante. Mas a sensação de aconchego vinha com uma sugestão de pavor. Talvez porque me lembrasse Poconos. Era aconchegante lá também. Aconchegante como os primeiros minutos de um filme de terror.

Lenny tinha uma TV de doze polegadas em um suporte deprimente e o quarto ficava atrás de uma porta sanfonada. Tinha um cachimbo e pacotes de tabaco sabor baunilha. A parede era toda forrada de prateleiras para os livros dele. Pensei em River construindo o casebre, os braços e o pescoço pingando suor sob o sol do cânion.

— Senta — ele disse, apontando para uma poltrona reclinável de cotelê.

— É bem sossegado desse lado do pedregulho. Você escuta os coiotes à noite?

— Eu só escuto o que eu quero — ele disse, dando uma batidinha orgulhosa no aparelho auditivo.

Quando ele coçava a cabeça, o relógio escorregava até o meio do braço magrelo. Agora que eu sabia que tinha valor, não conseguia desgrudar os olhos. Ele me flagrou olhando. Senti a cara queimar e afastei o olhar, focando na cristaleira. Vi que ele tinha um jogo de pratos Laboratorio Paravicini. Minha mãe tinha uma peça deles, um prato de jantar, que estimava muito. Se eu quebrasse o prato, me pergunto se ela me bateria. Ela nunca me bateu. Eu não ligaria se batesse.

— Paravicini — aponteí.

Ele balançou a cabeça, impressionado, o que me tirou do sério.

— A gente também tinha, quando eu era pequena — comentei, pensando no prato solitário em cima do nosso aparador, em como brilhava. Nunca encostou comida naquele prato, nem um pingó sequer.

Vendi em um bazar de garagem, junto com quase tudo.

— Sua família é da Itália, então.

— Minha mãe era, sim. Eu nasci lá.

— Sua mãe é falecida? — ele perguntou, sem muito tato.

Fiz que sim. Uma aranha desenrolava uma teia em cima da cabeça do Lenny. Não falei nada, nem quando a aranha estava praticamente no nariz dele.

— E seu pai?

— Também.

— Sinto muito. É recente?

— Não.

— Você era nova?

— Bem nova.

— Meu Deus, menina. O que aconteceu?

— Um acidente.

— De carro?

— Não. Em casa.

— Um incêndio?

— Leonard, onde fica seu estoque de camomila? Tenho certeza de que você tem camomila em casa. Faço um chá se você calar a boca.

Eu estava brincando, e ele sorriu. Agora que eu sabia que Lenny estava doente, tinha amolecido um pouco com ele, mas só um pouco.

— Estou com o remédio aqui. L-DOPA. O que acha desse nome? Soa como uma chafona do tráfico. Ele também me passou galantamina, para conter a demência. Parece personagem das bobajadas de ficção científica de que Lenore gostava.

— Lenore lia ficção científica? — perguntei.

Levantei para fazer o chá. Tinha um bule de porcelana óssea em cima do fogão, e o fogão estava limpinho, um brinco, as bocas cobertas com papel-alumínio.

— Lia — respondeu Lenny, ríspido. — Lenore era uma grande leitora. Uma leitora *ecclética*. Você acha que um homem como eu se envolveria com alguém que não lesse?

— Como você está se sentindo com os remédios?

— Vai levar semanas até o sistema metabolizar e vermos algum resultado.

Ele se sentou no sofá. Parecia que precisava se reidratar, como uma azedinha murcha. Talvez, se eu lubrificasse as juntas dele com óleo, de repente ele poderia pular em uma cama elástica de novo.

— Você é bem apegada a esse vestido, não é?

Servi o chá para Lenny. Ele assoprou a superfície marrom.

A caneca branca chacoalhava na mão dele. Ele tinha uma coleção de canecas também. Eu jamais teria uma coleção, do que quer que fosse. Tinha só uma xícara de café. Dizia MINHA PALAVRA DE SEGURANÇA É ‘VINHO’ em uma letra rococó. Vic tinha comprado para mim em umas férias em família, em Napa Valley. Ele também trazia várias garrafas das vinícolas favoritas dele. Em todo lugar que ia, alguma coisa o fazia se lembrar de mim. Tomei a garrafa mais cara — um grenache aveludado — numa segunda-feira enquanto me preparava para ver Big Sky. Fiquei delirante aquela noite, de pânico e empolgação. Estava tão excitada que teria gozado só de sentar no selim de uma bicicleta.

— Leonard — eu disse, para ele se sentir mais próximo de mim.

— Diga.

— Posso fazer uma pergunta? Por que vocês nunca tiveram filhos?

— Por que *você* nunca teve filhos? — ele rebateu.

Algo se partiu dentro do meu crânio.

— Ainda não é tarde demais para mim — comentei.

— Para mim também não — ele respondeu.

Olhei para ele e sorri como se ele fosse irrelevante e estivesse semimorto.

— A gente queria — Leonard enfim disse. — Lenore não era estéril. Mas era... Debitada.

— Como você sabe que não era você?

Reparei que ele estava tremendo muito, então peguei a manta do sofá e cobri os ombros dele.

— A porcaria do Parkinson — ele disse. — Entre todas as doenças do mundo, logo Parkinson, porra. Câncer eu teria levado numa boa. Do tipo que se espalha pelo corpo todo.

— Eu não quis ser grossa — falei.

— Claro que quis, querida. Tudo bem. Sei que não é fácil para você. O passado está estampado na sua cara.

Ele se levantou, e a manta caiu. Peguei-a do chão enquanto ele atravessava a sala estreita. Ele se virou para ver se eu estava olhando, mas fingi estar com os olhos fixos na manta enquanto a dobrava. Então o vi abrir uma portinha preta na parede depressa e digitar uma combinação ainda mais depressa. Então ouvi um clique, um tinido, e a portinha se fechar. Ele se voltou para mim, nervoso.

— Estou com um gosto na boca — disse, e tornou a sentar no sofá.

Confirmei minhas suspeitas: o relógio não estava mais no pulso dele.

— Um gosto ruim?

— Gosto de... cobre.

— Decomposição? — perguntei, gentilmente.

— Quem me dera não gostar de mulheres cruéis.

— Quer uma bala de hortelã?

— Não adianta. Sinto muito por você ter perdido seus pais tão nova.

— Obrigada, Lenny.

— Gosto mais quando você me chama de Leonard. Mas isso é outra velha triste história.

— Lenny — eu disse —, obrigada.

13

AQUELA NOITE SONHEI COM POCONOS. SONHEI, NÃO. NÃO É BEM O CASO. Fechei os olhos e coloquei o filme que jamais teria como passar de dia.

Eu e meus pais tínhamos saído para jantar com um casal e o filho adolescente deles, os Ciccone. Volta e meia jantávamos com essa família em Poconos — eles tinham uma casa perto da nossa, maior, mas muito cafona, com móveis lustrosos, pretos com detalhes dourados —, mas aquela noite em particular sempre me voltava à mente.

O menino se chamava Joseph Jr. e era mais ou menos da minha idade, mas não tinha nada entre nós, nem romance nem sequer amizade. Ele era do tipo que jogava gatos escada abaixo. Toda vez que me pergunto como os estupradores deviam ser quando crianças, penso em Joseph Jr., os olhos pretos e turvos me fitando do outro lado da mesa.

A mãe de Joseph, Evelyn, era uma mulher rechonchuda de cabelo bastante escuro e volumoso. O marido, Joseph Sr., era cirurgião dentista. Ele também tinha cabelo retinto, além de um queixo longo e graúdo e uma sexualidade que me marcou muito. A gente começa a formar nossa opinião sobre sexo já bem nova, e para mim, Joseph Sr. mantém um lugar intimidante.

Acho que era por causa da minha mãe, Pia, que tinha um pneu na cintura, da cesárea, e mesmo assim exalava sexo. Os peitos dela, já comentei, eram brancos e avantajados.

Estávamos sentados em uma mesa de madeira, modernista, entre o bar e a lareira. Uma vassoura pendia da parede ao lado da lareira, junto com fotos da família dos donos. Em cima da cornija ficava aquela estátua de touro. Até aquele verão, ela me assustava.

Meus pais não eram de beber muito. Minha mãe costumava tomar uma cerveja levinha para acompanhar o jantar e meu pai bebia vinho tinto, mas nunca passava de uma ou duas taças. Às vezes ele pedia um Bloody Mary para acompanhar uma porção de mariscos crus. Joe e Evelyn, por outro lado, bebiam drinks de vodca. Eu me lembro dos dedos grandes da Evelyn puxando azeitonas recheadas com pimentão de palitos de dente. Os dois tinham risadas escandalosas. Os quatro adultos fumavam, e os homens acendiam os cigarros das mulheres, da mulher que estivesse mais perto.

Naquela noite me sentei do lado da minha mãe e Joseph Sr. ficou do outro lado dela. Meu pai se sentou de frente para mim, com Evelyn ao lado e Joe Jr. ao lado dela. Eu vivia na cola da minha mãe. Era imprescindível para mim poder sentir o cheiro dela e provar a comida dela à vontade.

Ela usava um vestido leve de cor salmão e um cinto de folhinhas. O cabelo natural era castanho, mas ela tingia de loiro e cacheava duas vezes por semana, para ficar dourado e espiralado. Estava de óculos de armação vermelha, enorme, e um batom coral bonito. Todos os batons dela eram de farmácia, e as pontas sempre estavam todas gastas, uns montinhos achatados. Ela sacou o tenro maço de Marlboro vermelho, e Joseph Sr. ficou a postos com o isqueiro.

— Mariapia — ele disse, para chamar a atenção dela.

Era o nome escrito no colar que ela estava usando. Ela era Pia na Itália, mas nos Estados Unidos passou a atender por Maria. Era mais fácil para os americanos entenderem. Depois de um tempo ela começou a sentir falta do nome verdadeiro, mas como muita gente já a conhecia como Maria, não dava para simplesmente trocar de volta. Meu pai deu um colar para ela com a palavra *Mariapia*, para facilitar a transição. Joseph Sr., que a conhecera como Maria, estava de provocaçãozinha, puro flerte.

Minha mãe riu. Até a risada dela tinha um sotaque puxado. Ela me deu as costas e se virou para Joseph Sr. com o cigarro entre os lábios. O isqueiro Zippo dele tinha uma pinup estampada. Cabelo castanho longo com franja e um biquíni rosa. Minha juventude foi marcada por imagens do tipo — sempre via essas mulheres em cartas de baralho ou em desenhos toscos em portas de banheiro. Talvez eu fosse propensa a reparar nessas coisas.

Meu pai estava contando a história de um amigo, um médico indiano chamado Madan. A esposa do amigo, Barbara, desconfiava de que ele estava tendo um caso e tinha deixado um gravador no carro dele, um grande Mercedes preto. Meu pai estava falando no tom baixinho e conspiratório que usava quando contava uma história perto de mim que não era apropriada para crianças.

Ainda me dói pensar na cara do meu pai. Ele era baixinho, tinha um narigão e ainda por cima já estava ficando calvo, aos quarenta e poucos anos. Mas tinha um magnetismo impressionante. Estava sempre se divertindo, sempre rindo, mas era responsável também. Podia consertar qualquer coisa em um carro ou uma casa. E como era médico, podia salvar a sua vida. Quanto a ser pai, sei que sou parcial, mas não consigo conceber um homem que amasse mais a filha do que ele me amava. Sempre que eu entrava no mar, mesmo no rasiño, toda vez eu que me virava para trás, podia contar com ele ali, apoiado nos cotovelos, de olho. Ficava com um sorriso estampado no rosto, mas na verdade estava a postos para me salvar.

— E no que é que deu? — perguntou Evelyn. — Ela pegou ele no pulo, afinal?

Meu pai deu um trago barulhento no cigarro. Joe Jr. estava chamuscando pedaços de pão nas chamas de uma vela. Vi minha mãe escutar alguma coisa que Joseph Sr. estava sussurrando. Meu pai também viu. Mas nunca tirou o sorriso do rosto. Cheguei mais perto da minha mãe. Ela tinha colocado o blazer acetinado azul-marinho de laço na gola. Eu adorava o toque da carne quentinha dela através de tecidos refinados. Ela cheirava a fumaça e L'air du Temps. Grudei nela para ela saber que eu estava ali.

— Ela pegou ele no pulo, sim — meu pai falou, com um sorriso torto no rosto. — Sem dó.

Por anos fiquei tentando entender. Como a esposa de Madan o tinha flagrado? O que foi que ela captou na fita? Barulhos de sexo? Como ela sabia que a amante iria entrar no carro com o marido dela? Por um bom tempo, sempre que eu via um Mercedes, imaginava calcinhas pretas enfiadas no porta-luvas e gravadores presos com fita isolante debaixo do banco do passageiro, com a luzinha vermelha piscando.

A garçonete serviu uma entrada de *bruschettas* e uma porção de palitinhos de mozzarella enormes para mim e Joe Jr. Eu não gostava de comida de criança. Queria sempre comer o que minha mãe estivesse comendo, incluindo rim com molho de mostarda, que ela pedia de vez em quando em Little Italy. O

rim cheirava a urina, azedo e passado, mas havia algo no jeito com que minha mãe segurava o garfo, no jeito com que ela curtia a comida. Não era voraz como meu pai, mas cheia de dedos, graciosa.

Fiquei olhando enquanto ela escolhia um pedaço de *bruschetta* regado a vinagre balsâmico. Tinha dentes branquíssimos e abria bem a boca para não borrar o batom. Fiquei vendo Joseph Sr. olhar para ela. Havia sempre dois cigarros acesos em volta da mesa, mesmo quando estava todo mundo comendo. Isso fazia aqueles jantares durarem uma eternidade. Diferente de mim, Joe Jr. ignorava os adultos e se divertia sozinho. Tinha um joguinho portátil de *pinball* e outro cujo objetivo era conduzir minibolinhas de gude até uns buracos. Ele não dividia brinquedo algum, mas eu não ligava. Precisava ficar de olho nos meus pais. Tinha sido um ano complicado. Eu sentia que havia algo que eu não sabia, e não deixava passar um momento sequer de observação.

O que aconteceu em seguida eu não entendi muito bem na hora. Como de praxe na infância, você absorve o terror, mas só decodifica tempos depois — depois de perder a virgindade, por exemplo. Tocou o pager do meu pai. Ele deixou a mesa para responder o chamado. Para simplificar, era *o serviço*. Toda vez que eu atendia o telefone em casa e era para o meu pai, eu gritava, Papai, é o serviço!

A garçonete veio anotar o pedido. Minha mãe pediu costela assada para o meu pai. Ele adorava tudo quanto era carne, menos frango. Gostava de carne vermelha pingando sangue, e uma vez o vi pegar uma colherada de bolo de carne cru e enfiar na boca, de uma travessa de vidro na geladeira.

Esperei para ouvir o que minha mãe ia pedir, *pollo alla Valdostana*, que eu já tinha provado e de que não gostava. Então pedi o combinado de carne com frutos do mar do menu adulto. Evelyn olhou para a minha mãe.

— A menina tem um gosto caro, hein.

Joseph Sr. estava olhando para a minha mãe como se ela fosse a costela assada. Sempre me perguntei por que os homens não se esforçam mais para sossegar os olhos.

Meu pai voltou para a mesa. Estava pálido. Eu nunca o tinha visto sem um sorriso no rosto ou sem fazer cara feia por eu não escutar minha mãe. Nunca tinha visto nada no meio-termo. Ele tinha uma bruma de suor na testa.

— Mimi — minha mãe disse —, o que foi?

Meu pai balançou a cabeça.

— Preciso ir — ele disse.

Minha mãe se levantou e se aproximou dele. Eu o ouvi, ouvi o que ele disse. Como de costume, todo mundo subestimou o quanto eu estava prestando atenção.

— Minha mãe foi estuprada — ele disse.

— O quê?

Minha mãe, com aquele sotaque dela, tinha um jeito único de soltar essa interjeição. Soava como *qué!* Tinha um tom de exclamação mesmo quando não era a intenção dela.

Notei que Joseph Sr. também tinha escutado. Às vezes meus pais falavam italiano entre si, especialmente quando não queriam que outras pessoas entendessem, e me perguntei por que meu pai não deu a notícia em italiano. A possível descrição em italiano talvez o enojasse demais. O italiano era mais carnal, mais visual. As palavras em inglês, em contraste, soavam como coisas que você pode trancar em gavetas de alumínio.

Pincei mais um pouco da conversa. Os detalhes eram vagos. Juntei com a casa dos meus avós da minha própria experiência para elaborar a cena. Meus avós moravam em uma parte de East Orange que costumava ser uma boa vizinhança, mas que agora tinha erva-daninha brotando nas rachaduras do asfalto. No meio da tarde, minha avó tinha deixado um homem entrar em casa, um homem que ela imaginara ser um técnico qualquer, e ele a estuprou no sofá florido onde o dobermann costumava fazer xixi. Levou a carteira, a aliança e o crucifixo de ouro dela. Minha avó estava com setenta e dois anos na época. Não era esbelta e fazia uma maquiagem espalhafatosa no rosto carnudo. O batom pêssego entre as rugas dos lábios, a sombra azul em pó nas pálpebras mirradas. A casa toda cheirava a urina. O estuprador chegou a bater nela uma vez, com força, no rosto. O dobermann e o pastor-alemão estavam do lado de fora, no cercado do quintal. Fiquei pensando nos gatos. Eles tinham cinco gatos em casa. Ela estava com um olho roxo. Tinha se arrumado antes de a polícia chegar. E tinha indagado à polícia se não poderiam esconder do marido dela. Meu avô era um homem frio, pequeno, severo, racista. Em retrospecto, acho que era diabólico. Ele se referia aos negros como *gente de cor* em situações sociais e dizia coisas ainda piores em casa. As pernas da minha avó eram grandes, as panturrilhas eram como colunas. Ela usava meia-calça creme, mesmo no verão, o que deixava a pele da perna dela da cor de peito de frango cru, um branco rosado desconcertante.

Meu pai iria pegar as duas horas de estrada para Nova Jersey sozinho. Ele disse para a minha mãe que voltaria de manhã. Então veio até mim e me deu

um beijo na testa. Deixou o cartão da American Express na mesa. Minha mãe não tinha cartão. Ele não se despediu de Joseph Sr. e Evelyn. Eu nunca tinha visto ele pouco se lixar para outras pessoas daquele jeito.

Depois que ele foi embora, Joseph Sr. perguntou para a minha mãe o que tinha acontecido. Evelyn se inclinou para a frente como costumam fazer essas mulheres loucas por fofoca.

Minha mãe fez um resumo da história em voz baixa, falando a palavra *estupro* mais baixinho ainda, tentando ela mesma entender.

Joseph Sr. soltou um barulho que se assemelhava a uma risada. Uma gargalhada incrédula.

— Mas quem iria querer estuprar uma velha caquética?

Evelyn sorriu contra sua própria vontade.

— Fica quieto, Joe! — disse ela.

Minha mãe se ateve a assentir com a cabeça, partilhando do clima de incredulidade da mesa. Eu achava que ela devia me levar para casa, para longe daqueles monstros. Mas não. Ela pegou mais um cigarro. Fitou a lareira. Joseph Sr. acendeu o cigarro dela. Joseph Jr. tirou da mochila algum outro joguinho.

A garçonete trouxe a bandejona de carvão com a nossa comida. Perguntaram da costela assada do meu pai, e minha mãe disse para Joe e Evelyn que podiam mandar embrulhar e levar para a casa deles. Evelyn perguntou se não poderiam mandar de volta para a cozinha, que estava muito malpassada para o gosto dela. Olhei para o touro grandalhão em cima da lareira, cujos chifres e presas até pouco tempo antes tinham o poder de me fazer mijar nas calças. Encarei-o e desejei que fosse tão real quanto eu costumava achar que era. Rezei para que ganhasse vida de repente e rasgasse a parede com o resto do corpo e arrancasse as tripas de Joseph Sr., fazendo uma torta de ruibarbo com seu amplo peitoral de dentista.

— Come a sua comida — minha mãe me disse. Foi tudo o que ela me disse até o fim da refeição.

Ainda me lembro das reles marcas de grelha no meu filé mignon e do rabo da lagosta do lado. Derrubei o pratinho de metal com manteiga clarificada, mas ninguém viu, e eu sabia que não poderia pedir outra.

14

POR TODO O DIA SEGUINTE, TORCI PARA ALICE APARECER. FIQUEI encarando a geladeira onde tinha enfileirado as latinhas de cerveja Tecate. Eu me senti uma adolescente com uma paixonite.

Quando tocou o sino, quase derrubei a xícara que estava lavando. Mas não era ela. Era River, com Kurt, o cachorro. Conhecer Alice tinha abafado meu desejo por ele.

— Caramba — ele disse. — Você trabalha aqui?

— Pelo jeito, trabalho.

— O que aconteceu com a Natalia?

— Ela enveredou para a política.

Ele sorriu e olhou para mim como se eu fosse louca. Jack era melhor em entender sarcasmo. Mas River era mais bonito.

— Tudo bem entrar no café com o Kurt?

— Claro. Como ele está?

— Está ótimo. Não está, garoto?

O cachorro se sentou e baixou o queixo desgrenhado. Era majestoso e bobão ao mesmo tempo e, acima de tudo, fiel e inteligente. Senti que se fosse eu que tivesse resgatado o animal, ele já estaria mijando entre as tábuas do assoalho torto e ganindo à porta.

— O que os meninos vão querer?

— Um *genmaicha* gelado pra mim. E uma tigela de água pro Kurt, pode ser?
— Pode deixar.

Enchi um dos pratos chiques de sopa com água. Minha mãe achava nojento deixar cachorro usar louça humana. Depois do banho, meus pais secavam o boxe com as toalhas que tinham usado para se enxugar. O ralo de aço estava sempre um brinco.

— Estou levando o Kurt para dar o primeiro mergulho dele no mar.

— Como você sabe que é o primeiro?

— Ah. Não tenho como saber.

Eu me senti tão mal que dei a volta no balcão e me ajoelhei na altura do cachorro. Estava usando um avental verde-claro com babados. Olhei nos olhos do cachorro e me levantei rápido, antes que o animal pudesse me rejeitar desviando o olhar.

— Vai ser a primeira vez dele, sim — falei.

River riu. Uma vez escrevi para Jack, *Ontem foi a melhor noite da vida (para mim, com você)*. Claro, coroei a mensagem com umas piadinhas. Eu o chamava de *Olho de Peixe*. Ele escreveu de volta, *Ei, gata!* Rebateu minhas piadinhas com outras piadinhas, contou de uma entrevista que tinha feito em uma startup e me pediu uns conselhos. Mandou umas letras de música junto e ignorou o que eu tinha escrito da nossa transa.

Fiz o chá do River e entreguei para ele. Peguei o dinheiro, uns dólares amarrotados, e dei o troco. Ele não deixou nada do troco na jarra de gorjeta. Sempre que Dean dava as caras, deixava todas as notas de um na jarra. As duas posturas — dar gorjeta e não dar gorjeta — faziam eu me sentir passada para trás.

— Obrigado — disse River.

Ele devolveu o prato. O cachorro tinha deixado uma aguaceira no chão e eu teria que limpar com um dos esfregões sujos do bar.

Era quase hora de fechar e eu já não tinha mais esperança de Alice aparecer. Descontei a frustração em uma mulher no Letgo, brigando pelo preço de um cesto. Ela queria me pagar cinco dólares a menos do que eu estava pedindo, mas estava disposta a dirigir por quarenta minutos para me encontrar. *Para de pechinchar*, eu escrevi. *Você está passando vergonha*.

Então escrevi para Mary, esposa do Vic:

Oi... Tentei ligar de volta algumas vezes. Não tá completando as chamadas!

Ela escreveu de volta na hora:

Não recebi nenhuma ligação! Me liga agora!

Esperei uns minutos e escrevi:

Ok, assim que acabar o expediente aqui.

Quando??, ela perguntou.

Pensei em todas as noites que Mary devia ter passado sentada em casa, sentindo que algo estava errado, que o marido não estava onde dizia estar. Nunca o vi se afastar para ligar ou escrever para ela. Uma vez, só uma vez, ele não aceitou meu convite para jantar. Eu tinha mandado um e-mail para ele, do outro lado do escritório. Escrevi o nome do restaurante onde eu queria ir no campo de assunto e deixei um ponto de interrogação no corpo do e-mail. Dava para vê-lo da minha mesa. Ele tinha uma sala grande com janelonas. Pude ver a frustração na cara dele. Fiquei de olho enquanto ele digitava uma resposta. A dor dele era como um cemitério por onde eu podia passear e marcar território quando bem entendesse.

Não posso jantar, garota. Você não sabe o quanto eu sinto por isso. Que tal um drink rápido antes? Qualquer drink, qualquer bar da cidade.

Ele me levou ao Bemelmans, no Hotel Carlyle, com os desenhos da Madeline e menininhas de chapéu com laço em Paris segurando balões, elefantes patinando no gelo, coelhos fazendo piquenique e menininhos com seus cachorros cinza. Ninguém nunca leu *Madeline* para mim quando eu era criança. Minha mãe costumava me contar a história da Cinderela. Na versão dela, tinha um policial no lugar do príncipe. Cinderela e o Policial. Ela contava a história em inglês e italiano. Tenho uma fita gravada. Não consigo escutar, porque, depois de todos esses anos, fico com receio de o sotaque dela soar ainda mais forte do que sempre soou na minha cabeça. Receio de que ela soe como alguém que nunca conheci.

No bar bebi um *gimlet*, Vic também. Àquela altura eu andava o evitando bastante. Tinha começado a temporada do Jack. Bares de jovens e cerveja e acordar do lado de um corpo forte com pele macia. Eu ficava o tempo todo esperando chegar mensagem do Jack, então quase nunca fazia planos para jantar com Vic. Mas naquela noite Jack iria se encontrar com um amigo no Queens e eu sabia que ele ficaria fora até tarde. Iria comer sushi de carne e queijo em Astoria e talvez até fosse querer transar quando voltasse, mas era mais provável que desabasse no sofá do amigo ou pegasse uma menina da idade dele. Iria cair no sono em um par de peitos. Não tínhamos exclusividade. Quer dizer, eu era exclusiva com ele.

Fiquei chateada por Vic não poder jantar e espairar comigo, mas ajudou ver como ele ficou frustrado por não poder. Fui cruel aquela noite. Eu disse,

Que pena, faz um século que não passamos um tempo juntos. Estava pensando em ver um filme e ficar de aconchego com uma pipoquinha.

— Garota — ele disse —, você não sabe o quanto eu queria isso.

— Você sabia — perguntei, apontando para os murais à nossa volta — que o autor dos livros da Madeline trocou esses murais por um ano e meio de acomodações para ele e a família no Carlyle?

— Não, não sabia — ele falou. — Devia ser uma família feliz para morar assim tão junto e não enlouquecer.

Ele sabia como me machucar quando ousava fazê-lo. Ficou para uma segunda rodada, e dava para ver que iria se arrepender. Pagou as nossas bebidas e se levantou. Gotículas de suor brotavam das rugas na testa dele.

— Fala para o motorista cortar caminho pela Nona Avenida até o túnel — gritei para ele. — Você não pode chegar atrasado no aniversário da sua esposa!

Agora estava olhando para a mensagem de texto dela. A mansidão de uma mensagem, mesmo quando você sabe que a pessoa do outro lado está tremendo, encarando o telefone. O desespero da pobre coitada! Eu mesma não conseguia acreditar que Vic a deixara com a dor de saber que o marido tinha se matado por outra mulher. Que a deixara encarregada de cuidar de uma criança com deficiência, sozinha. Algumas pessoas sofriam tanto na vida que pareciam ser capazes de aguentar qualquer tranco. Não é que eu fosse insensível. Tinha passado por maus bocados também. Eu sabia que uma mulher como Mary sobreviveria. A maioria das mulheres sobrevive.

A mulher do Letgo escreveu de volta, *Sua vaca piscopata!*

Esbocei, *Você escreveu psicopata errado*. Apaguei e escrevi, *foda-se sua mão de vaca*.

Então tocou o sino, e Alice entrou. De vestido longo de algodão, cinza, sem mangas. O cabelo estava molhado e preso em um rabo de cavalo. Os olhos dela não precisavam de maquiagem.

— Já é hora de fechar? Quer tomar uma cerveja lá fora?

— Claro.

— Você não tem compromisso depois?

O sorriso dela era mordaz, vagamente julgador. Ela pegou uma nota de dez dólares.

— Não paguei a segunda rodada ontem, essa é por minha conta. Odeio pessoas que fingem se esquecer de pagar.

Logo retomamos a conversa da tarde anterior. Então ela disse uma coisa que me fez sentir como se estivéssemos em um plano elevado. Era como uma experiência com drogas psicodélicas, ter aquelas primeiras conversas com Alice.

— Tem algo nessa história toda, do Big Sky, que parece ter um propósito. Sabe? Como se estivéssemos chegando em algum lugar... Sei que estou soando maluca. A cerveja está mais gelada do que ontem. Maravilha.

Claro que a cerveja estava mais gelada. Eu tinha baixado o termostato da geladeira pensando nela. Estava tão gelada que reluzia. Pensei nos lábios da mãe dela colados nos lábios do meu pai.

— Você vai odiar as mulheres daqui — ela me disse.

— Não são como as mulheres de Nova York?

— Acho que são piores. São gambás. Tem essa mulher, Lara... Estou dando aula particular para ela no jardim japonês dela em Santa Mônica, às seis da manhã. Ela fica querendo conversar comigo. Ficam a criança e a babá olhando da janela. As mãos e os rostos pressionados contra o vidro. Lara só fala abobrinha, que o cabelereiro dá preferência a ela mais do que pras celebridades. Quer que eu sinta inveja. Uma vez o marido dela apareceu e me viu, e aí ela mudou o horário pras nove.

Alice tinha um leve sotaque, meio afetado talvez, mas se fosse teatro eu acharia ainda mais sexy. Ela puxou um cigarro de um maço novinho em folha. Pensei em acender para ela. Mas não queria ser o homem entre nós duas. Tomei um gole da cerveja, e o sabor de repente estava ruim. Senti uma espessa poça de saliva revestir minha garganta. Minha cabeça zunia. Eu me forcei a voltar ao momento.

— Onde você cresceu? — perguntei para ela.

— Você pergunta por causa do meu sotaque? É europeu demais? Muito afetado? Às vezes acho que puxo demais o sotaque. Eu exagero mesmo. Vou tentar ser mais autêntica porque vou com a sua cara.

Ela explicou que tinha nascido em Nova Jersey mas tinha passado boa parte da infância na Itália. Comentei com ela que eu também vinha de lá. “Descobrimos” que nós duas tínhamos mães italianas.

— O que levou a sua família à Itália? — perguntei, tentando conter o ácido subindo pela garganta.

— Fomos para lá quando eu era pequena. Depois voltamos para os Estados Unidos para o ensino médio. A Itália não era como minha mãe lembrava.

— E seu pai?

— Fora de cena — ela disse, abanando a mão como asa de um pássaro, apertando os olhos e dando um trago no cigarro. — Você tem que me contar o resto da história. Estamos chegando a algum lugar.

Senti meu vestido justo demais. Ela estava certa, estávamos chegando a algum lugar. contei tintim por tintim, de trás para a frente, até o começo. Estávamos chegando ao meu motivo para estar ali. Algumas pessoas dizem que fazem um trabalho interno no cérebro. Aprendem que ciúme é um sentimento infantil. Ensinam essas coisas para si mesmas. Mas eu não sabia como fazer um trabalho interno no cérebro. Dentro da minha mente era um ninho de cobras. Eu não teria como sobreviver ali sozinha.

— Não sou eu a pessoa importante dessa história.

— É, sim! — disse Alice. — Não vou dizer que parece que nos conhecemos desde sempre porque é o tipo de coisa que a tal da Lara diria, enquanto toma a dose diária de pólen de abelha. Ela é celíaca, sabe, então a empregada precisa tomar cuidado.

— Talvez um dia a empregada não tome o devido cuidado.

Ela estendeu os braços, rindo, e colocou as mãos nos meus ombros. A testa dela encostou no meu peito. Grotesco de minha parte, mas pensei que meu pai tinha um tipo.

— Cada um com suas merdas — ela disse. — Eu chamei minha mãe de *maman* dos dez aos dezesseis anos.

— O que aconteceu aos dezesseis?

— Ela morreu — disse Alice, ainda rindo.

— Sinto muito.

— Passou duas semanas internada, e foi envelhecendo a cada dia. Era uma mulher incrível. Uma mãe perfeita. Acho que pensaria assim dela mesmo se não fosse minha *maman*.

Pedi para ela me falar do Rod Rails. Ela me disse que era um desses gurus que deixava o pinto dentro da mulher para acalmá-la. Que não era de ficar de metecão.

— Como você conseguiu o emprego?

— Por que aceitei o emprego, você quer dizer? — ela perguntou, porque, claro, se era um homem contratando, então a vaga só podia ser dela. — Quero abrir meu próprio estúdio um dia. Não em Los Angeles. Na Itália, talvez. Um estúdiozinho de carvalho entre os olivais e os ciprestes. E esse é o melhor caminho. Ladainha tântrica à parte, Rod é o melhor em combinar os

negócios com o espírito da ioga. Ele pode até não acreditar nessas coisas, mas acredito em tudo em que ele diz acreditar. E isso é tudo de que eu preciso.

— Você é bem esperta para a sua idade.

— Você fala como se fosse muito mais velha. Você tem o quê, trinta anos?

— Tenho quase trinta e sete já.

— Ah, você não tem cara de trinta e seis, e mesmo assim, trinta e seis não é nada.

— Trinta e seis pode não ser nada, mas trinta e sete é o fim da linha.

— Que horas você sai daqui?

— Já passou do horário. Era pra fechar meia hora atrás.

— Você estava me esperando? — ela perguntou, quase lascivamente.

— Não — balbuciei.

— Tudo bem. Eu também estava esperando ver você.

Ela já tinha o poder de me dar raiva e, de uma hora para outra, me fazer sentir sortuda e amada.

— Vamos para a praia, então — ela disse.

Entramos no Prius dela. Um aromatizador de cereja pendia do retrovisor embaçado. O carro cheirava a anos oitenta e a tudo que fosse vermelho.

No meio do caminho paramos na minha casa porque eu disse que tinha um maço de cigarros dando sopa. Ela não pareceu surpresa com quão absurdo era o lugar. Quando subi para o quarto, aquele mezanino ridículo, dava para ouvi-la andando para lá e para cá lá embaixo.

— Eu não devia fumar — ela disse. — Piora minha garganta.

Achei o maço de American Spirit. Tinha afanado do quarto de hotel do meu estuprador.

— O que você tem na garganta?

— Rompi alguma coisa na minha época de bulímica. Levou meses pra cicatrizar. Eu não teria parado se não fosse por isso.

— Você era bulímica? — falei.

— Nem vem — disse Alice, se abanando com a mão e olhando ao redor. — Jesus, está muito quente aqui! Jesus amado! Você sabia que tem um aparelho de ar-condicionado ali em cima?

— Não posso usar. Está no contrato.

— O quê?

— Está no contrato que não posso usar. E ele ouve da casa dele.

Apontei para o casebre do Lenny pela janela da cozinha.

— Eu vou ligar esse troço — anunciou ela, e arrastou uma das caixas vazias até a parede, subiu na caixa e ligou o aparelho. O suor oleoso reluzia entre os peitos dela. — Por que você não compra um desses aparelhos de instalar na janela?

A ideia de um duto sanfonado, de tampar as aberturas da casa, parecia dar tanta dor de cabeça que fiquei com vontade de me encolher em posição fetal.

— Detesto os aparelhos de colocar na janela — eu disse.

— Acho ar-condicionado de janela tão aconchegante.

— Ar-condicionado de janela faz eu me sentir pobre.

— Em Maremma — Alice comentou —, em praticamente toda a Itália, como você sabe, não precisa de ar-condicionado à noite. A brisa dá conta. Venta quase o tempo todo. E é mais à noite mesmo que a gente sente a necessidade de um ar fresco.

Mais cedo Alice tinha me contado que a casa dela na Itália ficava de frente para uma fazenda de leite e que na mesma estradinha de terra havia um campo de tiro. Ela olhava pela janela e via as vacas marrons nas colinas poeirentas, cada uma em um naco de relva, ruminando daquele jeitinho familiar, só delas, e então ouvia um tiro. Tanto ela quanto as vacas se retraíam, cada uma à sua maneira. Violentamente bucólica, foi assim que ela descreveu. Perguntei-me quantas vezes ela tinha dito aquilo para um homem que a admirava.

— Foi por isso que sua mãe voltou para a Itália? — perguntei. — Pela brisa noturna?

— Quer saber a verdade? Me embrulha o estômago falar.

Fiz que sim. Senti o ar-condicionado na minha cara e, por mais estranho que pareça, senti falta do calor opressor. Em Poconos tínhamos uma torradeira velha e deplorável que queimava um lado do pão e mal esquentava o outro, então a gente tinha que virar o pão e ficar acompanhando o processo. Quando, naquele último verão, compramos uma torradeira nova em um supermercado popular, as configurações vieram calibradas com precisão, a torrada saía perfeita toda vez, e aquilo me deixava incompreensivelmente triste.

— Minha mãe deixou os Estados Unidos depois da morte do amante dela — contou Alice.

— Amante — falei.

— Um homem casado. Uma situação parecida com a sua, se bobear. Tudo fazia ela se lembrar dele. Era muito doloroso. Ela não suportou ficar no país

em que ele tinha morrido. Ela me contou parte da história quando eu era mais nova, e no leito de morte contou que ele era meu pai.

— Ah. Como foi que ele morreu?

— Câncer — ela disse. — Na garganta.

Bateu uma vontade de contar para ela, ali mesmo, como tinha sido de verdade, em parte porque eu a odiava por ela não saber. Por ter vivido a infância que tinham arrancado de mim.

PEGAMOS A ESTRADA ATÉ A PRAIA. ERA UMA VIA DE MÃO ÚNICA QUE atravessava o cânion, descendo a montanha da vila até o sopé, desembocando na Pacific Coast. O pessoal fazia racha do cume até a praia, Alice me contou. Jimmy Dean morreu naquela estrada. No carrinho perfeito dele. Ela abriu as quatro janelas e o teto solar para dar a impressão de um conversível. O cabelo caramelo batia na cara dela. A estrada não tinha guarda-corpo, e Alice fazia as curvas sem medo. Pelas brechas entre os plátanos dava para ver a extensão do cânion, o esfregão de jade feito o dossel de uma floresta tropical.

Chegando lá embaixo, era como tudo o que eu já tinha visto em Los Angeles. Você saía de um lugar magnífico e indomável e dava em um lugar escabroso, as fileiras nada simpáticas de casas à beira-mar. Os postos de gasolina e as lojas de jardinagem com vasos terracota superfaturados.

Ela parou no estacionamento de um restaurante cheio de redes e boias. Disse que íamos pegar uns mariscos e cervejas para levar para a praia. Um letreiro em neon dizia: ENTRE! CAIA NA REDE! O ar cheirava a caranguejo quando saímos do carro e o sol batia em mim daquele jeito evocativo que bate depois que você bebe uma cerveja de estômago vazio. Lá dentro havia luzes coloridas no teto, mesas longas com toalhas de plástico em xadrez vermelho, um balcão para fazer o pedido de vôngole frito, vôngole cru e ostra, e filés suculentos de merluza-negra em pratos de papel. Tinha uma área externa com lâmpadas de aquecimento e pedrinhas no chão, mesas de piquenique e petúnias em baldes de Corona galvanizados.

Fiquei atrás dela na fila e sequei as pernas pornográficas dela. Panturrilhas fortes e coxas macias. Me imaginei cortando pedaços dela com um garfo e uma faca.

Ela pediu duas dúzias de vôngole sem me perguntar se eu comia vôngole ou se não queria outra coisa. E um balde de cerveja, ela disse para o rapaz do balcão, que a conhecia. É por conta da casa, ele disse. Ela sorriu e colocou uma nota de vinte em uma jarra de gorjeta.

Senti um receio típico de começo de amizade com mulher. Eu tinha receio de ser muito cautelosa. Tinha receio de ser muito velha, de não entender de música. Ela pegou os vôngoles que tinham embrulhado em uma caixa para viagem e eu peguei o balde de cerveja. Atravessamos o canteiro. Carros passavam zunindo e meu coração pulava entre meus peitos. Os momentos em que a gente está mais disposta a morrer, por ironia, são os momentos em que a gente mais se diverte.

— Beber em Malibu dá multa — ela comentou —, mas não sei, não. Nunca me pegaram.

A praia me impressionou porque ficava colada na estrada e porque eu estava com Alice, que tirou as sandálias e me levou até a beira do mar. Ela era de peixes, como você. Sentou na areia e colocou a caixa de vôngole na nossa frente.

— Aqui — disse ela. — Não precisa botar sal, só limão, tá?

Indelicadamente, ela espremeu limão em cima de todos eles. Eu detestava vôngole. Tinha gosto de sangue e metal. Meu pai adorava. Eu ficava vendo ele comer centenas.

— Meu Deus — ela disse, sugando um —, isso é tudo que eu quero na vida. Vôngole, cerveja. Uma trepada de vez em quando. Duas vezes por mês, com alguém legal. Ei? É estranho, mas quero saber tudo sobre você.

— Só piora.

— Me conta o resto da história com o Big Sky. Estamos chegando em algum lugar. Posso sentir. Por favor, não vai pensar que eu sou doida. Não falo isso em tom de bajulação ou ladainha metafísica, é que eu sinto mesmo.

Um bando de pássaros formando um V passou por nós. A praia estava praticamente vazia, tinha só um ou outro com roupa de mergulho ao longe. A água estava turva. De repente bateu uma saudade tão grande dele que senti que estava prestes a ser devorada pela escuridão de novo.

Falei para ela que ele era mais que um homem para mim. Era um jatinho para um mundo do qual eu queria muito fazer parte. Quando eu era menina, tinha um fascínio por restaurantes americanos, que minha família nunca frequentava. Estabelecimentos com bancos de teca e luz quente. Tinha um em particular, um café americano, vegetariano, para onde arrastei meus pais, e a garçonete, com uma trança loira e densa nas costas, serviu um pão de centeio em uma tábua de corte de nogueira, toda riscada, com uma faca, e manteiga macia em uma tigela de aço. Heras pendiam do teto. Em casa, eram sempre fatias de *prosciutto* se desmanchando e pedaços de parmesão

embrulhados em um pano do lado de um ralador. Big Sky era um passaporte para ser americana.

— Todo mundo quer ser italiano — disse Alice —, e você nessa de jogar fora sua beleza particular.

— Para que parte da Itália você e sua mãe voltaram?

— Porto Ercole. Já ouviu falar? Fica em Maremma. Tínhamos uma casinha linda perto do mar. Não sei por que fomos embora.

— Você nunca perguntou para ela?

— Ah, por favor — ela disse. — Eu sou um tédio. Continua sua história. É como um conto de fadas distorcido.

Sorri e contei para ela que Big Sky tinha crescido entre rios e montanhas, pescando com mosca em Wisconsin e Montana, montando cavalos e pastoreando gado. Era um homem que sustentava um blazer listrado na Páscoa, mas também cortava lenha e entendia como a carne era processada.

Contei para ela do e-mail que ele tinha me mandado na manhã seguinte, depois da nossa sessão desleixada na cama. *Esqueci minhas coisas, posso buscar mais tarde?*

A fonte parecia diferente da mensagem de *Bons sonhos* da noite anterior. Senti um gelo. Pensei em todos os moleques para quem eu tinha batido punheta porque não queria arriscar pegar doença relando a boca em um pau fininho e contagioso. Com Big Sky eu finalmente entendi por que as outras mulheres se arriscavam. Eu queria andar por aí com ele dentro de mim.

— Caralho — disse Alice. — Nunca senti nada parecido. Digo, já me senti assim na hora, mas não depois de o cara ir embora. Será que nunca me apaixonei de verdade?

— Acho que *eu* é que nunca me apaixonei de verdade.

Ela sorriu.

— Respondi, *Claro*. Ele disse que daria uma passada na minha casa depois do trabalho. Então fiquei o dia inteiro me arrumando pra ele. O dia inteirinho. Tudo nos mínimos detalhes, deixei até flores em um copo no banheiro. Às cinco e meia o porteiro... Não me entenda mal, era um prédio meia-boca, dessas construções antigas com isenção de impostos... Enfim, o porteiro interfonou e anunciou Big Sky pelo nome e eu comecei a tremer. Você quer saber o que eu estava vestindo?

— Ai, meu Deus — ela disse.

— Uma *chemise* de manga comprida, bem certinha no corpo, acinturada. Era curta, não passava o ossinho do quadril. Por baixo eu estava de calcinha

de renda branca e mais nada. Pernas de fora com um Manolo Blahnik de salto alto.

— Jesus amado.

— As cores não combinavam muito, camisa azul-marinho, sapato preto e calcinha branca.

— Eu ia comentar mesmo.

— É cada humilhação... Eu era um desastre.

— Mas ele não ligava.

— Ligava, sim. Tenho certeza. Foi uma dessas jogadas que na hora parecem uma boa ideia. Mas quando você para e pensa, diz para si mesma, *Sua vadia, larga mão de ser trouxa!*

— Você chegou a desabafar com alguém?

— Eu não tinha ninguém — comentei —, mas pensava em falar com o Vic. Só fui contar do Big Sky pra ele quando o Big Sky começou a escorrer entre os meus dedos.

Contei para ela que foi só ouvir ele bater à porta que o sangue desceu do meu coração para as minhas pernas, e fui atender com o fone e o boné em mãos, e o barulho do meu salto imediatamente minou minha confiança. O som do salto era o som da solidão. Cogitei correr para o quarto e botar uma calça ou um shortinho sexy, ou pelo menos tirar o sapato. Mas abri a porta como planejado. Ele me viu seminua, absorveu a cena. Parecia chocado, mas não do jeito que eu queria. Acho que eu estava torcendo para ele ser uma caricatura do homem comum. Cheio de tesão, língua para fora. Ou me olhar do jeito que Vic teria olhado se algum dia eu tivesse aberto a porta para ele daquele jeito. Vic teria olhado para mim como se eu fosse um anjo.

— Esse Vic — Alice disse.

Eu não queria contar do Vic, mas ela precisava saber dele. Queria que uma mulher finalmente me visse. Ao mesmo tempo, tinha medo de ela ficar com asco, como o Big Sky ficou quando viu Vic e se deu conta de que ele era o meu grupo.

Expliquei que aquele *lookinho* ridículo tinha sido inspirado na noite anterior. Dois martínis, escuridão. Mas eu não tinha vivido muitas emoções entre a noite anterior e aquele momento. Estava presa na noite anterior, e ele tinha ido para casa ficar com a família, depois, de manhã, tinha ido trabalhar, e agora, sob a luz inocente das cinco e meia da tarde, eu ilustrava a razão de ele ter se casado com a esposa e não com uma menina como eu. Imagina a mãe dos filhos dele, pilotando um belo de um fogão, fazendo um assado, e agora

pensa em mim, ali de perna de fora, com meu salto velho. Toma, falei, tremendo de nervoso, enquanto entregava os fones e o boné do Mets para ele. Pensei em como meu pai amava os Yankees. Pensei no que meu pai acharia se me visse ali.

— Calma — disse Alice —, devagar agora. Porque essa parte é importante, não é? Digo, precisamos entender o que se passa na cabeça desse homem. Ele aparece na porta da mulher com quem saiu na noite anterior, e não é a esposa dele. Agora é o dia seguinte e ele está sóbrio. Ele tomou um banho na noite anterior e outro de manhã. Comeu pizza com a esposa no apartamento deles, pertinho do parque. Ele achava que podia simplesmente apagar tudo. Era só pegar de volta os fones caríssimos que a esposa tinha comprado pra ele no último Natal que seria como se ele nunca tivesse botado os pés no apartamento de um animal estranho. Ele passou um fim de semana inteiro pensando em você, mas na noite anterior caiu de boca entre as suas pernas e ficou mal. Na outra semana tinha sido só um beijo, e parecia inocente e promissor. Mas a noite anterior foi rapidinha e amarga. Ele estava se perguntando com quantos homens você fazia aquele tipo de coisa. Você não sentia o menor remorso pela esposa, muito menos pela criança. Porque, claro, você é a sedutora e ele, o seduzido. E agora ali está você, abrindo a porta sem calça. De salto alto. Para o pinto dele é meio que “venha o que vier”, mas tirando isso você que é a louca. Ele já estava se sentindo esquisito e desconfortável por aparecer na sua casa, mas agora está abismado.

— Porra — falei —, você está tentando me matar, é?

— Você ainda ama ele?

— Não.

— Ama, sim. Mas não pode. Talvez seja por isso que está me contando essa história.

Esfriou na praia. A brisa do mar soprava na nossa pele desprotegida. Alice era uma dessas pessoas que não sentem frio. Às vezes a menor besteira já basta para você sentir que outra mulher é melhor que você.

— Essa parte é importante — disse ela. — Por favor, não para.

— Você ainda não ouviu nada, vai piorar.

— Conta.

— Falei, *Toma*. Entreguei as coisas dele e ele baixou a cabeça e já fui fechando a porta.

— Como se você estivesse espanando os armários de calcinha e salto?

— É — resmunguei. — Vergonhoso, eu sei.

— Nada a ver. Você é todas nós. Você é a parte de nós que não queremos assumir. Continua.

— Ele falou *ei*, porque tinha que falar *ei*.

— Senão seria um monstro!

— E eu falei, *Você queria entrar?* Imagina a situação. Em pleno dia, quando está todo mundo sóbrio, como você disse. Ele pareceu confuso. Mas entrou.

— Você acha que ele estava querendo terminar tudo já? Pegar as coisas e dar no pé?

— Nunca pensei por esse lado. Minha tia me disse uma vez que se você sente algo por alguém, algo muito forte, não tem como ser unilateral. A outra pessoa também sente. Mas você provavelmente tem razão.

— Você não acha mesmo que tenho razão.

— Não acho, e daí?

— E daí nada. Continua.

— Ofereci uma cerveja pra ele. Eu era o diabo, acho. Sentamos no meu sofá e...

— E?

— Ai, não. Chega.

— Joan — disse ela, e então fez uma pausa. — Curioso... Eu nunca tinha falado o seu nome. Nunca tinha falado o nome *Joan* em voz alta. Quer dizer, devo ter falado, sim. Joana D'Arc e tal. É sedoso. Joan, por favor, você tem que terminar de me contar essa história. É assim que aprendemos uma com a outra.

— Perguntei se ele queria uma massagem. Eu nunca tinha gostado tanto de um homem. Não entendia o que estava acontecendo. Mal me aguentava de emoção. Tirei a camisa dele e ele deitou de bruços no sofá.

— Sofá é bem menos selvagem do que cama. Tem algo de meia-boca, trair num sofá.

— Fiz uma massagem muito boa. Pensei bem no que seria gostoso pra ele e fui lá e fiz.

— Estava aqui pensando, quando a gente está com alguém de quem já cansou, faz uma massagem pra acabar logo com as coisas. Gasta a menor quantidade possível de energia. Mas na primeira vez que a gente está com alguém, faz uma massagem nas costas como se estivesse diante de um comitê, competindo com toda mulher por quem já se sentiu ameaçada.

— Pois é — falei —, é exatamente o que eu estava fazendo. E as costas dele eram cheias de sardas e cicatrizes. Não eram costas bonitas, mas eu amava

mesmo assim. Eram pálidas. Uma hora acabou que ele se ergueu da massagem e sentou. Me puxou pra perto e eu montei na cintura dele e o envolvi nas minhas pernas nuas, ainda de salto. Eu devia estar parecendo uma prostituta. A gente ficou se pegando por meia hora, talvez mais. Minhas pernas em volta da cintura dele e nenhum outro toque, só beijo. Ele tirou minha *chemise*. Quando não aguentou mais, sentou, bateu uma e gozou no meu peito.

— Romântico.

— Estou falando em voz alta, então agora você é minha testemunha. E eu achei fofo, e tomei como gesto de... Sei lá, carinho, afeto, *amor*? Enfim, achei fofo como ele levantou e foi pegar um papel-toalha para limpar a porra entre os meus peitos.

— Puta que pariu.

— Daí, na ansiedade, derrubei uma cerveja no tapete e fiquei tão paranoica com o cheiro de cerveja impregnado que borrifei um desinfetante na hora.

— Na frente dele?

Fiz que sim.

— Que história doida! Chega a ser fascinante. Quer dizer que você não gozou, então?

— Não.

— Ele simplesmente bateu uma e depois você limpou a cerveja.

— Jesus — falei. — Você está me fazendo ver a podridão de um momento que eu achava precioso.

— Aí é que está! Mas então, gozar é importante pra você, tão importante como deveria ser?

— Não, acho que não — falei, me dando conta de que nunca tinha pensado muito na questão.

— Que coisa. Gozar é tudo para mim.

— Sério?

— Só penso nisso o tempo todo. Depois que eu gozo, é tchau e bênção. Então a pessoa precisa chegar no clímax comigo. Ou vai ficar trepando com um cadáver.

Ela virou a cabeça de lado e botou a língua para fora, e eu ri.

— Eu fico pensando — disse.

— Em quê?

— Na minha aparência. Em como o cara está se sentindo.

— Então você finge o orgasmo?

Fiz que sim.

— Pra quê?

— Não sei.

— Você fica querendo agradar o cara, fazer ele ver que foi bom pra você?

— Acho que sim.

— Já percebi que homens se divertem mais quando acham que são péssimos de cama. Pegam revistas para ler e descobrem novos botões pra apertar. Procuram a gente de novo e de novo até sentirem que dão conta do recado.

Fiquei chateada por ela falar mais abertamente de sexo do que eu. Era mais nova e trepava melhor. Teria devorado Big Sky vivo. Estremeci só de pensar neles juntos.

— Você está com frio? — perguntou ela, esfregando os meus ombros.

— Não muito — falei, tentando disfarçar que estava me sentindo amada.

— Por favor — disse ela —, continua. Desculpa.

— Estou me sentindo boba.

— Não, precisamos ver aonde isso vai dar. Então ele gozou, e você não, e ele ficou vendo você limpar o tapete e fingiu que não era nada de mais.

— É, e era época de fazer imposto de renda e ele perguntou se eu já tinha juntado a minha papelada. Então ele parou, olhou para mim e disse: *Quem é você, afinal?* Os olhos dele, você precisa saber dos olhos dele. Era como um lobo. Caralho, e eu amava ele. E não entendi o que ele quis dizer. Falei, *Quê?* E ele disse, *Com quem você anda?* Meu Deus, achei que ele estava falando de... Achei que estava tentando me tragar do mesmo jeito que eu queria tragá-lo, sabe? Achei que estava tentando me conhecer.

— Ai, coitada.

— E comecei a listar meus amigos. Bem trouxe mesmo. Porque eu não tinha entendido o que ele queria dizer. Que era, *Que círculos você frequenta? Minha esposa vai descobrir? Você por acaso anda com seguranças esquisitos de baladas de Nova Jersey? Porque parece ser do tipo que anda.* Então ele me deu umas dicas de imposto de renda e pensei em como a esposa dele era sortuda... Parker, essa era a porra do nome dela... Pensei em como era sortuda por ter aquele homem lindo, inteligente e gostoso que fazia o imposto de renda pra ela, que ganhava uma bolada. Que pescava e caçava. Me senti vazia, um lixo, uma idiota. Coloquei uma calça de moletom. Ele foi embora com as coisas dele.

— Mas não ficou por isso.

— Não, só que toda vez era a última.

Senti que estava prestes a chorar. Não queria que ela visse. Eu ficava feia quando chorava.

— Acho que podemos dar um tempo dessa história. Você ainda tem que me contar do Vic.

— Boa ideia — falei —, até porque o Vic é parte do fim. Mas cansei da minha voz.

— Eu, não — disse ela, pegando minha mão.

Até onde eu lembrava, nenhuma outra mulher tinha pegado minha mão daquele jeito. Ficamos ali sentadas na areia fria e comecei a contar do Vic. Contei para ela da Escócia, a gente pelado na cama. Ela não olhava para mim como se eu fosse suja, e pela primeira vez na vida, não senti que eu era.

QUANDO VOLTEI PARA CASA NAQUELA NOITE, ESTAVA ME SENTINDO VIVA. Tinha passado a vida inteira evitando mulheres. Era sempre encrenca. Eu tinha aprendido a fazer tudo sozinha, a usar os homens para o que eu precisava, e sempre que havia outra mulher por perto, necessariamente havia ciúme, ou eu era fadada a agir diferente, ser menos sensual, ser menos assertiva.

Mas com Alice era o oposto. Eu sentia a necessidade de me colocar mais. Assim como Gosia, ela fazia eu me sentir válida.

Vic uma vez questionou o papel de Gosia em minha vida, quando sentiu que estava me perdendo. Ele sabia que eu contava tudo para ela. Perguntou se eu achava mesmo que era uma boa influência para mim. Dei um tapa na cara dele. A bochecha áspera chacoalhou e ele se desculpou no mesmo instante.

A verdade é que ela podia até ser uma má influência, vai saber. Ela me ensinou que os homens usam a gente a menos que a gente os use primeiro, que às vezes os homens têm que ser punidos, porque mulheres sentem uma dor fundamental do momento em que nascem até o momento em que morrem. Mas também daria para dizer que foi minha mãe que me ensinou essa lição e, claro, daria para dizer que foi meu querido pai que fodeu com tudo. Gosia foi quem mais fez coisas por mim e quem menos me machucou na vida.

Tenho lembranças vívidas da primeira vez que ela me levou num bar. Eu tinha quinze anos. Ela não bebia muito, uma tacinha de vinho Grüner de vez em quando. Pedi um Bloody Mary. O barman, um cinquentão de rosto amigável, não questionou.

Gosia soltou o cabelo, que estava preso em um penteado estilo *chignon*. Eu amava essa palavra. Ela balançou a cabeça e fiquei vendo o cabelo platinado escorrer pelos ombros dela. Não fui a única. Conteí três homens secando o pescoço dela. Ela olhou para mim e sorriu. Sabia que estavam olhando para ela.

Foram muitas noites assim. Ela nunca falava para o meu tio aonde a gente ia. Não falava nem quando íamos para o shopping.

Sempre faça perguntas. Nunca responda.

Tenha mais segredos do que a pessoa com quem você está.

Ela se comunicava em epítetos. Nunca falou com todas as letras, mas estava me ensinando a não acabar como a minha mãe.

E ensinou direitinho. Eu era capaz de virar a chave a qualquer momento. Fiz um homem com quem eu jamais transaria mover minhas coisas de um apartamento para outro, sozinho.

Gosia não tinha como apagar o que eu tinha visto quando era criança. Ela sabia disso. Mas tentava com todas as forças. Eu me tornei uma espécie de monstro de Frankenstein. Era capaz de fazer um homem como Vic cortar a garganta de outro homem por mim, mas não conseguia fazer o cara de vinte e quatro anos me ligar na manhã seguinte. Mas mesmo Vic eu não usava para fins nefastos. Só tinha medo de ficar sozinha. Procurava um pai de vagão em vagão.

NAQUELA TARDE LENNY NÃO ESTAVA SENTADO NA MESA LÁ FORA, O QUE ME deixou aborrecida, porque eu tinha pedido para a Alice esperar enquanto pedia um barco de lula frita para ele. Ela me perguntou dele, conteí algumas histórias, e ela oscilou entre rir e balançar a cabeça. Estava maravilhada com a minha vida.

Ela me deixou em casa e não ficamos perguntando o que a outra estava fazendo. Era aquele comecinho de amizade em que a gente respeita limites e o turno da noite está fora de questão.

Caminhei até a casa do Lenny com a lula e bati à porta. Como, da última vez que tínhamos nos falado, ele estava alerta e com a cabeça no lugar, não imaginei que fosse estar no meio de um surto, mas estava.

Pela porta ouvi ele dizer:

— Lenore, é você?

Eu era depravada. Roubava lojas. Usava os homens, mas sempre dava algo de mim em troca. Agora, pura enganação, só por maldade? Nunca. Até aquele momento.

— Sou eu, sim — falei. — Sou eu, querido.

Leonard abriu a portinhola da casa dele.

— Minha vida! — soltou ele, me puxando para junto e me beijando na boca.

Inalei o cheiro da idade dele. Ele estava usando calça de linho e uma camiseta de algodão.

— Me conta as novidades do mundo! — ele disse, acariciando meu cabelo com a palma da mão e olhando nos meus olhos com tanta intensidade que tive certeza de que ele voltaria a si.

Mas não voltou. Sentamos juntos no sofá.

— Está osso lá fora, querido. Estou feliz de estar de volta. Quer um chá?

— O que é isso na sua mão?

— Lula frita. Eu trouxe de Malibu.

— O que você estava fazendo em Malibu? — perguntou ele, espantado.

— Fui lá com uma amiga.

— Sei. Lenore, deixa eu perguntar uma coisa... Você ainda está chateada com aquilo que aconteceu?

O jeito que ele falava com Lenore era santificado, irreal. Comigo era o Lenny grosseiro, erudito. Com Lenore era um cavalheiro. Um dos meus ódios mais profundos era a forma como os homens me tratavam, como se eu não fosse só aguentar a podridão deles, mas também endossá-la.

— Aquilo o quê? Você está falando daquela noite em que me comeu por trás?

— O quê?

— Aquela noite, querido, quando tentamos aquilo que você anda querendo tentar.

— Ah. Em Sandstone? O ácido que eu tomei... Não lembro muito bem.

— Isso. Estávamos no quarto vermelho. Depois da piscina.

— Não consigo...

— Tudo bem se você não lembrar, meu amor. Doeu um pouco, mas... no geral eu diria que curti.

— Curtiu, foi?

— Eu curto tudo com você.

— Que bom ouvir isso — ele disse, dando uma batidinha no meu pulso como o velho que era.

Espremi a rodela de limão pelo barco de papel e passei um pedaço com tentáculos para ele. Uma expressão de pura gratidão tomou o rosto dele. Ele tirou o barco das minhas mãos. Soltou uns murmúrios, mascando cada pedacinho e engolindo com certa dificuldade. É de partir o coração ver um velho comer algo que saboreou a vida toda. As sobrancelhas dele se moviam feito lagartas e ele só foi olhar de volta para mim depois de terminar.

Entrei na cozinha dele para pegar um pedaço de papel-toalha. Ele comprava de um tipo barato, áspero. Molhei uma ponta na pia estreita e levei para o sofá. Peguei o barco vazio de volta e limpei a boca dele com o papel-toalha úmido.

— Lenore, você é tão boa para mim.

— E você para mim, meu amor.

Lenny tinha um porta-vinho de madeira com oito garrafas ao lado do televisor. Peguei a que parecia ser mais cara e vasculhei a casa atrás de taças. Uma vez ele me disse que deixava a louça boa guardada, exceto pelos pratos Laboratorio. Guardada pra quê, eu queria perguntar. Ele não tinha filhos, ninguém para quem repassar a louça. Achei duas taças Oneida com adesivos de setenta e nove centavos de uma loja de cacarecos baratos.

Levei as taças para o sofá. Eu me movia devagar, com receio de trazê-lo de volta ao presente em um choque.

— Vivemos em uma década decadente — ele disse.

— Isso não se aplica a todas as décadas?

— Não, nem todas. Em todo caso, foi Auden quem disse isso, não eu. Mas é mais verdade do que nunca.

— Você concorda com isso, querido?

— Em partes, Lenore. Concordo em partes. Primeiro de setembro de 1939 e 8 de novembro deste ano. São espelhos se você olhar na luz certa. Sabe o que mais Auden disse? Que todos nós temos algo de Hitler.

— Hum. Eu acredito que todos os homens têm um estuprador dentro de si, morrendo de vontade de se libertar.

— Como é que é?

— Nada, meu amor. Você parece tenso. Algum problema?

— Seus sentimentos por mim, Lenore.

Ele pegou meus braços com as mãos ossudas dele. As pupilas dele estavam turvas, como as pupilas de um peixe no gelo em um supermercado popular.

— Depois que eu me deitar um pouco e descansar, que tal a gente ir para a cama junto?

Eu podia sentir o pinto dele querendo subir. Ele não estava usando o relógio. Depois eu viria a saber que ele só usava nas poucas horas de total lucidez, logo após tomar os remédios. Um dia ele ainda cometeria um erro. Eu seria paciente.

— Nada me faria mais feliz, querido. Vou tomar um banho, tirar a areia dos pés. Quero estar limpinha quando... quando formos para a cama juntos.

Era fácil para mim dizer as coisas que Leonard queria ouvir. Eu sempre soube, inequivocadamente, do que os homens precisavam de mim. Com Big Sky eu morria de medo de dizer a coisa errada. Tentava manter as mensagens sucintas. Reescrevia linha por linha para soar como se não me importasse. Passava horas mórbidas em uma única frase.

Com Vic eu sabia muito bem o que dizer, mas às vezes dizia o extremo oposto. Bem no começo do nosso relacionamento, na segunda ou terceira vez que deixei ele me comer, ele deitou do meu lado depois, me encarando com aqueles olhinhos úmidos dele. Estávamos em um quarto de hotel em Zihuatanejo. Os quartos eram todos ao ar livre, cortinas brancas esvoaçantes, o mar azul. Lamparinas e *rattan* e mangas maduras em uma tigela. Um dia você vai me dar um fora, ele disse, fazendo cafuné no meu braço. A brisa estava uma delícia. Eu estava no ápice da vida naquele lugar laranja e azul. Um coqueiral no fim da rua.

Não, não, eu disse. Não vai ser um dia. Vou fazer isso bem aos poucos.

ESPEREI LENNY CAIR NO SONO. QUANDO ELE COMEÇOU A RONCAR, ME aproximei do cofre na parede. Tentei umas quinze combinações, olhando para ele em intervalos de segundos. Lembrei que não tinha pressa. Deixei do jeito que estava antes e usei a barra do vestido para tirar as marcas de dedo. Fucei o pequeno armário dele. Lá estava o roupão de homem velho, a coleção de discos de homem velho e um álbum de fotografias. Enfie o álbum embaixo do braço e peguei o cachimbo que estava na mesa de centro também e um pacote de tabaco. Levei tudo comigo. Sentei na mesa lá fora e bebi um *greyhound* com suco fresco de toranja e dei umas tragadas no cachimbo. Se eu tivesse tido um filho, pensei, não poderia espremer uma toranja, botar sal na borda do copo.

Acendi o forninho do cachimbo e folhee o álbum. Praticamente todas as fotos eram de Lenore em pose de pinup. Havia algo de sórdido nelas, até para

os meus padrões. Lenore sentada na privada com um pedaço de papel higiênico amassado na mão. Lenore pelada em uma banheira sem água. Lenore bebendo um martíni sem roupa, em um sofá de veludo. O cabelo preso em seu clássico *chignon*. Não era nada pornográfico, por assim dizer, mas havia algo de agressivo nas fotos. Lenore saía com um sorriso recatado em todas. A relação dela com o fotógrafo, Lenny, era evidente. Ele era o diretor ferrenho, dizendo a ela como se sentar e como posar, e ela sorria como uma mulher que não queria que um homem ficasse bravo com ela.

Por volta das cinco, Kevin apareceu, de jeans preto e camiseta preta. Ele era lindo e amigável, mas havia algo de distante nele. Falava com você em uma dimensão, mas o fluxo de pensamento dele parecia existir em outra. Eu me perguntava se ele passaria a me desejar em algum momento, e não saber me dava muito tesão. Estar com Alice me deixava confiante de que mais cedo ou mais tarde ele me desejaria.

— Srta. Joan — ele disse, chegando tão perto que dava para sentir o cheiro dele, eucalipto. — Faz tempo que não vejo você por aqui.

— Temos horários diferentes — comentei.

— Verdade, verdade. Como anda o Lenny?

— Até que ele é simpático para um cretino — falei.

— Eu gosto disso, srta. Joan. Você é espirituosa.

— Vindo de alguém espirituoso — disse —, vou tomar como elogio.

— Legal da sua parte ficar de olho nele. Por que resolveu fazer isso?

— Não sei.

— Ele ainda está em casa? Uma fraldinha para o velho? Paninho do neném, minha mãe dizia...

— Gostei.

— Pois é. Sempre achei graça também. Hoje é o dia da jogatina de pôquer dele. É a única noite em que ele parece bem pra mim. Ele se junta com uns velhos amigos em Hollywood. Um carrão preto vem buscar. Qualquer dia, Kev, ele me fala, vai ser um rabecão.

— Às vezes fico mal por ele — disse —, e às vezes não.

— É, acho que com todo mundo é assim.

Eu vivia me perguntando onde todo mundo arranjava autoestima. A mãe de Kevin parecia amá-lo de um jeito puro. Não o fazia cuidar dela. Eu o desejava por isso. O amor da mãe por ele me excitava. Eu ficava tensa sempre que conhecia um homem, porque ou eu ficava a fim dele ou ele ficava a fim de mim. Nunca tinham sido os dois ao mesmo tempo, de verdade.

— Só fica atenta com o Lenny.

— O River falou a mesma coisa. O que você quer dizer com isso?

— Nada de mais. Ele é inofensivo, claro, mas não é inocente.

— Como assim? — perguntei.

— Ah, não é nada de mais. Depois de viver um tempo no cânion, você acaba ouvindo boatos e tal, e sabe como é, ninguém se muda para cá à toa, só quando tem algo a esconder.

Ele olhou o relógio.

— Minha patroa está esperando — disse ele. Tenha uma boa noite, srta. Joan. O jovem River foi para o Froggy's, caso você esteja procurando alguma coisa para fazer. Caipirinhas pela metade do preço. A noite toda.

Ele deu uma piscadela e correu para o Charger dele. A música estava no último volume e ele saiu arrancando, deixando um rastro de poeira quente.

Eu não ouvia os coiotes, mas conseguia senti-los. O ruído da brisa podia muito bem ser rabo de coiote batendo nos arbustos de salgueira e serralha. Era fácil ligar o medo aos animais e à escuridão daquela propriedade esquisita. Desejei estar em um lugar onde não teria medo de ficar sozinha, de ir para casa cedo e me render a um livro e uma xícara de chá de camomila. Mas mesmo quando eu morava em lugares assim, no prédio de Jersey City, por exemplo, rodeada pelas luzes da cidade e pelos barulhos das famílias, mesmo assim eu tinha medo de ir para casa cedo, de ficar sóbria e desacompanhada ao cair da noite.

Eu me troquei rapidinho, coloquei um macacão preto e o salto novo, roubado, e peguei a estrada sinuosa do cânion até o Froggy's.

Avistei River logo de cara, sentado no bar, sozinho, mas não parecendo solitário. Conversamos numa boa por um tempo. Eu estava muito atraída por ele. E me sentia segura porque queria trepar com ele mais do que ele queria trepar comigo.

Ele me contou a história de quando estava na escola, voltando para casa um dia com o melhor amigo, Eric. Eles pegaram o caminho de sempre e era uma tarde ensolarada de primavera. Cerejeiras em flor, temporada de beisebol. Eric estava usando um moletom azul que o primo dele tinha mandado do Havaí. Dizia ALOHA HAWAII na frente com letras em arco-íris e tinha um desenho das ilhas.

Passou uma picape branca e foi desacelerando até parar. Saiu um homem. Ele tinha cabelo comprido, grisalho, um cavanhaque prata, estava de short jeans e tinha tinta nos joelhos. Estava nervoso, agitado, e perguntou se algum

dos meninos não poderia ajudar, que a filhinha dele tinha caído em um poço na Shroudsbury Road, na velha casa da bomba d'água. Ele estava indo atrás de ajuda, mas não queria deixá-la sozinha.

— Ele ficou o tempo todo olhando para mim — contou River. — E não falei nada. Acho que eu acreditei nele, mas não sei, não falei nada. Mas o Eric disse, Claro. Entrou na cabine da picape. O velho falou para eu correr para casa e ligar para os bombeiros, para eles irem até a bomba d'água. Mas ficou olhando pra mim enquanto se afastava. Então entrou no carro dele e os dois partiram juntos. Eric acenou pra mim da janela.

Foi a última vez que River viu Eric vivo. No dia seguinte encontraram a velha camionete em um condado próximo. Era de um florista. Tinha sido roubada em uma funerária, no meio de um velório. Encontraram o corpo de Eric em uma vala, pelado, uns dias depois.

— Jesus — falei para ele.

Estávamos muito próximos naquele instante e fitei os olhos dele. Acho que, como todo mundo, nunca perdi a esperança de encontrar o amor perfeito de repente. River não era brilhante, mas tinha um corpo perfeito e um jeito doce, e uma vida com ele seria como uma camiseta do Grateful Dead.

— Eu sabia que era eu quem o sujeito queria — disse River. — Eu sabia que era eu quem ele realmente queria. E passei esses anos todos convivendo com isso.

Um horror, mas a história serviu de preliminar para mim. Eu precisava ficar com ele. Do mesmo jeito que precisava conhecer todos os cantos de uma nova cidade, precisava me sentir desejada por um homem atraente. Me sentir bem, me sentir tão bonita quanto Alice, me sentir forte o bastante para estar perto dela.

Quando fomos embora, o bar inteiro já sabia que iríamos trepar. Estacionamos na entrada da propriedade e estávamos prestes a sair do meu carro quando passou um carrão preto.

— Abaixa! — soltei.

E nós dois nos agachamos junto às janelas.

— Deve ser só o Lenny — sussurrou River.

— É — disse.

— Por que estamos nos escondendo? — perguntou ele.

— Não sei — falei.

Fiquei abaixada até o carro levar Lenny embora.

River me conduziu pelo terreno acidentado até a tenda dele, segurando minha mão enquanto meu salto raspava nas pedras. Eu sabia que ia estragar, mas não ligava. Não tinha pagado pelo sapato. Entrei na tenda atrás dele e me lembrei de todas as vezes que trepei em lugares esquisitos. Era um pavilhão circense. Vigas fininhas seguravam a estrutura. Estavam dispostas em forma de diamante, um acordeão, e se encontravam no topo como as varetas de um guarda-chuva. Tinha um aquecedor no meio, como o da minha casa. O piso estava forrado de tapetes que não combinavam entre si. Almofadas astecas e mantas em cores vivas cobriam sofás de chão de estilo árabe. A cama dele ficava no fundo e no centro, o ponto focal. Logo acima ficava uma claraboia, um hexágono de céu azul-marinho.

Ele me despiu como os novinhos despem uma mulher. Timidamente soltam um botão ou puxam a ponta da camisa do seu ombro, então se afastam um pouco, sorriem e esperam você fazer o resto. Se você não se mexe, eles também não se mexem.

Tirei o macacão e continuei de salto. Estava sem sutiã, então fiquei só de fio-dental preto, com aqueles sapatos verdes deliciosos.

— Sabe o que acontece — perguntou ele — quando você entorna alumínio quente em um formigueiro?

Eu ri e disse que não fazia a menor ideia do que acontecia.

— O alumínio escorre pelas passagens e se solidifica, e quando você escava, tem um castelo, um castelo de alumínio, com portas e corredores intrincados. É incrível. Uma loucura.

— Mas e as formigas? — falei.

— É — ele respondeu, solene.

Começamos a transar de pé. O corpo dele era firme e quente. Encostar na bunda dele me deixou autoconsciente. Passados uns minutos perfeitos, ele me deitou no colchão horroroso dele e meteu de um jeito tão ritmado que parecia coreografado para casar com a Penguin Café Orchestra que tilintava no alto-falante do laptop dele.

Ele nos virou para que eu ficasse em cima e apresentei o espetáculo esperado. Fiquei segurando o cabelo para cima, formando triângulos com os braços. Rebolei sem me espremer contra ele como eu costumava fazer com alguns homens quando só queria gozar. Fiz tudo o que imaginei que ele fosse gostar. Encolhi a barriga, embora eu fosse só pele e osso. Até me virei, fiquei montada nele de costas. Me senti a mais velha ali, a mais ridícula. Decidi que

ficar montada de costas tinha os trinta e sete anos como data de validade, pelo menos com um parceiro novo e mais jovem.

Ai, nossa, ele disse algumas vezes, mas tirando isso não era de gemer muito. Segurou firme meu quadril, mas com jeitinho. Nada nele era pavoroso ou desagradável. Por incrível que pareça, são pouquíssimos os homens que dá para descrever assim. Vic me agarrava com mais carinho e timidez do que qualquer outro, mas era traiçoeiro, os dedos como uma planta carnívora, fechando-se imperceptivelmente, com cautela para não ofender a presa.

Não consegui relaxar naquela noite, mas não tem nada melhor do que trepar com um homem lindo que também é doce e esquivo. Fingi um orgasmo depois de quarenta minutos. Gostei que ele caiu de boca entre as minhas pernas depois de já termos começado a transar. Curti a bagunça. Olhei pela claraboia, as estrelas cinza-lobo, e gritei como se estivesse chamando alguém lá no alto, na galáxia. Olhei para baixo para ver a expressão de orgulho no rosto iluminado dele. O cachorro, Kurt, estava deitado ao pé da porta, repousando o queixo nas patas, assistindo a tudo do jeito que cachorros costumam assistir, como se estivessem confusos por você estar fazendo do sexo mais do que ele é.

DE MANHÃ ACORDEI ANTES DELE. NÃO SABIA COMO ALGUÉM CONSEGUIA ficar dormindo em uma tenda depois de amanhecer. O sol me fez sentir uma puta. River estava ali deitado, roncando de leve, lindo de um jeito que eu achava até ofensivo.

Levantei e peguei meu macacão e meus sapatos de salto. Ele acordou e olhou para mim e não me ofereceu água.

Na noite anterior, ele mal tinha gozado e já começou a falar dos planos de vida dele. Fiquei com preguiça quando as cortinas de maconha se abriram para revelar a ambição pueril dele. Era igual ao Jack. Eles queriam que você pensasse que não precisavam de tecnologia e ao mesmo tempo ficavam minerando *bitcoins* com sangue nos olhos.

Eu tinha pesquisado sobre o Jack pouco antes. Ele não era o empreendedor da internet que tinha planejado ser. Na verdade, a presença online dele era parca e sem graça, com uma única exceção. Fotos dele estampavam o blog de uma mulher jovem chamada Kylie, que estava fazendo mestrado na Irlanda sobre qualquer coisa esotérica e desinteressante. Jack tinha ido visitá-la na cidadezinha de County Clare, onde ela morava com um monte de outras magricelas de jaqueta jeans. Durante a visita de Jack, eles ordenharam cabras

e queimaram turfa. Fizeram trilhas em penhascos conhecidos. Estavam bebendo cerveja ou vinho em todas as fotos. Tinha várias pinturas de natureza morta, buquês. *Jack compra flores para mim sempre que pode*, dizia a legenda. *E quando não tem flor para comprar, ele faz os próprios buquês*.

No cabeçalho do blog estava a habitual citação de Kerouac, embora eu tivesse certeza de que Kylie não conhecia qualquer pessoa louca. Eu era uma pessoa louca que tinha segurado o saco escrotal do novo amor dela na palma da mão e sovado como se fosse massa.

As mulheres têm o controle. Levei uma vida inteira para me dar conta disso. Não damos a mínima para o homem que leva flores para outra mulher. River era um substituto de Jack. Todos os homens presentes são substitutos de homens anteriores. E todos os homens são substitutos do nosso pai. E mesmo nosso pai vale menos do que nossa autopreservação. Torço para que você não ande pelo mundo buscando preencher o que teme não ter com a carne de outro ser humano. Em parte é para isso que serve esta história.

Em termos práticos, os dois novinhos, Jack e River, fizeram as vezes de Massi, meu primeiro beijo, aos dez, depois dos figos embebidos em *grappa*. Quando eu via meninos nas ruas com suas mochilas baixas nas costas, pensava nas meninas de quem eles gostavam, as meninas que tinham a chance de ter onze e doze e treze anos, com adesivos de unicórnio e pulseiras bate-enrola. Não tive a oportunidade de ter qualquer uma dessas idades. Eu tinha dez anos e de repente tinha trinta, e depois tinha trinta e sete.

Esse é o melhor motivo que posso dar para ter hesitado à porta até River me chamar.

— Ei — disse ele. Um braço musculoso surgiu da cama e abriu um abraço.
— Volta aqui. Você não pode sair assim sem me dar um chamego.

Trepamos de novo. Uma rapidinha, mas intensa. Ficamos de lado e cada metecção foi profunda e carinhosa. Kurt estava dando voltas perto da porta. As orelhas desgrenhadas levantavam com os barulhos dos esquilos e pássaros lá fora. No meio da transa, River falou para o cachorro que já, já iriam passear. Ele me perguntou se eu não queria acompanhá-los na caminhada matinal deles. *Você queria vir?*, foram as palavras que ele usou.

Falei que não, e River disse para eu ficar mais um pouco debaixo das cobertas. Eles saíram sem mim. Andei pela tenda. As “paredes” estavam forradas de fotos do pai dele, eram muitas, presas nas vigas de madeira. Tinha uma bandeja de cristais e pedras, todas etiquetadas. Jaspe arco-íris, pedra do relaxamento. Obsidiana dourada, pedra do poder pessoal. Quartzo de aura de

titânio, pedra da energia elevada. Tinha uma coleção de bengalas feitas em casa. Uma calcinha do lado do fogão. De seda marrom. Peguei do chão e cheirei.

PASSEI O RESTO DO DIA SENTINDO DOR. MEU ABDÔMEN ESTAVA SE revirando. Eu achava que era porque tinha transado. Se você não acreditar em Deus, pode atribuir à biologia: volta e meia seu corpo se confunde quando um pinto entra e sai e não ejacula dentro de você. Você não cumpriu seu propósito biológico nem teve um orgasmo sincero.

Tirei o macacão — como são ridículas as roupas depois de ficar bêbada e trepar com elas — e deitei no sofá de pele de vaca que eu cheguei a ter fazia muitos anos, o sofá em que tinha feito aquela primeira massagem no Big Sky. Minhas coxas e meus braços grudaram no couro. Estava com receio de ligar o ar-condicionado, porque o barulho poderia invocar Lenny. Eu não queria ver ninguém, muito menos ele. Imaginei que um orgasmo fosse ajudar a relaxar o abdômen, então virei de bruços. Cavaleguei uma das largas almofadas de couro e pensei em River mandando ver com alguém ainda mais jovem que ele. Pensei em Jack e River comendo juntos uma loirinha de tornozeleira. Enfim, chegando no clímax, imaginei os peitos enormes de Alice espremidos contra uma bancada de cozinha de Corian e Big Sky carcando por trás, uma expressão de êxtase no rosto dele que ele nunca tivera comigo. Gozei fácil, uma explosão, mas a dor não foi embora.

QUANDO TERMINAMOS O JANTAR NO DIA EM QUE MINHA AVÓ FOI estuprada, Joe e Evelyn deixaram a gente na nossa casinha triangular de telhado vermelho. No restaurante tinham pedido sobremesa: bolo com sorvete e merengue. Minha mãe ficou fumando e assistindo enquanto eles comiam, duas garças abocanhando as garfadas de creme. Joe Jr. e eu ganhamos cada um uma bola de sorvete arco-íris em uma tigelinha de prata.

— Tchau, Maria, dá notícias! — gritou Evelyn do carro.

Enquanto isso, Joe Sr. nos acompanhou até a porta. Ele segurou o cotovelo da minha mãe. Ela estava um pouco bamba com o salto barulhento de madeira. Ele insistiu em entrar para se certificar de que o lugar estava seguro.

— Não esquenta, Joe — disse minha mãe.

Ela sempre se apropriava de expressões do inglês com seu sotaque. Me fazia odiá-la um pouco.

Joe fez questão de vasculhar tudo, subir e dar uma olhada nos quartos.

Preciso descrever a casa. Assim que você entrava, dava em uma cozinha apertada com armários dos dois lados, um pequeno retângulo de fórmica e um fogão branco de quatro bocas. Meus pais eram pessoas limpinhas, mas na minha memória a casa de Poconos é coberta por uma camada de gordura. Tinha um saleiro e um pimenteiro de plástico — uma tampa marrom para

indicar pimenta e uma cinza para sal — e toda vez que eu encostava neles sentia a necessidade de lavar as mãos.

Junto à cozinha, estendendo-se até o fundo da casa, estava a área integrada de sala de estar e jantar. Era um ambiente forrado de carpete bege, grosso e barato, de parede a parede. A mesa de jantar tinha castiçais e uma toalha de plástico que minha mãe esfregava toda noite com uma esponja.

Minha mãe estava sempre limpando, usando as unhas longas para raspar as crostas duras dos armários, borrifando limpa-vidros nas janelas turvas e mexendo os braços diligentemente para combater as manchas. E mesmo assim, para mim, a casa parecia terminantemente contaminada. Sem dúvida era algum tipo de pressentimento.

No fundo ficava a escada para o segundo andar, também acarpetada. Era uma escada bem estreita. Quando eu era pequena, uma vez caí do topo até o patamar. Ainda me lembro da dor encurvada no meu pescoço quando terminei de rolar escada abaixo, de pernas para o ar. Fiquei com medo de ter quebrado alguma coisa. Mas fiquei com mais medo de a minha mãe se zangar.

O segundo andar praticamente não tinha corredor. Eram três quartos conjugados e um banheiro. O quarto dos meus pais — o principal — era o último, com o banheiro logo em frente. Eu ficava no quarto mais longe, embora quase toda noite eu me esgueirasse pela cama deles, junto da minha mãe. O terceiro quarto, o do meio, tinha duas camas medonhas de solteiro com lençóis apertados, mantas de crochê e travesseiros rosinha com borda de renda. Às vezes eu sonhava que havia duas meninas no quarto, menininhas cruéis que me beliscavam enquanto dormia.

O banheiro era pequeno, com azulejos em branco e preto e uma cortina barata em volta de uma banheira vitoriana. No armário espelhado dos remédios minha mãe tinha uma reserva de Valium, comprimidos azuis com talhos em V no meio que eu achava que eram corações. Guardei esses comprimidos, junto com vários outros dela. As datas de validade já passaram faz uns vinte e cinco anos, mas descobri que ainda surtem efeito se você triplicar a dose.

Joe Sr. desceu. Eu vivia tendo pensamentos estranhos. Lembro de me perguntar se ele teria enfiado uma calcinha da minha mãe no bolso do casaco. Ela usava calcinha de cintura alta, às vezes transparente, em cores escuras como roxo e mogno. Herdei um pouco do encanto da minha mãe, mas passou

por um filtro. Ela era sexy à moda antiga, sexy como uma pinup. Eu sou sexy estilo quarto de hotel, estilo súcubo, magrela demais para ser lembrada.

— Tudo certo — disse ele.

— Obrigada, Joe.

— Se você ficar nervosa, ou qualquer coisa, me liga. Pode ser a qualquer hora.

Minha mãe concordou. Ela tinha tirado os sapatos e estava esfregando o tornozelo com as unhas pintadas de vermelho do outro pé.

Depois que ele foi embora, o sorriso de menina desapareceu do rosto dela.

— Hora do banho — disse ela para mim.

— Podemos tomar um chocolate quente?

— Nada de chocolate quente. É deitar e dormir. Foi um dia longo.

— A vovó vai ficar bem?

— Vai, sim.

Minha mãe entrou na pequena cozinha e foi guardando a louça. Ela estava brava, e eu não entendia por quê. Imaginei que fosse ficar preocupada, nervosa. Esperava que fôssemos ficar de chamego e consolar uma à outra.

— Por que não fomos com o papai? — indaguei, sabendo que era a pergunta errada.

— Não sei. Já pra cama.

— Mamãe, por favor, vou ter pesadelo.

Ela balançou a cabeça para mim. Falou qualquer coisa em italiano sobre pesadelos serem inevitáveis. Não quero que você pense que ela era cruel. Mas ela não guardava nada para si. Não me tratava como se eu tivesse dez anos. Meu pai me amava muito mais. Sempre achei isso. Mas a tragédia da minha vida é a prova de que não era bem assim.

— Vou ter pesadelo se você ficar brava comigo. O papai diria pra você ler uma história para mim, pra melhorar as coisas.

— Por que seu pai não vem aqui e lê, então?

— Ah, por causa... da vovó.

— Já pra cama!

— Você não me ama, mamãe?

Minha mãe se virou para mim. Eu não iria ter a resposta que eu queria. Lembro o que senti no coração. Era chocante como ela podia ser fria. Quando ela era criança, na Itália rural, tinha ficado muito doente, e os pais dela a colocaram em um sanatório, a algumas horas da casa da família, onde ela ficou em quarentena em uma ala com outras crianças, tossindo sangue,

sem poder sair. Enfermeiras de máscara cuidaram dela com rispidez, dando banhos de água gelada para aplacar a infecção. Deixavam tigelas de amido com grumos para ela comer. Não se importavam se ela não comesse. Ela passou quase um ano no hospital, e a mãe dela a visitou só uma vez. Era uma viagem longa e eles eram muito pobres, e minha mãe dizia que não a culpava. Ela entendia, sem pestanejar. No quarto deles em Nova Jersey, minha mãe tinha um altar para a mulher que a deixara no sanatório. Ela me disse que eu não sabia como a vida podia ser dura. Que eu tinha sorte.

Silenciosamente ela me ensinou que somos todos monstros, que somos todos capazes de monstruosidades. Dias depois, ela me ensinou, de um jeito inesquecível e imperdoável, que há sempre uma razão por trás da monstruosidade. Nunca na vida precisei me perguntar, Como foi que isso aconteceu? Quando uma mãe mata seu bebê, quando uma namorada convence o namorado a se matar via mensagem de texto, quando uma criança chupa um padre. Outras pessoas se perguntam *por quê*. Eu sei exatamente o porquê.

— Nada de historinhas ou chocolate quente a essa hora — disse minha mãe, em vez de responder a minha pergunta.

— O papai deixa quando eu estou com medo. Ele disse que...

— Seu pai vai acabar estragando você! — soltou ela.

Por muito tempo eu me debrucei sobre essa reação. De certa forma, por meu pai ser muito mais acolhedor que minha mãe em geral, acho que metabolizei que os homens podem arruinar você de jeitos maravilhosos, como divertidas balas quebra-queixo, brancas e reluzentes, com manchinhas multicoloridas.

ACORDEI DE MANHÃ E TINHA DUAS MENSAGENS DE TEXTO. A PRIMEIRA tinha chegado de madrugada, era da esposa do Vic, uma mensagem longuíssima toda em letras maiúsculas. Devia estar bêbada ou medicada. Pensei no marido morto dela e em especial no menino, como era exponencialmente mais fácil seguir em frente se você resolvesse endoidar.

JOANNN. APARECE AÍ JOAN. KD VC? VC TÁ COM UM NOVO MARIDO? VAI DESPEDAÇAR OUTRA FAMÍLIA, É? MINHA FILHA ME ODELA E ODELA O PAI DELA. ELA ACHA Q É CULPA MINHA Q UMA VAGABUNDA FOI CAPAZ DE TIRAR O PAI DELA DE MIM. O Q VC ACHA JOANNN? VC CONCORDA? VC É UMA MULHER DE DEUS? VC COSTUMA REZAR PRA ALGUMA ENTIDADE SUPERIOR? A GENTE IA PRA IGREJA TODO DOMINGO E DEPOIS PRO ROSEIRAL E ELE COLHIA ROSAS PRA MIM E COLOCAVA EM UM VASO CHEGANDO EM CASA E VIVIAM ATÉ O OUTRO DOMINGO. FUI UMA DAS GAROTAS DE SORTE. ELE FOI O AMOR DA MINHA VIDA. ME PERGUNTO SE ELE DAVA ROSAS P VC. TÔ COM TODAS AS FATURAS DO CARTÃO DE CRÉDITO AQUI Q Ñ ERA P EU SABER. OS JANTARES CHIQUES TODOS! VC TB É UMA GAROTA DE SORTE. ELE NUNCA ME LEVOU P COMER CAVIAR.

Li algumas vezes. Comecei a tremer e só fui perceber quando notei o celular chacoalhando na minha mão.

A outra mensagem era da Alice.

HOJE É SEU DIA DE FOLGA, NÉ? BORA FAZER UMA AULA GRATUITA ÀS 10? DEPOIS LEVO VOCÊ NA FEIRA DE ORGÂNICOS EM TRANCAS PRA COMPRAR UMAS FLORES DE BANANEIRA.

CINCO MINUTOS ANTES DA AULA, DEI UMA CONFERIDA NO ROSTO PELO retrovisor. Por que algumas mulheres héteros precisam ser lindas na frente de outras mulheres? Se os homens fossem varridos da face da Terra, por quanto tempo isso ainda duraria? Em que momento focaríamos em juntar forças?

Dentro do estúdio, Alice estava sentada em postura de lótus. Estava de cabelo solto. Ela piscou para mim enquanto eu abria um dos colchonetes emprestados perto da janela. Ela conduziu as saudações ao sol ao som de “Mozambique”, do Dylan. Eu me perguntei se alguma daquelas mulheres de rostos tensos estava pensando em qualquer outra coisa que não como Alice era linda. Em como os pulsos dela ficavam firmes e delicados ao mesmo tempo no colchão e como era modesta a bunda dela no ar, em postura de cachorro olhando para baixo. É tão potente a maneira como ficamos obcecadas. Se ao menos conseguíssemos aproveitar essa potência. Se ao menos conseguíssemos redirecioná-la.

Fiquei vendo o corpo de Alice se mover e desejei que meus ossos se alongassem como os dela. Quando joguei as pernas para trás em *chaturanga*, me senti leve como nunca.

No fim da aula Alice ajustou minha postura de cadáver. Ela estava com cheiro de pera. Fui a primeira a levantar e enrolar o colchonete. Não olhei para ela quando saí da sala. Esperei do lado de fora, em um dos bancos. A moça da recepção foi atrás de mim lá fora para perguntar se eu tinha pago a aula, se eu iria querer fechar um pacote. Comentei que era uma aula gratuita. Me senti uma vigarista.

Quando Alice saiu, ela me olhou com um sorriso esquisito no rosto. Fiquei com receio de ter parecido carente no estúdio. Para mim era impossível saber como agir com outra mulher.

Descemos a Pacific Coast pela pista esquerda, com as janelas abertas, correndo demais. Passamos por vários galpões vazios de lojas de jardinagem, pelos pilares de pedra do Getty. A extensão de Malibu parecia não ter animal algum. O vento era muito quente, os carros eram muito rápidos. Só os caranguejos prosperavam.

Alice estava ouvindo música alta e nem sempre me respondia logo de cara. Várias coisas que ela fazia pareciam cruéis para mim. A certa altura parei de

fazer perguntas. Botei o braço para fora da janela e tentei existir como uma criatura desnecessária. Perto dela eu me sentia do mesmo jeito que me sentia com Big Sky, que eu deveria ser o mais sedutora possível, mas ocupando o menor espaço possível.

Paramos no Mercado de Trancas. Era um centrinho comercial com um café, um banco e algumas butikues. Todas as fachadas eram de madeira. Eu me senti mais em Montana do que na garganta seca de Malibu. Alice estacionou entre um Karmann Ghia amarelo-vivo e uma BMW azul-bebê. Havia SUVs Mercedes e Land Rovers e Volvos deteriorados e Porsches e Prius. Todo carro de Los Angeles parecia ser o carro perfeito.

A feira orgânica ocupava um trecho da rodovia atrás das lojas. Barracas brancas faziam sombra em duas fileiras de mesas longas. Algumas mesas estavam repletas de flores em vasos e outras tinham floretes de brócolis fresquinhos e alcachofras viçosas. Outras tinham cubas rasas de gelo com contêineres plásticos de *taramosalata* e queijo feta cremoso. Tinha um peixeiro e tinha um açougueiro e tinha senhoras de cabelo grisalho vendendo sabonete.

Várias freguesas pareciam com a gente, mulheres de roupa de ioga com cabelo bonito. Tinha uma mulher poucos anos mais velha que eu, com a filha. Eu sempre pinçava essas mulheres na multidão — da minha idade, uns anos a mais ou a menos, com uma menina. A criança estava com o cabelo loiro todo trançado e tinha pernas desengonçadas. A mãe tinha amarrado o próprio cabelo em um coque bagunçado, algo que mulheres lindas fazem no piloto automático. Minha mãe fazia coisas do tipo, mas não com o cabelo; mais quando picava cebola, quando comia caqui. Essa mãe parecia descansada, com a agenda organizada. Eu a vi comprar alho negro e deixar o fazendeiro hippie ficar com os três dólares do troco.

Tinha um grupo de novinhos de Ray-Ban neon e mochila. Eram trilheiros voltando de uma excursão pelas redondezas para um copo de *aloe vera*. Olharam para a gente. Do lado de Alice, de roupas parecidas, me perguntei se eu virava parte da fantasia deles ou se me tiravam de cena. Preferiria a segunda opção. Ser parte do sonho de Alice faria eu me sentir como a raspa do tacho. Aquela altura eu já sabia que minha obsessão com beleza tinha tudo a ver com meu pai. Quando você é nova e vê seu pai escolher uma coisa, essa coisa vira a que você quer ser. Fico feliz que você não vai ter esse problema.

Até então os dois homens que tinham me amado estavam mortos. Big Sky seguia vivo e bem de saúde, com seu filho pequeno e sua esposa-bibelô, no

Upper West Side e em Montana. Por algum motivo eu sempre os imaginava em seus grandes terraços, comendo pêssego, doces fatias amarelas de pele vermelho-alaranjado, vibrante.

Só estive no apartamento com vista para o parque uma vez. A esposa e o filho dele estavam no chalé em Montana. Naquela época iam para lá de vez em quando, mas agora eu acabei de ficar sabendo que tinham mudado boa parte da vida para lá.

Ele iria pegar um voo para encontrá-los no chalé no dia seguinte. Com Big Sky, meu ódio por fins de semana se intensificou. Só quem leva a vida com uma rotina certinha, quem desconhece a tristeza abjeta, é capaz de amar sábado e domingo. Para mim eles tinham um ar de solidão insalubre. Dava a sensação de que todo mundo tinha escapado para algum lugar e eu não tinha sido convidada. Piscinas azuis e coquetéis circulando em bandejas redondas. Ou lagos negros e balanços de pneu. Acho que isso se aplica à maioria das amantes. Mas é ridículo me chamar de amante, tanto com Vic quanto Big Sky, ou Tim, que seja. Quem me dera ser algo tão antiquado e definível quanto uma amante.

Naquela quinta à noite, no terraço do Big Sky, contemplei a cidade lá embaixo. Eu estava usando um vestido branco com botões de madeira até o meio. Era um dos vestidos mais caros que eu tinha, embora não parecesse. Ele trouxe duas taças de rosé e olhou por cima da balaustrada de pedra. Senti o calor de estar perto dele. Eu queria me expandir, queria abrir e esticar as pernas ao máximo em ambas as direções e acolher tudo que ele pudesse disparar dentro de mim. Perguntei para ele se estava animado para ir para Montana, e ele disse, Ah, sim, mal posso esperar.

Não sei o que eu estava pensando que ele diria. Mas não era isso. Eu estava desfrutando cada segundo com ele e ele estava só passando o tempo antes de poder estar nas montanhas com a família. Trepamos em uma das espreguiçadeiras listradas do terraço sob a luz prateada das estrelas em Manhattan. Ele não usava camisinha, sempre tirava o pau e gozava no meu peito. Era nosso esquema.

Por mais que eu quisesse ficar para passar a noite, eu sabia que não podia, então peguei um táxi para casa logo depois da meia-noite. Era uma escolha minha me machucar daquele jeito.

Falar do Big Sky com Alice deixava meus sentimentos por ele mais dolorosos e mais manejáveis ao mesmo tempo. Eu só tinha contado para ela a primeira parte da história com Vic, que poderíamos chamar de período de lua

de mel, embora me dê nervoso só de pensar nesse termo. Ela me oferecia exatamente o que eu sempre quisera. Fazia com que eu me sentisse vista e ouvida.

— Tem algum tempero que você simplesmente abomina? — perguntou ela quando paramos diante de uma mesa cheia deles, buquês frondosos de endro e ramos cintilantes de coentro e salsa e manjerição, dispostos como arvorezinhas em jarras de vidro.

— Em geral?

— É o tipo de coisa que é melhor já tirar do caminho. Senão você se aproxima da pessoa e um dia descobre que ela não gosta de endro. E se vê forçada a odiá-la para sempre.

— Endro é um fator decisivo?

— Não. Coentro. Não suporto quem não gosta de coentro. São pessoas de mente fechada.

— Orégano eu passo — falei.

— Ninguém liga muito pra orégano. Tudo bem.

— Não tem nenhum tempero que eu odeie. Acho cebolinha e cerefólio a coisa mais linda.

Ela se virou para mim e sorriu. Eu tinha acertado a resposta.

— Você cozinha? — ela indagou.

Fiz que sim. Temi que ela fosse mais habilidosa em técnicas clássicas, como peixe. Provavelmente cortava os ingredientes milimetricamente. Eu nunca gastava tempo picando uma cebola em cubos decentes.

— É muito cedo para cozinarmos juntas? — disse ela.

— Talvez — falei.

Demos risada. Não há convite melhor neste mundo do que uma mulher rindo. Os novinhos de Ray-Ban neon pararam para encarar a gente sem o menor pudor. Eram quatro e nenhum deles era mais bonito que os outros. Nenhum tinha olhos doces. Me perguntei quantas mulheres todos eles juntos já tinham engravidado. Às vezes não consigo passar por um quarteirão em uma cidade sem ver os abortos silenciosos que pairam no ar.

Estavam congelados naquela atmosfera rarefeita de homem à espreita para dar o bote. O jeito como ficavam encarando — boca maliciosamente entreaberta, olhos brilhantes — normalmente forçava as mulheres a dizer algo primeiro, muitas vezes por medo.

Eu estava me perguntando se Alice tinha reparado neles, ou se estava ainda mais acostumada que eu com homem dando em cima, quando de repente ela

se pronunciou.

— Vocês reconheceram a gente de algum lugar?

O suposto líder — o mais alto deles, que vestia uma regata rosa marca-texto e Ray-Ban amarelo marca-texto — levantou os óculos até o alto da cabeça cor de areia.

— A gente queria perguntar se vocês sabem onde ficam as *masala dosas* vegetarianas.

— *Masala dosas* são tradicionalmente vegetarianas, então não precisa adjetivar — Alice disse.

— Na verdade algumas vêm com carne — disse o capitão, sorrindo.

— Na verdade algumas vêm com carne — imitou Alice, de lábios crispados.

Enquanto grupo, eles pareciam feridos. Era curioso como homens podiam passar essa impressão. Por anos podiam dar uma dedada violenta ou enfiar só a pontinha, enquanto diziam, Só a pontinha, só por um segundo, não como uma pergunta mas como um mantra. Podiam comer você por trás sem pensar muito, os quadris hidráulicos. Podiam ficar cansados, doentes, tristes, furiosos por pegar uma gripe, e mesmo assim estaria tudo bem com os quadris, se movendo para a frente e para trás como uma peça de automóvel. Homens eram uns filhos da puta dependentes. Mas de repente podiam parecer tristes assim. Afinal, só estavam tentando puxar conversa.

— A cultura indiana tem menos carne do que qualquer outra — disse Alice —, mas vocês estão com cara de que estão precisando. De carne.

Ela disse a palavra *carne* com muita suavidade. Não de um jeito sensual. Fiquei vendo o estupro dentro deles mirrar.

— Acho que não é cedo demais, não — falei, encarando os meninos —, para cozinarmos juntas.

A CASA DA ALICE, PERTO DOS CANAIS DE VENICE, NÃO ERA NADA DO QUE EU esperava. Eu achei que sentiria inveja. Móveis de tela, janelas, linhas simples. Não era uma casa rica, mas era bem planejada. Tinha umas flores sozinhas em antigas garrafas de hidratante italiano.

Eu a tinha seguido com meu carro, e quando paramos, fiquei com aquele aperto típico de quando nos deparamos com algo que é o oposto de lindo. Eu sentia esse aperto com meus pais, quando parávamos em hotéis que eles tinham reservado ou na primeira vez que vimos a casa de Poconos.

A casa de Alice não era limpinha e holística. Era um bordel deteriorado. De fora era um chalé minúsculo com tapumes de alumínio. Tinha uma varanda caindo aos pedaços, com duas poltronas manchadas e um velho canteiro de metal. A área embaixo da varanda estava coberta por uma treliça branca quebrada. Havia uma faixa de grama morta entre a beira da varanda e o começo da calçada. De fora parecia ser a casa de um casal que tinha se conhecido na faculdade, se instalado ali depois de uma noite de bebedeira e nunca mais ido embora.

A porta de entrada dava direto em uma cozinha deprimente. Papel de parede amarelado. Armários brancos baratos com acabamento em pinha. Piso de linóleo bege descascando nos cantos. Fogão de bocas em espiral. Uma cafeteira branca suja. E uns detalhes inexplicáveis. Lavanda seca pendurada no teto, bonecas Jem e Barbie de cabelo tingido de azul e rosa posando em cima dos armários.

Alice fez o tour comigo sem o menor pudor. A sala de estar tinha um sofá de couro preto e uma TV de tubo de dezenove polegadas em cima de uma pilha de livros. Vários tapetes persas que pareciam caros, alguns começando no chão e terminando na parede, poucos palmos acima do rodapé. Um jogo de canapés vermelho e esmeralda, almofadas rosa e mogno no chão, lampiões com velas de iluminação a pilha. Era pequeno e operático ao mesmo tempo, abarrotado e vazio.

O quarto era o cômodo que fazia menos sentido. Uma colcha de retalhos. Armários pretos envernizados. Várias plantas sem regar, cheiro de mirra. Pôsteres de bandas de heavy metal com as pontas enroladas. Uma foto enquadrada de um homem pelado, a virilha tapada por uma cobra píton. Um letreiro luminoso de neon acima da cama, em uma fonte maluca, dizendo ME AMA. Eu só conseguia pensar nas manchas de várias transas.

Alice esperou eu me virar depois de ver o quarto. Ela estava de braços cruzados, sorrindo.

— Que tal? — disse.

— É meio maluco.

— É um lembrete para não eu não me acomodar.

— É assim de propósito?

— É assim porque é assim. Eu vou levando, com um pouco de desleixo e preguiça, é verdade. É quase tudo tranqueira, coisas que fui garimpando, tralhas de venda de garagem. Algumas coisas são de uma casa de acompanhantes que fica no calçadão.

Ela me passou as almofadas.

Como minha expressão não mudou, ela apertou os olhos e virou a cabeça de lado até eu olhar bem nos olhos dela.

— Não esquece — disse ela —, sou mais nova que você.

EM POUCO TEMPO, O FEIO SE TRANSFORMOU DIANTE DOS MEUS OLHOS, COMO costuma ser com casas feias de mulheres lindas. Alice escancarou a janela da cozinha, e a brisa da Califórnia invadiu a casa. Ela colocou um ramo de manjerição em um vaso com água e um de coentro em uma caixinha de creme de leite vazia. Tirou todas as frutas e legumes das sacolas e dispôs em vasilhas e potes até a cozinha ganhar vida. Rabanete-melancia alaranjado e terroso, cebola-pérola bem bonita, cebolinha fresca, tomate de videira e limão. Espinafre terroso, folhas de mostarda e agrião. Papaia verde e avocado, e a flor de banana parecendo mais um pássaro apavorado em uma vasilha branca. Ela colocou a posta de atum vermelho-rubi que tínhamos comprado na barraca da peixaria em uma tábua de corte branca e então pincelou a anchova com sal e azeite e deixou marinando em papel-manteiga. Lavou as mãos com um sabonete líquido de limão-siciliano e colocou um calipso para tocar no laptop.

Ela ia fazer uma salada e ceviche e me pediu para contar do Vic enquanto preparava tudo. Perguntou como ele era fisicamente. Fiz o meu melhor para descrevê-lo, mas comentei que ele era mais um sentimento, mais do que qualquer outra pessoa que eu já tivesse conhecido. Contei para ela dos chapéus e ternos dele, como eram largos demais, que depois da musculação no ensino médio, ele nunca mais tinha malhado na vida. E embora ele não estivesse acima do peso, tinha muita vergonha do corpo, e por isso usava os ternos grandalhões.

Ela me perguntou mais uma vez se era loucura da parte dela dizer que estávamos chegando em algum lugar. Falei que não, que não era loucura. Eu poderia ter falado mais. Poderia ter contado tudo para ela, e até queria. Mas ela tinha razão, o resto da história viria no embalo de Vic.

Eu já tinha contado para ela da Escócia, da ilha Cumberland e do México. Dos dias de sol. Da época em que eu ainda me sentia como uma menininha, quando podia fingir que não tinha escoado por um ralo. Agora era hora de contar para ela da podridão.

Descrevi a viagem a trabalho para Palm Springs com todos os detalhes que consegui lembrar. O calor escaldante do deserto. Vic vivia arranjando eventos para ter uma desculpa para passar um fim de semana estendido comigo. É

engraçado pensar na dinheirama corporativa que se gasta para um homem poder comer uma mulher.

Ficamos em uma casa de dez quartos, cada um com uma banheira de pedra natural, com vista desobstruída para as montanhas a distância. Eu nunca tinha sentido atração por colega algum, mas um cara, Paul, tinha acabado de chegar da Virgínia, ele era de uma antiga família de tabaco, e caçava e pescava e usava botas de camurça com franja e falava palavrão de um jeito gracioso, toda hora mandando um *do caralho* ou *cu do Judas*.

Paul foi meio que um precursor do Big Sky. Foi um *amuse-bouche*. Sentei do lado dele no primeiro jantar. Foi em um restaurante decente, com uma cozinha enorme e uma lareira a gás que se estendia pelo salão na horizontal. Sentamos em duas longas fileiras e Vic ficou na minha diagonal. O coitado do Vic dobrou o guardanapo com todo o cuidado do mundo no colo, mas por alguma razão eu sempre achava que estivesse enfiado na gola da camisa. Escutei Paul com o queixo apoiado na palma da mão. Dei muita risada. Era o que eu fazia com a maioria dos homens no começo. Foi o que fiz com Vic. Comentei com Alice que tinha certeza de que tinha puxado da minha mãe. Paul falava de caça como um imbecil. Mas era modesto também e tinha um cabelo castanho bonito, um charme, e se eu fosse um pouquinho mais saudável, talvez tivesse tentado sair com ele. Mas não tentei. Eu flertava de um jeito que um homem de família sulista jamais entenderia. Vic ficou bravo. Eu podia sentir a raiva dele do outro lado da mesa. Estava vermelho. Virava uma taça de vinho atrás da outra. Então passou para o *scotch* e ficou revirando os olhos até o fundo do cérebro.

Mas não explodiu. O que ele fez em vez disso foi o que todos os homens fazem quando sentem que outro homem encostou em algo que acham que pertence a eles — tentam reivindicar você de volta. Naquela noite ele foi até o meu quarto. As portas não tinham tranca e eu estava em um quarto no último andar entre Vic e uma tal de Crystal, cujos olhos ficavam quicando de um lado para o outro quando alguém falava e todo mundo ficou tirando sarro dela no fim de semana e eu também.

Por volta da meia-noite alguns homens ainda estavam jogando pôquer na cozinha, mas quase todo mundo já tinha se retirado para o quarto. Ouvi minha porta abrir. Mal pude acreditar. Pensei em fingir que já estava no quinto sono. Ouvi ele se aproximar da beira da cama e se ajoelhar até ficar com o rosto na altura do meu. Abri os olhos. Ei, ele disse. Meu estômago se revirou. Os olhos dele eram pequenos. Ele tinha a pele seca e parecia alguém

que havia se largado fazia muitos anos e que de repente encontrara uma razão para viver e agora queria beber água purificada e se matricular na academia. Cheirava a *scotch* e colônia. Ele beijou minha testa e depois minhas pálpebras.

— Pelo amor de Deus — disse Alice. — Não me diga que você deixou ele trepar com você.

— Não. Falei que o vinho não tinha caído bem. Ele se enfiou na cama e me abraçou. De samba-canção e camiseta. Não me soltou a noite inteira.

— Porco sanguessuga.

— De manhã perdemos a hora. Lembro que o quarto estava um gelo. Alguém tinha quebrado o ar-condicionado, as persianas estavam abaixadas e dormimos até depois das oito e meia. Às nove era quando uma limusine ia buscar todo mundo para uma dinâmica de grupo com café da manhã. Alguém bateu na minha porta. Levantei num sobressalto. Vic não. Ele roncava em paz. *Um segundo!*, eu disse. E a voz lá fora disse, *Tudo bem aí, Joan?* A limusine chegou. Era a voz do Paul e percebi que ele não tinha me ouvido, e na hora Vic se mexeu e soltou, *Que foi?*, todo bronco da ressaca.

— Meu Deus.

— A porta começou a abrir. Corri e fechei com tudo na cara do Paul, e falei que estava atrasada e que pegaria um táxi logo em seguida. Ele pareceu espiar atrás de mim e Vic estava fazendo uma barulheira pra acordar, e eu estava suando, apavorada. Então Paul foi embora, ficamos só nós dois na casa e chegamos atrasados para a dinâmica. Insisti em ir de táxi sozinha, mas Vic apareceu cinco minutos depois de mim, de banho tomado, jovial.

— Ele queria que todo mundo pensasse que ele tinha te comido.

— Paul mal olhou na minha cara o resto do fim de semana. Todo mundo ficou me evitando. Eu era suja.

— Você disse que acabou com a vida desse homem. E tudo que ouvi até agora foi como ele fodeu com a sua.

Comentei que ela não sabia a história toda. A essa altura ela já tinha picado a cebolinha, os tomates e os avocados, e tinha cortado o atum em cubos dignos de livro de receitas. Tinha picado também a pimenta-serrano e o coentro. Ela usou uma colher de pau para cuidadosamente misturar tudo com o suco do limão e umas pitadas de açúcar. Estávamos bebendo vinho Sancerre em copos baixos, servindo uma à outra toda hora. Eram quase duas da tarde de uma segunda-feira.

— Vou servir o ceviche pra gente comer agora, depois faço a salada lá fora enquanto você grelha a anchova. Pode ser?

Fiz que sim. Queria que ela fizesse ou dissesse alguma coisa que não fosse perfeita para eu não ter que matá-la.

— Agora me conta como você machucou esse homem, porque vou falar uma coisa, Joan, acho que você entendeu errado.

Contei da semana em que conheci Big Sky. Foi na mesma semana em que eu tinha um projeto grande para entregar no trabalho, e o que ela precisava entender era que aquela era a primeira vez na vida que eu tinha um trabalho que não era só um bico. Pelo amor, eu já tinha maquiado gente morta, e mal, porque não tinha treinamento algum. Na agência de publicidade tinha sido promovida de secretária a uma posição sênior bem rápido. Estava falando para o mundo consumir cervejas e carros e fazer compras em grandes lojas de departamento. Eu fazia parte da conversa, fazia parte da máquina de dinheiro. Eu tinha perdido de vista que estava naquela posição de prestígio porque um homem casado estava caído por mim.

Vic estava feliz em me proporcionar o progresso. Ele se orgulhava das conexões dele, da capacidade de alavancar as pessoas, mas comigo, claro, ele queria se provar indispensável. Ele me promoveu de novo. Conheci Big Sky um dia ou dois depois.

— Você precisa entender uma coisa — falei para Alice —, a situação com Vic tinha começado a deteriorar. Palm Springs tinha sido uns meses antes, e eu já não aguentava mais. Eu estava enojada. E ele sentia.

— Você falou dele para o Vic?

— Não consegui não contar. Eu não tinha ninguém mais com quem conversar.

— Nenhuma amiga?

— Ninguém.

— Você nunca teve amigas? — perguntou Alice.

— Para falar a verdade, não. Tinha minha tia.

— Você não via propósito em mulheres?

— Eu não diria exatamente isso.

— Ainda que à sua volta os homens estivessem fodendo com você.

— Não é bem assim — disse, sentindo que estava ficando vermelha.

— Joan. Foi por isso que você me conheceu, não acha? Tudo acontece por um motivo. Mesmo as coisas mais assustadoras.

Tínhamos passado lá para fora, para o quintal tenebroso dela, com a grama amarelada e a churrasqueira portátil. Parecia que estávamos no Alabama e não no sul da Califórnia, e ela estava zombando de mim com seu sotaque europeu

e sua beleza absoluta, e eu queria muito não gostar dela. Mas também senti que ela estava do meu lado. Era difícil experimentar essa sensação, que dirá explicar o efeito que surtia. Queria que ela me abraçasse. Passei a vida toda esperando uma mulher me abraçar.

Bebemos o vinho, grelhamos o peixe e o sol baixou e bateu uma brisa. Eu me senti um pouco enjoada e Alice decidiu que era hora de comer. Ela pôs a mesa e serviu a salada. Era uma salada maravilhosa, com a flor de banana à Julienne e as fatias estreladas vibrantes de rabanete-melancia, o agrião envernizado com azeite e limão e pecorino polvilhado por cima. Era esquisito comer algo fresco assim em poltronas manchadas naquele quintal descuidado com uma mulher lindíssima. Alice tinha muitas contradições, mas isso poderia ser dito sobre quase toda mulher linda. Tinham sempre um poeta, um autor, que sabiam de trás para a frente, que lhes conferia um intelecto irrefreável. Uma vez conheci uma menina do Centro-Oeste que tinha lido tudo que Barry Hannah havia escrito na vida, e era isso. Era tudo que ela sabia. Quanto mais obscuro o escritor, quanto mais suicida, melhor.

— Conteí do Big Sky para o Vic depois do primeiro fim de semana, quando não tive notícias dele. Fiquei tão desesperada que só queria conversar com alguém que se importasse comigo. Queria que o Vic me dissesse que ele me procuraria.

— Ai — disse Alice. — É sempre assim, não é? Será que ele vai me ligar de novo? Diz que ele vai me procurar, mesmo se for só pra dizer, Está tudo acabado entre nós.

Alice deu uma mordida. Ela comia como uma europeia, em pequenas garfadas. Um pedacinho de peixe com uma fatia de rúcula ou rabanete. Misturando as coisas.

— Você arrasou na grelha — disse ela.

Agradei, e ela balançou a cabeça, impaciente, enquanto mastigava, o que lembrou minha mãe, e fez um gesto com a mão para eu continuar com a história.

— Conteí para ele com a respiração pesada. Estava com medo. Ele já havia sacado. Tínhamos saído para almoçar. Era uma segunda-feira, estávamos em um bar alemão longe do escritório, eu estava bebendo cerveja belga embora eu deteste cerveja belga, e ele estava me encarando com os olhinhos dele. Toda hora eu mexia no celular para ver se Big Sky tinha escrito e eu podia simplesmente sair voando e deixar Vic para sempre, aquela situação doentia toda. E é aqui que a coisa fica feia. De embrulhar o estômago.

— Ai, me conta.

— Vic falou para eu escrever para ele. Falou para mandar uma direta. Para escrever e dizer, *Estava pensando em você agora mesmo. Vou fazer uns martinis às cinco. Dá uma passada em casa quando acabar o expediente.*

— Até que é um bom conselho — disse Alice.

— Foi assustador. Pela expressão no rosto dele, era como se ele estivesse acessando uma parte mal-assombrada de si mesmo. Ficou sentado ali comigo e esperamos. Falei, *Não acredito que acabei de escrever isso.* E Vic disse, *Você fez bem, está tudo certo, ele vai aparecer.* E eu falei, *Jesus, isso é tão não eu.* E Vic deu um sorrisinho, e eu me lembro exatamente do que ele disse, sem tirar nem pôr, *Ele vai ficar duro que nem pedra assim que abrir o e-mail.*

Alice se contorceu de nojo. Eu achava que sentiria vergonha ao contar a história, mas na verdade me senti aliviada. Então continuei.

— Nessa hora ele estava com uma expressão estranha no rosto, uma máscara muito esquisita. Os olhos brilhavam. Ele não estava triste, mas furioso, até meio...

— Excitado.

— É. E ele falou, *Me conta dele.* E eu, *Oi?* E ele repetiu. *Me conta dele.* Assim, na maior. Direto e reto. Como se ele fosse um cara qualquer e eu fosse uma menina qualquer. Ele perguntou, *É bom?* E eu só soltava, *Quê?* E ele continuava insistindo, *Me conta dele. Como é com ele? É bom?* Até que enfim eu disse, *O quê? O sexo?* E ele, *É.* Perguntei, *Você não se cansa disso, não?* E ele disse, *Que nada.* Eu me lembro bem desse *Que nada.* Eu falei, *Já contei tudo.* O que não era bem verdade, mas tinha contado bastante coisa pra ele. Eu com certeza falei mais pra ele do que qualquer mulher no mundo já falou pra um homem que a ama sobre outro homem com quem ela anda trepando. E Vic disse, *Ele é um garanhão?* E eu falei, *É,* de um jeito meio estranho, mas é. Ele é assertivo sem ser ameaçador. E isso, claro, era o que mais me atraía no Big Sky, mas Vic, como todo homem, não ligava pra essas coisas. Passou batido. Ele só disse, *É grande?* Assim, sem mais nem menos. *É grande?* E eu disse, *É,* porque queria torturar ele um pouco, porque como ele ousava falar comigo assim, sabe?

— E não era pra menos. Você fez bem.

— Mas fui cruel.

— Veremos.

— E ele perguntou, *Enorme?* E eu falei, *Enorme, não, mas grande.* E ele, *Maravilha, hein. Ele solta muita porra?* Olhei pras mesas ao nosso redor. Eu

vivia olhando pras mesas ao nosso redor, onde quer que a gente fosse. Eu sempre me sentia depravada e horrível. Falei, *Quem é você? Um roteirista de pornô?* Eu não entendia de onde estava vindo aquilo. E ele percebeu que estava brava e confusa, então disse, *Ah, não fica assim, garota.*

— Ele estava querendo falar putaria.

— Mas eu não era dessas. Tinha feito muita coisa questionável na vida, mas era pudica nesse sentido, sabe?

— Pois é, percebi. Você é uma menininha em vários aspectos.

— Conte para o Vic que o beijo era o melhor de tudo, e como ele me segurava quando nos beijávamos, e como roçávamos um no outro. Ele deixou uma nota de cinquenta dólares na mesa e disse, *Incrível. Tenha uma ótima tarde, garota. Depois me conta o que ele disse. Preciso voltar para o escritório. Sei que você não gosta mais de voltar a pé comigo, por princípios morais e tal. Então já vou indo.* E eu falei, *Ele não vai responder, eu sei, e vou ficar me sentindo trouxa.* E Vic disse, *Ele vai aparecer, pode confiar. E se não aparecer, como eu disse, não é porque ele não quer.* Agradei por ele ser um bom amigo, ainda que de um jeito meio torto. E ele disse, *Está bem, a gente se vê daqui a pouco. Ele vai aparecer. Quem me dera receber uma mensagem dessas. Sério. Escuta, eu te amo. De verdade. Às vezes acho que você não entende.*

— Daí ele foi bater uma no banheiro do escritório — comentou Alice.

— Você não está entendendo — falei —, tinha algo a mais. Amor. Ele me amava.

— Isso não é amor. É abuso.

— Ele terminou meu projeto pra mim. Eu tinha aquele projeto grande, e não estava conseguindo pensar, não estava conseguindo me concentrar por causa do Big Sky, que, como você já sabe, apareceu mesmo aquela noite, e depois que ele foi embora, senti doer tudo de novo, e Vic fez o trabalho pra mim naquela semana. Ele me amparava, me ouvia falar dos outros meninos, dos outros homens. Não contei tudo pra você.

— Quer dizer que você contava pra ele dos outros caras com quem saía.

— Contava. Teve um porteiro, por exemplo, em São Francisco, para quem eu dei o número do meu quarto.

— Que delícia — disse Alice.

O jeito como uma mulher conseguia fazer você se sentir sensual era muito diferente do jeito como um homem conseguia. Ainda mais se fosse uma mulher linda. Olhei para o narigão dela, os grandes dentes brancos. As sobrancelhas ferozes e os lábios carnudos no mesmo tom da pele. Era um

mistério de onde vinha aquela beleza toda. Vinha de tudo ao mesmo tempo, e embora fosse difícil entender direito, não duvidei dessa beleza nem por um segundo. Diferente da minha beleza, que passei a vida toda questionando diante de espelhos.

— Teve Jack também, o novinho.

— Então ele sofria ouvindo você falar desses homens todos.

Fiz que sim, sentindo pela primeira vez que estava sendo injusta comigo ao me culpar.

— Mas ele não precisava ficar ouvindo, né, você sabe?

— A gente trabalhava junto. Você acha que ele devia ter me demitido?

— Não! Ele devia ter engolido o sapo, aceitado que era casado, com filhos, e que a novinha que tinha perdido a família talvez estivesse procurando uma imitação disso. E que não era só porque você estava buscando uma conexão, alguém pra fazer você se sentir protegida, que iria deixar alguém acorrentar você. Uma prisão emocional. Joan, esse cara se aproveitou de uma mulher jovem e triste. Você tem noção disso, Joan?

— Mas a verdade é que eu voltava pra ele, eu sempre voltava. Sempre que ficava mal por besteira, sempre que precisava de ajuda com o trabalho. Sempre que um moleque de merda me machucava. Eu me sentia amada por ele. E precisava tanto daquilo... Mas aí foi diferente. O que senti por Big Sky foi diferente, e Vic percebeu que eu estava mexida. Vic entendeu tudo e isso acabou com ele. Além do mais, Big Sky era um homem, não um garoto qualquer. Tinha mais dinheiro que Vic. Era poderoso.

— Nossa, mas e esses joguinhos dele? Querendo saber do tamanho do pau do outro cara? Quando voltamos pra Itália, eu trabalhei de garçoneiro em um café na praia de La Dogana, em Maremma. Todo dia vinha um sujeito calvo com uma dessas panças de desenho animado. Todo dia ele pedia linguine com vôngole. Era a especialidade da casa. E todo dia esse sujeito, Carlo, pedia uma porção adicional de salsinha, mas queria que eu polvilhasse no prato na frente dele. Às vezes ele era a única mesa que eu atendia no almoço. Ele não era indelicado comigo, a menos que você considere indelicado pedir para polvilhar a salsinha na mesa, e o jeito como ele observava minhas mãos. Dia sim, dia não, eu passava base nas unhas porque sabia que Carlo ficava vendo meus dedos. Joan, você entende aonde estou tentando chegar? Existem estupros, e existem estupros que deixamos acontecer, estupros para os quais tomamos banho e nos arrumamos. Mas isso não significa que o homem está fazendo nada.

— É uma linha ainda mais tênue do que isso — falei. — Não fui inocente nessa história. Não esquece, eu tinha ido pra cama com o Vic, tinha até tentado gozar. Eu nunca consegui gozar com ele. Mas eu tentava. Cansei de tentar. Falei pra ele que me importava com ele. Mais de uma vez.

— Até que um dia você parou de se importar e ele não largou do seu pé. Não saiu de perto. Você não forçou ele a nada. Porra, ele não só ficou por perto, mas colocou em você que nem polvo, com ventosas!

— Mas eu menti pra ele. E tudo o que ele queria era a verdade. Ele não queria meias verdades. E eu estava mentindo. Eu poderia ter falado, Eu amo esse homem, esse homem casado. Então cai fora.

— E era responsabilidade sua se reportar assim pra alguém, por acaso? Você não acha que ele sabia que você não amava ele? Que não queria ele por perto?

— Mas teria sido honesto. No começo eu via ele em todo canto, como se fosse um homem que eu amava. Ele provavelmente sentia um amor verdadeiro da minha parte. E, claro, eu confundia com um amor paternal, que era o que eu estava procurando. Mas mudar assim de repente. Passar a contar pra ele de outros caras. Acho que ele não queria realmente ouvir essas coisas. Mas também não queria que eu mentisse. Fiquei confusa e não agi bem com ele. Deixei ele no fundo do poço. E em casa ele tinha a esposa e o filho com problema.

— Ah, foda-se! Você mentiu porque se contasse a verdade ele te faria se sentir péssima. Do jeitinho dele. E você ainda diz que foi *você* que mudou de repente? Ele não mudou também? De homem que lembrava seu pai a homem que fazia você se sentir uma vadia, uma garota má. Ele passou a te intimidar, como os homens costumam fazer com as mulheres mesmo, pra elas ficarem submissas. Ele podia ter te botado no olho da rua, e você precisava do emprego! Você ainda está sob o feitiço dele. E do Big Sky. Precisa sair dessa. Por onde anda o Vic agora? Por onde anda esse sanguessuga?

— Aí é que está.

Alice serviu mais vinho para nós duas e ergueu a sobrancelha, curiosa. Pelo menos eu não estava me sentindo um tédio.

— Pouco mais de um mês atrás, logo antes de eu vir para cá, Big Sky entrou em contato comigo depois de um tempão. Fiquei tão feliz. Passei o dia chorando. Fui a um banho turco. Hidratei cada centímetro da minha pele. Arranquei uns pelos, tingi outros. Saímos pra jantar em um restaurante italiano no Village. Não tenho nem palavras pra descrever como me senti, estava nas nuvens. Não contei pro Vic, não contei pra ninguém. E Vic veio

me perguntar se eu tinha notícias do Big Sky, se tinha falado com ele ultimamente. O Vic agiu como se isso tivesse passado pela cabeça dele no nada. Claro, depois me dei conta de que ele andava lendo meu e-mail. Ele sabia a resposta para a minha pergunta de segurança, o nome de solteira da minha mãe, porque tinha todos os meus dados na ficha de contratação. E eu vivia recebendo alertas para trocar a senha. Liguei os pontos. Na casa que ele dividia com a esposa, ele colado na cadeira, clicando e clicando como um sociopata adolescente. Então ele com certeza sabia. Muito provavelmente me seguiu. Algo me dizia que ele ficava à espreita na frente do meu prédio. Uma vez o flagrei por lá e ele se fez de desentendido, disse que estava pelas redondezas e ia dar um toque. Às vezes sentia a energia dele. Eu me virava rápido na rua, imaginando que depararia com ele. Passei a demorar cada vez mais pra responder as mensagens dele. Uma vez ele me escreveu e, depois de uma hora sem resposta, me ligou. Taquei o celular na bolsa e caminhei a esmo pelas ruas. Até que finalmente escrevi de volta: *Não tem por que me ligar depois de mandar mensagem. É obsessivo. Deixa que eu respondo quando ler. O que foi?* E ele escreveu, *Tentei ligar porque vi você. Vi você na rua.* Rebatí, *Por que não me chamou?* Mas eu estava assustada. As ruas de Manhattan são os lugares mais desnudos que existem. Se tem alguém específico que você quer ver, a pessoa fica iluminada, brilha. *Sei que você não quer ser vista comigo em certos horários, em certos lugares. Estava respeitando seu espaço.* Nossa, como eu me odiei. Por deixar alguém como ele achar que tinha direito a pedaços de mim.

— Meu Deus, Joan. Só piora.

— Na noite em questão, coloquei um vestido bonito de lã verde, manga longa, bem esposa, eu diria. Eu me sentia ciente de tudo. Quando vi Big Sky na mesa, fiquei feliz, mas também me senti pronta. Depois de todo aquele tempo, me sentia forte. Ele me disse que eu estava linda. Eu podia ver nos olhos dele, ele estava com medo, o medo do homem que não vê você há um bom tempo e teme não exercer mais controle algum. Essa era a expressão no rosto dele, e saboreei um pouco. Pedimos uma porção de flor de abobrinha frita e uma garrafa de vinho caro. Ele estava de cabelo comprido e eu amei, mas não falei nada. Estava esperta, contida. Ele falou por alto de uns problemas no casamento. Quando chegaram as entradas, eu sentia que ele estava sentindo por mim tudo o que eu sempre quis que ele sentisse. Nossa, eu estava *tão* feliz. E então Vic entrou no restaurante. Eu vi ele entrar, o tempo todo estava vendo ele, e sabia que não estava vendo coisas. Eu falei pra você o quanto ele odiava quando eu mentia pra ele, que uma vez ele disse que

essa era a pior parte. E lá estava eu com o homem cuja existência na minha vida quase tinha matado ele. E Vic pensava que isso tinha ficado para trás e provavelmente pensava que ainda tinha chance comigo. Que um dia eu envelheceria com ele por perto. E às vezes eu também pensava isso, que acabaria cansada demais, enrugada demais. Uma mulher como eu não tem como existir depois de certa idade. E Vic devia sonhar com esse dia. Ele compraria uma casona pra gente em Sayulita, com estuque branco e uma pequena Jacuzzi na varanda, e compraria biquínis de cintura alta para mim e comeríamos bananas e simplesmente viveríamos a vida. Mas acho que me ver ali com Big Sky, me ver com um vestido maravilhoso, mais linda do que todas as vezes em que estive com ele, acho que era uma concentração de todas as feridas em carne viva que tinham se aberto quando ele estava na minha mão. Pude ver a cara dele derreter por dentro. E ele sacou uma arma. Nem fiquei muito chocada porque eu podia sentir, já sentia fazia anos. Não fechei os olhos. Achava que devia morrer mesmo, faria sentido. Pensei na liberdade iminente. Uma mulher de outra mesa soltou um berro, e Big Sky se virou para olhar. Mas então algo mudou no olhar do Vic de novo, e achei que ele iria apontar a arma para o Big Sky, e naquele instante senti que não me importava com nada nem ninguém. Seria natural que aquilo acontecesse na primeira noite em que me senti feliz. Os gritos a nossa volta estavam abafados. Todo mundo estava congelado, os garçons com dois pratos de massa em cada braço. E Vic virou a arma para si mesmo e disparou, e a cara dele explodiu na parede logo atrás.

— Jesus Cristo!

— Foi por isso que fui embora de Nova York — disse.

Eu queria contar para ela que eu tinha ido embora para vê-la. Eu queria saber o que só ela poderia me contar. O que não esperava era que falar de mim para ela me obrigaria a olhar para dentro, para o jeito que eu ansiava pelo amor de homens que nunca me amariam. Para como eu não tolerava mulheres que precisavam de mim. Para o jeito que eu destruía algumas pessoas enquanto permitia que outras me destruíssem. Senti asco de mim e, ao mesmo tempo, me senti livre de um fardo. Achava que tinha sido honesta comigo mesma. Mas não. Tinha passado a vida toda contando histórias de fantasma para mim mesma.

Alice se levantou e me abraçou. Tínhamos passado a tarde toda performando os pequenos atos que mulheres têm que performar quando se juntam depois do ensino médio. A polidez extrema nos gestos. O foco em ser

feminina e o oposto disso. E com o abraço não foi diferente. Estávamos tentando esbanjar gentileza sem sermos efusivas demais. Queria que ela nunca soltasse.

— E tem mais — falei.

Ela me soltou e sentou de novo. Conteí a ela da esposa do Vic, Mary, e da filha dele, Eleanor, que aparentemente estava vindo atrás de mim. Mostrei as mensagens para ela, a última, o tamanho bizarro, as maiúsculas.

— Não, Joan — disse Alice, em um tom que acredito ter sido raiva genuína. — Não. Já deu dessa história.

Dei risada, tentando tirar o peso daquele absurdo todo.

— E pensar que, do além, ele ainda dá um jeito de me encontrar.

— Essa menina maluca está achando que vai matar você? Isso é loucura.

— Talvez ela tenha razão.

— Ah, não. Não tem, não. O pai dela é... era... um sanguessuga, e ponto. Ela precisa entender isso e seguir em frente.

— Não sei, não. Talvez seja justificável. Você acha que ela pretende me matar?

— Ela claramente vem de uma linhagem de sociopatas. Você não falou com a mãe dela depois dessa mensagem, falou?

— Não.

— Vai acontecer nada. É pura idiotice. Passo pra pegar você amanhã, então? Podemos ir pra um bar, o Cold Spring Tavern, flertar com uns motoqueiros de Harley e ter uma intoxicação alimentar. Você precisa tirar essa história ridícula da cabeça.

Usei o banheiro enquanto ela tirava os pratos da mesa. Tentei ajudar, mas ela não deixou. Eu odiava quando as pessoas não negavam ajuda e me davam algo para fazer. Cortar as cenouras à Julienne.

O banheiro era minúsculo e tinha mofo em quase toda linha de rejunte. Tinha um para-barro do Taz, do tipo que você vê em caminhões de dezoito rodas, no chão da banheira. Passei papel higiênico na testa e no nariz para secar o óleo.

— Desculpa pela tarde pesada — falei antes de ir embora.

Ela bagunçou meu cabelo. Fiquei com a mão no mesmo ponto do couro cabeludo no caminho todo de volta para casa.

DE VOLTA AO CÂNION TOMEI UMA DUCHA PARA TIRAR O VINHO DO CORPO. Soprava uma brisa com aroma de madressilva. Quando não estava insuportavelmente quente em Topanga, o ar da montanha era revigorante e a cor do anoitecer tinha uma extravagância, em tons de tangerina e púrpura.

Eu estava me sentindo muito bem quando deixei a casa dela. Sempre que deixava a casa de um homem depois de uma longa tarde ou quando era ele que deixava a minha, a noite estava acabada. Eu vagava pelos quarteirões de Manhattan, parando em certos bares, comendo carne crua — carpaccio ou tartare. As segundas de martíni com Big Sky eram do demônio. Nas segundas de martíni ele aparecia às cinco e ia embora antes das sete. Eu ficava com o peito frio do suor, a pia com copos de cerveja. Eu deixava meu apartamento logo depois dele, como se estivesse pegando fogo. Não aguentava ficar lá quando caía a noite. Ele pegava qualquer coisa para viagem no Upper West Side, para aplacar a fome da cerveja de estômago vazio e da transa fervorosa no meu sofá de couro. A esposa dele tinha uns dentes incríveis, e eu imaginava a mandíbula dela se abrindo para um triângulo de pizza fumegante. Risadas e o bebê e Coca-Cola. Enquanto isso eu ficava sentada em um banco de algum bar à meia-luz e fazia o tartare render uma hora.

Em retrospecto, era óbvio. Conversar com Alice fez com que eu me desse conta de que o que eu viria a fazer era inevitável. Cada um dos homens da

minha vida preparou o terreno para o assassinato. Eu não deveria pensar assim, mas penso: não acho que tenha sido um ato vil. Acho que foi necessário. Você pode decidir por conta própria. Nunca vou mentir para você. É a única pessoa para quem nunca vou mentir.

Antes de me deitar, saí um pouco para pegar um ar, caminhar pelos montes de terra seca. Estava feliz. Eu devia saber que não merecia.

Avistei Lenny em um ponto improvável, a caminho da casa de Kevin, descendo o barranco com as gramíneas arranhando os velhos tornozelos dele. Imaginei que estivesse passando por uma crise e o chamei pelo nome.

Lenny subiu o morro mais rápido do que eu achava possível.

— Estou muito feliz em vê-la, Joan.

— É mesmo?

— Estou tendo um dia tão lúcido, o dia mais lúcido em muito, muito tempo. Acho que estou tentando convencer a lucidez a ficar em troca de um sacrifício para o universo. Os remédios que tenho que tomar transformam a casa de espelhos que é minha mente em uma vidraça, e é sublime. Mas ainda melhor, ainda mais sublime, é o seguinte: pouco antes da hora da dose, consigo compor um cenário diferente na casa de espelhos. Só fica disponível para mim um dia ou outro, e não tem nada a ver com providência, mas com uma sincronia qualquer na interação entre os medicamentos, o efeito de um passando junto com o ápice de outro. Eu levaria mais tempo do que tenho de vida para entender o momento exato da sincronia para reproduzir. Mas nessa nesga de tempo, vejo com mais clareza do que quando estou nos trinques. Consigo ver o passado inteiro com uma vista impecável. É melhor do que ver em retrospecto, porque é como se eu estivesse revivendo o passado. Posso ver as coisas como um deus. É uma clareza tão absoluta que transcende a dor. Imagino que morrer seja assim.

— Quer entrar?

— Eu adoraria — disse ele.

Fiz um chá para nós, e nos sentamos à mesa da cozinha. Lenny sorveu o chá, entrelaçou as mãos e respirou fundo.

— Tem coisas... — disse ele — todos os fragmentos de uma vida, eles voltam pra você de repente quando você tem lucidez, uma paz, porque uma coisa que você teme não está mais lá. Sabe quando você escuta as faxineiras de um hotel, a rede de faxineiras, conversando entre si e com o rapaz da manutenção? É todo mundo primo, relacionado, e no fim de semana assam porcos juntos, e compram barris de cerveja com suas notas amarrotadas. São

barulhentos e estridentes entre si, mas quando batem na sua porta, de repente ficam quietos. É a faxina, dizem, em certo tom.

Balancei a cabeça com ódio. Por um mês eu tinha trabalhado como faxineira em um hotel, não um hotel chique, mas um decente, com piscina interna e externa. Eu tirava cochilos e lia livros nos quartos desocupados por amantes. Cheiravam a tinta e funerais. Eu era bem nova. Não ligava para os homens casados olhando para mim em meu uniforme preto, a bainha engomada na altura dos meus joelhos.

— Ah, Joan! Não consigo explicar muito bem... As razões para tudo vir à tona nesse momento de hiperclareza... Eu consigo entender a vida dessas faxineiras. Nunca pensei muito nelas. Mas em algum momento ingeri suas almas. Não seria humano se não o fizesse. Talvez o melhor jeito de explicar seja pelo cheiro da grama. Você conhece o cheiro de grama cortada, com certeza. Mas qual foi a última vez que sentiu esse cheiro de verdade? Acho que o cheiro da grama existe mais como uma ideia depois dos doze anos de idade. Entre os doze e os trinta anos, eu diria que a gente não sente esse cheiro. Até que de repente chega nos trinta, quarenta, e pensa, Caramba, grama cortada!

Eu estava entediada. Ele era um velho racista que se achava progressista. Mas eu queria o que ele tinha. Me perguntei se ele deixaria para mim. O dinheiro dele. Os pratos. O relógio. Mesmo se fosse deixar, eu não poderia esperar tanto tempo assim. A coisa mais fácil a fazer seria pegar quando ele estivesse ruim da cabeça e eu fosse Lenore. Mas ele iria saber que tinha sido eu assim que voltasse a si. Eu tinha certeza. Em todo caso, aquela era a última noite em que eu me compadeceria do velho. Depois iria querer matá-lo.

— E é isso que quero contar pra você, Joan. É o que ficou claro para mim de manhã cedo hoje. Uma das visões. Quero contar para você de como, na verdade, estou mais que quebrado.

Ele começou a tremer, e disse:

— Já falei para você de Sandstone?

— Falou, sim, da mansão de *swing*.

— Descendo aqui a estrada... Agora não tem nada lá, só uns tapumes, mas na época sempre tinha alguma coisa.

— Achei que você não fosse lá.

— Eu ia. Nós íamos.

— Você e Lenore.

— Você tem que entender... Quase ninguém da sua idade entende, mas naquela época era... Estava tudo mudando. A gente não sabia. Era como se uma onda estivesse nos arrastando para um novo mundo. De certa forma não parecia haver escolha. A primeira vez que fomos lá foi depois de um evento no Getty. Um casal com quem estávamos conversando, o marido era um produtor importante e a esposa era a coisa mais linda. Nunca esqueço, ela estava de vestido prateado, só duas faixas de tecido, uma em cada peito, se juntando na cintura, pele de fora até aqui. — Leonard elevou a mão a um palmo do meu esterno. — Eles comentaram que iriam para um *after* em Sandstone. Convidaram a gente pra ir junto. Já tínhamos ouvido falar, claro. Eu estava intrigado, sou homem, mas Lenore também estava. Ela tinha curiosidade por tudo na vida. Não tinha medo de nada. Levamos nossas taças de champanhe e seguimos o carro deles. A primeira coisa que aconteceu quando paramos na entrada foi ver o outro casal sair do carro completamente pelado. Ficamos um minutinho ali sentados, desligamos os faróis. Lenore olhou para mim e massageou meu ombro. Vamos, Len, ela disse. Estamos juntos em tudo. Então ela me beijou intensamente, tirou o vestido branco de verão pela cabeça; parece aquele que você quase nunca tira; abriu a porta do carro e foi cumprimentar o outro casal. Os dois colocaram o braço em volta dela, o homem encostou na bunda dela. Alguma coisa aconteceu dentro de mim. Eu queria matá-la. Queria matar os três. Para ser mais preciso, queria comer a outra mulher até gozar, então tirar o pau para fora e atochar na goela da Lenore até ela engasgar.

Tive que botar a mão na boca para segurar o vômito. E eu ainda não sabia nem metade do que estava por vir.

— Joan — disse ele —, desculpa. A pele pode ficar enrugada, mas o sangue é o mesmo. Sempre fui um homem ciumento. Protetor, eu costumava dizer. Rá! Protetor do meu ego, só se for.

— Mas você entrou — falei.

— Entrei. Mulheres de trança com seus corpinhos firmes. Homens em cima delas. Na sala mais cheia, um homem de barba tocava violão e em volta dele casais se beijavam, todo mundo pelado, um no colo do outro, acariciando a perna um do outro. Cada pedacinho meu queria mandar ver, simplesmente comer e chupar e ficar molhado com todas aquelas mulheres, e com a Lenore, mas a ideia de alguma outra pessoa fazer algo com ela... Eu não conseguia lidar com o ódio. Até aquela noite acho que Lenore não conhecia esse meu lado. Escondi o tempo todo. Mas naquela noite não tinha mais como negar.

Ela achava que poderíamos chegar juntos, como um casal, nessa nova terra. A ideia era que se você realmente amasse o outro, se o amor fosse profundo e seu coração fosse puro, você iria querer que seu par vivenciasse a euforia de outros corpos, iria respeitar as tendências animais, você podia trepar e deixar trepar e chamaria de fazer amor, mas quando terminasse esse amor, você voltaria para casa com sua esposa, e vocês tomariam um sorvete e um banho e iriam dormir.

— O que aconteceu?

— Naquela noite não rolou muita coisa. Ficamos observando. O casal que tínhamos seguido estava nos guiando por lá. Uma hora, a mulher pegou a mão da Lenore e tentou puxá-la para um abraço, tentou levá-la para junto do marido dela. Como se Lenore fosse uma presa fresquinha que ela estava levando para o mestre. Ela piscou para mim, indicando que seria meu prêmio se eu deixasse Lenore ir. Eu quis matá-la por isso. Mas queria comê-la antes. Eu estava de cueca. Era um dos únicos naquele ninho de cobras.

— Cueca?

— É, não tinha uma boxer sequer.

— Por que você não tirou?

— Espero que você não esteja insinuando nada com isso. Nunca deixei a desejar nesse departamento. Em todo caso, me senti rejeitado. Senti que todo mundo ali percebia meu ciúme. Lenore continuou grudada em mim. Educadamente recusava todos os olhares. Ela apertou minha mão, voltamos para o carro, vestimos nossas roupas e fomos para casa. Não falamos no assunto por um tempo. Mas algo estava aceso dentro de mim. Uma fúria profunda. Lenore e eu estávamos tentando ter filhos. Fazia quatro anos que estávamos casados e desde então vínhamos tentando. Todo mês que ela sangrava, tentava esconder a tristeza de mim. A semana que fomos para Sandstone pela primeira vez coincidiu com a consulta de Lenore com um médico especialista em fertilidade que disse a ela que tudo no sistema dela parecia ótimo. Ele queria que eu fosse lá fazer uns exames, contagem. Eu me recusei. Ela não me importunou, não era dessas. Era uma das últimas mulheres decentes. Uma sensibilidade europeia.

Leonard estava com lágrimas nos olhos. A tristeza dele era uma mentira. Eu sabia quando a tristeza era mentira. Era um dos meus superpoderes. Mas, embora a voz dele tivesse ficado um porre para mim, eu estava curiosa. Curiosidade é algo que sempre me moveu. Sou depravada e curiosa.

— Eu voltei lá — ele resmungou.

— Claro que voltou.

— Uma noite, Lenore acendeu velas pela casa toda, a casa onde você está agora. Ela subiu nas vigas e deixou velas votivas vermelhas no teto. Velas grandes no chão. O quarto todo reluzia como uma igreja. Fizemos amor na cama, foi o melhor sexo de todo o nosso relacionamento. Senti como se fosse o melhor sexo da história do mundo. Era *a* noite, decretou ela, aquela era a noite em que ela iria conceber nosso bebê.

Estremeci só de pensar no calor da casa, com velas, ainda por cima, e na pobre esposa dele, abrindo as pernas para aquele babaca insolente. Mais uma vez eu tinha confiado em um homem. Mais uma vez tinha me compadecido de um homem que não era bom.

— Não sei que tipo de mulher você é, Joan. Algumas mulheres não foram feitas para bebês. Não acho que isso seja ruim. A biologia é enigmática, mas deliberada. Seleciona alguns para procriação e outros para um caminho diferente. Mulheres como você são necessárias para desanuviar. Despressurizar a cabine.

— Mulheres como eu são boas para o homem foder enquanto ainda não está pronto para fazer bebês com mulheres certinhas do interior, como Lenore.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Vai tomar no cu.

— Essa foi merecida, velhota.

— Então você e Lenore, mãe de todas as mães, treparam em um templo do amor. E acenderam todas as velas mágicas para estimular a inseminação. E depois?

— E depois nada. A menstruação veio. Foi um dia péssimo. Já ouviu falar dos coiotes com o ciclo?

Fiz que sim, e Lenny, solene, também balançou a cabeça.

— Os coiotes passaram a rondar a casa. Estavam uivando antes mesmo de ela começar a sangrar. Podiam farejar o sangue passando pelos tubos dela. Ouvi ela no andar de cima, o ganido. Minha bendita esposa. Um bom homem teria ido lá confortá-la. Mas só senti raiva. Raiva de mim mesmo, mas dela também... Estava bravo feito um cão com a minha esposa por me mostrar o grau da minha futilidade. E a raiva foi tomando meu corpo, desceu pelos quadris até o meio das pernas. Me pergunto se você sabe como a raiva pode deixar um homem duro. É como um grito de guerra. Saí de casa, o sangue fervendo. Dirigi pelo cânion até Sandstone. Nem passei pela recepção; contornei a casa e me esgueirei até o quintal, onde ficava a cama elástica.

Uma indiazinha bem alta estava pulando, rindo, as tetas balangando que nem pelanca de peru, chacoalhando. Dois homens estavam olhando, e duas mulheres também, duas loiras branquelas, vagabundas. Todo mundo pelado e esguio que nem cobra. Nada parecia humano para mim. Eu estava mais duro do que nunca. Subi na cama elástica e parti pra cima da indiazinha como um lobo. Tirei a roupa e fiz ela ficar de quatro e carquei ela que nem um animal. Olha só pra mim, eu tenho corpo de homem rico, não de bicho, mas naquele dia eu fui uma fera, e ninguém me parou. Afinal, tinham construído aquele lugar pra agir como animais, e eu só estava dispensando as formalidades. Eu estava cheio de ódio porque tinham me negado o principal direito de todos os seres humanos. A principal razão pela qual estamos na Terra. Procriar. Então comi a indiazinha com toda a minha fúria e depois as duas loiras, enquanto os dois homens ficaram olhando. Acariciavam o pau enquanto me viam reivindicar o que era meu.

Balancei a cabeça em repulsa. Achava que já tinha gastado toda a minha cota de nojo ouvindo homens falar do que deviam a eles.

— Você está chocada, Joan. Sou um velho agora. As maldades que fizemos seriam inúteis se não fossem transmitidas para que outros não cometam o mesmo erro. Não acha, Joan? Sei que você também tem segredos. Ninguém vem para o cânion a não ser que tenha segredos.

Mordi o lábio. Tentei manter as mãos no colo, longe do pescoço dele.

— A questão para mim é que Lenore era só para filhos. Tudo o que ela queria era ser esposa e mãe. Mas mãe antes de tudo. Sempre mãe. Joan, essa não é você, não conheço você muito bem, mas espero que me permita dizer isso. Adoro mulheres como você. Uma parte de mim sempre desejou ter isso, uma mulher com quem eu pudesse lutar. Talvez tivesse sido melhor pra mim. Talvez minha história fosse diferente.

— Não me interessa que fim teria levado a sua história, Lenny. Você queria sufocar uma mulher com o seu pau.

— E essa nem é a pior parte. Ainda não terminei. Não está vendo? Quero abrir o jogo, contar tudo.

Empurrei ele até a porta e então lá para fora.

— Por favor, Joan, eu sou um velho. Não espero que você se compadeça, só que...

— Eu me compadeço da sua esposa, Lenny. Essa trouxe querendo o filho que você era vazio demais pra dar pra ela.

Cuspi e vi uma bolha de saliva pousar no ossinho do nariz dele. Não sei de onde veio o impulso, mas me fez sentir mais poderosa do que nunca. Bati a porta na cara dele.

Subi a escada em espiral e tirei o vestido branco para ir dormir. Depois de ser estuprada usando um vestido, você acha que vai querer queimar a peça, mas eu não quis.

DE MANHÃ ALGUÉM BATEU NA MINHA PORTA. ALICE ESTAVA ADIANTADA. Eu não tinha me recomposto tanto quanto gostaria. Olhei minha cara no espelho do corredor. Dei uma ajeitada no cabelo e abri a porta. Tinha me esquecido completamente da menina.

Era a cara do Vic. Impressionante. O rosto dele me encarando, as sobrancelhas inquisitivas, as maçãs reluzentes do rosto pálido. A postura dela na minha porta era todinha o pai. Uma confiança desarmônica.

Então me dei conta de que já nos tínhamos visto. Ela tinha visitado o pai no escritório quando eu acabara de começar lá. Eu estava curtindo a fase de ser a queridinha do chefe, no começo de tudo. Lembro de ela vir até minha mesa com um sorriso de sonhadora estampado no rosto. Devia ter uns dez anos. Eu tinha vinte e sete. Ela se apresentou e não falou muito mais, só sorriu e ficou de bobeira na minha mesa até o pai dela chamar. Ele deve ter falado para ela que eu era uma estrela ou algo do tipo, uma verdadeira batalhadora no mundo da publicidade. Ele deve ter falado qualquer coisa para ela reparar em mim, porque queria me exibir para todo mundo na órbita dele, até para a própria filha. As mulheres sempre comentam como os homens compartimentalizam, como são capazes de passar a semana inteira trepando com uma gerente de cosméticos e voltar para casa e jogar Palavras Cruzadas com os filhos e coçar as costas da esposa. Mas Vic tinha só um compartimento e era todo para mim. O amor dele pelos filhos era verdadeiro e imenso, sem dúvida, mas a mania por mim não ficava atrás.

— Eleanor — eu disse.

— Você era gata antes — ela disse, ajustando os óculos de aro fino.

Fiquei olhando para ela, sem dizer nada. Ela estava usando um short jeans desfiado, tênis branco e um moletom que dizia ALTO ASTRAL em letras grandes de arco-íris na frente.

— Obrigada — eu disse.

— Você sabe por que eu estou aqui?

A pergunta soou profética pelo quão simpático e pueril era o rostinho dela. E pelo mesmo motivo soou ridícula também.

— Acho que sei — falei.

As mãos dela estavam tremendo por dentro do bolso do moletom, que ela estava usando como silenciador.

— Você vai me convidar para entrar?

— Não seria idiota da minha parte?

— Posso acabar logo com isso aqui mesmo, não ligo.

Dava para ver que ela acreditava estar falando sério. Estava coberta de raiva e de dor. Eu já tinha passado por aquilo, entendia exatamente como era. Como eu poderia ter medo daquela menininha, da minha versão criança, parada ali à porta?

Falei para ela entrar. Escancarei a porta e recuei. Eleanor avançou devagar, sacando uma arma do bolso dianteiro do moletom. A arma era impressionante, pequena e preta, e fazia ela parecer adulta.

Ela manteve a arma apontada para mim. Aos poucos as mãos pararam de tremer. Ela olhou para o teto alto do forno que era a minha casa.

— Não é como você imaginava? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Não é como nos filmes — comentei.

— Vai se foder — ela disse. — Vai se foder! Senta!

Sentei à mesa da cozinha e ela avançou até ficar a um metro e meio de distância. Presumi que fosse a distância confortável para ela acertar o alvo.

— Dá pra ver os seus mamilos — ela disse em um tom suave.

Olhei para eles. O papo de mamilos me fez pensar na minha mãe. Com seus grandes óculos redondos e o cabelo loiro em camadas e os seios anos setenta, brancos e fartos, beleza digna de estrelas de cinema. Os mamilos dela eram enormes. Dava para ver através de suéteres de lã.

— Quer ouvir uma história? — ela perguntou.

A arma estava apontada para a minha cabeça. Falei que claro que queria.

— Você provavelmente já sabe — ela começou — que todo ano fazemos uma viagem para Anguilla em família.

Fiz que sim. Vic tinha vendido para mim como a viagem da esposa, o ápice do inverno dela, a excursão de Páscoa em Anguilla.

— Ano passado — ela continuou —, de última hora, meu pai disse pra gente que não conseguiria ir. Disse que precisava trabalhar e não podia ser remoto. Só podia ser presencial, no escritório. Era pura ladainha, e a gente

sabia. Minha mãe ficou muito chateada. Acho que ela sabia de você ou pelo menos suspeitava. Ela varria para debaixo do tapete, imagino. Mas Anguilla era muito importante pra ela. Era o único momento em que ela podia ter meu pai na frente dela todo dia, por dez dias. Era o paraíso pra minha mãe. A gente contratava uma babá também, uma moça da ilha, e ela cuidava do Robbie a maior parte do tempo pra minha mãe poder fingir que era uma mulher livre com o marido, sabe? Toda noite é uma noite romântica em Anguilla, ela dizia. Lá ela bebia bastante, coisa que ela nunca fazia em casa, e ficava tão contente. Meu pai ficava contente também, digo, especialmente no começo. Quando eu era pequena, antes de o Robbie nascer, a gente mergulhava, catava concha, construía castelos de areia e pegava siri. Depois do Robbie, ficou difícil. Meu pai meio que se distanciou de tudo, não tanto de mim, mais da minha mãe e do Robbie. Eram como um conjunto de bonecos quebrados ou algo assim. Acho que ele imaginava que, se desligando deles, poderia levar uma vida normal.

Ela parecia estar prestes a chorar. Perguntei se não queria se sentar. Ela se aproximou devagar e se sentou de frente para mim. A mesa era longa o bastante para ela apoiar a arma e mantê-la apontada para o meu pescoço sem temer que eu fosse esticar o braço e tentar pegar. Ela falava como se fôssemos amigas e ela precisasse desabafar. Como se ela fosse eu e eu fosse Alice.

— Dois dias antes da viagem, ele disse que não podia ir. Literalmente, dois dias. Minha mãe ficou arrasada. Estava com a mala dos dois pronta. Andava seis quilômetros por dia pra perder o “pneuzinho” e tinha comprado um monte de roupa. Ela falou em adiar e ele disse que não, não, que perderíamos o dinheiro, os voos, a casa alugada. Ele era muito esperto, como você já sabe, calculista. Falou pra ela que era tarde demais pra fazer algo a respeito. Ele disse, As crianças merecem, você merece. Vocês têm que ir. Não entendi na hora. Ela sabia o que estava acontecendo e isso acabou com ela, como ele estava mandando ela embora pra poder ficar com você, sem interrupções ou o que quer que fosse.

Pensei em abril do ano anterior. Big Sky tinha ido acampar no Chile com os amigos. Provavelmente foi o segundo período mais obscuro da minha vida, depois do que aconteceu em Poconos. No meu apartamento, olhei para o sofá onde a gente tinha trepado e para tudo em que ele tinha encostado ou que tinha comentado. Eu me senti vazia e assustada, porque mesmo que no fundo eu soubesse que estava prestes a acabar, não queria acreditar, porque também nada nesta vida é certo. Eu não estava no clima para beber vinho.

Era fim de tarde ainda, umas cinco. Vi nas redes sociais as fotos que os amigos dele haviam postado. Ele não tinha a menor presença online, então precisei escavar para encontrá-los. O grupo de amigos dele um era um bando de riquinhos entre trinta e seis e quarenta anos, convictos dos próximos quarenta. Não há no mundo grupo mais poderoso do que homens nessa faixa etária com grana, esposas de bom gosto e filhos bonitos. Casas de família em Bridgehampton e Nantucket. *Brunches*.

Era inevitável pensar nas mulheres que deixavam os maridos ricos e bonitos fazerem viagens em grupo para o Chile e a Argentina, onde se juntariam a um grupo de novinhas de vinte e poucos anos para fazer fogueira, beber mate e escalar montanhas com o equipamento certinho. Tinha uma loira em uma foto com polainas de arco-íris, segurando uma salsicha em um espeto, inclinada sobre a fogueira com suas coxas esbeltas, e Big Sky estava do lado, olhando para ela. A foto ganhou vida no meu cérebro. Pude ver os dois juntinhos a viagem toda, andando de parzinho pelo terreno rochoso. Pude vê-lo ajudando a novinha a atravessar um rio estreito, vivenciando o tipo de paixão de tirar o fôlego que acontecia na época da escola. Pude ver o sétimo dia da viagem. Imaginava que estava frio e calor ao mesmo tempo, e eles estavam juntos à beira da lareira, enquanto todo mundo dormia, e dividiam uma garrafa térmica de uísque e riam baixinho. Ele cobriria os ombros dela com uma manta colorida de *serape*, como tinha feito comigo no bar aquela noite, com o casaco dele.

Foi nesse momento ridículo que tomei as dores da esposa dele, nós duas no aconchego de Nova York, esperando por ele em casa. Pareceu absurdo.

Mande uma mensagem para ele, *Como é que tá, Montana?*

E um dia inteiro depois, ele escreveu, *Tá demais o chile é top*.

Perdi o ar. Foi o fim. Liguei para o Vic. Falei para ele que estava me sentindo suicida e perguntei se ele não queria me levar para jantar.

E agora ali estava aquela menina, graças ao que Vic tinha feito com a esposa, graças ao que Big Sky tinha feito comigo, graças ao que meu pai tinha feito com minha mãe. O padrão precisa parar de se repetir com você.

— Você se lembra de abril? — ela me perguntou.

— Lembro, sim — falei. — Fez um tempo lindo.

— Você estava com o meu pai?

— Saímos pra jantar toda noite.

— E ele passava a noite com você?

— Não — eu disse.

O que era verdade, porque nosso envolvimento sexual já tinha terminado àquela altura. Ele só ficava sentado na minha frente, me vendo comer, me ouvindo falar.

— Por que não?

— Porque eu não queria. Estava apaixonada por outro homem.

— Outro homem casado?

Fiz que sim.

— Como foi que você virou essa vagabunda?

— É uma longa história.

— Não quero ouvir sua longa história. Quero contar para você de Anguilla. Minha mãe tentou se matar.

— O quê?

— Engraçado que ele não tenha contado pra você. Porra, eu acho muito engraçado.

— Ele não me contou.

— Isso é que é o pior. A porra da minha mãe tentou se matar porque sabia que ele estava comendo você, ou sei lá, nem comendo você, mas pagando um jantarzinho de puta pra você. Acho que foi isso que pegou pra minha mãe. Os jantares todos. Depois do velório, ela passou umas duas semanas checando as faturas de cartão de crédito, fuçando os restaurantes pela internet e vendo o que vocês dois pediam. Conferindo os pratos no Yelp.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Não pela esposa de Vic, mas pela minha mãe.

— Ah, ficou comovida, foi? Nossa. Legal. Deixa eu explicar melhor. Jantamos no Picante, nosso restaurante mexicano predileto. Foi estranho pra cacete ir lá sem o meu pai. E o Robbie, que tinha três anos e teria três anos pra sempre... Você sabe que ele tinha síndrome de Down, né? Então, ele estava causando. Tacou um garfo na garçonete. O garfo acertou ela bem no rosto e sangrou. E foi a gota d'água pra minha mãe. Imagina, lá estávamos nós com a entrada de siri com guacamole que era o prato favorito do meu pai e o Robbie atira um garfo na garçonete, e a minha mãe olha pra família da mesa ao lado, a jovem família com duas crianças pequenas, um menino e uma menina, que nem a gente, mas o menino é normal e a mãe e o pai parecem felizes, os dois em forma. Meu pai não era nada de mais, mas minha mãe sempre tratava ele como se fosse um astro de cinema. Enfim, minha mãe nem se desculpou com a garçonete. Ela deixou um bolo de dinheiro na mesa e saiu andando, e eu peguei o Robbie e fomos atrás dela. Nenhum de nós tinha

comido. Robbie estava chorando e se batendo, e minha mãe só continuou andando. Pegamos um táxi de volta pro nosso bangalô. Mais tarde encontrei ela no banheiro, desmaiada no chão. Aquele banheiro encardido que nem era bom porque meu pai andava alugando uma casa mais barata nos últimos anos. Provavelmente pra economizar e pagar jantares para você e ficar na sua cola no México.

— Jesus — falei.

Eu me lembrei da noite em questão. Vic e eu estávamos bebendo até tarde, em um bar *tiki* no SoHo que enfeitava os drinks com orquídeas cor-de-rosa e pedacinhos verdes de shisô.

O celular dele vibrou e ele tirou do bolso. Quando atendia o celular em público, ele sempre cobria a boca. Imagino que fosse por decoro, mas provavelmente também era por privacidade. Vic escondia tantos segredos de todos nós.

Ele se levantou e deixou o bar. Ficou uns dez minutos lá fora. No meio-tempo beberiquei meu drink na inércia e chequei todas as redes sociais atrás de novas informações sobre as férias de Big Sky. A esposa dele tinha postado no Facebook, *Ele tá em casa!*, com um emoji de beijinho, mais outro de champanhe e um de banho de banheira. Será que iriam trepar aquela noite?, me perguntei. Eu não fazia ideia de quanto eles transavam. Ele nunca falava dela. Assim como Vic mal falava da esposa. As esposas dos traidores vivem em quartos privados com loções brancas em potões e uma luz suave.

Quando Vic voltou, não estava visivelmente abalado. Mas estava mudado. Não fiz muito caso. Às vezes depois de uns copos ele começava a ficar emburrado na minha presença. Gastava tanta energia de dia, tentando me convencer de que só queria o melhor para mim — mesmo se o melhor para mim não fosse ele — que à noite a boa vontade dele secava e o uísque que ele bebia o transformava em um *goblin*.

E quando ele entrou de volta, parecia estar em um de seus momentos melancólicos. Quando sentou, em desalento, fincou os cotovelos nos joelhos azuis-marinho.

— Você estava com ele naquela noite? — Eleanor indagou.

Gaguejei. Mal pude acreditar. Ela refez a pergunta com raiva.

— Estava — falei. — Tomamos uns drinks e ele me acompanhou até minha casa.

— Você lembra dele atendendo uma chamada?

Fiz que sim.

— Era eu ligando pra contar pra ele que minha mãe tinha tentado se matar. Telefonei do hospital em Anguilla que mais parecia um muquifo, onde ninguém usava luva e o Robbie não parava de berrar, A mamãe morreu, A mamãe morreu, enquanto se batia e socava a cabeça na parede sem parar. Fiquei assustadíssima, e agora quero saber, meu pai atendeu o telefone antes ou depois de acompanhar você até em casa?

Ela estava aos prantos, o rosto manchado, branco e vermelho. Pensei no que dizer. Eu quase sempre mentia. Isso fazia de mim uma má pessoa? Não sei a resposta.

— Responde à pergunta — ela disse, as mãos tremendo com a arma. — Porra! Se você mentir para mim, vou matar você devagarinho!

— Ele me acompanhou até em casa — sussurrei — depois de ficar sabendo que sua mãe tinha tentado se matar.

MEU PAI VOLTOU PARA POCONOS NO DIA SEGUINTE, À TARDE. NA MINHA memória era o dia mais ensolarado da vida. Eles me perguntaram se eu não queria passar o dia na piscina. Um tempo depois eu me daria conta de que era porque eles precisavam conversar, mas na hora lembro de pensar que iriam transar. Sexo definia a relação deles, pelo menos na minha cabeça.

Eu mal podia acreditar que estavam dispostos a me deixar sem supervisão. Fiquei animada com o prospecto, mas estava mais magoada do que animada. Minha mãe tinha me exilado da cama dela na noite anterior. E agora isso. Foi quando me ocorreu, a sensação perturbadora de que a vida dos meus pais não girava em torno de mim. Eu tinha crescido achando que eu era o centro do mundo deles. Mesmo quando minha mãe gritava comigo ou me trancava para fora do quarto dela, era porque eu tinha o poder de tirá-la do sério. Era porque ela me amava. Poderiam dizer que minha lição de vida aos dez veio a calhar no momento perfeito. Eu já era velha o bastante para ter vivido um solipsismo aconchegante ao longo de anos, e ainda era nova o bastante para mudar a forma como me portava no mundo. Para ter cautela.

Fui para o meu quarto e coloquei meu biquíni preto com borboletas Tecnicolor. Passei gloss com sabor de coco e saí batendo meu tamanco de madeira e couro de saltinho. Falei, quero ir para a Top of the World.

Meu pai aquiesceu e me levou para a piscina chique. Que coisa! Pensar nisso agora. Talvez tenha sido o bar *tiki* sem graça que me atraiu. A vida toda fui ludibriada pelas armadilhas dos mares do sul. Buscava estabelecimentos que tivessem aquários iluminados com baiacus, falsas palmeiras imponentes, paredes de pedra e canoas pendendo dos tetos pintados. E começou com o bar *tiki* na Top of the World.

No carro meu pai estava estranho. Mas meu pai era sempre meu pai de um jeito que minha mãe nem sempre era minha mãe. Passavam-se horas, dias inteiros, em que minha mãe era um indivíduo a parte de mim. Acho que era muito por conta disso — e não pela devastação que viria a ocorrer de manhã cedo no dia seguinte — que eu jurava que sempre fosse amar mais meu pai.

— Não é para sair de perto da piscina, entendeu?

— Entendi, papai. Mas e se eu quiser comer alguma coisa?

— Vou deixar cinco dólares com você. Você pode comprar um lanche e comer na beira da piscina.

O que ele não sabia era que a piscina dos ricos não tinha lojinha de conveniência, só uma máquina dentro do clube, subindo dois patamares de escadaria safira. Não fazia parte da área da piscina. Só o bar *tiki* ficava na área da piscina. Eu sempre fazia questão de seguir as regras, mas sabia como contorná-las. Eram muito rígidas, e minha mãe estava sempre de olho, mas algumas horas, como eu já mencionei, ela fechava os olhos para mim, e essas foram as horas em que aprendi a clarear os pelos do braço e ter um orgasmo.

— Pai, sinto muito pela vovó.

Ele manteve os olhos fixos nas ruas cercadas de árvores logo à frente. Concordou e engoliu em seco.

— Ela vai ficar bem — ele disse.

Meu pai não aceitava ajuda de ninguém. Não consigo conceber como foi para um homem como ele saber que a mãe idosa tinha sido estuprada. Até que ponto ele visualizava a cena na cabeça dele.

— Ela está... muito machucada?

— Nada grave.

— Parece que ela caiu da escada?

Ele olhou para mim. Não fazia ideia do que eu sabia. Os pais nunca sabem isso sobre as filhas. Em parte porque não querem saber, mas na verdade é porque não podem saber. É psicologicamente perigoso enxergar dentro do cérebro de uma filha. E eu sabia muito mais do que as meninas da minha idade por conta do que eu ouvia.

— Hoje à noite você quer jantar no Villa Volpe?

— Quero!

— Só nós dois, que tal? Vamos dar um tempo para a mamãe, deixar ela mais sossegada em casa.

Fiquei de ombros caídos. Fiz que sim. Eu queria muito algo que estava no passado, só não sabia ainda. Vic uma vez me disse, Família é bobagem. O conceito é uma bobagem. Ele disse isso porque não queria saber da família dele. Mas teria formado uma família comigo de bom grado. Eu e ele no supermercado, empurrando o rechonchudo Vic Jr. no carrinho, comprando tomate-cereja.

Entramos no estacionamento. Eu estava triste com a luz solar vítrea refletida no macadame, com o sorriso falso no rosto com cavanhaque do meu pai. Ele teria morrido por mim, mas porque era um homem, não sabia que estava me machucando ao fazer as coisas que julgava não terem nada a ver com a filha.

— Venho buscar você às quatro e meia. Bem aqui. Vou parar o carro aqui, mas quero que você espere do lado de dentro do portão, combinado?

— Combinado.

— Nada de desobedecer, hein.

— Nada de desobedecer — repeti.

Ele me deu um beijo na testa.

Levei o livro que estava lendo. Todos os livros que eu lia eram de segunda mão, dos meus pais. Os V. C. Andrews da minha mãe, os Dean Koontz do meu pai. O livro no caso era *A dança da morte*, do Stephen King. Eu gostava do tomo imenso que era, renderia um mês.

Escolhi uma espreguiçadeira perto do bar *tiki*. Tirei a saída atalhada e deitei como a minha mãe deitava, pernas dobradas e joelhos juntos. Li o livro concentrada na minha aparência lendo. Eu tinha só dez anos e mesmo assim me lembro de ter pensado nisso aquele dia. E imaginar que uns anos antes eu era uma criança pura. Me divertindo no espaço entre a árvore de Natal e o canto da parede onde as luzes coloridas piscavam só para mim, o paraíso. Ou usando um vestido de princesa para ir ao Maggie's Pub, um lugar tenebroso de carpete verde xadrez e mesas altas. Íamos lá quando minha mãe ficava com vontade de comer asinha de frango. Ela amava as partes baratas dos animais, todo tipo de miúdo, mas asa de frango era a mais fácil de achar, e comíamos lá nas noites de asinha por cinco centavos, e eu ficava brincando no carpete podre debaixo da mesa. Eles ficavam conversando e eu ficava brincando com as minhas bonecas ali. As vozes, o amor deles sobre a minha cabeça. Ali

embaixo, toda a independência do mundo. Eu ainda não sabia que minha mãe era hipocondríaca nem que de vez em quando ela podia ser mais cruel do que já era. Eu não sabia o segredo do meu pai, ou talvez ele ainda não tivesse um segredo. Não há nada no mundo melhor do que o passado.

Aquele dia na piscina chique, enquanto eu movia o corpo como uma menina mais velha, reparei em um homem no bar, talvez porque ele tenha reparado em mim. Tinha bigode e usava uma camisa branca de linho e um short cáqui. Tinha quarenta e tantos anos, era da idade dos meus pais. Estava sentado de lado no banco para poder fazer um inventário da paisagem. Bebericava um coquetel alto, avermelhado, tropical. Os joelhos aparentes dele causaram um baque dentro de mim. O jeito que ele segurava o drink. Dava para ver por dentro do vazio do short dele, uma escuridão milagrosa. Imaginei meus pais a alguns quilômetros de distância, farfalhando em uma cama quente, molhada. Imaginei minha avó em Orange, imobilizada no sofá marrom com o xixi do dobermann.

Acendeu um fogo na parte interna dos meus joelhos. Pensei na palavra *trepas*. Escrevi no meu crânio em neon.

O homem estava perto o bastante para conversar comigo do bar. Ele esperou o barman fazer os drinks com seus braços musculosos na outra ponta. Dava para ouvi-lo com clareza por cima do aguaceiro e das músicas de verão nas caixas de som.

Para começar, ele puxou conversa sobre Stephen King. Disse que admirava uma mocinha tão nova lendo um livro tão grande. Ele me chamando de mocinha era provocante e repulsivo ao mesmo tempo. Ele me disse que se chamava Wilt e era de Boise, Idaho. Estava arrumando a casa dos pais para colocar à venda. Tinham acabado de morrer, o pai de enfisema e a mãe de suicídio, por um câncer, logo em seguida. Ele riu e eu também ri, como se entendesse o que ele queria dizer.

— Joan — ele disse. — Nunca tinha conhecido uma mulher com menos de quarenta anos que se chamasse Joan. Não é engraçado?

Não sorri nem assenti. Tinha aprendido com a minha mãe. Os homens piram na mulher que é quieta como um gato. A mulher que nem sempre aprova.

— Joan gosta de mistério e terror e longas caminhadas na praia.

— Não curto praia — falei.

— A mocinha não curte praia porque tem muita areia. A areia é insidiosa. A areia dá calafrios.

— Ah, eu gosto da praia da Itália.

— Ah! Então Joan abre uma exceção para o Mediterrâneo. A areia de lá é mais como pedrinhas. Menos insidiosa. Ela curte copos de frutas sobre toalhas azuis e brancas de hotel.

Eu sorri. Na água, uma menina da minha idade ficava jogando uma moeda e mergulhando para pegar. Ela era meio pálida e usava óculos de natação.

Eu sabia o que significava *estupro*, mas só vagamente. Sabia que significava sexo contra a vontade de alguém, mas sexo para mim era algo que passava na HBO. Hidráulica *soft-core*. Corpos em forma se movendo um contra o outro. Um beijo de língua muito envolvente. Então quando imaginei minha avó sendo estuprada, ela era uma dessas mulheres da HBO, só que mais velha, e o estuprador era um desses homens, só que mais bruto. Imaginei minha avó beijando de boca aberta durante o estupro. Aceitando uma língua na boca dela, mas com uma expressão de desgosto no rosto enrugado e cheio de blush.

— Você está aqui com alguém, Joan?

— Minha filha está brincando ali na piscina — falei, apontando para a menina que estava mergulhando.

Agora foi a vez de o homem rir.

— Joana Danada — ele disse. — Quando você estiver pronta pra sair da fase de Stephen King, acho que vai gostar de Henry Miller. Já ouviu falar dele?

Eu não disse nada.

— Não? Uma pena. O que é que andam ensinando nas escolas hoje em dia? Juros compostos e frações e pi. Deixa eu falar uma coisa, Joan, você nunca vai precisar de pi na sua vida. A escola só serve para fazer as outras pessoas acharem que você é inteligente. A escola não deixa você inteligente.

— E o que é que deixa a gente inteligente?

— Ler Henry Miller, pra começo de conversa. D. H. Lawrence depois. Nabokov mais do que Miller, pensando bem. Já ouviu falar de *Lolita*?

— Não.

— Céus! Mas imagino que você saiba nomear os seis continentes.

— São sete.

— Arrá.

O barman voltou para a ponta do bar onde estava o homem — Wilt — e perguntou se ele queria mais um. Wilt disse que sim e pediu um copo d'água junto. Gostei do jeito que ele falou com o barman. Era gentil como o meu pai, mas um pouco mais autoritário. Era até um pouco rude.

Quando o barman desapareceu de novo, Wilt entornou a água nos pés e encheu o copo de plástico com um pouco da bebida dele, e então, em um movimento hábil, colocou o copo no chão do lado da minha cadeira.

— Alguns geógrafos diriam que são seis — ele disse, sem deixar passar uma —, combinando a Europa e a Ásia para formar a Eurásia.

Peguei o drink e dei um gole. Era doce e azedo ao mesmo tempo. Fiquei observando os banhistas, a maioria mulheres. Segurando livros ou revistas e usando grandes óculos escuros. Tomando sol, como minha mãe dizia com seu sotaque. Parecia uma coisa mimada, do jeito que ela falava. Mas ela também tomava sol. Desamarrava o biquíni para não ficar com marquinha. Bebia água de um copo térmico e o protetor solar dos lábios dela derretia na borda. Por que eu sempre queria estar perto da minha mãe? Ela não fazia me sentir muito amada. Não se entregava por mim do jeito que muitas mães fazem por seus filhos. Ao mesmo tempo, além de tomar sol e comer asinhas de frango, ela não vivia para si mesma.

— Em Idaho — disse Wilt —, não frequentamos muito piscinas públicas ou piscinas de clubes. Não temos bares *tiki*.

— Eu nunca estive em Idaho — falei.

O que era uma coisa estúpida a se dizer, porque eu nunca tinha estado em lugar algum. Meus pais não viajavam muito, tirando Poconos e a Itália. Era assim com tudo. Comíamos comida chinesa sábado à noite. Ou carne ou massa. De almoço quase todo dia minha mãe fazia *pastina*.

— Idaho é o estado mais bonito. E não estou falando isso só porque moro lá. A Pensilvânia... — ele disse. — Bem, sou daqui. Na Pensilvânia brotam muitas maçãs podres.

— Você é uma maçã podre? — perguntei.

Não acho que as palavras tenham saído da minha boca em um tom instigante, mas algumas falas são naturalmente sensuais.

Ele riu e deu uma piscadela.

— O Novo México — ele disse — vem em segundo lugar. É o segundo estado mais bonito da nação.

— Nossas próximas férias vão ser no oeste — falei, ecoando meu pai.

— Você e sua menina?

— Isso mesmo — falei. — Eu e a Lulu.

— Lulu, que nome bonito. Quantos anos a Lulu tem?

— Hum, sete — eu disse. — Ela faz oito semana que vem.

— Bem, feliz aniversário, Lulu. O que ela quer de aniversário?

— E eu lá vou saber?

Ele riu com gosto. Eu falava como os personagens dos livros adultos que andava lendo. Ele chacoalhou o drink no copo. Bebi o resto do que ele tinha me dado. Eu só tinha comido um ovo cozido de manhã, porque estava nervosa com a volta do meu pai. Agora eu sentia o líquido, gelado, no fundo da barriga. Minha cabeça parecia ter bolhas em forma de estrela lá dentro, puxando o crânio para fora do meu pescoço.

— Joan, não posso mais com esse calor — disse Wilt, abruptamente. — Vou para casa, relaxar na sombra.

Assenti, de coração partido. Achei meu cabelo curto demais, seco demais. Meu livro pareceu a maior perda de tempo do mundo e eu nunca mais quis nadar como uma criança de novo.

— A gente se vê por aí.

Ele se levantou e vi como ele era alto. Perguntei-me se minha mãe o acharia atraente. As pernas dele eram bem escuras, com pelos encaracolados. Ele usava sapatos elegantes de couro, do tipo que não se costuma usar em uma piscina. Fiquei o vendo subir as escadas do clube.

Olhei de volta para o bar e vi uma carteira de couro preta no balcão de bambu. O barman reparou no mesmo instante.

— Eu conheço ele — falei para o barman. — Deixa que eu entrego.

Ele balançou a cabeça, desatento. Peguei a carteira e corri atrás dele, descalça, de biquíni. Ele já estava no andar do estacionamento quando o alcancei.

— Wilt — eu disse, sem ar.

Ele estava abrindo a porta de um carrão preto quando se virou para mim. Abriu um sorriso largo e os dentes dele eram branquíssimos, assustadores até. Eu estava segurando a carteira e pulando de um pé para o outro por causa do asfalto escaldante.

— Jesus! — ele disse. — Entra aqui um segundo.

Deslizei para o banco do passageiro e ele se sentou no banco do motorista, deu a partida, baixou todas as janelas e ligou o ar-condicionado no máximo. O banco da frente era um só, um longo banco de couro preto. O carro tinha um cheiro tão estrangeiro, como pele de cobra e gente velha.

— Joana Danada, obrigado. Que cavalheirismo de sua parte. Sabe como é raro encontrar uma mulher nobre assim no mundo?

O mais curioso é que me lembro de quase tudo até esse ponto. Depois disso minhas memórias são só uns borrões. A gente passando de carro pela

comunidade no entorno da Top of the World, o céu azul-claro entrecortado pelas árvores. Não me lembro de conversar. Na casa dos pais mortos dele, eu me lembro de um bar de piscina à moda antiga. O lugar mais frio em que já estive. Os móveis todos eram polares ao toque. Bebemos um licor marrom em copos espessos com cubos de gelo gigantes. A casa tinha sofás baixos de couro, da cor dos destilados no armário de bebidas dos meus pais.

Acho que não foi escolha não ter medo dele, mas talvez tenha sido. Talvez as mãos dele não tenham me assustado porque eram as únicas coisas quentes naquele lugar. Sei que ele ajeitou meu corpo na posição que ele queria, que era de quatro, no tapete mostarda do lado de uma mesa de centro de borda dourada. Pelos filmes da HBO eu sabia como me segurar. Por causa da HBO também eu vinha tendo orgasmos fazia mais de um ano. Via cenas quentes montada em um edredom embolado de manhã cedo enquanto minha mãe fazia o café. Enquanto eu ouvia a espátula na panela e a geladeira abrindo e fechando, me movia com fervor rumo a uma sensação que eu mal compreendia.

Não sei se a decoração da casa vem da memória ou dos filmes que eu via. Talvez os dois. Não lembro se ele chegou a me penetrar, mas lembro de sentir dor. Às vezes eu podia ver bem como ele lambia cada pedaço meu acima do joelho e abaixo do umbigo, como uma mãe animal banhando seu filhote com uma linguona. Ele não chegou a tirar a parte de baixo do meu biquíni, só foi afastando o tecido, pedaço por pedaço, procurando tiras de carne ainda não lambidas. Fiquei imóvel. Não tinha música tocando, barulho algum, só o barulho da língua dele.

Às quatro eu estava de volta na piscina Top of the World. Entrei na parte mais funda, mergulhei até o piso turquesa desigual e fiquei ali sentada o tanto quanto eu conseguia segurar a respiração, que era bastante tempo.

Quando meu pai chegou, às quatro e vinte e nove, eu estava do lado de dentro do portão, exatamente onde ele tinha falado para eu esperar, segurando dois livros e secando meu cabelo molhado sob o sol amarelo da montanha. O homem tinha deixado o número da casa dos pais dele na primeira página de *Trópico de Câncer*.

20

ELEANOR SE LEVANTOU E ESTICOU OS BRAÇOS, APROXIMANDO O CANO DA arma de mim.

— Você não faz ideia do quanto você fodeu a minha vida! — ela berrou, e as paredes das janelas estremeceram na casa abafada. — Você sabia que a porra do meu irmãozinho morreu? Sabia?

— Sabia. Sua mãe me contou.

— E ela contou que foi por causa dela, praticamente?

Ela engatilhou a arma.

— Por favor — falei, e não sei de onde veio o que eu disse depois, mas veio de algum lugar além, do fundo do estômago. — Por favor — menti —, estou grávida.

— Como é que é?

— Estou grávida. Descobri semana passada.

— Mas que caralho?!

A arma chacoalhava tanto na mão dela que apontou para o chão. Eu a imaginei caindo, disparando e abrindo um buraco do tamanho de uma cereja na minha barriga. Uma dessas mortes acidentais, especialidade de criancinhas pequenas em Walmarts.

Imaginei Alice no meu velório. Big Sky também. Então imaginei ele a vendo. Ela estaria de terno preto, deixaria uma rosa vermelha no meu caixão

reluzente e ele teria uma ereção.

— É do meu pai?

— É.

— É mesmo, certeza?

— É.

Ela se apoiou com a mão na parede e foi escorregando até o chão. Ela chorava e a arma balançava na mão dela. Eu não era dada a consolar outras mulheres. Nunca as abraçava ou corria até elas quando desatavam a chorar.

— Eleanor, eu...

— Vai tomar no cu! Nem ouse falar comigo!

— Tá bom — eu disse.

Eu queria me levantar e lavar parte da louça. Mas eu sabia que ela queria o que todo mundo queria, que eu permanecesse no mesmo lugar para sempre. Minha rigidez me lembrou da forma como eu costumava imobilizar o corpo quando finalmente chegava à cama da minha mãe, com receio de fazer qualquer movimento que pudesse acordá-la e ela me mandasse de volta para o meu quarto.

A menina estava tremendo. Eu podia ver os pelos cor de formiga eriçados na pele branca dela. Eu tinha roubado dela. E era uma ladra sem noção, que nem sequer queria os bens roubados. Eu tinha passado a vida toda roubando. Saía de livrarias cheia de livros, carregava lagostas se debatendo em sacolas brancas e resistentes de supermercado. Tinha roubado mel trufado, sal trufado, vestidos de dois mil dólares, vestidos de vinte dólares, sutiãs e calcinhas e sapatos, fones de ouvido e baterias e talheres e canetinhas. Nunca na vida comprei uma cartela de Advil. E tinha roubado o pai daquela criança para depois jogar fora. De quebra, tinha roubado o irmãozinho dela.

Cogitei me aproximar de Eleanor, dar um chute na cara dela, pegar a arma e chamar a polícia. Mas ela manteve os olhos fixos em mim, mesmo entre as lágrimas. De qualquer forma, eu não confiava em mim mesma para fazer essas coisas.

Ela era muito a cara dele, era como se fosse ele ali. Ficamos sentadas pelo que pareceu ser meia hora e tive tempo de lembrar as coisas que Vic tinha me dito que havia feito por ela. Do nada ele escrevia para mim, *Vou estar ocupado mais tarde, garota. Se eu não responder é porque preciso consertar o carro da Eleanor. Eleanor tem uma alergia letal a banana então vou estocar mais uns dez mil autoinjetores antialérgicos.* Ou, em uma conversa, ele dizia, Vou comprar um pônei para Eleanor de Natal. Muito do que ele fazia para ela eu sabia, ele

contava para mim para eu ver como era um pai dedicado. Que ele tinha grana para comprar um cavalo, habilidade para consertar um carburador.

Uma noite, depois que falei que queria sapatinhos de rubi que nem os da Dorothy, meu pai ficou acordado até tarde, colando purpurina vermelha em um par de sapatilhas de bailarina. De manhã os sapatos estavam ao pé da minha cama, cintilando feito fogo. A cola seca os deixou muito duros e quando eu calçava eles arranhavam minha pele. Fiquei comovida com o amor por trás do esforço, o suor na testa dele. Eu o amava como se já tivesse ido embora.

— Eu lembro o dia em que conheci você — disse Eleanor. — No escritório.

— Também lembro.

— Você comeu meia toranja, cortada em pedaços, com uma colher. Passei a fazer isso também. Basicamente queria que meu pai me visse comendo toranja daquele jeito.

Assenti. Não me lembrava de ter comido toranja no escritório.

— Quando minha mãe estava grávida do Robbie, o médico disse que ele tinha uma chance em três de ter trissomia do vinte e um. E ela não contou para o meu pai. Porque sabia, ou achava, que ele iria obrigar ela a fazer um aborto. Quando o Robbie nasceu foi que ele descobriu. Quando ele viu a cara dele saindo da barriga da minha mãe. Foi o momento que meu pai deixou a gente, foi o momento em que perdemos ele. Não foi você. Você não é nada.

— Eleanor — eu disse —, sinto muito.

— Não me venha com essa de sinto muito. Você é puro lixo.

Ela transferiu o peso do corpo de um pé para o outro. Limpou o nariz com a lateral do braço.

— Se você está falando a verdade, então está grávida do meu irmãozinho. A segunda chance dele.

Era difícil acreditar que Vic tivesse uma filha capaz de acreditar em algo assim. Eleanor tinha sido criada por uma mãe religiosa e uma avó devota. Vic não era muito dado a religião, embora levasse a esposa para a igreja toda semana. Batizou os filhos na igreja. Mas a ideia de Eleanor, de que uma criança ainda não nascida pudesse ser seu irmão reencarnado, ia longe demais. Além disso, como ela podia ter tanta certeza de que minha falsa gravidez era um menino?

— Vou deixar você viver até dar à luz.

Era uma coisa absurda, medieval, a se dizer. Eu não sabia como reagir. Queria rir. Queria a família toda dela fora da minha vida.

— Por favor, Eleanor...

— Não se atreve a falar meu nome. Eu rasgo a sua cara. Você não precisa do rosto pra dar à luz. E se você estiver mentindo, eu mato você. Arranco seus olhos fora!

Os olhos dela eram tão pequenos. Eu estava cansada de ser uma esponja. Quis matá-la por dizer algo tão bobo.

— Onde fica o supermercado mais perto? — ela perguntou, como se estivesse pedindo informações.

UMA VEZ, COM BIG SKY, ROLOU UM SUSTO. A GENTE NUNCA USAVA camisinha. Ele sempre tirava antes. Era bom nisso. Alguns homens não sabem quando estão prestes a gozar, e deviam ser proibidos de trepar. Mas Big Sky tomava cuidado. Dessa vez ele estava prestes a gozar junto comigo. E eu não queria que ele tirasse e estragasse meu orgasmo. Eu estava em cima e apertei os joelhos na cintura dele e esmaguei a pélvis dele com todo o meu peso. Pude sentir ele chacoalhando para tentar me tirar de cima, mas permaneci de olhos fechados e grudei nele. Foi como a vez em que subi num touro mecânico em Nashville. Eu me concentrei em me unir ao ser embaixo de mim até virarmos um só. Até que perdi a força e ele me empurrou.

— Que porra é essa? — ele disse. — Tá maluca?

E pensei, Será que estou? Não, conclui, não estava. Na verdade, cheguei à conclusão de que tinha sido a única vez em que fiz amor e agi de fato por mim mesma.

Ele passou semanas angustiado. Dava para ver que quando chegava domingo era pior. Provavelmente ele, a esposa e o filho voltavam de uma caminhada pelo Central Park, faziam um jantar agradável de verão naquele terraço impressionante de pedra e, depois de colocar o menino na cama, a esposa se retirava para o quarto com o livro que todo mundo andava lendo e ele fazia hora no andar de baixo, bebendo uma cerveja Boddingtons. Ele me mandava mensagem em torno das onze, só um ponto de interrogação.

Uma vez esperei até a manhã seguinte e digitei apenas a letra N. Então me dei conta de que ele talvez achasse que significava *Negativo* e escrevi outra mensagem em seguida: *Nyet*.

Tivemos a conversa em uma tarde de semana na Salumeria Rosi. Pedi *prosciutto* e búfala e, para foder com a cabeça dele, também pedi uma jarra de pickles. Ele falou, Escuta, se for mesmo. Se você estiver. Vou cuidar de tudo, claro.

Para se certificar de que eu tinha entendido direito, ele falou, Digo, financeiramente, o procedimento. Também vou junto com você, claro. Se você precisar de mim.

Respondi com a cabeça. Eu adorava aquele restaurante, as fatias sedosas de *prosciutto* e os discos almofadados de mozzarella, mas estava sem apetite. Senti que se comesse pickles, botaria para fora logo em seguida. E aí é que ele se cagaria de medo.

A menstruação finalmente desceu em um domingo e deixei para contar para ele só na quarta. Quando você está caída de amor por um homem casado, a verdade é que você está caída de ódio por um homem casado, e precisa se agarrar no que der.

O SUPERMERCADO QUE ESCOLHI FOI O RALPHS, EM PACIFIC PALISADES. EU gostava de lá porque era fácil estacionar.

No carro, Eleanor manteve a arma apontada para a minha cara o tempo inteiro. Disse que não ligava se fosse para a cadeia, que atiraria em mim em qualquer lugar. Não acreditei nela. A arma provavelmente nem estava carregada. Ou talvez estivesse. Não é que eu não me importasse em morrer. É que eu sabia que sobreviveria.

Estacionei meu Dodge do lado de uma moto. Ela pressionou a arma contra as minhas costas enquanto entrávamos. Assim que entramos ela colocou a arma no bolso. Ela me seguiu pelo corredor de produtos de saúde feminina, onde estavam uma adolescente e uma mulher de quarenta e poucos anos. A adolescente estava dando uma olhada em uma pomada de miconazol e a mulher mais velha estava lendo o verso de uma caixa de lubrificante. Peguei um Clearblue na prateleira, que era a marca que eu sempre comprava.

No banheiro com só uma cabine, vislumbrei uma pequena chance de morrer. Não havia nada que eu pudesse fazer.

— Todo mundo vai ouvir — falei.

— Não tenho nada — ela disse.

Levantei o vestido branco da minha mãe e fiz xixi na tirinha creme. Eu era fanática por fazer xixis longos na tirinha. Mas dessa vez fui rápida. Chacoalhei o teste e coloquei na beira da pia encardida. No passado eu deixava o teste no banheiro por um bom tempo. Não há nada mais horrendo do que voltar rápido demais.

Não cogitei a possibilidade de dar positivo. Obviamente não trepei com Big Sky na noite em que Vic se matou. Fazia um século que eu não dormia com

Vic e não tinha dormido com mais ninguém.

Até Marfa. Que eu sequer considerava sexo. Porque, sabe como é, daria pra chamar de estupro. Foi um meio estupro, ou talvez três quartos de estupro. Como a Alice tinha dito, há estupros para os quais tomamos banho, colocamos nosso melhor sapato. O homem, John Ford, tinha um dos rostos mais feios que eu já havia visto. Dentões marrons, olhos acinzentados e cheios de tesão, zero lábio. O hotel tinha uma placa do lado de fora: ESTAMOS ABERTOS QUANDO ESTAMOS ABERTOS. Eu estava sentada no saguão, comendo ceviche com fatias grossas demais de *jalapeño*, bebendo Bloody Mary. Os cubos de atum no meu prato estavam escuros, quentes e fibrosos. Ele sentou do meu lado e pediu uma taça de *grasshopper*. Não precisou nem chegar perto para eu sentir o hálito cheirando a metal.

Estava tocando uma música de que eu gostava e ele sorriu quando balancei o corpo ao som da melodia. Mas tarde, no quarto de motel dele, ele colocou a mesma música. Ele agiu como se eu devesse ter ficado impressionada. Achei ridículo.

Tentei ir embora duas vezes. Eu não saberia dizer como ele me fez ficar na primeira vez, talvez tenha sido a ideia de que seria uma noite de sono grátis, mas na segunda ele me agarrou pelo braço. Não chegou a doer. Eu poderia ter me desvencilhado logo de cara. Ele me virou de costas e levantou a parte de trás do meu vestido. Colocou a calcinha de lado e afastou minha perna direita da esquerda. Foi bem grosseiro, ele ria, como se zombasse do manuseio difícil. O pinto dele era indefensável de tão pequeno. Quando deslizou para dentro, mal pude acreditar que aquilo não era um dedo. Parecia ser do comprimento de um giz. Isso aí, ele ficava falando, entrando e saindo, segurando meu braço. Eu me contorci e falei, Por favor, para. Mas não falei alto o bastante. Não tentei empurrá-lo porque fiquei com receio de ele ficar mais violento. De um jeito crasso, eu estava me sentindo mal pelo tamanho do pinto dele. Não queria que ele soubesse quão absurda era a sensação e, ao mesmo tempo, eu o odiei com cada célula do meu corpo. Foi ali que a semente do que eu acabaria fazendo foi plantada. Claro, tinha sido plantada quando eu tinha dez anos, mas eu não tinha me dado conta do tanto que tinha crescido ao longo da minha vida.

Enfim dei um coice nele, feito um cavalo, e tentei soltar meus braços. Mas ele usou uma força descomunal e imobilizou meus dois braços contra a parede. Durou menos que um minuto. Ele achou que tinha tirado a tempo, mas pelo jeito não tinha. De manhã lavei o vestido na pia antes de ele acordar.

Saí em disparada no meu carro, e no primeiro minuto na estrada, um pássaro se chocou contra o meu para-brisa e ficou ali — laranja, vermelho e azul — até horas depois, quando parei para abastecer. O frentista, pasmo, esfregou o para-brisa enquanto eu comprava bilhetes de loteria.

Então imagino que tenha sido Marfa. No banheiro acessível do supermercado Ralphs o teste levou coisa de um minuto. Eleanor ficou olhando para o teste e eu fiquei olhando para o teto. Estava esperando o estampido da arma. Agora eu sabia como era o barulho. Então veio um suspiro de sobressalto e o leve som de uma garota tapada. Olhei para baixo. Vi o sinal de positivo desenhado em azul.

ELA ENFIOU O TESTE DE GRAVIDEZ MOLHADO NO BOLSO DO SHORT. NÃO tinha a menor ideia do que fazer. Sugeri voltarmos para a minha casa.

No carro ela ficou sentada com a cabeça encostada no vidro e a arma apontada para a minha cara. Raspei as portas do Dodge nos galhos das árvores mortas que beiravam a estrada de volta ao cânion. Ela estremeceu como se fosse uma afronta.

Imaginei uma bolhinha cremosa nadando no meu sangue. Me imaginei ligando para ele. John Ford, é você? Lembra de mim, de Marfa? Aqui é a mulher que você segurou contra a parede. Posso jurar que não trepei com mais ninguém nessa viagem, certeza que não. Estou ligando para dizer que estou grávida de um filho seu. O que acha de o criarmos juntos? Você está na Virgínia? Vou até você ou você vem para cá? Esqueci com o que você trabalha, mas indústria não falta em Los Angeles.

— Devagar! — Eleanor berrou.

Eu não tinha passado de quarenta quilômetros por hora.

Lá em cima, notei que o carro de Kevin não estava lá, mas o Prius de Alice estava. Tinha esquecido que ela iria aparecer.

Alice não estava no carro. Ela podia estar andando a esmo pela propriedade, no barranco. Eu não sabia o que faria quando ela nos encontrasse.

— De quem é esse carro? — Eleanor perguntou.

— Uma amiga.

— Você sabia que ela vinha?

— Esqueci. Os eventos da manhã. Espero que você entenda.

Vi Alice na porta da tenda do River. Então vi o River à porta. Ele estava de braço levantado, a mão apoiada no batente, logo acima da cabeça dela. A proximidade era inquietante.

— Entra em casa — Eleanor sibilou —, antes que eles vejam a gente.

— Ela vai bater na porta, porque meu carro está aqui fora. O que você quer que eu faça?

— Fala pra ela que eu sou sua amiga.

Senti Eleanor colocar a arma no bolso. Chamei Alice. Era estranho falar o nome dela. Ela virou o rosto rápido. Tinha levado um susto. Correu barranco acima. Eu nem imaginava a culpa, um concentrado feito cheiro de gambá no ar. River, perplexo, acenou e voltou para dentro.

— Ei — ela disse.

Ela estava sem ar, usando um vestido vermelho que rodopiava. Estava ofegante e mais bonita do que de praxe.

Sorri, tentando agir normalmente.

— Fui perguntar se ele sabia por onde você andava. Eu conheço o River. Loucura, né? Da minha aula de ioga.

— Cãnion pequeno — falei.

Alice se virou para Eleanor.

— Oi — ela disse. — Sou a Alice.

— Essa é minha amiga Eleanor — falei. — Comprei meu carro com ela. Foi a primeira pessoa em Los Angeles que me perguntou como eu estava.

Será que Alice seria perspicaz o bastante para entender que Eleanor era a filha do Vic? Eu não tinha contado o nome para ela.

— Prazer, Eleanor. Joan e eu estávamos prestes a sair para um passeio de carro.

Eu estava grávida, diante de uma jovem mulher que queria me matar, e só conseguia pensar em Alice na porta de River. O jeito como o braço dele estava arqueado em cima dela.

Eleanor parecia prestes a chorar. Por Deus, como ela era parecida com o pai, a expressão de sofrimento em especial. Vic estava sempre jovial ou sofrendo, mas no fim era praticamente só sofrimento, e então ira. Eleanor era infinitamente mais atraente que o pai, mas na noite em que ele se matou, estava mais bonito do que nunca.

Quando Vic atirou, todos os garçons pararam onde estavam como se estivessem brincando de estátua. O corpo robusto dele escorregou pela parede. Umas gotinhas de sangue pingaram na mesa, caindo especificamente nas fatias da mozzarella de búfala que Big Sky e eu estávamos dividindo. Ficou parecendo um pouco uma compota de frutas vermelhas. Sempre que comíamos juntos, a comida era perfeita, as bebidas eram perfeitas. Ele tinha tanto a oferecer. A esposa dele tinha echarpes, mas e daí?

E naquela noite fazia muito tempo que a gente não se via. Percebi que ele estava com saudade. Para ser mais precisa, ele tinha se esquecido completamente de mim, e agora, ao me ver de novo, estava confuso e encantado. Eu estava distante. Meu vestido não era nada revelador. Antigamente eu sempre me vestia sedutora demais. Mas agora eu entendia o que um homem como ele queria.

Eu tinha dado uma mordida na búfala logo antes de Vic entrar, e Big Sky ficou me vendo comer como se eu fosse uma curiosidade. Ele ficou me olhando com o rosto na palma da mão, balançando a cabeça.

— *Quem é você?* — ele perguntou naquele sotaque de laçar gado.

Era a mesma pergunta que ele tinha feito bem no começo da nossa história. Mas dessa vez tinha uma conotação positiva. Não sorri. O queijo parecia seda fria na minha boca. Eu estava bonita como nunca. Foi nesse instante que senti que algo de bom poderia acontecer comigo.

E foi no mesmo instante que Vic entrou. Às vezes eu o via nas ruas, fosse ele mesmo, no meu encalço, ou o espectro dele, que eu via em todo homem de cabelo repartido e terno bonito. Eu tinha passado meses a fio temendo que ele fosse me matar. Meu prédio tinha uma academia pequena, mas bem-equipada, com esteiras e elípticos de ponta. Os aparelhos todos ficavam de frente para uma janela panorâmica de onde dava para ver os prédios espelhados reluzindo ao sol. Eu ficava de costas para a porta, então me virava o tempo todo. Toda vez que ouvia alguém entrar, eu virava o rosto para ver se era o Vic.

Agora ali estava ele. A arma surgiu como em um truque de mágica. Quanto mais penso nisso, mais tenho certeza de que era para mim. Mas ele não seria capaz de me matar e continuar vivo. Não seria capaz de viver sem mim, em todos os sentidos.

Ele não disse nada. Estava com os olhos marejados, cheirava bem e vestia um terno de risca de giz que eu nunca tinha visto. Ele olhou para mim de um jeito que nunca vou esquecer.

Então virou a arma para a própria cabeça, piscou e puxou o gatilho. Miolo rosa e pedaços de crânio saíram voando. Big Sky não saltou para trás. Colocou os braços na minha frente como um cavalheiro. Tentou cobrir meus olhos, mas eu queria ver. Eu queria ver o homem da vez que iria arruinar minha vida. Queria vê-lo sangrar.

— Acho que a Joan não vai mais — Eleanor falou para Alice.

NA NOITE EM QUE MEU PAI NOS DEIXOU EM POCONOS, MINHA MÃE DORMIU de braços cruzados em X, as mãos segurando os ombros opostos. Estava se protegendo de tudo, parecia, incluindo a carência corrosiva da filha única.

Eu estava brava com ela, mas Deus sabia o quanto eu a amava. Minha carência e meu ódio eram gêmeos em meu ventre nervoso. Parei na porta do quarto dela e fiquei olhando para as costas dela e o relógio digital que dizia onze e quarenta e sete em vermelho elétrico. Parecia mais tarde do que nunca, dava medo. Talvez ela soubesse que eu estava lá. Pouco a pouco me esgueirei até a cama. Ainda me lembro de como fiz. Não havia nada no mundo pior do que ser rejeitada por ela, do que ela dizer que eu não podia dormir do lado dela.

Devo ter levado uns três minutos para chegar na cama. Nesse meio-tempo foquei nos rebordos de estuque do teto. Levei um susto quando avistei uma teia de aranha em um canto. Fiquei chocada por minha mãe ter deixado passar. Ela não deixava passar nada. Era a faxineira mais diligente. A mulher mais observadora do mundo.

Passei mais uns minutos tomando coragem para levantar a coberta e pressionar um joelho no colchão. Embora eu depositasse meu peso a uma colher de chá por vez, não tinha jeito de fazer aquilo com perfeição. De repente, ela se virou. Dei um pulo para trás e quase me mijeí.

— O que você está fazendo aqui? — ela disse.

Eu me senti uma coisa grande e desajeitada. Minha mãe tinha o poder de me fazer sentir o oposto de uma menininha.

Eu disse, Mamãe, por favor. Tenho certeza de que implorei até não poder mais. Eu sempre implorava para ela. Eu me sentia segura o bastante para implorar. Sabia que ela sempre seria minha mãe. Não era como o sentimento que tive com alguns homens, como o Big Sky, quando eu pensava que cada sinal de carência da minha parte o faria correr na direção contrária. Mas desde então me dei conta de que esses medos derivavam de noites como aquela, implorando para a minha mãe, chorando até perder o fôlego. Mas ela foi firme. Eu não podia dormir com ela aquela noite. Ela queria ficar sozinha. E eu precisava aprender a dormir sozinha. Esses foram os motivos que ela deu. Não dava para rebater o segundo, mas o primeiro acabou comigo. Quando fecho os olhos, consigo invocar o tom exato da voz dela. O jeito como o sotaque dela compunha a palavra *sozinha*.

Sozina.

Fui obrigada a me arrastar de volta para o meu quarto, mais perto da escada. Deitei em cima das cobertas, porque ainda tinha esperança de que ela fosse atrás de mim, me tomasse em seus braços afáveis de mãe e me levasse até o quarto dela, onde ficaríamos abraçadinhas e ela me beijaria até secar minhas lágrimas. Eu iria cada vez mais para trás até me encaixar na curvatura dos quadris e das coxas dela. Ela me abraçaria mais forte do que nunca.

Fiquei em cima das cobertas por horas a fio. Imaginei o estupro da minha avó. Imaginei o homem rasgando a meia-calça creme dela. Eu podia escutá-la gritando com muita clareza na minha cabeça.

Àquela altura eu já estava obcecada por sexo. Só iria piorar. Mas naquela noite em Poconos eu estava preocupada com isso. Só recentemente foi que liguei tudo a uma memória confusa de quando eu tinha cinco ou seis anos. Eu estava dormindo na cama dos meus pais, como sempre dormia naquela idade. Tinha visto um filme de lobisomem e estava convencida de que viriam atrás de mim enquanto eu dormia. De meses em meses minha mãe tentava algo novo. Lençóis novos, cama nova até. Mas nada me fazia ir para o meu quarto. Naquela noite eles tentaram de tudo. Começaram a me preparar no jantar. Com *pastina*, claro. Minha mãe fez soar como se eu fosse decepcioná-la se nem sequer tentasse. Então tentei. Tentei por uma hora, e quando finalmente caí no sono, sonhei com um tapete cinza felpudo em um quarto com um espelho, e estava olhando no espelho quando de repente ele rachou no meio e

vi uma faixa de sangue negro no tapete. Ouvi o uivo de um lobo. Acordei apavorada e corri para o quarto deles. Minha mãe me abraçou e dormi rapidinho. Horas depois acordei de novo, dessa vez com movimento. Era uma cama tamanho king e às vezes eu acordava sem saber onde minha mãe estava, e quando ela estava no banheiro, eu esperava incansavelmente até ela voltar. Dessa vez ela não estava à minha direita, mas ainda estava na cama. Estava do lado em que meu pai ficava e ele estava se mexendo em cima dela. Me virei devagar para o outro lado da cama e vi o sutiã e a calcinha e a camisola dela no chão. Acho que fiquei lá deitada até terminar e eu cair de volta no sono, mas não lembro bem. Apaguei essa parte. Mas definitivamente aconteceu — meus pais treparam do meu lado na cama.

Aquela noite em Poconos minha mãe pouco se importava se eu dormia ou não. Minha avó tinha sido estuprada e meu pai tinha voltado para casa para ficar com ela, talvez para caçar o estuprador pelas ruas de Orange, Nova Jersey. Mas tinha outra coisa que minha mãe suspeitava que meu pai estivesse fazendo e era por isso que ele não tinha levado a gente junto. Agora que sei boa parte da história, tudo faz sentido.

Só não entendo por que minha mãe queria ficar sozinha na cama aquela noite, por que meu corpo do lado dela não ajudava. Até hoje é a mesma queimadura química no meu coração que não consigo arrefecer.

AS DUAS MULHERES ESTAVAM SENTADAS EM SILÊNCIO NA MESA DA MINHA cozinha. Ofereci chá gelado. Me perguntei se Alice tinha percebido que eu estava tremendo ou se tinha reparado em como a menina não tirava as mãos do bolso do moletom. Eleanor, enquanto isso, estava projetando a mesma raiva amedrontada que eu tinha visto tantas vezes no rosto do pai dela. Ele ficava bravo comigo por mentir sobre alguma coisa, algum caso incipiente, mas não podia demonstrar. Era obrigado a disfarçar entre dentes cerrados. Também temia que eu visse através dele, reconhecesse o ódio e fosse embora enojada.

Alice disse que adoraria um copo. Na praia, naquele dia magnífico, eu tinha contado para ela que achava que nada jamais brotaria dentro de mim. Ela encostou na minha barriga e disse que tinha certeza de que eu estava equivocada. Falei que não queria nada crescendo dentro de mim, nunca.

— Tive um aborto espontâneo uma vez — ela me contou. — Eu nem sabia que estava grávida. Fazia dois meses que não descia, mas eu era uma idiota. Meu namorado era francês. Tínhamos quinze anos e estávamos em um acampamento de montanhismo nas Dolomitas. Falei para ele, Acho que estou tendo um aborto. Ele não sabia o que fazer. Então caiu no sono. Não dormiu em um saco de dormir, sequer dormiu coberto, e de manhã, quando tinha terminado e eu tinha acabado de voltar do lago onde fui me lavar, ele

comentou que tinha dormido mal a noite inteira. Foi esse o presente dele para mim. A noite de desconforto dele.

— Saiu algo de dentro de você?

— Você não precisa olhar. Eu me lembro do tanto que queria minha mãe. Você sente falta da sua?

— Não — menti. — Só queria que minha tia ainda estivesse por perto.

— Foi sua tia que criou você? Como seus pais morreram, Joan?

— Foi minha tia Gosia que me criou, sim. Ou melhor, ela deixou eu me criar sozinha.

— Me conta dela — disse Alice.

E, feliz da vida, descrevi Gosia para ela, os cheiros e as roupas e as peles. O Mercedão preto e como, toda vez que ela falava comigo do telefone do automóvel, eu ouvia o cinco de segurança tilintar e dizia, Gosia, coloca o cinto, e ela dizia em seu sotaque puxado, Cala a boca! Me diz, como você está?

Expliquei para Alice como tinha sido reconfortante o fato de Gosia não ser minha mãe, de eu não precisar me preocupar com ela daquele jeito. Não precisar saber de tudo dela. Não tinha nenhum pano de fundo para eu esquadrinhar. A história dela servia apenas de lição para mim. Ela escavava umas partes quando tinha que me dar algum conselho.

Visualizei Gosia na minha cozinha, pensei no que ela diria para eu fazer. Na estratégia mental que ela me instruiria a usar. Ela sempre foi da opinião de que quem me machucasse deveria ser punido severamente. Ela queria que eu destruísse a vida do Vic, contasse para a esposa dele. Falei para ela que ele tinha filhos e Gosia disse, Estou pouco me lixando para os filhos desse homem. *Você* é uma criança. Olha o que ele está fazendo com *você*.

Eu tinha visto fotos de Eleanor. Não queria que nenhuma outra criança sofresse como eu tinha sofrido. A verdade é que mesmo ali, na minha cozinha, senti muito por ela. Não estava com medo. Meu único medo era perder Alice. Eu já estava com o pressentimento de que a presença de Eleanor afastaria Alice.

Eleanor era o que minha mãe chamaria de pobre alma. Tinha sofrido tanto. Eu não sabia dizer quem tinha sido mais cruel com ela, o pai ou a mãe. Pensei no irmão caçula dela na banheira. Os últimos momentos da vida de uma criança. Imaginei o menino olhando para a mãe, a única coisa no mundo em que ele sabia que podia confiar, olhando para os olhos selvagens dela

enquanto ela tomava aquela decisão. Era mais fácil para Eleanor me culpar do que culpar os pais dela.

Tirei a jarra de vidro da geladeira. As folhas perfumadas de hortelã flutuavam na superfície. Peguei três taças de vinho pela haste e manuseei como tinha aprendido na minha época de garçoneiro em um restaurante todo de vidro na marina de Jersey City. Naquele inverno terrível fui para a cama com dois clientes, e um deles — o casado, embora eu não soubesse na época — perguntou se podia me comer por trás na primeira noite no meu apartamento. Mal fazia cinco minutos desde que tínhamos começado a trepar quando ele perguntou. Na noite seguinte ele apareceu no restaurante, dessa vez com a esposa. Puxei a esteira de borracha do balcão e despejei as bebidas que tinham sido derrubadas ali no *Long Island Iced Tea* dele. Então mexi como uma faca que tinha acabado de desossar um frango cru.

Coloquei as taças na mesa e servi Alice primeiro. Enquanto fazia isso, de rabo de olho notei uma movimentação turva no colo de Eleanor. Achei que ela ia atirar na Alice. Lembrei de quando o pai dela tinha me colocado de quatro para ficar metendo em mim, as mãos segurando minha cintura de leve, sem fazer barulho, porque estava felizão, feliz demais, com medo de acabar com tudo se fizesse algum movimento em falso. Pensei no hálito quente dele ao pé do ouvido e na alegria no olhar dele. Pensei no que ele tinha feito com a filha e a esposa.

— Eleanor — eu disse.

Falei com tanta calma e suavidade que ela levou um susto e deixou a arma cair no colo.

Alice percebeu o que poderia ter acontecido, o que, na verdade, ainda poderia acontecer. Ela deu um berro e começou a chorar. Eu nunca tinha visto uma pessoa ficar tão linda chorando. Mas fez ela parecer imatura. Era uma idiotice. Ter medo de uma menininha com uma arma que nem sequer sabia usar.

Então Alice se projetou para a frente e vomitou na cara da menina. O fedor foi instantâneo, terrível. Eleanor se levantou e gritou, e a arma caiu no chão. O vômito — da cor e da textura de aveia — estava nos olhos da menina, revestindo os cílios dela. Cobria o nariz e a boca, e conforme ela gritava, o vômito escorria para dentro da boca. Ela tentou limpar o vômito dos olhos e se agachou, tentando pegar a arma no chão às cegas. Peguei eu a arma como se não fosse nada e fui até a cozinha. Deixei atrás da torradeira, liguei a água quente, molhei um pano, voltei e me ajoelhei do lado da menina.

Então reparei no pingente de ouro no pescoço dela. Eu não precisava nem abrir para saber que tinha uma foto do irmão caçula dela, recortada em um círculo tosco.

— Ah, Eleanor — falei no ouvido dela. — Ah, pobrezinha.

ELEANOR TOMOU UM BANHO PARA TIRAR O VÔMITO DO CORPO. QUANDO ELA saiu do banheiro, parecia ter a idade que eu tinha quando morri. A arma não estava carregada, no fim das contas. Eu não sabia o que fazer com ela, então a enfiei dentro do antigo aquecedor. Deixei entre os cristais. Quando ficou claro que a menina não era mais uma ameaça, Alice, em choque, voltou para casa. Fiquei magoada por ela ir, mas fingi que não tinha ficado.

Eu e a menina conversamos até de manhã cedo. A culpa que eu estava sentindo era enorme. Fiz o que precisava fazer. Conteí para ela da grande calamidade que foi minha infância. Como tinha sido com o pai dela, formou-se entre nós um laço que anulou qualquer hostilidade. Não tinha como ouvir minha história e ainda me detestar. E como tinha sido com o pai dela, ela ficou para me fazer companhia. Alice, eu sabia, poderia me abandonar a qualquer momento, mas a menina jamais me deixaria.

Ela passou algumas semanas comigo. Nunca ia embora. Aconteceu aos poucos. Todo dia eu torcia para aquilo acabar. Ela dormia no andar de baixo, no sofá. Meus pais nunca deixavam ninguém dormir em casa. Achavam que não tinha por quê. Alguém chegar na sua casa e abrir a geladeira de manhã atrás de suco de laranja. Achavam inapropriado. Passei a sentir o mesmo, e a sensação só se intensificou com o passar dos anos.

Eleanor e eu conversávamos toda noite, madrugada adentro. Às vezes eu gostava, mas na maior parte do tempo eu mal conseguia respirar. Continuou assim por tanto tempo que perdi a noção dos dias. Alice me ligava ou mandava mensagem a cada dois ou três dias, e eu falava que a menina ainda estava em casa. Dava para ver que ela estava estarecida.

Felizmente eu tinha um emprego. Eu a deixava em Santa Mônica ou Zuma Beach, e ela passava o dia por lá. Mas no momento em que eu batia o cartão, ela esperava que eu fosse buscá-la. Eu estava em uma prisão emocional.

Ainda assim, eu devia a essa criança não dar as costas para ela. Virar as costas para ela seria fazer a mesma coisa que o mundo tinha feito comigo. Eu precisava ser a Gosia dela. Mas não conseguia encarar a possibilidade de tomar conta dela por tempo indeterminado. Sabia que ia preferir matá-la. Porque às vezes é melhor matar uma pessoa do que deixá-la.

Um dia, pelas costas dela, liguei para o café e disse que estava doente e não iria trabalhar. Como se soubesse, Eleanor disse que não queria ir para lugar algum. Estava muito deprimida e queria ficar em casa. Morri de medo de ela pegar uma carona até o café e descobrir que eu não estava lá. Mas precisava correr o risco, porque estava sentindo que perderia Alice. Odiei Alice por não querer chegar perto da menina. Por ela pensar em mim de outro jeito agora, como uma metade de um casal esquisito.

Duas horas depois eu estava no carro de Alice, o ar-condicionado no talo, pingando. Dirigimos pela Abbot Kinney Boulevard procurando onde parar. Ela estava me levando para uma aula de ioga que, segundo ela, melhoraria as coisas. Estava com um coque alto, escuro. Não estava maquiada, e fiquei com vontade de matá-la. Mas primeiro queria colocá-la em uma jaula, engordá-la, enchê-la de hormônio, bochecha de porco e Fanta. Arrancar os dentes e raspar as sobrancelhas dela. Queria que ela morresse feia.

Ela disse que sentia a minha falta, mas não se desculpou nem explicou por que não estava falando comigo.

De vez em quando ela olhava para mim, para a minha barriga, e dizia, Caralho, não acredito que você está grávida.

Eu morria de medo de ela me deixar. Ela me pediu para contar tudo o que estava acontecendo, e eu expliquei que ainda não podia fazer nada, que não tive escolha a não ser deixar a menina ficar. Não falei o quanto eu tinha começado a me compadecer dela, como ela era um espelho de mim mesma. Não podia contar para Alice o que tinha acontecido quando eu tinha dez anos. Nesse começo, perigava ela me deixar para todo o sempre.

A Abbot Kinney Boulevard fez eu me sentir velha. As garotas na calçada com seus chapéus de caubói e os garotos de boné de beisebol e skates e pranchas de surfe em cima de carros da Volkswagen. Se você fosse pobre em Venice, tinha que ser linda, e se fosse velha, tinha que ser rica.

Alice encaixou o Prius empoeirado dela entre duas SUVs pretas. Ela fazia baliza muito bem.

Ela disse que precisava de um café e me conduziu por uma rampa e uma viela até uma fila de pessoas do lado de fora de um estabelecimento que parecia mais uma estufa de garagem. Tinha um pé-direito bem alto, bicicletas nas paredes, mulheres com cabelo assimétrico e homens de camisa xadrez vermelha entornando água quente em cafeteiras Chemex. Pedimos nossos cafés e esperamos uma eternidade por eles. Então vários homens olharam para Alice enquanto estávamos na fila.

— Cadê aquela aberraçãozinha agora?

— Em casa... Lá em casa. Eu falo pra ela que vou trabalhar mesmo quando não vou e deixo ela no caminho, para passear. Trancas Canyon, Encino e tal.

— Ela deixa você sair de casa?

Eu ri.

— Joan. Por que você está fazendo isso?

— Eu me sinto mal por ela.

— Do mesmo jeito que se sentia mal pelo pai dela.

— Não. É diferente.

— Ela deve estar apaixonada por você.

— Ah, por favor — eu disse. Mas fiquei grata por ela me ver como alguém que podia ser amada.

— Vamos lá — ela disse. — A aula vai fazer você esmaecer. Talvez ajude a criar juízo. Quem sabe você não volta para casa depois e manda essa craca à merda?

O ESTÚDIO CHEIRAVA A CEBOLA CRUA. AS PAREDES ERAM VERDE-LIMÃO E OS colchonetes eram de borracha e estavam surrados, piores do que aqueles do estúdio famoso. Os iogues parecem acreditar que quanto mais baratos os acessórios, melhor a prática, mas aquilo era diferente.

À frente da sala um instrutor esguio prendeu o cabelo de Cristo em um coque alto. Os lábios dele estavam besuntados de manteiga de cacau, tendões serpenteavam o pescoço.

Alice e eu pegamos lugares uma do lado da outra. Tirando o instrutor, havia só um homem, bem magro, de bermuda preta e camiseta branca. Ele ajeitou uma toalha no canto de cima do colchonete. Senti muito por ele, mas não soube dizer por quê. Logo apareceram uns gatos pingados. O instrutor baixou a luz e ficou parecendo estar de noite.

— Queridos amigos — disse o instrutor, com a voz baixa e meditativa, mas ressoando igual a qualquer outra —, convido vocês a adentrar seus corpos. Por favor, façam a *vajrasana*, a postura de joelhos, e soltem as quarenta e sete quinas do esqueleto. Derretam seus ossos nos recessos da sua pele e ao mesmo tempo atenham-se aos limites da sua carne. Bom. Muito bom. Inspirem fundo, agora expirem. *Ahhhhhh*. Excelente. Por favor agradeçam a si mesmos por virem à aula hoje à noite. Por darem esse presente a si mesmos. Temos uma compreensão aguçada do tempo nesta sala, não temos? E valorizamos quão preciosa é esta hora. Esta é uma aula *especial*. Somos um grupo *especial*. E já que somos únicos na ioga, achei que merecíamos um fluxo único. Nosso próprio fluxo, esta noite.

Ele fechou os olhos devagar e juntou as mãos em prece. A sala estava em silêncio. Olhei para Alice, mas ela estava de olhos fechados também.

— Quando eu era menino — disse o instrutor —, costumávamos fazer sessões espíritas às escondidas. Apagávamos as luzes e repetíamos os nomes das nossas falecidas avós. Vovó Sue? Vovó Beth?

Uma risadinha coletiva preencheu a sala.

— É você, vovó Jo? Para nosso alívio, não tivemos resposta alguma das nossas falecidas avós. Na última sessão que fizemos, um de nós estava tentando contatar um familiar falecido. Um amigo nosso, o Bobby... O pai dele era caminhoneiro e morreu quando o caminhão de dezoito rodas tombou de um desfiladeiro em Idaho. Nossa senhora, ficamos torcendo para ele não aparecer para a gente. O próprio Bobby. Não conseguíamos nem imaginar a altura da queda, e ficamos apavorados com a ideia. Se ele falasse com a gente do além, provavelmente teríamos feito xixi nos nossos macacões. Olhando o passado agora, percebo que o propósito daquelas sessãozinhas não era conversar com parentes mortos, mas “morrer” de medo. Por que não era essa a coisa mais assustadora do universo? A morte?

Em plena escuridão vi a sala toda assentir. Das paredes ecoavam uns chiados de leve que jurei serem ratos.

— Agora escutem, meus amigos. Temos um dom único neste mundo. Todos nós aqui na Terra temos uma sentença de vida. Andamos pelo mundo

com uma data de validade, mas a maioria que vemos circular por aí, flinando pelo mundo sem a menor preocupação, não sabe *quando* ela vem. Talvez vivam até os cento e dez anos. Do jeito que se comportam, é como se caixões fossem coisa de vampiro, não é mesmo? Muito que bem. Para nós aqui reunidos nesta sala, a sentença vem um pouco mais cedo, não é? E tenho certeza de que muitos de vocês já sentiram que há uma liberdade maravilhosa nisso. Não temos medo da morte, não desse jeito, porque daqui em diante, *começamos* com a morte. Vocês estão acompanhando?

Mais uma vez a sala concordou. Uma garrafa de água Evian se amassou. Ouvi o som da água descendo por uma garganta. Eu detestava os barulhos que meu pai fazia quando estalava os lábios sedentos para molhar a boca. Ele era diabético e às vezes ficava com a boca seca.

— Então, esta noite, gostaria que começássemos com a *savasana*, a posição de cadáver. Que nós, aqui na ioga, assim como na vida, começemos com a morte e sigamos adiante a partir daí. Agora deem-se, soltem as pernas e empurrem o corpo com os calcanhares. Relaxem a base da língua, as narinas e a carne enrugada da testa. Deixem os olhos se voltarem para o fundo da cabeça, e então para o coração. Soltem o peso do cérebro no fundo do crânio.

Assim que a sala toda estava deitada, a mão de Alice encontrou a minha naquela escuridão relativa, apertou, e o instrutor começou a sussurrar.

— Vocês não são a doença, caros amigos. O HIV e a aids não definem vocês. HIV e aids não passam de letras. Vocês não são seu corpo. Seu corpo é alugado, como K. Pattabhi Jois colocou *brilhantemente*, e daqui a pouco acaba o contrato. Vocês não serão penalizados pelos amassados e pela quilometragem. Em vez disso, ganharão um carro zero, novinho em folha, mais lindo do que jamais poderiam imaginar, e esse carro, meus caros amigos, terá a capacidade de *voar*.

QUANDO TERMINOU A AULA, SAÍMOS DO ESTÚDIO E FICAMOS NO SOL. A linha em que o maxilar e o pescoço de Alice se encontravam era tão linda que chegava a ser indecente.

— Que merda foi essa? — eu falei.

— Sabe quando você está deprimida ou na pior — ela disse — e as pessoas recomendam a companhia das crianças, diversão? Convidam você para jantar, torcem por você e iluminam seu rosto com a luz alegre delas? Bobagem! O oposto é que é verdade. O melhor a se fazer é procurar quem está morrendo.

Senti que havia algo de perverso naquilo, algo de perverso nela. Perguntei se ela já tinha feito ioga para HIV antes, e ela disse que claro, várias vezes. Disse que frequentava lugares desolados sempre que se sentia desafortunada. Gostava de fazer o imposto de renda no pátio sossegado do Centro Oncológico de Beverly Hills, junto ao jacarandá exuberante e aos tijolos em ziguezague estéreis.

De repente temi que ela fosse cruel e insensível o bastante para me deixar mesmo depois de saber quem éramos uma para a outra. Eu queria costurar nossos corpos um no outro.

Em um restaurante lotado pedimos baguete com patê e agrião e espumante Treviso para uma menina com uma franja interestelar. Tinha mingau no cardápio e um prato chamado X-ousado. A fonte do cardápio era do estilo de lanchonete antiga. As fatias de pão eram enormes, com um farelo cinza, duras por fora e macias feito nuvem por dentro. Sentamos na árida parte externa, com trepadeiras marrons e pilhas de lenha.

— Você está de quanto tempo? — ela perguntou.

— Não faço ideia.

— Vai manter o bebê?

— Não sei — falei, embora soubesse que iria.

Ela colocou a mão no meu braço. Em momentos como aquele, era impossível imaginar que ela não seria capaz de me amar.

— Por que você não procura a polícia? Avisa para eles que a criança fugiu de casa. Fala para mandarem ela de volta para a mãe.

— Não posso acionar a polícia.

— Como você é fora da lei, Joan. Você é procurada em Nova York? Foi você que matou o Vic?

— Eu só não confio na polícia.

Alice concordou e não me pediu para discorrer, mas o policial me veio à mente. Foram dois policiais naquela noite. Um deles se encarregou dos corpos e o outro se encarregou de mim. Ele tinha trinta e poucos anos e o rosto pálido e inchado de um rapaz que cresce para os lados conforme vai ganhando idade. Levei um tempo para perceber que ele me achava culpada. Ele não era inteligente. Mesmo uma hora depois, quando a trajetória dos eventos já estava clara, ele permaneceu frio. Me tratou como muitos homens viriam a me tratar no futuro.

— É só falar com o proprietário da casa — disse ela, rindo. — Aposto que tem uma cláusula no contrato para dar conta disso.

— Ela é só uma menina — falei, encostando na minha barriga.

— Você tem sua própria criança para proteger. Você é ou não é uma guerreira? Quero saber. Ou vai me dizer que é uma casca oca que homens, e agora essa menina, usam como bem entendem?

Depois que as palavras deixavam a boca de Alice, não ficavam vestígios no rosto dela. Percebi que, por mais que eu tivesse me aberto com ela, ela não entendia a minha vida. Claro, eu ainda não tinha contado o final para ela. Big Sky, em um de seus momentos de filosofia, disse que levava cinquenta anos para uma morte ser completamente esquecida, mas às vezes levava só duas semanas. Algumas pessoas, ele disse, eram mais fortes que outras.

Percebi na hora que jamais veria Big Sky de novo. Nunca mais veria a cara dele. Nunca mais sentiria o toque quente e reticente dele. De todos os estupros que eu tinha aguentado, essa era a pior degradação — o jeito como um homem que acha que você não é nada pode ganhar uma dimensão maior do que a sua própria vida e que outra vida dentro de você. Isso era o pior de tudo. Que, assim como minha mãe, eu sentia que minha cria era um fardo.

LENNY CONHECEU ELEANOR EM UMA TARDE EM QUE FAZIA TRINTA E NOVE graus. Ela estava encolhida no sofá quando ele bateu à porta. Senti que estava abrindo a porta para um segredo vergonhoso.

Eu a apresentei como uma amiga que estava hospedada comigo. Ela estava quieta e parecia tranquila em seu pijama barato.

— Por quanto tempo? — ele indagou.

Eu sabia que Lenny queria continuar a desabafar. Eu sentia falta da prisão do Lenny. A facilidade com que eu me envolvia e depois desencanava. Além do mais, meu plano de afanar o relógio tinha sido adiado por tempo indeterminado.

— Não sei. Por um tempinho.

— Tem uma cláusula no contrato, nada de hóspedes a longo prazo.

Eu sabia que ele estava aborrecido porque não se sentia mais à vontade para vir me ver quando bem entendesse. Eleanor não era linda. Se fosse Alice hospedada comigo, ele não veria problema. Estaria tudo ótimo para ele. Ficaria animado.

— Não é o caso. Ela só está passando uns dias aqui.

Fiquei animada por agora ter uma ampolheta com tempo correndo para a estadia dela.

— Em todo caso — Lenny disse, tentando ganhar terreno de volta —, vim aqui informar que não caiu o aluguel de agosto.

— É dia doze. Tenho leniência de quinze dias.

— Sim, sim, é que... Só vim informar.

— Obrigada.

Ele se virou e foi embora, beligerante.

— Não posso ir embora — disse Eleanor, depois que ele fechou a porta.

— Em algum momento...

— Quero ficar — ela disse —, até o bebê nascer.

— Você vai fazer parte da vida... da vida dele. Prometo pra você.

— É que...

— Pra sempre.

Então fiquei enojada comigo mesma.

— É seu irmão — falei.

Ela desatou a chorar. Disse que não tinha qualquer outro lugar para ir. Não queria ir para casa. Não tinha mais casa. Ela me perguntou, entre lágrimas, como o pai dela era comigo. Se ele era feliz. Eu disse que ele vivia falando dela, o tempo todo.

— O que ele falava?

— Ele tinha muito orgulho de você. Quando você aprendeu a dirigir, por exemplo. Ele falou que sua baliza era ótima.

Ela olhou para mim do jeito que crianças olham quando ouvem histórias de como os pais se sentem a respeito delas. Eu tinha olhado assim para Gosia em inúmeras ocasiões.

— Mas e com você, como ele era? Estava sempre feliz com você?

— Ah, acho que sim. Mas ele também ficava triste.

— Porque você não amava ele de volta.

Eleanor estava sentada no sofá com as pernas dobradas de lado. O pijama estava apertado na coxa e nos seios. Ela tinha vindo para Los Angeles com mil e quatrocentos dólares no bolso, o que naquela cidade mal pagava uns jantares. Ou pelo menos os jantares que eu comia. O tanto de dívida que eu contraía para esfriar a cabeça.

Eu a tinha levado para um outlet enorme de roupas no Valley. Fizemos compras do lado de uma mãe de cabelo loiro e oleoso e pernas de varapau em um short jeans rasgado. A criança, uma menina pequena de gloriosos olhos verdes, andava placidamente junto dela, enquanto a mulher berrava em um celular de *flip*, alternando entre xingamento e choro. Eleanor e eu ficamos

muito abaladas. Nos entreolhamos e eu sabia que nos sentíamos do mesmo jeito. Queríamos pegar a criança no colo e embrulhá-la em nossos braços e levá-la embora. Não tolerávamos pais egoístas.

Comprei um pacote de calcinhas brancas para Eleanor, e vários shorts e camisetas, e um vestido amarelo de verão que eu tinha visto ela namorar. Também comprei um pijama, mas ela usava o meu quase toda noite.

— Ele descontava na gente porque você não amava ele de volta.

— Descontava como?

— Tinha umas noites em que ele voltava pra casa deprimido. Comentava que tinha dado algo errado no trabalho, ou quando nosso avô, o pai dele, morreu, ele passou um tempão dizendo que estava deprimido por isso. Ele começou a beber horrores. Na maioria das vezes voltava pra casa só depois de o Robbie já estar na cama. Uma vez ou outra ouvi minha mãe pedir pra ele dar um beijo de boa-noite no Robbie. E meu pai dizia que já tinha dado. Mas eu sabia que não tinha.

Vic nunca chegou a me contar da morte do pai.

— Sinto muito, mesmo. Você não sabe o quanto.

— Tem dia que odeio tanto você. E tem dia que acho que não é culpa sua. Essas coisas que meu pai queria, você, o que fosse... Ele não teria feito o que fez se não estivesse tão infeliz em casa. Ele era infeliz. Acho que ele sempre foi infeliz, olhando para trás. Ele nunca amou minha mãe. Quer dizer, ele tinha carinho por ela, como a gente tem carinho por alguém que mora na mesma casa ou que ama a gente. Mas ele não *amava* ela assim. E depois do Robbie...

Peguei a mão dela. Eu não queria, mas senti que precisava.

— Antes do Robbie, ele ia ver meus jogos de *softball*. Não perdia um. Usava um boné ridículo escrito PAI ORGULHOSO, coisa e tal. Todo dia depois da escola a gente jogava bola. Toda noite a gente fazia sanduíche de almôndega, depois de a minha mãe dormir. Eu sabia que ele não era totalmente feliz, mas ele era feliz *comigo*.

Abri minha latinha e peguei três comprimidos de Frontal de um miligrama e meio. Engoli dois a seco e ofereci o terceiro para ela. Talvez tenha sido irresponsável da minha parte, mas eu não via motivo para alguém sentindo tanta dor não tomar comprimidos.

Ela aceitou. Nunca tinha usado qualquer tipo de droga, nunca tinha fumado um cigarro. Ela me contou que era virgem, que pensava em esperar até o casamento. E que agora não queria mais nada da vida. Em um só dia, ela

comentou, ela foi de sonhar com uma história de amor a não acreditar nem um pouco no amor.

— E Deus? — perguntei.

— Que é que tem?

— Você ainda acredita em Deus?

— Claro — ela disse. — Você não?

— Não. Não acredito.

— Que esquisito... Acho isso uma loucura.

— Por quê?

— Porque de que outro jeito você vai ver seus pais de novo?

FAZIA DUAS SEMANAS QUE EU ESCREVIA PARA ALICE E ELA DEMORAVA PARA escrever de volta, às vezes um dia inteiro. Eram respostas simpáticas, mas distantes. Do tipo que eu recebia do Big Sky perto do fim.

Aquilo me fez lembrar de como toda amizade com mulher me exasperava. Percebi que era assim que Alice se sentia em relação a mim. Era difícil acreditar. No passado, quando uma mulher não me odiava logo de cara, acabava desenvolvendo uma carência repugnante por mim.

Teve a Carly, da faculdade, com quem me reconectei durante um período de seca entre dois amantes. Cruzando o país de volta, parei para vê-la e passamos uma semana fingindo que éramos amigas mais próximas do que tínhamos sido na faculdade. Comemos sushi e lemos a mesma biografia da Jackie Onassis na Butterfly Beach. Ela queria que eu dormisse na cama dela, mas eu passei todas as noites no sofá, salpicada de areia.

Ela tinha uma queda pelo barman do restaurante de sushi. Foi o que o deixou atraente para mim. Ele era bonito, mas não era alto nem limpo. Ela me apresentou para ele em uma festa. Quando ela foi pegar uma bebida, deixei ele me levar para um sofá imundo coberto por um lençol e nos beijamos. Eu não estava nem um pouco bêbada. Senti alguém cutucar meu braço, levantei o rosto e era Carly, a raiva e a indignação estampadas na cara

dela. Ela virou o drink em um gole só. E ficou com um bigodinho de espuma de cranberry.

— Vou para casa — ela disse, esperando que eu fosse atrás.

Ainda não terminamos, o rapaz sussurrou no meu ouvido, em um tom grave, feito um viciado. Eu me senti enojada, humilhada. Com a última gota da minha herança, eu tinha arrumado um bangalô no Four Seasons de Santa Barbara. Levei o cara no meu carro alugado, deixando Carly para trás, que precisou pegar um táxi para voltar para casa. Não trepamos. Tive receio de ele ter alguma doença. Chupei ele sem muita vontade e o deixei gozar no meu peito. Lembro que era de um tom tenebroso de verde.

De manhã liguei para minha amiga. Não pedi desculpa, só a chamei para ir para a piscina. Ela apareceu em um piscar de olhos.

Era uma dessas piscinas que impressionam as pessoas. Olímpica e limpinha com padronagem de corais, guarda-sóis brancos e uma praia privativa logo abaixo. Eu achava deprimente e preferiria que fosse da metade do tamanho. Pedimos *mimosas* e dividimos um sanduíche. Mas no fim Carly não aguentou. Ela queria mais de mim e tentou remexer minhas entranhas para conseguir o que queria. Ela não sabia de nada da minha história — fora Gosia, e mais tarde Vic, ninguém sabia —, mas em todo caso se virou para mim com um pedaço de sanduíche na boca e disse:

— Você é desse jeito por causa da sua mãe ou por causa do seu pai?

Eu me levantei. Tinha vinte e seis anos e estava de biquíni vermelho, meu corpo estava no ápice, o mais bonito que chegaria a ser. Sem dizer mais uma palavra sequer, voltei para o meu quarto, rebolando, os meninos de camisa polo na piscina olhando, coloquei tudo no carro e deixei a cidade. Peguei umas ostras em um bar do píer na saída porque já tinha gastado tanto no fim de semana que não fazia diferença.

Nunca mais falei com Carly. Às vezes me pergunto o que ela pensa desse dia. Quanto tempo ficou na piscina depois que fui embora, me esperando voltar. Ela havia investido o tempo dela totalmente em mim por dias. Se fosse eu, se fosse eu deixada para trás, teria ficado deitada na espreguiçadeira até anoitecer. Teria sugado o dia até só sobrar o osso.

Mas agora eu era a amiga ciumenta. Não conseguia nem reler as mensagens, que ficava com muita vergonha da minha carência. A última...

Estou comendo coentro, pensando em você.

Ela ficou horas sem responder, e então me perguntou se eu já conhecia o píer de Santa Mônica, e falei que não. Quando ela me levou lá — para aquele

lugar apinhado de turistas com os lábios manchados de raspadinha e filhos estragados correndo para lá e para cá —, eu soube que significava que ela iria me deixar para sempre. Eu não sabia exatamente por quê, mas tinha certeza.

Comemos cachorro-quente com chili, bebemos gin tônica com limão e fomos para a roda-gigante. Ela me conduziu pela escada do brinquedo, me tratando como se eu fosse um cachorro e meu braço fosse a guia. Era bem mais alta do que eu, e embora fosse magra, seus ossos ocupavam bastante espaço. O quadril era como o da minha mãe. Não sei ao certo, porque já faz muito tempo, mas na minha lembrança os quadris da minha mãe eram bem largos. Visualizei Alice nos braços do meu pai, não como filha, mas como amante.

Curti ao máximo a sensação dela segurando meu braço. Eu não amava o toque de uma mulher assim desde minha mãe. Eu temia que, a partir do momento em que Alice me deixasse, eu fosse ficar indo atrás dela para todo o sempre.

Uma vez segui Big Sky. Passei uma hora esperando do lado de fora do escritório na Wall Street até que ele finalmente apareceu, rindo, com uma mulher bem-vestida. Estaria trepando com ela? Não, provavelmente não. Mas de longe parecia que tinham um flerte, do tipo que nós tínhamos naquele começo mágico. Segui os dois até o lugar mais badalado para o almoço na região. Fiquei vendo eles comerem da janela. Endívia. Azeitonas pretas lisinhas. Cada um bebeu uma taça de tinto.

Vic já tinha me seguido desse jeito, provavelmente mais vezes do que eu poderia imaginar. Nos ternos largos dele, os dentes rangendo por trás dos lábios finos.

Alice e eu sentamos uma de frente para a outra dentro de uma das cabines da roda-gigante. O aço fez um estrondo, um ruído arriscado, quando a roda começou a girar.

— Estou com saudade — Alice disse, mas não soou genuíno.

— Eleanor vai embora em breve.

— Que bom.

Eu queria saber por que a incomodava tanto, por que eu não era o bastante, mesmo com aquela craca nas minhas costas. Não estávamos nos dando bem? Ela não percebia que nosso laço era mais forte do que uma nova amizade?

— Ela parece ser muito mais nova do que eu esperava e tem o corpo de um fortalhão de circo.

— É só uma menina — eu disse.

— Joan, você não precisa tomar conta dela. Fala pra ela que você vai viajar. Fala que vai visitar seus pais.

— Ela sabe que não tenho pais — falei, pensando em como era estranho Eleanor saber do meu segredo e Alice não.

— Ah, pelo amor de Deus. Quer dizer que vocês passam a noite conversando? Você não acha isso meio perturbado?

— O pai dela acabou de se matar — eu disse. — A mãe está um caco. Ela teve um irmão com síndrome de Down.

— Você não me contou isso — ela disse.

— Achei que tivesse contado. Importa?

— Importa. Bastante.

— Por quê?

— Como assim, *por quê*? Será que Vic concordou em ter um filho com Down?

— Acho que não.

— Ela escondeu dele?

— Ela sabia que tinha uma chance em três ou algo assim, e sim, escondeu isso dele.

— Deixa eu perguntar uma coisa. Você já imaginou como deve ter sido para a menina, sendo a única filha que o pai amava? Tenho um primo de segundo grau com síndrome de Down. Em Maremma. Lá é melhor. Os católicos romanos levam mais em conta o coração, não tanto as aparências. Não sou religiosa, sabe, mas se ambos os pais forem do tipo que ama o que vier, então tudo bem. Levam o filho no mercado e não dão a mínima para quem fica encarando. Mas se for um homem que nem o Vic, que tende a ascender, que é mais inteligente do que a família da qual ele veio, mais inteligente do que a esposa com quem casou cedo demais, que toma gosto por uma mulher como você... Imagina a raiva? E agora a filha dele... Ela sabe que foi por sua causa que o pai parou de segurar as pontas pela família. Ele conheceu você e ficou ainda mais reservado. Jesus, não é só que o pai dela traiu e agora ela quer matar a vagabunda que fodeu com o pai dela. É que ela quer matar a vagabunda que fez a família dela parecer um monte de lixo. Não é culpa sua, Joan, mas é pior do que eu pensava. Não acredito que você não me falou nada do menino. Essa menina nunca vai deixar você.

Falei para ela que era pior do que isso. Conteí que o menino tinha morrido e como tinha sido. Alice olhou para mim como se fosse eu que tivesse matado a criança.

— Quase todos eles, Joan. Quase todos eles são homens de outra.

— Vai se foder.

— É estranho.

— Você não me entende.

— Porra, você é um clichê. Não tem mais o que entender.

Senti minhas bochechas afundarem, minha boca se abrir. Ela mal conseguia olhar para mim, porque sabia o quanto estava me machucando.

Ela disse que precisava ir para casa, e tentei falar que eu pegaria um táxi, mas queria ficar do lado dela às custas da minha dignidade. Pensei em Eleanor em casa. Ela estaria esperando por mim, com suas garras de caranguejo, igualzinha ao pai.

Alice e eu fizemos as pazes, de certa forma. Ela se desculpou. No trajeto de volta para o cânion ela me contou que estava pensando em ir para um retiro de ioga em um lugar chamado Feathered Pipe. Que precisava sair um pouco de Los Angeles. Agosto em Los Angeles era para os pássaros, ela disse, como se eu não fosse passar o mês lá. Semanas antes, talvez tivéssemos combinado de ir juntas. Foi só quando eu estava prestes a sair do carro que perguntei para ela onde ficava o retiro.

Ela pegou os óculos escuros de gatinho do console sujo e colocou no rosto. Sorriu de um jeito que eu jamais seria capaz de esquecer.

— Montana — ela disse.

Então piscou para mim e saiu com o carro antes mesmo que eu pudesse fechar a porta.

Matar vira uma coisa que deixa de ser grotesca. Quando você vê o que eu vi, várias coisas terríveis acabam se tornando questões práticas.

CONSEGUI UM BICO PARA ELEANOR NO CAFÉ, MEIO PERÍODO DIVIDINDO comigo, ela trabalhava quando eu estava em casa e vice-versa. Ela não ficou muito contente com o arranjo, mas ao mesmo tempo sabia que precisava contribuir. Já tinham se passado mais de três semanas. Eu passava as tardes cozinhando para nós duas, como se fôssemos cônjuges. Aumentei a dose de Frontal dela para um miligrama para que ela caísse no sono mais cedo. Eu a cobria com uma manta no sofá. Ela não tomava banho todo dia, então às vezes cheirava a cebola, e eu lavava à mão uma leva de roupa suja por noite enquanto ela me observava do sofá ou assistia à televisão na inércia, reprises de séries antigas sobre adolescentes. Eu dobrava as roupas dela como se fosse a mãe dela.

Uma noite sentamos juntas no sofá e assistimos a um filme que minha mãe amava, *A incrível Suzana*. Eu só consumia arte que não me atingia. Só assistia a comédias românticas e só lia livros sobre assuntos que não refletiam em nada minha própria vida.

Meu celular começou a vibrar na mesa de centro.

Ninguém mais telefonava. Peguei o celular, na esperança de que fosse Alice. Talvez até Big Sky, embora fosse uma ideia absurda. Rezei a meus pais para que fosse o homem que eu julgava amar. Mas antes que eu pudesse atender, parou de tocar e veio uma mensagem.

Minha filha tá por aí?
me conta se estiver me conta
Ela se chama eleanor

Mostrei a mensagem para Eleanor, que pareceu perplexa.

— Não acha melhor ligar pra ela? — perguntei.

— Sorte a dela eu não chamar a polícia — ela disse.

— Entendo. Mas... Ela passou por muita coisa.

— Porra, é culpa dela. Tudo. Você pode bloquear o número dela? Por favor.

Bloqueei o número e ficamos sentadas no sofá, bebemos nosso chá, tomamos nossos remédios, Eleanor desmaiou e eu vi o filme inteiro, até o fim.

QUANDO ATINGIMOS A MARCA DE UM MÊS, COGITEI MATÁ-LA. TINHA chegado ao ponto de não ter ninguém que eu *não* quisesse matar. Eu finalmente estava com barriga, e embora tentasse cobrir com vestidos soltinhos, podia ver Eleanor a encarando, cooptando o bebê com o olhar. Senti um laço com o meu bebê. Não precisava mais de ninguém.

Eu vomitava toda manhã. Ia lá para fora como se fosse um bicho, para não acordar Eleanor muito cedo e perder minhas horinhas matinais só para mim. Eu queria matar todo mundo.

Um dia River deu as caras, agindo como se nunca tivéssemos trepado. Abri a porta, saí e fechei de volta rapidinho para que ele não visse Eleanor lá dentro. Ela estava em um de seus momentos de encantamento, em que chorava e tremia no chão. Como tinha acontecido comigo. Eu ficava de olho nela nessas horas. A uns metros de distância eu dizia coisas reconfortantes. Nunca encostava nela, por mais que soubesse o quanto ela queria.

River estava de camiseta branca e bermuda cargo, o cabelo loiro à luz do sol. Kurt estava com ele. Fazia sol, mas não estava calor. Eles estavam de saída para uma trilha e River perguntou se eu queria ir junto. Imaginei a gente no topo da montanha em uma trilha seca, trepando entre as flores, ralando as minhas costas na ambrósia marítima. Imaginei que ele fosse ficar excitado quando soubesse que eu estava grávida. Me deixava excitada. Também me deixava esperançosa, achando que podia fingir que o bebê dentro de mim era do River e não do homem de Marfa.

Eu estava prestes a dizer sim, estava prestes a dizer que só iria pegar minhas botas rapidinho, quando a porta se abriu. E ali estava Eleanor, e estava um caco.

— Ah — disse River —, você tem companhia.

— Essa é a Eleanor — falei, querendo chorar.

— Ah, oi — ele disse, estendendo o braço forte.

Ela parecia estar com ciúme. Pegou meu braço de leve. Eu a senti me puxar para dentro. Senti a ameaça e a dor no toque dela.

— Fica para a próxima, então — ele disse, sorrindo como se tivesse visto algo indecente, algo meio repugnante.

Fiz que sim, sorri, falei para eles curtirem a caminhada e fechei a porta.

— Esse é o cara que mora na barraca de circo?

— A tenda — eu disse, me sentindo zozua.

Ela me perguntou se poderíamos fazer uma caminhada, só nós duas. Estava chorando. Comecei a chorar também.

DEPOIS DO NOSSO DIA NO PÍER, AS MENSAGENS DE ALICE FICARAM AINDA mais esparsas. Eram duas por semana, no máximo. Cogitei aparecer em alguma aula dela, mas a vergonha era maior. Eu sentia a falta dela como não tinha sentido a falta de ninguém desde Gosia. Eu entendia que tinha me tornado uma figura sórdida para ela, mas não aceitava que a presença de Eleanor significasse nosso fim.

Até que uma tarde, em um desses dias perfeitos que fazem a gente se sentir solitária, ouvi o leve motor de um carro que não subiu o morro. Estacionou lá embaixo, praticamente enfiado no começo da estradinha, debaixo de uma árvore que perigava riscar o capô. O carro era o Prius da Alice. Meu coração saltou pela boca.

Por sorte, Eleanor estava no trabalho. Olhei pela janela e vi as pernas longilíneas da Alice em um short de ioga, de elastano, subindo o morro, cruzando o barranco, até deixar meu campo de visão. Da janela eu não conseguia ver a entrada da tenda do River. Quando tomei coragem para sair de casa, não vi ninguém. Ela não tinha vindo atrás de mim.

Fiquei esperando lá dentro, tremendo, por horas a fio. Pensei em sair, mas precisava vê-la, saber por onde ela andava. No fim da tarde, quando finalmente a vi descer o morro, notei que o rabo de cavalo estava desfeito.

Saí para buscar Eleanor no trabalho. O carro de Alice agora estava no estúdio. Ela dava aula de ashtanga às sete da noite.

Nas duas semanas seguintes, conforme minha barriga crescia e a carência de Eleanor se expandia pela casa, me sufocando mais do que o calor jamais poderia me sufocar, vi Alice ir seis vezes à tenda de River. Talvez ela tenha

aparecido mais vezes, enquanto eu estava no trabalho. Na primeira vez que ela passou a noite, vomitei na privada do banheirinho, onde o cheiro do sangue menstrual de Eleanor empestava o ar. Eu tinha comprado saquinhos de cocô de cachorro e falado para ela embalar os absorventes enormes dela em três saquinhos antes de jogar fora, mas, criança que era, ela esquecia.

Eu estava arrasada, com ciúme em vários níveis. Para começo de conversa, senti ciúme por nunca parecerem deixar a casa e sair para um encontro, como se só quisessem e só precisassem do corpo jovem e perfeito um do outro. Eu não conseguia tirar da cabeça que poderia ser eu lá com ele, se Eleanor não tivesse me atrapalhado quando ele apareceu na minha porta. Que, embora ele fosse imaturo, o corpo e a energia dele eram um belo de um bálsamo. E, mais do que tudo, eu estava destruída por Alice ter me deixado de um jeito tão cruel e me trocado por aquele menino. A sensação de querer ser ela, de querer possuir o corpo e a força dela — e mais do que tudo o passado dela — se intensificou a ponto de eu não suportar mais. De novo senti um ímpeto de matá-la, de me matar. Eu sabia que iria matar *alguma coisa*.

O que mais me torturava era a noção de que ela não se importava se eu a visse. Sim, ela estacionava lá embaixo, parcialmente escondida entre as árvores. Mas era um gesto meia-boca.

Na quinta semana da estadia de Eleanor e do afastamento de Alice, tomei uma decisão. Voltei do trabalho e encontrei Lenny sentado à mesa, bebendo a limonada da Lenore. Ele perguntou da Eleanor, e falei que ela estava gripada. Falei que eu estava me sentindo indisposta também e não queria passar nada para ele que pudesse dar em pneumonia. Ele me perguntou se eu o odiava. Não tem por que falar para as pessoas que você as odeia. Não tem por que confrontá-las. Aconselho você a mentir e esperar até se vingar.

Mas ele colocou a mão no meu braço de leve. Estava com uma cara chorosa. — Joan — ele disse —, preciso terminar de contar minha história.

Notei que ele estava usando o relógio. Evitei ficar olhando. Falei para ele esperar um pouco, então entrei para pegar uma jarra de água. Falei para Eleanor ficar lá dentro. Ela odiava quando eu fazia isso. Odiava se sentir separada de mim.

Voltei para o Lenny. Era do meu interesse saber mais.

— Obrigado, Joan. Não tenho mais ninguém.

Eu já estava acostumada com aquele papel. Última mulher em campo. Lenny se serviu de mais vodca. Repousei a mão em torno do copo com os

dedos abertos, como minha mãe fazia. Lenny colocou a jarra de volta na mesa.

— Continua. Eu me lembro de onde você parou. Eu estava horrorizada.

— Depois daquele dia — ele continuou —, fui tomado por uma autorrecreinação. A raiva estava esfriando e no lugar brotou uma culpa descomunal. Lenore andava cada vez mais desiludida pela última tentativa fracassada de engravidar. Eu me recusei a assumir a responsabilidade. Eu não disse uma palavra. Fiquei de cara fechada, que nem criança. Era verão, nada para fazer. Reli *Adeus, Columbus* no café onde você trabalha. Comi anchova direto da latinha. Naquele dia em Sandstone fui tão horrível quanto creio que alguém pode ser. Eu tinha tomado o amor daquela mulher linda e simplesmente...

Ele fez um gesto de esmagar com as duas mãos.

— Várias noites caminhei até a praia, o mar em movimento. Nunca acreditei em Deus, mas pedi para o mar, o universo, me levar. Para me engolir por inteiro. Deitei na beira da água. Mas acontece que o mar não me queria.

— O fardo do homem branco — eu disse.

— Como?

— Você é um homem branco rico. Já foi um merdinha jovem, branco, rico e cheio de si. Agora está velho e tem as doenças que merece ter.

Ele balançou a cabeça. Parecia reprimido de repente.

— Eu sei, Joan. Entendo. E estou contando para você dessa coisa terrível que eu fiz. Não para me absolver. Mas para sacrificar a última coisa que posso.

Respondi com a cabeça, mas meu ódio era tão intenso que pude imaginá-lo emanando de mim como um vapor em forma de urso e matando o homem. Aquele ódio feminino que vai se somando por décadas. Lembrei do dia em que vi dois meninos magrelos jogarem pingue-pongue no salão recreativo do hotel onde eu trabalhava. Eu estava vendo outra faxineira, Anna, uma mulher pesada, com quatro filhos e a coluna ruim, aspirar o chão. A bolinha de pingue-pongue caiu da mesa e rolou para dentro da boca do aspirador industrial de Anna. Eu vi que ela não tinha ido atrás da bolinha de propósito, mas também não tinha desviado, e a bolinha foi engolida pelo aspirador e os meninos xingaram. Ela desligou o aspirador bem a tempo de ouvir um menino berrar, Porra! A porra da bolinha! O outro disse, Devolve! E Anna desdenhou. Sua merreca de bola já era, ela disse. E ligou o aspirador de volta, um fantasma de luz e ruído. Anna precisava do emprego, mas teria largado mão se fosse preciso.

— Vamos aos fatos... — disse Leonard, diligentemente. — Levei Lenore para Sandstone de novo. Para me castigar. Era fim de agosto, e estavam dando uma festa no rancho. Comprei um vestido para ela que era só uma faixa de seda roxa, e ela amarrou em um ombro, como uma toga. Ela tinha pernas longas e grossas, como um cavalo Clydesdale. Vesti um smoking. A maioria das pessoas estava vestida naquela noite. Algumas, claro, não estavam. Tinha uma banda tocando em um palquinho esquisito no salão principal. Doctor Johnson.

— Ah — falei, e Leonard só balançou a cabeça.

— E vimos eles tocarem e dançamos. Lenore era fácil, fácil, a mulher mais deslumbrante do salão. O vocalista da banda estava de olho nela. Inclusive estava cantando *pra* ela e só *pra* ela. No meio de uma dança, abordaram a gente... Um homem de barba, bronzeado e com a pele oleosa, e deu um comprimido para cada. Na época chamávamos de doce. Em trinta minutos Lenore e eu estávamos os dois cambaleando.

“Ela foi no banheiro e pensei em acompanhar, mas uma ruivinha gostosa veio e me interceptou. Estava com borlas nos mamilos. Nunca vou me esquecer de como rodopiavam. E no meu cérebro a droga estava dançando. A mulher ruiva me sentou em um sofá e sentou no meu colo, olhando nos meus olhos, beijando minhas pálpebras de vez em quando. Era uma sensação divina. Eu me senti indefeso, e foi uma delícia. Por fim juntei forças para me levantar. Tirei ela de cima de mim e fui procurar Lenore. A banda não estava tocando e achei aquilo um mau agouro. Passei por vários quartos onde as pessoas estavam trepando, em grupos de quatro ou cinco. Um quarto era só uma corrente de oral, mulher em mulher em mulher, e na ponta um homem comia uma mulher. Parei para ver vários quartos até que me deparei com uma cena que acabou comigo. A faixa de seda roxa de Lenore no chão. Isso foi na entrada de um cômodo grande e a porta estava aberta porque essa era a regra em Sandstone. Portas abertas, corações abertos, essas bobagens. Lenore estava na cama, nua. Do lado dela estava o vocalista da banda, um homem que você já deve ter conhecido, acariciando a lateral do corpo dela, beijando os mamilos dela. Muitas vezes pensei em matá-lo. Mas sou um baita de um covarde. Ele era muito mais novo que eu, que nós dois, uma diferença de uns vinte anos. Minha cabeça estava girando. Eu estava sem palavras. Ele olhou para mim e disse, Oi, meu caro.

“Os olhos de Lenore tremularam quando ele enfiou nela. Ela olhou para mim, estendeu o braço e peguei a mão dela. Eu estava tremendo, chorando.

Mas ela sorriu como se fosse eu que a estivesse penetrando. Durou dez minutos mas, por Deus, parecia uma eternidade, eu ali assistindo e chorando que nem criança, merecido. Ele continuou até gozar. Ela gozou junto. Eu nunca tinha visto ela chegar a um clímax tão intenso. Depois ficaram os dois estirados lá, acabados.”

— Jesus — eu disse.

Eu estava tremendo da cabeça aos pés.

— Na manhã seguinte nós dois acordamos com uma ressaca terrível e recapitulamos até concluirmos que ela tinha sido estuprada. Não violentamente, mas tinham se aproveitado enquanto ela estava sob a influência de uma droga pesada, e quando apareci já era tarde demais para fazer alguma coisa. Essa era a nossa versão da história. De certa forma, era verdade.

Ele tossiu. Olhei para as veias azuis espessas no pulso dele, o relógio cintilante entre elas.

— Aposto — disse Leonard — que você já sabe o que vem a seguir.

Para falar a verdade, eu não fazia ideia do que vinha a seguir.

— Passaram umas semanas. Ela fez um desses testes caseiros. Ela já sabia, porque estava com os peitos doendo. A boca estava cheia de saliva. Ela não conseguia conter a felicidade. Isso foi o pior.

Ele começou a tremer.

— A gente podia ter fingido que era meu. Ninguém ia questionar. Mas a felicidade dela, eu não aguentei. A felicidade que outra pessoa tinha incutido nela. Então tomamos a decisão sem nunca debater em voz alta. Falei, Vamos marcar uma consulta com o dr. Menta. Ela sabia do dr. Menta só por alto, mas já era o bastante. Está bem, ela disse. Ela disse que iria sozinha até a clínica. Iria passar para tomar um drink no Hotel Beverly Hills primeiro, que queria ficar sozinha. Passei o dia todo para lá e para cá em casa. Não conseguia ler nem comer. Era um dia nublado. Imaginei ela dirigindo na neblina, no cânion. Parte de mim torcia por um acidente, algo absolvedor. Ela chegou tarde, depois das nove.

— Querida — completei a história. — Você foi lá? Pelo jeito você não seguiu em frente, e tudo bem.

— É, foi exatamente o que eu falei. Como você...

— Termina de contar — falei, surpresa, porque os homens nunca pareciam saber quando você os odiava.

— Ela não seguiu em frente e falei para ela que tudo bem, e ela chorou de gratidão. Ela queria um filho a qualquer custo.

— Ela queria *aquele* filho — eu disse —, porque já o conhecia.

— Talvez — ele disse, acariciando a papada.

— Você fez alguma coisa.

— É. Fiz uma coisa terrível.

Balancei a cabeça para a frente e para trás, tremendo de raiva.

— O cânion é cheio dessa gente, sabe, com suas pedrinhas e areias e cristais. A búlgara da lavanderia que eu conhecia fazia anos... Dava para sentir o bafo dela a três metros de distância. Como se ela se alimentasse de insetos e terra. Uma manhã, junto com minhas camisas passadas, ela me entregou um saquinho marrom com dois frascos dentro, um com *cobosh* preto e outro com *cobosh* azul.

— Seu velho doente de merda.

— Sabe para que serve?

Eu sabia. No hospital uma vez uma mulher tinha tentado induzir o parto com *cobosh* azul. Já tinham passado dez dias da data prevista e ela não aguentava mais a queimação. Só que ela era alérgica a *cobosh*. Ela morreu durante a cesárea de emergência. Passei boa parte da noite vendo o bebê dela no berçário, um bebê de cabelo preto bem cheio.

— Aquela noite eu passei o chá da Lenore — Lenny continuou —, só que estava batizado com o triplo da dosagem recomendada de ambos os extratos.

— Ela não fazia ideia.

— Não, eu acho que fazia, sim.

— E ela sangrou.

— Sangrou tanto que achei que fosse morrer. Começou no meio da madrugada. Os coiotes começaram a rondar e uivar, e então começaram as contrações, e depois de uma hora de berreiro e dor, saiu de dentro dela. Do formato de um cavalo-marinho, azul e vermelho. Ela o segurou junto ao peito, com carinho, e beijou seu crânio alienígena. Mesmo com medo e culpa, eu sentia raiva. A semente de outro homem no peito de Lenore. Em segundos a coisinha morreu.

Respondi com a cabeça. Tinha tomado a minha decisão. Mas não a insinuaria para ele. Apenas sorri. Dei um tapinha no punho que estava sem o relógio.

— Pronto — falei. — Está se sentindo melhor agora?

Ele fez que sim. Ele se sentia terrivelmente grato.

— Obrigado, Joan.

— Vai para casa. Tira um cochilo. Em algum lugar no paraíso, a Lenore está sorrindo.

Agarrei o braço dele com força, arrastei-o na direção do casebre dele, então dei meia-volta e abri a minha porta.

Claro que ele tentou ir atrás de mim, então fechei a porta na cara dele depressa e voltei para dentro, morrendo de raiva, e me deparei com Eleanor usando meu vestido de alcinha branco. Estava bem apertado no peito. Mal pude acreditar.

— Eleanor, que porra é essa?

— Que foi? — ela perguntou.

Ela tinha um medo existencial de mim.

— Esse é meu vestido especial — falei.

— Ah, eu não sabia. Desculpa.

— É da minha mãe. Tira, por favor.

Ela tirou o vestido. Por baixo estava usando a calcinha e o sutiã baratos dela.

— Desculpa mesmo.

Fervi água para um chá e ela se dirigiu à área no chão onde guardava as coisas dela. Vestiu as próprias roupas e então, com um sorriso no rosto, coisa que eu nunca tinha visto, me disse que estava se sentindo bem naquele dia, pela primeira vez desde a morte do irmão.

Comentei que estava muito feliz em ouvir aquilo, e estava mesmo.

— E sou grata a você por ter arrumado um emprego pra mim e me deixado ficar aqui.

Fiquei com vontade de dizer que nunca foi uma opção, que ela tinha aparecido e nunca tinha ido embora. Mas só concordei.

— E... Eu te perdoo.

Involuntariamente, fiquei com os olhos marejados.

— É... E queria dizer... Eu me sinto bem por ter você na minha vida. Sei que soa estranho.

— Não, eu entendo.

— Além do mais, estou muito animada pelo bebê. Está chegando mais perto, talvez seja por isso. Não quero soar esquisita nem nada do tipo. Mas já amo ele.

Quase derrubei a água quente nas pernas. Virei-me de costas para ela, esmigalhei três alprazolans entre os dedos e soltei na xícara dela.

— Toma. Fiz um chá.

Ela nunca recusava nada que eu fizesse para ela. Pensei em todas as vezes que tinha cozinhado para o pai dela, a gratidão bajuladora dele. O jeito cauteloso como ele mastigava.

Ela sorriu quando pegou o chá da minha mão, e meia hora depois estava desmaiada no sofá. Borrifei a colônia de Big Sky no vestido de alcinha para mascarar o suor de Eleanor e fui até a porta de River.

POR MUITOS ANOS MINHA IRA FICOU DORMENTE. EU VIVIA PARA sobreviver. Eu podia até evocar o evento tenebroso, mas com certo distanciamento. Podia ditar apenas os fatos. Deixava os momentos de terror abafados. E não passava um segundo sem que eu sentisse que algo estava corroendo meu coração. Mas no cânion minha dor se transformou em ira, e a ira estava crescendo dentro de mim como a buganvília banhada de sol crescia em torno da velha mansão de *swing*.

Eu nunca tinha trepado com um homem para me vingar de uma mulher. Eu tinha dado em cima do namorado de uma amiga para testar meu poder, mas só depois de a amiga ter me machucado, de ter esfregado uma falsa felicidade na minha cara para se sentir melhor. Isso era novo. Em teoria Alice não tinha feito nada para me machucar. Tinha saído da minha vida, mas não por rancor. Simplesmente não queria ficar por perto. Essa é a coisa mais terrível que alguém que você ama pode fazer.

Bati na porta de River. Ele atendeu, sem camisa. Falei que meu ar-condicionado tinha quebrado e eu não estava aguentando o calor. Perguntei se ele tinha algo gelado para beber. Eu não tinha nada na minha geladeira.

— Claro, entra — ele disse.

A cama dele estava desfeita e Kurt estava deitado nela.

— Serve cerveja?

Fiz que sim, e ele espremeu limão em duas garrafas de Corona com o polegar calejado. Ele disse, Saúde, batemos as garrafas, e os lábios rosa e carnudos dele encobriram o bocal inteiro.

— E essa menina? É uma amiga?

— É a irmã mais nova de uma amigona minha de Nova York. O pai delas morreu faz pouco tempo e ela veio espairecer um pouco por aqui.

— Foi por isso que vim para cá também.

— Sua mãe ainda mora em Nebraska?

— Mora, mas ela está bem. Está saindo com um cara lá. Ele é gente boa. Estou feliz por ela.

— Que bom.

— Pois é. É ótimo.

— Da última vez que estive aqui — comentei, sentando na cama dele e fazendo carinho na cabeça do cachorro.

Ele riu de nervoso. A história com a Alice aparentemente estava ficando séria. Percebi que ele estava se sentindo culpado, e que se eu falasse dos nossos momentos de intimidade, ele se afastaria.

— Da última vez que estive aqui Kurt estava quieto, ele não se sentia totalmente à vontade.

— Verdade — ele disse.

Estava aliviado por eu não ter falado mais nada. Eu também sabia que isso o faria me querer mais. A noção de que talvez eu tivesse me esquecido de como ele transava.

Cruzei e descruzei as pernas. O vestido fazia um V entre minhas coxas, um triângulo de seda reluzente. Era impossível para ele desviar o olhar. Bebi meia garrafa. Eu podia sentir o calor se intensificando entre nós.

— Queria que tivesse uma piscina por aqui, ou algo do tipo — comentei. — Você conhece a música “Nightswimming”?

— Porra, claro. Música. Vou colocar pra tocar.

— Maravilha.

Ele colocou a música. Deitei na cama dele, abracei Kurt e balancei as pernas para a esquerda e para a direita ao som da música. O cachorro era muito bonzinho. Gostava de deitar junto ao calor de um corpo humano, mas não era carente. Não cheirava mal nem soltava pelo. Era inteligente e leal. Nunca saía de perto do River, nem mesmo quando corriam na montanha. Eu nunca tinha visto um cachorro tão bonzinho. Pensei em como Alice era sortuda por ter um namorado bonito e gentil com um cachorro perfeito. Ela podia ter isso graças ao amor particular que tinha recebido da mãe solteira. Eu acreditava nisso de todo o coração.

Quando acabou a música, River estava deitado do meu lado e nossas pernas estavam entrelaçadas. A gente ficou se pegando que nem adolescente por quase meia hora até que cheguei no ouvido dele e falei para ele enfiar onde quisesse.

— ESTOU PASSANDO MAL — ELEANOR DISSE NO DIA SEGUINTE, QUANDO finalmente acordou do sono medicado. — Que horas são?

— Meio-dia. Talvez você esteja gripada. Está no ar, todo mundo pegando.

— Perdi a hora do trabalho.

— Eu avisei o pessoal. Steve abriu o café. Você pode ir lá agora. Ou posso ir eu, se você não estiver se sentindo bem.

— Queria que você pudesse ficar em casa.

— Uma de nós tem que trabalhar.

Ela concordou e se levantou. Amarrou o cabelo e foi caminhando grogue até a porta.

— Você não vai tomar banho?

— Mais tarde eu tomo.

Ela saiu pela porta de um jeito que me lembrou todas as vezes que Big Sky saiu pela minha porta, ou eu tinha saído pela dele enquanto a esposa estava na casa de campo em Hudson Valley ou no chalé em Montana. Eu saía com receio de ele estar contente por eu ir embora. O medo de talvez nunca mais o ver.

Big Sky e a esposa agora passavam a maior parte do tempo em Montana, e quando descobri a localização do retiro de Alice, comecei a cutucar a pelinha do meu dedão deformado. Meu pai tinha me deformado.

Eu estava com uma verruga no dedão e um dia meu pai pegou meu dedo e torceu. Disse que verrugas não saíam com os cremes que eu estava passando, e comprou um laserzinho, uma espécie de maçarico de *crème brûlée*, e queimou metade do meu dedão. Mas a verruga pelo menos sumiu junto.

Comecei a arrancar os pedacinhos de pele que cresciam em cima da deformidade. Dei uma olhada em um mapa de Montana. O retiro ficava a menos de meia hora de Bigfork, do chalé de seis quartos deles no lago Flathead, com caiaques e esquis aquáticos amarrados a um carvalho gigante que crescia no meio da água. Tinha uma grande residência principal, construída no estilo de carpintaria local, com chuveiros de pedra e uma cozinha que me deixou de coração apertado. E tinha uma cabana pequena, mas maravilhosamente projetada, sobre palafitas na água, onde às vezes ele dormia sozinho para escutar a marola do lago sobre as pedrinhas que ele tinha feito questão de importar de um lugar em Sandpoint, Idaho. No começo ele me disse que dormia na casa do lago para pensar em mim sem que ninguém importunasse. E eu ficava o imaginando encarar o teto de madeira enquanto se acariciava e desejava que eu estivesse com ele.

Eu havia contado para Alice onde ficava a casa. Tinha puxado do celular um velho anúncio com as fotos que eu estudava como se fosse ter uma prova sobre a vida real do meu ex-amante. Eu havia falado para ela do mercado onde ele comprava cortes de carne. Não é feira orgânica alguma, ele tinha dito, mas eles têm uma costela impecável. Johnny, o cara do açougue, manja muito de costela.

Já era o dia seguinte quando River bateu na minha porta. Eu nunca o tinha visto triste.

— O que houve?

— Eu contei pra ela. Contei pra Alice.

— Contou o quê pra ela?

— O que a gente fez.

— Ah.

— É... É horrível.

— Por que você contou pra ela?

— Porque eu não ia conseguir viver assim. Eu meio que a amo.

— Por que você está me contando isso?

— Porque vocês são amigas.

— Não mais — falei.

Eu me sentia fraca e não achava que fosse da gravidez. Ouvi meu fardo se aproximar da porta.

— Você pode me dar um minuto? — sibilei para Eleanor.

Era a primeira vez que eu perdia a paciência com ela. Saí e fechei a porta.

— Ela está muito chateada. Acho que me odeia.

— Bem, você traiu ela.

Ele parecia prestes a chorar.

— Ela vai para o retiro daqui a uns dias. Disse que vai pensar no meu caso, se vai me perdoar ou não. De qualquer forma ela não ia querer nada exclusivo comigo por um tempo.

— Por que você está me contando isso?

— Não sei — ele disse. — Não tenho mais ninguém pra quem contar.

— Conta pro seu cachorro, então — falei.

Entrei de volta em casa e bati a porta.

ESCREVI PARA ELA NAQUELE DIA.

Eu não sabia de vocês.

Como já era de se esperar, não veio resposta. Eu estava com remorso, mas não tanto. Mais medo. Fechei os olhos e a visualizei na feira orgânica de Whitefish, carregando uma baguete e um buquê de papoulas. Big Sky vinha da direção oposta com tomate e manjerição em um saquinho de papel pardo. Daí vinha a fodelança cor-de-rosa.

E tudo o que eu tinha era aquele caroço de criança no meu sofá. Eu checava o celular toda hora para ver se tinha alguma resposta. Alicie sabia que eu faria isso. Eu tinha contado para ela de todas as coisas tristes que eu fazia.

Levei Eleanor para o lugar aonde era para Alice ter me levado — o Cold Spring Tavern, uma antiga parada de carruagens entre as montanhas de San Marcos.

Dirigimos até encontrar a casa de madeira coberta de hera em uma estrada no meio da floresta. Uma fumaça escura subia da chaminé entre as árvores altas. Não dava para ver o céu. Tinha velhas mesas de madeira para piquenique e um homem de barba virava grandes filés vermelhos de carne em uma grelha com carvão. Tinha motos estacionadas em uma formação diagonal a se perder de vista.

Era tão romântico lá dentro que fiquei com vontade de me matar. Toalhas de mesa em xadrez vermelho, velas opressivas, abajures Tiffany empoeirados, bustos de cervos amontoados. A primeira coisa que passou pela minha cabeça

foi que eu queria muito estar com Big Sky, dançar com ele no meio da tarde, trepar na floresta atrás do bar ou na pousada charmosa e ligeiramente suja ali perto.

Eu me senti maluca, vou falar pra você, mais maluca do que nunca. Tive que abafar o riso. Eleanor falava qualquer coisa séria e eu me escangalhava de rir. O tipo de risada que faz o corpo todo se mover como um sino ressoando. Ela me olhava de um jeito estranho, mas então abria um sorriso. Todo mundo só quer ser feliz.

Sentamos lá dentro e pedimos duas cervejas e sanduíche de maminha. Quando o barman me passou a cerveja, senti o cheiro de maconha cara no hálito dele. Eleanor estava com uma camiseta estampada com uma palmeira e um short cáqui apertado na coxa.

— Esse é o lugar mais legal em que já estive — ela comentou.

Ela costumava falar coisas do tipo sem a respectiva expressão de alegria no rosto.

Concordei com ela.

— Obrigada por me trazer aqui.

— É. Acho que nós duas já estávamos enlouquecendo, depois de tanto tempo enfiadas em casa.

— Você gosta do cara que mora na tenda?

— Transamos duas vezes. Ele é bom de cama.

Ela pareceu machucada com aquelas palavras.

— Dá pra fazer isso? — ela perguntou.

— Como assim? — perguntei, rindo mas irritada.

— Quero dizer, grávida.

Às vezes eu esquecia que estava grávida. Mal podia acreditar que uma criança tinha se instalado ali. Tinha certeza de que meu corpo a expeliria a qualquer momento.

Falei que dava, sim, claro.

— O pênis não cutuca o bebê?

— Não, Eleanor. Mas também não foi nesse buraco que ele enfiou.

Como previsto, ela ficou chocada. Tentou não demonstrar. Tentou fingir que era madura.

— Quer dizer que você gosta dele?

— Você gosta de ser virgem?

Ela deu de ombros, tomando um gole da cerveja. Os sanduíches chegaram, bagunçados e lindos, com molho de raiz-forte e maçã à parte. Comemos sem

falar nada. O sangue da carne que tinha escorrido no prato ela raspou com a casca do pão. Eu nunca comia tudo. Minha mãe me dizia para sempre deixar um pouquinho no prato.

Quando terminamos, saímos com cervejas geladinhas e sentamos nos bancos feitos de troncos, e os motoqueiros ficaram olhando para mim. Aquelas encaradas sem fim. Me ocorreu a ideia deplorável de que eu queria que um dos homens, o maior deles, metesse em mim até expulsar o bebê.

— Fico tensa com sexo — disse Eleanor.

— Honestamente, não é nada de mais.

— Quero dizer que eu não sei quem eu sou.

— Em que sentido?

Bem baixinho, ela me falou que às vezes se sentia como uma menina que gostava de mulheres e às vezes se sentia como um menino que gostava de mulheres e outras vezes se sentia como algo no meio do caminho, que só queria ter amor. Que era uma sensação dolorosa. Que ela andava com isso o tempo todo, pendurado no pescoço.

Perguntei se a mãe dela sabia, e ela riu, e perguntei se o pai dela desconfiava. Ele chegara a comentar comigo, uma vez ou outra, que por ora estava a salvo, que Eleanor não parecia interessada em meninos, então ele não precisava de uma espingarda para as noites em que ela saía. Ele sempre se fazia passar por pai absurdamente superprotetor. Porque era do que eu sentia falta em relação ao meu pai. Precisei confrontar o que superprotetor significava, se eu tinha mesmo sido protegida. Proteção física era uma coisa. Qualquer pai podia ter uma arma de fogo.

Antes que ela pudesse responder, um dos motoqueiros se aproximou e se abaixou entre nós, as mãos na mesa de madeira, os braços perto demais de nós duas.

— O que é que tá pegando, senhoritas?

Vi estupro nos olhos dele. Eu estava usando o vestido branco e ri comigo mesma, pensando em como diriam que eu ficava pedindo. Volta e meia eu comentava com outras mulheres e mesmo homens que todo homem tem certo grau de estupro dentro de si. As mulheres não entendiam o que eu queria dizer. Ou ficavam enojadas, ou confusas. Achavam que eu era burra. Mas os homens não. Acho que ficavam impressionados por eu entender.

— Nada de mais — eu disse, me lembrando do jeito impecável como Alice tinha rejeitado aqueles Ray-Bans na feira orgânica.

Ele aproximou o rosto do meu, a ponto de assustar. A barba dele fedia a carne.

— Ah, é? — ele disse.

— Estamos conversando aqui.

Ele mordeu o lábio inferior.

— Quer que eu peça mais cerveja pra vocês continuarem a conversa?

— Não, obrigada. Já, já, vamos embora.

Ele apoiou a mão na coxa de Eleanor para se equilibrar melhor enquanto ajeitava o peitoral de couro a meu lado.

Usei a lateral da minha mão aberta, como em um golpe de caratê, para tirar o braço dele da perna dela, e ainda que fosse grandalhão, ele acabou caindo.

— Que é isso, porra?!

Ele se levantou depressa, envergonhado, furioso.

— Vadia de merda — ele disse.

Eu me sentia responsável por Eleanor, pelo segredo que ela estava me contando, pelo bebê dentro de mim. Agarrei a mão dela, e saímos andando. Ele fez menção de vir atrás, mas eram tantos homens lá, alguns acompanhados de mulheres corpulentas, *mullets*, tachinhas e poeira. Metade era testemunha. A outra metade teria ficado na torcida se ele tivesse me dobrado ao meio e tentado me comer.

Pegamos a estrada entre as montanhas, sob a sombra emplumada das árvores.

— Aquilo foi muito... Você é muito forte — Eleanor disse.

Não falei nada. Eu podia sentir os olhos dela fixos em mim enquanto eu prestava atenção na estrada. Big Sky uma vez me disse que eu era a melhor motorista mulher que ele conhecia. Senti um orgulho besta.

— Quero falar uma coisa pra você. Desde o começo eu queria falar isso, que não é pra você ficar tão mal. Por tudo o que aconteceu.

— Como assim?

— Você não foi a primeira amante do meu pai.

— O quê?

— Quer dizer, você foi a última. E acho que era de quem ele mais gostava. Mas tinha também outra menina. Do último emprego dele. Ela devia ter uns vinte anos. Peguei eles no flagra em casa. Estavam trepando na cama dos meus pais, e o Robbie estava no berço. Ele tinha uns dois meses. E eu estava com quinze anos. Meu pai pediu pra eu não contar pra minha mãe. Ele chorou e implorou pra eu não contar para ela. E o pior de tudo foi que eu me

senti atraída pela menina. Foi a primeira vez que senti atração por alguém na vida. Flagrei os dois quando ela estava deitada de costas e meu pai estava, sabe, chupando ela. E eu me senti atraída por ela. O corpo dela era perfeito. Acho que isso não é o pior de tudo. O pior de tudo é que eu não contei pra minha mãe.

DE VOLTA EM CASA, BEBEMOS UMA GARRAFA E MEIA DE UM VINHO BOM QUE tinha me custado um dia inteiro de salário. Eu não conseguia parar de pensar na imagem de Vic com a cabeça entre as pernas de uma novinha. Uma menina de vinte anos e corpo perfeito. Eu nunca tinha estado na casa dele. Apesar de todos os homens com quem trepei na época em que estive com ele e da falta de vontade de dar para ele e de ter parado de transar com ele pouco tempo depois de conhecê-lo, não estava acreditando que ele tinha mentido para mim. Ele tinha me dito que eu era a primeira e única. E eu tinha caído nessa.

Mas ali estava Eleanor, no meu sofá, uma menina que tinha vivido uma calamidade provocada pelos pais, assim como eu. Como a mãe que viria a ser, parei de pensar em mim. Olhei para ela no sofá. Estava com os pés descalços por baixo das pernas e imaginei os pezinhos na boca da mãe dela quando ela era bebê. Uma vez minha mãe me disse que tinha colocado meus pés na boca quando me pegou pela primeira vez. Uma parte dela queria me comer, ela disse, queria me colocar de volta na barriga.

Quando o vinho bateu, Eleanor desatou a chorar. Eu nunca tinha chorado com vinho. Não entendia por que as pessoas choravam. Ela chorou por Robbie, pela saudade imensa que sentia dele. Eu a tomei nos braços. Foi a primeira vez que nos tocamos assim. Ofegante, ela se aninhou no meu peito. Colocou a mão na minha barriga. Eu a apertei com força e a ninei como se fosse uma criança. Ela encostou a bochecha nos meus peitos, que estavam mais cheios por causa da gravidez. Estavam tão grandes e duros que eu não usava sutiã fazia semanas.

Deixei que ela ficasse com a bochecha ali. Deixei que ela roçasse os lábios no meu mamilo, o mais imperceptível dos toques, e mesmo assim nítido. Eu sabia o que era sentir falta de um seio de mãe.

QUANDO EU TINHA CINCO ANOS E NÃO ME COMPORTAVA DIREITO, MINHA mãe me ameaçava. Eu tinha um carrinho de bebê de boneca, e não fazia diferença para mim se a boneca estava no carrinho ou não, eu só precisava do carrinho, adorava empurrá-lo e queria ir para todo lugar com ele. O assento era de um náilon macio estampado de coelhinhos segurando balões e blocos e laços e chocalhos de bebê e chupetas, todas as doces regalias da primeira infância. E quando eu fazia malcriação, quando me recusava a calçar os sapatos certos ou me recusava a escovar o cabelo ou me recusava a comer acelga, minha mãe brandia o carrinho, segurando-o acima da altura da cabeça, como se fosse chocá-lo contra meu cocuruto, e bradava, Vou doar esse trambolho! Vou dar pra filha da Rosanna! Ou dizia que ia deixá-lo na rua, para que uma das crianças do bairro, que passeava por ali com seu pit bull, levasse. A ideia era passar o carrinho para alguém menos afortunado, alguma menininha que, diferente de mim, não era sortuda a ponto de ter um aclamado pedaço de plástico como aquele.

Eu tentava enxergar a noite que sucedeu o dia na Top of the World sem pensar em retrospecto. Durante boa parte da vida tentei deixá-la isolada como uma memória própria, apenas uma noite, um jantar qualquer. Mas se provou impossível. Foi a última noite da minha vida. Assim como o café da manhã

naquele dia foi meu último cereal com leite. Assim como a viagem para a Itália um ano antes tinha sido o último bom verão que eu passaria na vida.

Minha mãe fez *pastina*. Era o que comíamos quando não tínhamos tempo para um jantar de verdade. E era também o que eu comia quando estava doente ou precisava de algo tranquilizante, como uma chupeta.

Era evidente que a conversa deles não tinha corrido bem. O silêncio era colossal. Lá fora o sol batia nos gravetos e na grama pisada. Eu podia ver a pedra em que eu gostava de sentar no fim do passeio de pedrinhas, reluzindo de calor. Eu queria que o sol baixasse. Queria que o dia terminasse e eu caísse no sono para poder acordar dos eventos que tinham transcorrido. Mas a verdade é que eu era tão conectada a meus pais que o que tinha se partido entre eles pesava mais na minha mente do que o que tinha acontecido na casa gelada do homem alto. Eu tinha sido abusada, claro. Mas não poderia dizer que foi violento. Em nenhum momento eu tinha sido agarrada contra a minha vontade ou enfiada em um carro. Eu não fiquei com marcas, nem mesmo as marcas vermelhas do tipo com que eu ficava no pulso quando era mais nova e minha mãe me levantava do chão de um supermercado.

Enquanto minha mãe cozinhava e arrumava tudo, meu pai ficou sentado em uma cadeira *butterfly* no quintal. Fumava um cigarro com as pernas cruzadas num aspecto lânguido. De pé meu pai sempre ficava para lá e para cá, as mãos manuseando chaves de fenda, maçanetas, lustrando para-choques de carros. Mas quando sentava, sentava mesmo, a carne amolecendo entre as curvas dos ossos. Minha mãe, por outro lado, quase nunca sentava. Minhas memórias de jantares são do meu pai e eu à mesa e minha mãe já enxaguando a louça, quando não estávamos nem na metade. Imagino que em restaurantes ela sentasse.

Naquela noite não foi diferente. Quando a *pastina* ficou pronta, meu pai e eu sentamos à mesa de jantar de pinha. Tinha um acompanhamento de espinafre fatiado na manteiga. Minha mãe não acertava muito com verduras. Ficavam sempre escuras e capengas. Enquanto comíamos, ela passou um desinfetante nas prateleiras da geladeira. Meu pai olhou para mim com um sorriso amarelo. Ele sempre sorria para mim, mesmo no alto do desespero. Com carinho, ele tirou meu cabelo do rosto. Estremeci de leve. De repente o toque de um homem significava uma coisa totalmente diferente do que antes. Para lá da porta telada, a noite de verão vibrava, cheia de insetos.

Não trocamos uma palavra aquela noite, meu pai e eu. Conversar era uma coisa que eu fazia com minha mãe. Meu pai me ouvia, sorria e bagunçava

meu cabelo. Ele era quieto e resoluto em todos os aspectos. Um homem firme. Até as veias dele eram potentes.

— A minha princesinha — ele disse — foi para a piscina sozinha hoje. Será que ela ficou nadando ou lendo?

Flashes de mãos e a sensação de uma língua cruzaram meus pensamentos. Fazia sentido que meu pai não imaginasse o que tinha acontecido comigo aquele dia, mas era inconcebível que minha mãe não soubesse. Às vezes ela me dizia que era onisciente, uma bruxa, e eu acreditava. Quando ela se enfiou na geladeira amarelo-mostarda, senti que estava tentando me encurralar com o silêncio dela.

— As duas coisas — respondi, observando o corpo da minha mãe atrás de pistas.

— Que tal levar a louça para a pia, ajudar a sua mãe?

— Não preciso de ajuda — minha mãe disse, brusca.

A voz dela cessava nossos movimentos, até nossa respiração. Como posso explicar o poder dela? Era uma coisa mágica. Ela era fria, mas o corpo dela era quente. Mesmo hoje, mesmo depois de tudo, eu daria meus dois braços para ser embalada pelos dela.

Depois de um tempo meu pai ligou a televisão. Estava passando *A noviça rebelde*. Até hoje não consigo assistir. Não consigo ouvir as notas de qualquer uma das músicas sem tremer da cabeça aos pés. Era a última hora do filme. Meu pai estava com o braço em volta dos meus ombros. E pensar que no dia antes a mãe dele tinha sido violentada, estuprada, e poucas horas antes, a filha dele tinha sofrido abuso sexual. Eu não sabia o que ele faria se ficasse ciente do meu caso, mas sabia que ele tinha ido atrás do homem que estuprara a mãe dele. Era possível até que o tivesse matado, eu sentia. Meu pai era um desses homens com segredos. Eu achava que todos os segredos dele eram honrosos. Matar por vingança. Atos de misericórdia por animais mutilados, agonizantes, na sarjeta.

Eu não entendia por que minha mãe estava agindo tão friamente. Presumi que fosse uma combinação de horror por meu pai talvez ter matado alguém e nojo pelo que eu tinha feito. Eu estava apavorada, com medo de ela deixar de me amar e medo de o meu pai ir para a cadeia. Até o dia seguinte, eu ainda não teria tido qualquer uma das longas conversas com Gosia que marcariam o resto dos meus anos de formação, mas uma vez ela tinha me dito que volta e meia bastava ter uma noite de sono e ver o sol raiar depois para se curar. Que no novo dia é infinitamente mais fácil sobreviver. Ou pareceria ser, pelo

menos. Então foi isso que desejei. Desejei que a noite acabasse. Para que nascesse o novo dia. Jurei que nunca mais voltaria à piscina Top of the World. Nadaria apenas na piscina com o tubo flutuante, os patos cansados, os pedalinhos verdes e os mosquitos. Seria a filha perfeita.

VIC UMA VEZ ME DISSE, O QUE VOCÊ TEM A TEMER, GAROTA? VOCÊ JÁ perdeu tanto. O que sobrou para temer? Foi um dos momentos mais cruéis dele. Eu tinha passado a tarde inteira com o novinho, Jack. Havia faltado no trabalho para ir a um jogo do Mets com ele. Bebemos cervejas cor de mijo e torcemos e dividimos um cachorro-quente, cada um comendo uma ponta, até nossas bocas se encontrarem no meio. Depois do jogo, Jack me deixou em casa para ir para a Fire Island com os amigos. Eles iam para a parte gay da ilha, Cherry Grove, onde gostavam de tomar todas enquanto homens mais velhos, de bigode, davam em cima deles. Liguei para Vic, e ele foi me ver. Foi até o Queens e comemos em um restaurante tailandês maravilhoso, com mesas desniveladas, telhas soltas e manchas de infiltração no teto.

Naquela noite chorei sobre um bowl de salada de papaia e flocos crocantes de peixe. Eu estava chorando por causa do Jack, porque me sentia idiota. Falei para o Vic que era só medo. O medo sem nome que me acompanhava por toda parte. Mas Vic ficou mordido. Tinha que engolir Jack e a ladainha de que eu estava tentando sair com pessoas da minha idade ou muito mais novas porque precisava me sentir normal. Ele me abraçou junto ao peito. Fiquei revoltada com a camisa cara de piquê que sem dúvida ele tinha comprado para me impressionar. Ele me abraçou, mas me odiava. Dava para sentir. Apertando meu rosto contra o peito dele como se quisesse me

absorver. O que você tem a temer, garota?, ele perguntou enquanto eu soluçava. O lugar permitia que cada um levasse sua própria bebida, e ele tinha passado na loja bem ao lado e comprado a garrafa mais cara de vinho, por cento e vinte e nove dólares e noventa e nove centavos. Tinha deixado o preço. Ele ria enquanto dizia, Dá pra acreditar que era a garrafa mais cara que tinha? Era um vinho condimentado, nada bom, não parecia sequer valer vinte mangos. Eu o odiava pelo pouco que sabia de coisas boas. Odiava por ele ter atravessado a cidade até o Queens em um carro preto. Por ser cruel comigo, embora eu merecesse coisa muito pior. O que você tem a temer?, ele disse. E eu falei, Você tem razão, nós dois não temos nada a temer. Nada a perder. Tenho a minha filha, ele disse. Tenho a minha filha a perder. E eu quis matá-lo porque ele estava me provocando com a paternidade, com tudo o que ela significava. Então me afastei do peito dele e disse, Você precisa tirar dinheiro. Esse lugar só aceita dinheiro. E quero ir embora.

Vic estava certo. Eu não tinha nada a temer. Agora que eu tinha uma criança dentro de mim, finalmente entendi o que ele queria dizer.

EM UM DOMINGO O SANGUE JORROU TÃO RÁPIDO E TÃO ESPESSE QUE SENTI que podia desmaiar. E desmaiei mesmo. Meu sono só não tinha sonhos quando eu tomava comprimidos. Foram poucas as vezes em que dormi sem sonhar, e essa foi uma delas. E todos os meus sonhos eram pesadelos com os meus pais. Mesmo os sonhos bons eram pesadelos, como qualquer um que tenha perdido alguém importante bem sabe.

Depois de desabar, sonhei com o calçadão de Atlantic City na minha juventude, onde minha mãe gostava de apostar em caça-níqueis e meu pai passava o tempo caminhando na praia, colhendo conchas, cavando a areia em busca de siris. Em dias chuvosos íamos ao Ocean One Mall, um shopping em forma de cruzeiro cheio de claraboias em tons pastel de caramelo, salpicadas por mosquitos. Mas meu lugar favorito, talvez o lugar mais mágico das minhas memórias de infância, era um parque de diversões que ficava dentro de um dos hotéis-cassinos. Várias vezes tentei lembrar o nome, em vão. Durou um ou dois anos e fechou as portas quando eu tinha oito ou nove anos. Foi demolido para dar lugar a algo menos espalhafatoso. Mas bem naquela hora, como acontecia com o Lenny, tive uma clareza repentina e lembrei o nome: Tivoli Pier, no Tropicana. Era um nome extravagante, como tudo em Atlantic City. Tinha uma roda-gigante, embora eu não me lembre de termos andado nela, e carrinhos de bate-bate, máquinas de *pinball* e um

teatro com personagens animais que se pareciam com grandes nomes do entretenimento, Dolly Parton e Wayne Newton, rostos sombrios que as crianças não reconheceriam. Tinha um bar de faroeste e um simulador de nave espacial que estava sempre quebrado. Havia uns carrinhos imitando cadeiras de praia que passavam por túneis escuros, iluminados por luzes de fibra ótica. Junto às paredes ficavam reproduções de cera dos tempos áureos de Altantic City. Mulheres de biquíni de bolinhas de cintura alta posando na areia vermelha, trampolins altos. A parte que eu mais amava era um brinquedo de tapete mágico. Era um tablado elevado coberto por um tapete persa, e você se sentava no tapete e acompanhava uma tela à sua frente que te mostrava voando pelo céu noturno. Dava para escolher o fundo. Eu passava por todos antes de escolher, e meu pai me assistia e sorria.

Depois de várias horas e centenas de fichinhas a gente encontrava minha mãe e ia comer em um bufê de frutos do mar. Rodízio de pata de camarão a vinte e nove dólares e noventa e nove centavos. Coca-Cola com uma cereja reluzente no topo. Era o paraíso para mim. Por que, eu me perguntava, não era o bastante para ele?

No resto da noite em Poconos, a última noite da minha vida, minha mãe tomou um banho de banheira. Nenhum dos produtos dela era caro. Nos anos por vir eu iria a casas de amigas, tomaria banho na suíte dos pais delas e ficaria impressionada com o valor ou a idiossincrasia de um shampoo em particular. Uma loção de malva branca. Um óleo de massagem, da cor de gasolina, dos bosques de Wisconsin. Dá para inferir muita coisa sobre uma mulher a partir dos produtos de banho que ela usa, pela variedade ou pelo minimalismo. Às vezes a mulher mais mesquinha, que parece não se preocupar com a aparência, tem um condicionador extravagante de Paris que faz você questionar tudo que achava saber sobre ela.

Os produtos da minha mãe eram quase todos lembrancinhas de hotel. Das nossas viagens para a Itália, todas as viagens, da lua de mel com o meu pai, que marcou a primeira vez que ela foi a Roma, Veneza e Florença, embora tivesse crescido em uma cidadezinha a menos de cento e cinquenta quilômetros desses grandes centros.

Ela colecionava toucas de banho, do hotel La Lumiere em Roma e de um hotel de praia em San Benedetto. Tinha loções velhas e amareladas de um hotel de águas termais em Castrocaro Terme e um condicionador de um pequeno albergue em Como. Tinha uma fragrância para casa de uma pousada à beira do penhasco em Sorrento, provavelmente o lugar mais requintado que

ela já visitara, e do mesmo lugar, uma bolsinha com sais de banho de lavanda em tecido aveludado. Foi essa bolsinha que ela entornou na banheira horrenda de Poconos, e foi o cheiro forte e vivo de lavanda que me desprendeu do desenho da She-Ra que eu estava assistindo e me guiou por aquela escada estreita e acarpetada até minha mãe, pelada e largada no banheiro cheio de vapor.

Os peitos dela estavam para fora da água, enormes e brancos, e o resto dela — esbelta, bronzada, europeia — estava submerso.

Muitas das minhas caixas hoje, essas que carrego para lá e para cá e nunca abro, que ficaram empilhadas no chão da minha casa em Topanga, estão cheias de toucas de banho, loções e amostras de perfume dela. Já venceu tudo, mas eu guardo cada um dos itens. Nenhuma das caixas, no entanto, guarda uma bolsinha de sais de banho de Sorrento. Era única, e ela usou naquela última noite.

— Mamãe — falei.

Eu estava usando meu pijama da Rainbow Brite. Acho que minha mãe nunca me viu como uma criança.

— Por favor — ela disse.

Eu sabia o que ela queria dizer: *Sai daqui, me deixa em paz.*

Comecei a chorar. Era meu único recurso. O vapor subiu ao meu redor. Eu só queria estar envolta por aquele cheiro, por aqueles braços na água, dentro da barriga dela de novo, de onde ela não poderia me afastar.

Na bancada de fórmica da pia, que era tão pequena que as coisas viviam caindo no chão, estavam os dois cotonetes que eu tinha usado aquela manhã. Meu pai tinha tirado do lixo. Ele era médico e não achava nada de mais gastar com jantares de lagosta e viagens para a costa amalfitana, mas reciclava meus cotonetes. Ele achava que eu usava sem parcimônia. Minha mãe não ligava. Acho que ela não usava cotonete, sequer tinha cera de ouvido ou ranho no nariz também. Não me lembro de ela ter ficado resfriada ao longo dos dez anos em que a conheci.

Ouvi meu pai acender um cigarro lá embaixo. Ouvi a porta telada abrir, depois fechar.

— Mamãe, por favor — choraminguei —, me fala o que está acontecendo.

Ela balançou a cabeça, não parecia nem me enxergar ali. Eu me ajoelhei nos azulejos úmidos. A cortina do banheiro era da cor de queijo processado.

Pesquei as mãos dela na água quente. Trouxe-as junto ao meu rosto. Mesmo encharcadas em lavanda, ainda tinham cheiro de queimado, de cigarro.

Minha infância inteira está contida nesse cheiro. Das bolas de naftalina também. Eu queria tomar conta dela e queria que ela tomasse conta de mim. Ela era a única coisa que eu queria no mundo.

— Mamãe! — gritei, mas minha voz parecia não a alcançar.

Minha carência era tão primitiva, tão simples, e o interior dela era tão complexo. Como o manto da terra, com camadas e camadas de nicotina por entre as fendas.

QUANDO ACORDEI, AINDA ESTAVA SANGRANDO E DE QUEBRA ESTAVA sentindo uma dor lancinante. Eleanor estava em casa, entrou no meu quarto e perguntou se estava tudo bem comigo. Ignorei e fui até o banheiro. Tranquei a porta e fiquei um tempão lá dentro. Enfim falei para a Eleanor dar uma saída, pegar meu carro e trazer quantos panos pudesse.

— Panos? — ela disse. — Pra quê?

— Estou perdendo o bebê.

Ouvi ela perder o ar.

— Vai.

Como era vital para mim ser prática, decidi que era melhor assim. Eu me lembrei de quando tinha visto uma foto no Instagram da esposa do Big Sky, em uma das minhas noites mórbidas. Eu estava cheirando cocaína no meu apartamento, em um CD do Jimmy Buffett. Estava rolando o feed dela, que raramente era atualizado e mal era povoado, e dessa vez surgiu uma nova imagem. Era de um banheiro, com certeza a casa no lago de Montana. O caçula deles, que devia ter um ano na época, em uma banheira japonesa de imersão. As paredes em volta dele eram feitas de pedras lisas e nodosas. Estava anoitecendo, a luz estava fantástica e dava para ver o sol pela janela incendiando as árvores, aqueles magníficos pinheiros que Big Sky vivia dizendo que odiava cortar. Aquilo fez me sentir como uma assassina. Então

por que você corta?, eu perguntei uma vez. Porque, ele disse, uma família precisa de fogo.

O menino na banheira não fazia ideia de como era sortudo. A esposa tirando a foto não fazia ideia de quem eu era. Que criança *eu* seria capaz de colocar no mundo? Você só teria cortinas de chuveiro com mofo na barra. Viveríamos em hoteizinhos úmidos, comendo hambúrgueres cor de urze e batatinhas oleosas, contando nossos últimos dólares no carpete imundo. Eu tinha comido muito caviar e não tinha economizado para o seu futuro. Tinha comido muito caviar com homens que não se casaram comigo. Era melhor assim, pensei enquanto o sangue escorria. Então veio mais uma contração, a pior até então. Gritei tão alto que o som poderia ter até colorido o ar, e então essa coisinha, essa *coisa* palpável se lançou debaixo de mim. Peguei na mão.

Não parecia um alienígena. Definitivamente parecia uma criança humana. O formato e a textura. Os olhos cerrados, quase costurados. Dava para ver os globos escuros por baixo das lindas pálpebras apertadas. Era azul e vermelho, com órgãos e seu próprio sangue pulsante, junto à superfície de sua carne acetinada. O nariz era a coisa mais maravilhosa que eu já tinha visto.

Cabia inteiro na palma da minha mão, mas ao mesmo tempo era um pouco maior que a extensão dela. Não lembro muito bem, só fiquei pensando que era grande o bastante para viver, acreditei nisso com todas as forças. Você vai ter dias em que vai pensar que Deus é cruel, ou que Deus é esse, se é que existe mesmo. Talvez você acredite que não há nada. Eu acreditava e então não acreditava mais. O que quer que eu sentisse em um dia qualquer, minha única certeza era de que eu devia estar errada. Naquele dia concluí que Deus só podia ser mulher, para dar uma dádiva como aquela, que não poderia nem deveria ser mantida. Um Deus mulher saberia a quem poderia ser confiada uma criança. E também saberia quem estava precisando de um momento de privação da escuridão. E então pegaria a criança de volta e a colocaria no útero de uma mãe de verdade e a deixaria crescer ali.

As mãos eram perfeitas e estou contando para você não para ser sensacionalista, mas porque talvez tenha sido a única emoção pura que meu coração sentiu em quase trinta anos. Uma das mãos envolveu meu dedo indicador, dava quase a volta toda no dedo. Meu dedo foi agarrado de um jeito tão concreto, tão chocante. Fui bastante abraçada pelo meu pai no curto espaço de tempo em que o tive, mas eu sempre ansiava pelos braços, pelas mãos da minha mãe. Eu sempre desejei que envolvessem meu crânio, que me pegassem e me sugassem de volta para dentro dela. Mas ter o meu bebê, com

seus dedinhos, ainda coladinhos e delicadamente discretos, me apertando, me *abraçando*, era o bastante para me sustentar por mais trinta anos. O bebê reconheceu que cabia a mim cuidar dele enquanto ele vivesse. Não sei por que estou falando em *bebê*. Porque eu sabia muito bem, era óbvio, era um menino.

Não sei por quanto tempo ele ficou respirando na minha mão daquele jeito. As costelas dele, gravuras de marfim sob o gel da pele, moviam-se para cima e para baixo em tragadas elegantes. Com um dedo da minha outra mão acariciei a testa dele. Meu bebê, falei baixinho. Senti paz e felicidade. Eu sabia que não iria durar, mas me permiti sentir enquanto durasse.

Quando acabou, não foi repentino ou dramático. A respiração simplesmente parou. Um ligeiro arrepio tomou o corpo dele. A emoção que senti em seguida foi raiva. Foi mais definida do que a felicidade porque eu tinha mais familiaridade com a raiva. Raiva de quê? Tudo. Todos. Queria matar o mundo. Eu sabia que no mínimo mataria alguém. Era mais do que uma premonição. Era uma promessa que eu podia controlar. A raiva era tão grande que precisava ir para algum lugar. Mas pelo menos não estava com raiva de mim. Dessa vez não me odiei. Eu me amei como meu filho tinha me amado. Eu me vi como algo maior do que pensava que poderia ser, e por mais que o sentimento estivesse fadado a passar, foi radiante na hora.

Então de repente ouvi os ganidos de praxe lá fora. Se todos os infortúnios do mundo pudessem ser contidos em um único som, talvez fosse o inferno vívido do coiole. Então os ouvi fazerem um novo ruído. Um rosnado raivoso que soava mais como um ser humano imitando um animal do que um animal propriamente dito. Corri até a porta, com o bebê esfriando em minhas mãos.

Kurt, o cachorro, estava sendo atacado por três feras cinzas, babando.

O cachorro não estava preparado para aquele terror e encarava a iminência da própria morte. Ele tinha sido maltratado no primeiro ano de vida e enviado para um matadouro e não fazia ideia de que estava fadado a morrer até ser resgatado por um jovem rapaz com uma paixão pelo ar livre. Ele tinha passado de coices ferozes em gaiolas de aço a puro amor, fartas tigelas de comida, montanhas e dormir em uma cama com um corpo quente.

Vi River sair correndo da tenda. Então olhei para baixo e vi quando os dentes de um dos coiotes, brancos e reluzentes, engancharam no pelo de Kurt. Vi que, quando o cachorro se desvencilhou e recuou, uma tira do couro peludo dele se soltou. Gritei, e um deles veio na minha direção. Tudo estava acontecendo muito rápido. Não raciocinei com meu cérebro humano, então acho que foi por isso que fiz a única coisa que fazia sentido. Minhas mãos

soltaram meu feto reluzente. Tudo parou. A noite ficou iluminada, um banho de luz estelar. Senti meus joelhos cederem, e o cachorro correu para dentro da minha casa.

— Cadê o Kurt? — berrou River.

Apontei lá para dentro. River, alheio ao que tinha acontecido, entrou correndo e saiu com o enorme cão ensanguentado nos braços.

— Obrigado — ele me disse, chorando.

— Eu não fiz nada — falei.

Então entrei e apaguei no sofá nojento.

QUANDO ACORDEI, LENNY ESTAVA FAZENDO CARINHO NA MINHA MÃO. Reparei que ele tinha dado um jeito de desligar o ar-condicionado. Talvez com a bengala, um cavaleiro das cruzadas geriátricas, acertando o botão no primeiro golpe desferido.

— Joan — ele disse —, graças a Deus. Eu não sabia se você estava desmaiada ou o quê. Aquelas criaturas terríveis! Você está cheia de sangue, querida. Pegaram você? Morderam? Eles não costumam ir atrás de humanos.

Eu não disse nada. Estava imóvel. Pensei no que aquelas pessoas com suas vidas normais achariam de mim agora. Eu sabia que jamais poderia contar para ninguém, nem mesmo Alice. Ninguém quer saber de grandes sofrimentos ou decisões anárquicas. Tomam como ofensa para seus ouvidos, suas vidas.

— Limpei seu vômito de quando você passou mal mais cedo. Entendo que você tenha ficado com vergonha. Claro, eu também fiquei. Conteí um monte de coisas da minha vida que... Não vou dizer que me arrependo, mas acho que você não entendeu. Acho que por um lado você não entende os homens e por outro não entende o amor.

Balancei a cabeça, sentindo minhas mãos acesas de sangue.

— Proust disse que o inferno é o sofrimento que vem com a incapacidade de amar. Lamento pelo seu sofrimento, Joan. Sei que você tem seus motivos. Esperava que você fosse se abrir comigo, como me abri com você, mas talvez sua condição seja ainda pior do que eu suspeitava.

Olhei para ele, pressionei a palma da minha mão na minha barriga vazia e soltei uma risada de bruxa.

Ele estava usando o relógio. Estava convicto de seu estado mental naquele momento, e era por isso que estava usando o relógio. Ele acreditava que os

medicamentos o salvariam.

— Joan, você está bem?

— Leonard! Estou mais do que bem! Estou ótima! Cadê o meu vestido vermelho? *Cadê* o meu vestido vermelho?

Olhei ao redor feito louca.

— Joan, por favor. Você...

— Eu sou depravada — eu disse. — Não é *divertido*?

Lá fora estava sossegado. Os coiotes tinham prosseguido com a noite deles. Logo Eleanor estaria de volta com os panos e eu os usaria para limpar o sangue. Eu não tinha máquina de lavar, então precisaria colocar tudo em uma sacola e dirigir até uma espelunca para lavar. Não me lembro de ter uma máquina de lavar em Poconos. É possível que não tivéssemos, naquela casa terrível das montanhas.

— É que nunca vi você assim — disse Leonard.

Eu dei as costas para ele e fui até a janela. Podia ver certinho onde a criança tinha caído. Precisaria me mudar daquela casa tenebrosa imediatamente. Jamais seria capaz de entender como alguém podia continuar vivendo em um lugar onde morreu uma pessoa amada.

— Joan!

— Shh, querido. Estou com desejo de pão com ovo mexido. Com maionese e uma boa pimenta moída. Vou fazer um prato pra gente. Você não pode tomar o comprimido de estômago vazio.

Ele concordou e fui até a cozinha. Minha voz naquele momento tinha saído do fundo dos meus pulmões, não só da boca, como uma vez outro homem mais velho tinha dito que eu fazia. Puxa a voz daqui, ele dissera, dando um soquinho embaixo dos meus peitos. Você não soa muito atraente quando fala assim com a boca, só. É coisa de ralé.

Era estranho não sentir mais dor depois de tantas horas passando por aquilo. Fervi a água para os ovos com uma gotinha de vinagre, como minha mãe fazia. Não que ela tivesse ensinado. Eu ficava vendo. Fervi a água e senti o sangue secando na calcinha.

Uma vez Lenny disse que entendia como uma mulher como eu podia enlouquecer um homem. Não era pela minha aparência, ele disse, que era formidável (*formidável!*), mas minha presença. Eu era muito *real*, ele disse.

Não demorou muito até eu empurrar Lenny na toca do coelho. Àquela altura eu sabia bastante coisa sobre Lenore. Sabia quais eram as cores, músicas e comidas favoritas dela e exatamente como ela preparava um ovo.

Amarrei o cabelo em um *chignon* desleixado como se fosse natural. Tinha visto várias fotos de Lenore — no mar, na piscina e em eventos formais — e reparado no jeito como ela cruzava os braços e sorria quando estava sem graça. Encarnei tudo o que eu sabia dela, o amor dele por ela e a traição dele no meu papel. Se eu estivesse participando de uma audição para levar o papel de Lenore, teria tirado de letra.

Eu tinha aprendido que podia mantê-lo em delírio por mais tempo se não deixasse o feitiço de Lenore se quebrar. Basicamente envolvia dar em cima dele, tratá-lo como se fosse o maior erudito do mundo, o homem mais galante, bondoso e brilhante. Era exaustivo.

Os ovos mal tinham cozinhado quando ele me chamou.

— Lenore — ele disse.

— Só um instante, querido. Preciso tirar os ovos do fogo para as gemas não passarem do ponto. Sei que você detesta gema farinhenta.

— Isso, mas também não gosto dela muito líquida.

— Claro.

Coloquei os ovos debaixo da água fria e comecei a descascá-los enquanto ainda estavam quentes. Minha mãe dava conta de encostar na base de uma panela fervendo. Conseguia segurar qualquer coisa sem luva. Tinha as mãos calejadas, mas sempre desconfiei de que houvesse algo mais em operação. Bruxaria.

Esmaguei os ovos com os dentes de um garfo. Adicionei uma colher de sopa de maionese e uma colher de chá de molho de raiz-forte. Acrescentei sal marinho defumado e pimenta-do-reino moída na hora.

Quando me aproximei de Lenny, ele finalmente olhou para baixo da minha cintura.

— Lenore, minha querida, você derramou alguma coisa?

— Não exatamente.

— O que é isso? — ele perguntou, apontando para as minhas coxas. Lenore, isso é *sangue*?

— Perdi nosso bebê.

— Nossa.

— Mas está tudo bem — falei, sentando do lado dele e pegando a mão dele.
— A gente tenta de novo.

Ele concordou e olhou ao redor da sala. Retorcia a mão como fazem os velhos.

— Doeu, meu amor?

— Não muito — falei.

— Às vezes há males que vem para o bem.

— Verdade, querido. Você sempre tem razão.

— Ah, Lenore. Que gentil de sua parte. A vida toda eu estudei e li muito, meu amor. Venho de uma longa linhagem de homens sábios.

— Por favor, querido, prova um pouco da salada de ovo.

— Minha Lenore — ele disse —, você não é exatamente a rainha da cozinha.

— Bem, não foi pelos meus dotes culinários que você casou comigo.

Ele concordou. Lambeu os beiços. Repousou a mão enrugada na minha bunda, fria e molhada de sangue.

— Querida, você está excitada — ele disse.

— Ah, fico sempre que você me toca. Você sabe disso. Mas agora não é hora. Não queremos fazer uma bagunça.

— Não, é? — ele disse, com um sorriso malicioso.

— Ah, posso estender uns lençóis.

— Vai lá, estende uns lençóis. Vou comer meu almoço aqui e já vou.

Senti minhas pernas borrachentas enquanto subia a escada em espiral para o quarto mais quente do mundo. Eu tinha tomado dois comprimidos de Rivotril pouco antes de o bebê nascer e finalmente estavam fazendo efeito.

Ouvi os barulhos deploráveis dele comendo, o estalido da dentadura, a boca toda trabalhando para mover a comida macia goela abaixo. Aquele barulho já era motivo o bastante para matá-lo. Meu vestido branco estava em vermelho vivo da cintura para baixo. Até que estava bonito. Pensei em tingir ele todo de vermelho. Tirei e usei o vestido para limpar minhas pernas. Coloquei uma calcinha limpa e uma camiseta verde que dizia MONTANA. Adoraria dizer que era do Big Sky, mas não era. Uma noite ele apareceu no meu apartamento usando uma camiseta do mesmo modelo. Depois que trepamos, quando ele estava colocando a camiseta de volta, fui tomada pelo medo de sempre. Ele estava prestes a ir embora. Eu nunca sabia quando iria vê-lo de novo. Toda vez podia ser a última. Ele iria para casa, para ela. Ela podia ter aquele homem naquela camiseta.

Eu estava pelada na cama. Escuta, você tem que ser sempre a primeira a se vestir. É obrigatório. Eu não sabia disso. Gosia não tinha vivido o bastante para me passar essa lição. A gente fica deitada depois que a outra pessoa levanta porque não aguenta deixar o lugar. Não aguenta deixar o suor e o calor porque a gente ama isso demais. Mais até do que a gente ama o filho da puta

que está se levantando para colocar a camiseta. Não seja a fodida da história. Seja a primeira a se levantar.

Humildemente, perguntei:

— Posso ficar com essa camiseta?

Ele deu risada.

— Estou falando sério. Posso ficar com ela?

Ele continuou rindo e balançou a cabeça.

— Por favor — falei, me odiando.

Ele foi embora mais depressa do que de costume. Geralmente ficava até gozar pela segunda vez. Assim que ele saiu, abri o computador e comprei uma camiseta igual na internet. Pinheiros em um fundo verde.

— Lenore, você está pronta? — Lenny chamou do patamar da escada.

Olhei lá para baixo e vi o prato sujo na mesa. O garfo do lado. Havia montículos de salada de ovo na mesa. Ele devia ter derrubado enquanto servia o prato para uma segunda rodada.

Meu pai levava toda a louça para a pia. Falava até para eu deixar minhas roupas sujas bonitinhas no cesto. Quando eu deixava algo do avesso, ele achava desrespeitoso com a minha mãe. Leonard não era do tipo que tirava o prato da mesa. Tinha crescido com uma empregada em uma dessas casas coloniais com mesinha no vestíbulo e flores frescas trocadas a cada três dias.

— Coloca a porra do prato na pia, meu amor.

Eu podia dizer o que fosse para ele contanto que dissesse na doce voz de Lenore. Ele balbuciou alguma coisa e diligentemente tirou a mesa.

Então o ouvi subir a escada.

— Lembra de quando a gente se conheceu?

— Claro — eu disse. — Você era meu chefe. Não simpatizei com você a princípio. Você era casado e feio.

— Como é que é?

— Você era feio, Leonard. Você *é* feio. Mas tudo bem.

— Nunca fui feio.

— Verdade. Você nunca foi feio.

Ele se aproximou da cama e desabotoou a camisa elegante de linho. As mãos dele tremiam por causa da doença. Eu estava entendendo a dimensão da invalidez dele. O calor era demais para suportar e eu não conseguia nem imaginar como ele estava dando conta.

Ele deitou do meu lado, sem camisa. Estava usando uma calça cáqui bonita e meias pretas simples. Rivotril é uma maravilha. Frontal, zolpidem.

Derretem você até sobrarem só ecos animais.

— Eu me lembro da primeira noite. Li Muldoon para você. “Incantata.” Lembra? Cada estrofe é uma frase, comentei, e você, bobinha, mal sabia o que era uma estrofe. Você estava usando um vestido verde-limão. Caía bem em você, mas, também, até um saco de papel cairia bem em você.

Ele chegou mais perto. O toque dele era odioso, mas o do Vic era pior. Eu podia contar nos dedos da mão as vezes em que tínhamos trepado à moda tradicional, as vezes em que eu não tinha simplesmente me masturbado na frente dele. Eu não conseguia por nada na vida me lembrar do som de Vic gozando. Sinceramente acho que o amor dele por mim, o que ele achava que era amor, abafava o desejo dele.

— Len — eu disse.

Ele colocou a mão na minha barriga.

— Diga, minha vida.

— Sou uma vadia, meu amor. Uma vadia suja, usada. Então me fode. Está vendo como estou molhada? Só vadias ficam molhadas assim.

Ele arfou e começou a me beliscar com os dedos velhos dele. Com força, cruel. Como eu sentia falta do meu filho. No breve momento em que viveu, ele me mostrou como os homens podem ser inúteis. Chatos, egoístas. Esse velho. Esse velho assassino.

Rosnei contra a invasão da mão dele no lugar onde meu bebê tinha caído, mas ele confundiu com êxtase. Eu ficava com mais raiva a cada segundo. Senti os tendões do pescoço se retesarem como os tendões do pescoço de um cachorro de ferro velho roçando contra a corrente. Fechei os olhos. Fiz a pélvis pulsar sobre a mão ossuda dele até que ouvi a música daquela noite.

MINHA MÃE NÃO SABIA MEXER NO SIMPLES APARELHO DE SOM DA CASA DE Poconos. Ela mal sabia dirigir. A única coisa que conseguia usar era o meu toca-discos de bichinhos, com uma agulha laranja grandona e uma maletinha própria. E foi com essa trilha sonora que acordei aquela noite, “The Lion Sleeps Tonight”, a versão dos Tokens, no último volume que o aparelho permitia.

Eu acordava o tempo todo na época. Geralmente entre três e quatro da manhã. Eu olhava para o relógio na cabeceira e entrava em pânico, sabendo que eu só poderia subir na cama da minha mãe a partir das seis. Ainda teria duas horas ou mais pela frente, encarando o teto, atormentada pelas sombras na janela.

Mas daquela vez escutei o toca-discos, que ficava no quarto livre entre o quarto dos meus pais e o meu. Fiquei com receio de ser culpa minha por alguma razão, de ter deixado eu o toca-discos ligado, e um deles ou ambos gritarem comigo por acabar com o sono deles. Minha mãe em especial agia como se o sono dela fosse algo que pudesse se perder para nunca mais ser encontrado.

Levantei e fui até o quarto desocupado. A porta estava aberta e o disco estava girando em torno de seu eixo. Naquele momento senti o estômago embrulhar com a profunda certeza de que minha mãe sabia aonde eu tinha

ido naquele dia, que ela havia me visto de biquíni molhado na casa gelada do homem que tinha me lambido inteira.

Em todo caso, eu estava certa de que ela estava tocando aquela música para me provocar, para arrancar a verdade de mim. Ela era capaz de tramar esses ardis. Eu achava que ela podia fazer qualquer coisa. Ela era uma bruxa. Era a mulher mais linda do mundo. Os peitos dela eram da cor do leite e frios. O resto do corpo dela era quente, mas os peitos pareciam refrigerados. Eu adorava encostar nos mamilos dela. Anos depois de eu parar de mamar, eu ainda colocava as mãozinhas nos decotes das blusas dela, sob o tecido barato do sutiã apertado, e tentava segurar o mamilo entre os meus dedos.

Desliguei o toca-discos. Tudo o que restou foi o zunido do ventilador no quarto dos meus pais. A porta estava fechada, o que era raro. Imaginei que talvez estivessem transando. Me perguntei se era parte do sexo lamber o corpo todo de alguém, como o homem — Wilt — tinha me lambido. Me incomodou pensar no que poderiam estar fazendo por trás da porta. Também achei possível que estivessem debatendo por onde eu tinha andado à tarde. Imaginei que não fossem envolver a polícia, mas jurava que estavam discutindo se iam ou não me mandar para um internato. Minha mãe às vezes me ameaçava com isso quando eu fazia malcriação. Dizia que me despacharia em uma malinha pequena, para algum lugar nas montanhas, Castelrotto, onde bebiam leite de cabra toda manhã e engoliam gemas cruas. Uma vez ela chegou ao ponto de me levar à estação de trem com minha malinha da Sher-Ra feita de qualquer jeito com camisas, meias e meu boneco favorito, o Marco. Eu tinha sete ou oito anos na época e não sabia que não dava para ir para a Itália de trem. Eu tremia, chorava e comecei a hiperventilar quando minha mãe foi até o guichê de passagens. Ela sacou sua enorme carteira vinho e eu pensei que ia morrer. Comecei a gritar. Embora meu pai estivesse no serviço e jamais fosse saber daquela crueldade, berrei *papai!* tão alto que quase todo mundo no vasto corredor se virou para olhar. Um dos medos da minha mãe, a reprovação dos americanos. Ela se afastou do balcão, levantou meu queixo com suas unhas afiadas e sibilou, com seu sotaque:

— Está me ouvindo? Se encostar o dedo nas minhas joias mais uma vez sem pedir, venho com você aqui na hora. Não vou contar para o seu pai e ele vai pensar que você fugiu. Está me ouvindo?

Acho que não fiz nada de errado por uns três anos depois disso. Nada digno de nota até o dia em que entrei no carro do homem. E agora eu estava esperando o maior castigo de todos os tempos. Não podia mais esperar. Bati

na porta de leve. Nada. Bati de novo, dessa vez mais alto. Ainda nada. Então virei a maçaneta com cuidado e empurrei a porta.

Não consigo descrever o que vi sem repassar tudo na minha cabeça. Não ligo tanto agora. Antigamente, só de pensar em abrir aquela porta, o cedro barato, o mogno manchado, eu corria para vomitar no banheiro mais próximo.

Era ele, meu amado pai, na cama. Os lençóis eram de um marrom em tom de tweed, então o sangue era uma mera mancha escura. A luz de leitura da minha mãe estava acesa e iluminava o quarto apenas o bastante. Mais tarde eu viria a saber que ele tinha levado facadas em outros pontos, mas só vi a faca no pescoço dele. Eu sabia exatamente que faca era. Ela usava para pão e carne. Em casas ricas, no futuro, eu viria a aprender que havia facas para pão, facas para carne e facas para fruta. Diversos tipos de faca. Minha mãe acharia frescura. Ela usava uma faca para tudo, a *faca boa* dela. Ela tinha uma faca boa em cada casa, uma em Nova Jersey e uma em Poconos. Tinha um cabo de madeira e a lâmina era lisinha e espessa. Os belos olhos azuis do meu pai estavam abertos, encarando.

Papai! Papai! Papai! Papai!

Eu o chamava toda noite. Era uma tradição, uma rotina. Eu esperava perto da janela na sala de estar formal que nunca usávamos, com os móveis antigos e a lareira contornada de estuque. Ficava de olho entre as cortinas para avistar os faróis. Se passassem nove minutos das seis, eu ficava achando que minha vida tinha acabado. Ao mesmo tempo, não seria capaz de conceber a pior coisa do mundo — perder meu pai. Eu corria para a garagem e batia palmas chamando o nome dele, estridente, uma palminha para *Pa*, outra para *Pai*. Então ele saía do carro com a maleta dele, cheirando a hospital, e os olhos dele brilhavam quando ele me via, e ele abria um sorriso alegre e afetuoso. Ele me pegava no colo, independente do que já estivesse carregando.

O que vi naquele momento era impossível. Mas foi o que aconteceu aquela noite. Aprendi que o impossível era possível. De certa forma, não há nada mais libertador.

Corri para a cama e tentei levantar o corpo dele. Claro, era muito pesado. A faca estava muito a fundo. Acredita que eu puxei? Eu teria feito de tudo por ele. Nunca vou me esquecer da sensação. Acho que ele voltou à vida por um segundo quando saiu a faca. Meu pijama da Rainbow Brite ficou cheio do sangue dele. Achei que minha mãe ficaria brava com a sujeira, e foi a primeira vez que pensei nela. Então gritei por ela. *Mamãe! Mamãe! Mamãe!*

A porta do banheiro estava aberta e eu não queria deixar meu pai ali, mas deixei. Corri até o banheiro com a faca na mão e lá estava minha mãe, na banheira, com os pulsos cortados, mas não estava morta. Estava quase morta. Os olhos piscaram, a boca se mexeu. E não sei, penso nisso todo dia, nunca menos do que uma vez por dia, às vezes até cem vezes, eu penso, Se eu tivesse chamado ajuda logo de cara, talvez ela tivesse sido salva. Mas não chamei. Não foi de propósito. Só não pensei na hora. Minha mãe ainda estava viva e ela era minha autoridade, era o meu deus. Os mamilos e o cabelo dela flutuavam acima da linha da água rosada. Ela não gostava de molhar o cabelo. Só lavava de três em três dias, se tanto. Ela nunca entrava na piscina dos ombros para cima. Mar, lago, tudo fora de cogitação.

Eu me ajoelhei do lado do rosto dela, a morte florescendo, os olhos já quase sem ver, mas havia algo tenro em seu olhar que, Jesus amado, me fez chorar por uma espécie de gratidão. O choro vinha de tantas partes que não sei dizer o quanto era gratidão, mas, sim, por um lado acho que era. Eu me encolhi sob a torneira da banheira e peguei uma de suas mãos encharcadas, majestosas, e coloquei no topo da minha cabeça. Então ergui a cabeça, encaixando-a no cesto de sua mão, para sentir como se ela estivesse me pegando, me amando de volta. E tenho certeza de que estava. E eu chorei e disse, *Ah, mamãe, ah, mamãe, ah, mamãe, ah, mamãe, ah, mamãe*, até que por fim ela se foi.

FOI SÓ UMA HORA DEPOIS QUE LIGUEI PARA A EMERGÊNCIA, DO TELEFONE creme na cabeceira da minha mãe. Acho que demorei tanto assim porque ainda podia sentir a força da vida deles no ar. Enquanto podia senti-los, não queria acionar o mundo externo. Meus pais e eu éramos uma unidade, uma cápsula. Convidar o que vinha de fora era proibido. Isso era para famílias que não sabiam onde estavam seus filhos às dez da noite. Foi só depois que eles morreram que percebi como fui tola. Eu achava que era eu quem mais perigava violar nossa cápsula quando, na verdade, as paredes eram permeáveis. Já fazia anos que meus pais entravam e saíam sem o menor cuidado.

Os policiais que vieram acharam que tinha sido eu. Pelo menos por um instante. Eu estava segurando a faca quando eles apareceram. Fazia com que eu me sentisse mais próxima do meu pai. Perguntaram quem era a pessoa mais próxima, para quem deveriam ligar. O sol estava nascendo. A luz do dia deixava tudo muito real. Eu não sabia o número da Gosia de cor. Não sabia número algum exceto pelo da minha casa e o do escritório do meu pai. O único número que eu tinha anotado em algum lugar era o do Wilt, no *Trópico*

de Câncer, então fui lá pegar, porque estava com vergonha de não ter mais ninguém. Li em voz alta para o policial que não estava lidando com os corpos. Já eram seis da manhã e pude ouvir a voz sonolenta de um homem do outro lado da linha, e o oficial se apresentou como polícia de Bushkill, e o homem disse que era engano. Falei para eles que achava que era meu tio, mas que então devia ser o número errado.

Por fim conseguiram contatar Gosia. Ela chegou, perfumada e inchada, às dez da manhã. Foi quando bateu quão sozinha eu estava. Gosia, claro, viria a se tornar minha salvadora, mas naquela manhã era apenas uma Mercedes preta, estrangeira e reluzente, no passeio de pedrinhas. Uma semiestranha alta que apareceu usando diamantes, o rosto ainda com blush da noite anterior. Ela cheirava a flores azedas. Minha vida de lã marrom tinha acabado.

ELA ME FALOU TUDO LOGO DE CARA. ME TIROU DE CASA E ME LEVOU PARA O Caesars Pocono Resort. Agora tem um nome mais sórdido, algo como Palace Stream ou Lovers' Delight, mas sempre foi um desses fortes para metecção de núpcias com banheiras e taças de champanhe e cafés da manhã com salada de frutas. Sempre me perguntei quem se excitava com aquilo, quem é que iria querer trepar em banheiras em forma de coração. Homens de barba loira, mulheres que adoram mosquitinho branco em seus buquês de rosas vermelhas.

Gosia me levou lá porque foi o primeiro lugar que ela viu aberto no caminho. Meus lábios estavam roxos e ela temia que eu estivesse morrendo de choque. A mulher de cabelo frisado na recepção disse:

— É só para casais.

Gosia sacou o que imaginei ser um cartão de crédito parrudo da carteira e bateu no balcão. Entramos em um salão de jantar roxo com mesas douradas e tapetes de cassino. Ela pediu um chá para ela e um café para mim. Não tentou me fazer comer. Começou a me contar tudo. Parecia que ela sabia mais do que qualquer um no mundo.

Na noite anterior, quando meu pai tinha saído para ver a mãe estuprada, tinha mais alguém para ver. A mulher com quem ele estava trepando. A mulher tinha deixado mensagens para ele na secretária eletrônica do consultório o fim de semana inteiro. Tinha bipado ele várias vezes, nas montanhas. Lamentavelmente, ele a estava ignorando fazia dias quando a mãe dele foi estuprada. Ele pegou a estrada até Nova Jersey, examinou a mãe, fez uns curativos e a consolou. Gosia estava lá com meu tio. Ela viu tudo.

Meu pai disse que voltaria. Todo mundo achou que ele iria atrás do estuprador. Um homem louco nas ruas. Mas ele foi para o apartamento da amante. Uma italiana que morava na sobreloja do restaurante onde trabalhava como cozinheira. Ela era mais do que a mulher com quem ele estava trepando. Gosia me contou que ele a amava. Eu me lembro de ela dizer isso e eu sentir que ela estava tentando me machucar, me colocar no meu lugar. Sendo ela própria uma segunda esposa, queria que as primeiras esposas e primeiras filhas soubessem que eram substituíveis. Só muito tempo depois é que fui me dar conta de que ela tinha um motivo mais nobre.

Essa outra mulher era uma beldade, *ainda mais linda que sua mãe*. Cabelo preto, olhos azuis, lábios vermelho-sangue, peitos de metrônomo. *E muito mais nova*. Ele pegou o carro e foi até o apartamento dela no meio da madrugada. Essa jovem beldade tinha algo para contar para ele. Estava grávida. Disse que a criança não seria bastarda, morando em cima de um fogão. E o mandou contar para a minha mãe que a amava e que criaria a criança junto.

Ela exercia um poder sobre ele, Gosia me disse naquele salão roxo. Penso em como me afetou o fato de as duas mulheres mais importantes da minha vida terem um sotaque puxado. As vozes delas ecoando na minha cabeça como sinos de igreja.

Seu pai amava mulheres, amava demais.

Meu pai chegou em casa na manhã seguinte sem ter dormido. Eu me perguntei, já naquele dia, se ele tinha transado com a amante grávida. Com os óleos dela impregnados nele, ele voltou para a nossa casa nas montanhas e me levou até a piscina Top of the World, onde conheci Wilt e fui abusada. E essa não foi a parte mais sombria da minha infância, dá para acreditar?

Quando eu estava na piscina, meu pai contou da amante para minha mãe, e claro, ela já suspeitava que ele estivesse trepando com alguém. E agora ele não só tinha confirmado os piores medos dela como havia ainda uma outra coisa que ela nem tinha pensado em temer. A amante estava grávida, e ele não daria as costas para a criança.

Gosia me contou que ele foi penitente, até onde um homem que cometeu um erro grave podia ser.

Mas sua mãe era um dragão, disse Gosia. *Dragões não deixam barato*.

Ela me disse que, quando meu pai foi me buscar na piscina, minha mãe ligou para ela. Ela contou tudo para Gosia, e Gosia a aconselhou a ir embora. Fazer a mala e me levar com ela para a Itália.

Todo dia eu pensava nisso. E se fôssemos minha mãe e eu de volta na Itália? E se minha mãe tivesse me escolhido do jeito que a mãe de Alice a escolhera?

Conto com você, ela disse a Gosia, se acontecer alguma coisa. Ela fica com você.

Gosia disse que tudo bem. Claro. *Vai ser o meu bebê.* E nessa hora Gosia chorou comigo. Ela pegou minhas mãos em cima da mesa dourada e as esmagou. *Não acreditei que ela fosse fazer isso. Uma parte minha, talvez. Quase peguei o carro para vir. Mas não vim.*

Meu pai não virou o vilão para mim. Ainda não. Naquele dia odiei minha mãe por matar meu pai, e também por todos os motivos que não dá para falar. Parte da minha mente de criança a detestava porque ela não era nova o bastante ou linda o bastante. Porque ela não era forte o bastante. Ou porque era forte demais. Porque era muito complexa em aspectos que meu pai não era. Eu odiava minha mãe, em suma, por ser mulher.

DO MEU LADO NA CAMA, O PINTO DO LEONARD TINHA FICADO DURO JUNTO à minha coxa. Ele o pressionava contra mim.

— Mmmmm — ele dizia. Várias vezes. — Mmmmm.

Eu ainda estava com “The Lion Sleeps Tonight” na cabeça. Pensei no meu pai fazendo um filho com alguém. O egoísmo, ainda por cima, de gozar dentro de outra mulher. Minha vida toda, os homens pegavam o que queriam e iam embora quando acabava. Big Sky. O verme em Marfa, meu primeiro homem mau na Top of the World. O homem que estuprou minha avó. O que meu pai fez com minha mãe. O que Leonard fez com Lenore. O que Vic fez com a esposa e o filho deles e a filha dele. O que meu pai fez comigo. Todos os homens de todos os clubes e voos e restaurantes à beira da praia. Todos os dedos por dentro do elástico das nossas calcinhas.

Ouvi a porta abrir lá embaixo.

— Vai embora! — sibilei.

— Por favor — Eleanor implorou.

Ela soava como eu, tentando dormir na cama da minha mãe.

— Por favor, vai embora. Preciso ficar sozinha!

A porta fechou.

— Quem era? — sussurrou Leonard, como se fôssemos adolescentes transando escondido.

— Uma mulher, uma amiga. Ninguém.

— Você está tão molhada — disse Leonard, enquanto tentava se enfiar em mim. Aquelas palavras, saindo da boca de um velho.

As mulheres não tinham culpa mesmo? Não me importava naquele momento. Pensei no meu filho, os ossinhos molhados dele, a dádiva incorruptível que ele era. Me senti próxima da minha mãe, senti a raiva dela dentro de mim. Então me virei para encarar o velho de frente, jogando uma das minhas pernas por cima das dele para segurá-lo. Coloquei minhas mãos em volta da garganta dele, de pelanca de galinha. Olhei para o relógio magnífico em torno do pulso esquelético dele. Eu viria a saber que valia uma quantia exorbitante. Mais do que Lenny tinha insinuado, talvez até mais do que imaginava. Eu podia sentir a presença de Eleanor à porta. Eu teria convidado qualquer um para entrar e assistir. Eu sabia que o que eu estava fazendo não tinha problema e sabia que poderia legitimar até perante Deus.

Quando Lenny estava morrendo, segurou meu rosto em suas mãos. Achei que ele estivesse tentando me estrangular de volta. Estava prestes a dizer algo, mas cuspi no olho dele para fazê-lo parar. Não o deixaria ter mais últimas palavras. Nunca mais eu seria o corpo d'água em que um homem miserável flutuaria a esmo.

Sorrindo, fechei os olhos e transferi a força de todo o meu corpo e de toda a minha história para as minhas mãos. Matar um homem foi mais glorioso do que eu jamais poderia ter imaginado.

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM, COMECEI A ENCAIXOTAR AS POUCAS COISAS QUE tinha desencaixotado. Falei para Eleanor que ia me mudar e que não sabia para onde iria. Ela ficou apavorada. Eu entendia o sentimento. Ela sentou e ficou me vendo andar pela casa, largando delineadores soltos em caixas grandes.

Eu tinha desbloqueado o número da mãe dela no meu celular e chegaram várias mensagens de uma só vez. Estava claro que a mulher não tinha desistido, longe disso.

Às vezes eram duas ou mais mensagens enviadas por hora. Metade perguntava da filha.

Por favor me diz por favor ela está com você?

Mostrei essas para Eleanor. Pedi para ela deixar eu contar para a mãe que estava tudo bem com ela.

A outra metade eu jamais mostraria para ela.

Qtas vezes você trepou com meu marido ele comeu sua boceta fez você gozar nunca tive um orgasmo na vida por isso que ele foi atrás de vc. os homens precisam saber que dão prazer. me conta como ele gozou, foi dentro de vc? me diz

Acho que ela pensava que a filha tinha me matado. Que as mensagens se perdiam no éter. Deviam aplacar a dor dela. Era o mínimo que podíamos fazer, Eleanor e eu. Não responder era o mínimo.

No dia seguinte, chegou uma mensagem que me forçou a mandar Eleanor para casa no mesmo instante. Eu estava jogando fora a louça barata. Passei por um espelho de corpo inteiro e me deparei comigo mesma. Estava usando o vestido de alcinha da minha mãe pelo que viria a ser a última vez. Tinha tingido de vermelho com tinta multiuso no chuveiro. O boxe do chuveiro ficaria manchado para sempre. Agora a cor era uniforme de cima a baixo. Eu parecia uma menininha no espelho. Talvez fosse um truque da iluminação. Meus olhos brilhavam com o absurdo daquilo tudo. Eu sentia uma paz, sabe, porque tinha abraçado a loucura. E no entanto não acho que fosse loucura. Uso essa palavra na falta de outra melhor. O mundo vai dizer que é loucura. Não dá para convencer as pessoas normais do contrário. É uma linha simples e tênue na boca do inferno. Não é grande coisa quando você chega lá. É só mais um passo, nada de mais. E se você cruzá-la um dia, como eu cruzei, vai ver que as coisas sombrias viram as mais honestas.

É bom lembrar que a maioria das pessoas não gosta de ficar sabendo de coisas ruins. Toleram uma coisinha ou outra só. As coisas ruins precisam ser comestíveis. Quando são muitas coisas ruins, elas tapam os ouvidos e vilanizam a vítima. Mas uma centena de coisas muito ruins aconteceu comigo. É para eu ficar calada? Suportar a dor como uma boa menina? Ou devo ser má e descontar no mundo? De qualquer forma não serei amada.

Foi então que meu telefone apitou. Meu coração saltou pela boca. Achei que pudesse ser Alice. Mas era Mary.

por sua causa eu segurei meu menino morto nas minhas mãos. ele estava azul ele ficou azul nos meus braços! você sabe como é carregar seu bebê morto nos braços???

Quando li, joguei o celular na parede. Acertou o vaso de sapo com meu pai dentro. O vaso se partiu em vários pedaços e as cinzas do meu pai se perderam pelo chão, entre os grânulos e as fendas da madeira impossível de limpar. Primeiro tentei recolher. Mas minha mão se encheu de pó e fios de cabelo e lentilha crua. Então passei o aspirador. Foi menos doloroso do que eu imaginava. As cinzas da minha mãe permaneceram intactas na lareira.

Eleanor entrou de volta em casa. Estava no pátio, onde tinha criado o hábito de tomar um sol à tardezinha.

— Ouvi um barulho. Está tudo bem com você?

Desde a perda do bebê, ela estava tomando conta de mim com muito carinho. Nunca me perguntava do Lenny, como tinha sido. Assim como o pai, tomava cuidado para não me irritar. Não dizia uma palavra, era uma

ouvinte maravilhosa. De um jeito estranho, eu e a menina nos amávamos. Mas isso não tirava a prisão da situação toda.

Agora que Lenny tinha saído de cena, ela estava crente que não precisaria ir embora até o primo dele de São Francisco vender a casa. Eu temia que o primo viesse atrás do relógio, mas nunca ouvi nada da parte dele.

Na verdade, a única pessoa que falou alguma coisa que me fez me sentir culpada foi Kevin. Dias depois da morte do Lenny, ele me abordou quando eu estava saindo do carro. Nos cumprimentamos. Era a primeira vez que nos víamos em um bom tempo.

— Eu queria dar os pêsames — ele disse.

— Por quê?

— Pelo Lenny, digo. A morte na sua casa, srta. Joan.

Ele colocou uma de suas mãos elegantes no meu ombro e olhou para mim. Me segurei para não estremecer. Ele sabia. Eu sabia que ele sabia.

— Não fica se martirizando por isso.

— Pelo quê?

— Você sabe — ele disse. — Você não tinha como salvá-lo.

Mais tarde eu ainda ficaria ruminando essa fala. Ficaria me perguntando de quem o Kevin estava falando. Podia jurar que tinha visto algo nos olhos dele. Uma fagulha da minha história.

— Que pena que você vai embora. Queria que a gente tivesse se conhecido melhor.

— Temos horários muito diferentes — falei.

Ele sorriu e ficou me olhando. Desde que eu chegara na Califórnia, tinha conhecido só dois homens, River e Kevin, e ambos me olhavam de um jeito que não me repelia. Na verdade era justamente o contrário. Faziam eu me sentir pueril, pequena e protegida.

— Você é bonita — disse Kevin.

Ele disse isso com todas as letras, como se fosse algo óbvio, mas que ao mesmo tempo precisava ficar registrado no momento. Cusei a lembrar se alguém já tinha dito que eu era bonita.

Sorri e agradeci, como se não fosse grande coisa, mas partiu meu coração da maneira mais santificada possível. Com uma só fala aquele homem fez muito mais por mim do que qualquer outro já tinha feito. A palavra *bonita*. Essa porra de palavra.

Ele balançou a cabeça e se afastou devagarinho, os olhos fixos em mim, porém vazios, até que abriu a porta subterrânea dele e desapareceu. Três

meses depois um jatinho caiu em Musha Cay e eu nem precisei ler a notícia para saber que ele estava no voo. Senti que era culpa minha, porque ele tinha me iluminado.

Eleanor estava me esperando em casa. Provavelmente estivera olhando pela janela. Eu tinha mais medo de Eleanor do que de alguém vindo atrás de mim por assassinato, ou pior, roubo. Eu temia que, se não mudasse alguma coisa, viraríamos parceiras, de certa forma, e essa era uma das razões — além da morte do meu filho — pelas quais eu estava me mudando.

— Você precisa voltar para casa, para sua mãe, hoje mesmo — falei.

— Não, Joan, por favor.

— Você precisa perdoá-la.

Ela começou a espernear, ficou repetindo *por favor* sem parar. Eu não sabia o que fazer, então tirei o vestido vermelho de alcinha. Fiquei praticamente pelada na frente da menina e a tomei em meus braços, apertando o corpo dela contra o meu enquanto ela chorava. Eu a afastei e entreguei meu vestido predileto para ela. Ela ficou em choque. Eu só sabia fazer alguém ir embora oferecendo alguma coisa que tivesse valor para mim. Abrir mão de algo tangível, isso eu podia bancar. Mas eu morria de medo de oferecer meu tempo ou meu coração.

Ela jogou o corpo de volta nos meus braços e fiz cafuné no cabelo dela e sussurrei no ouvido dela:

— Eleanor. Você está me ouvindo? Eu daria o mundo para ter minha mãe de volta. E olha que ela foi uma vagabunda.

ACHEI UMA CASA PARA ALUGAR EM PACIFIC PALISADES COM UMA VISTA linda para o mar. Era branca e moderna com janelas de ponta a ponta. Ficava sobre palafitas, pairando sobre as casas logo abaixo. Não fazia muito meu gosto, mas as linhas sóbrias e os cômodos sem personalidade eram vazios, e eu ansiava pelo vazio. Era um absurdo de caro, mas, mais uma vez, eu não tinha ninguém com quem me importar.

Por semanas a fio quase não saí. Ficava andando pelos cômodos de pé-direito alto e abria uma caixa a cada dois ou três dias. Tirava metade das coisas da caixa só, ficava cansada e tomava um comprimido. Eu estava terrivelmente sozinha, mas era um sentimento familiar. Eu sentia tanta falta de Alice que doía quando eu acordava de manhã, a imaginando fazendo as saudações ao sol no quintal podre dela.

Em uma tarde chuvosa — por Deus, como eu odiava a falta de chuva em Los Angeles — aluguei uma picape e dirigi até o cânion para pegar o sofá Ploum. Eu tinha planejado deixar lá mesmo, para Kevin ou River ou o novo inquilino da casa quente, mas eu não tinha mobília. E embora pudesse comprar coisas, achei que o móvel cairia bem na minha nova sala de estar envidraçada. Era extravagante e eu sentia falta dele.

River estava jogando bolinha para o Kurt quando cheguei. Ele protegeu os olhos do sol e sorriu.

— Joan — ele disse.

O sorriso dele era tão bonito e a postura tão leve que só de ficar perto eu já sentia um pouco de paz.

Ele me ajudou a colocar o sofá na camionete. Estava mais quente do que nunca dentro da casa. Sem os móveis, parecia satânica. Parecia que tudo o que tinha acontecido ali não era real. Com a casa vazia daquele jeito, eu poderia até me convencer de que não tinha perdido um bebê e matado um homem ali.

River fez questão de carregar o enorme sofá Ploum nas costas, feito Atlas. No passado talvez eu tivesse elogiado a força dele. Mas dessa vez só fiquei olhando o celular, absorta. Quando ele entrou de volta, agradeci, e ele ficou ali parado, sem saber muito o que fazer. Eu me virei e fui até a janela da cozinha onde tinha passado um bom tempo olhando para ver se os coiotes estavam à espreita.

River veio devagarinho por trás e me beijou no pescoço, do jeito que Vic tinha me beijado na Escócia. Mas quando foi River, foi libertador. Não me virei, e ele levantou meus braços com carinho e pressionou a palma das minhas mãos contra a parede, acima da minha cabeça. Enroscou os dedos nos meus. Transamos. Foi um ponto final tranquilo e carinhoso. Quando acabou, ele abraçou meu corpo, nós dois ainda de pé. Ele tinha braços muito fortes. Foi um bom jeito de deixar a casa.

Ele queria vir comigo, conhecer o apartamento. Falei que talvez numa próxima. Ele pareceu um pouco magoado, e percebi que o verdadeiro poder vinha de não se importar mais com ninguém. Essa seria a última vez que eu dormiria com um homem. Não queria mais saber do gênero.

Tudo o que eu queria era ver Alice, contar para ela como minha infância tinha terminado, o fim que tinha levado nosso pai. Queria contar para ela por que andava pelo mundo em posição de cadáver. Queria saber se a intuição da minha mãe estava certa. Se meu pai ia nos deixar por uma mulher de uma sobreloja e pelo bebê dela por nascer.

Eu sentia tanta saudade quanto raiva dela. Pensei no que ela teria dito se eu a tivesse levado lá para cima e mostrado o corpo do velho. Sonhei com ela passando a mão no peito frio dele e dizendo, Honestamente, está tudo bem. Era seu último recurso.

Deplorável e imaturo de minha parte, mas eu teria me sentido orgulhosa de contar para ela como terminou. A polícia aparecendo, e a ambulância vindo à toa. Depois de estrangular Lenny, empurrei o corpo dele da escada em espiral. Ele não rolou até lá embaixo, mas parou no meio, os braços pendendo entre

as ripas e as pernas balançando, como uma marionete emaranhada. Foi onde o deixei. Falei para a polícia que estava de repouso depois de um aborto espontâneo no andar de cima e que ele devia ter entrado, como já tinha feito no passado durante um dos surtos, que acordei sentindo a ereção na minha bunda e dei um berro, e ele levou um susto, então se virou para sair correndo, mas tropeçou, porque era velho e estava fora de si, e ali foi onde ele caiu, falei, apontando para o local com indiferença. O ar da casa estava denso com o cheiro de sangue velho. Os homens só queriam sair dali. Não fizeram uma pergunta sequer.

Eu não conseguia parar de pensar em como tinha sido carente com Alice. Estava indignada por ter sido sempre a única a ficar falando. Estava indignada por ter me sentido completa com ela e ela não precisar de mim.

PASSARAM-SE MESES E FUI FICANDO CADA VEZ MENOS HUMANA, MAS DE UM jeito incrível. Incrível para mim, pelo menos.

Eu ainda estava com barriga. Não comia muito e mesmo assim estava com uma barriga considerável. Parecia que eu estava retendo gordura, como tinha ouvido dizer que acontecia depois de um aborto espontâneo. Mas também estava vergonhosamente sedentária. Passavam-se dias sem que eu penteasse o cabelo.

Eu jamais teria que trabalhar de novo, ou pelo menos não por muitos anos. Calhou que o relógio do Leonard não só valia mais do que a vida inteira dele, mas mais do que a vida de todos os antecessores dele juntos. Levei o relógio para um avaliador no Valley. Ele ficou tão em choque quando o coloquei na bandeja de veludo que achei que ele iria desmaiar. Eu poderia ter levado em algum outro lugar para uma segunda opinião, mas não levei. Talvez ele tenha me roubado, mas naquela faixa de preço, pouco importava.

Cogitei me mudar de volta para Nova York, para a Charles Street. Por incrível que pareça, de repente eu podia bancar o tipo de apartamento que o amigo do Big Sky tinha. Um que eu cobiçava, com sauna de madeira, toalhas brancas grossas e um armário só de roupa de cama e banho. Mas passei a amar a minha casa perto do mar. *Amar* não é bem a palavra.

Quase todo dia eu caminhava pela água, ou sentava à beira do mar, de olhos fechados, vendo filmes na minha cabeça. Nunca usava sapato. Era a senhora dos gatos na areia. Cachorros passavam correndo por mim.

Eleanor e eu trocávamos várias mensagens por semana. Eu dava conta de qualquer relação por mensagem de texto. Ela havia voltado para a casa da mãe dela, que estava tomando vários remédios antipsicóticos. Eleanor me disse que Mary passava o dia todo assistindo a desenho animado. E a reprises de *Um é pouco, dois é bom e três é demais*.

Quem me dera não amar ela, ela me escreveu um dia.

Não dá pra deixar de amar alguém, escrevi. *Só dá pra odiar*.

Ela está muito destruída pra eu odiar.

Sinto muito, escrevi.

Pensei em ir até aí, dar um oi. Podíamos ir até o Cold Spring Tavern, quem sabe...

Ela escrevia coisas do tipo e eu dava um gelo nela por uns dias. Ela sempre entendia. Dava um passo para trás, mas era só questão de tempo até avançar de volta. Eu vivia com medo de alguém bater na minha nova porta. Não havia dado meu endereço para ninguém. Tinha uma caixa postal no centro.

Até que um dia Eleanor me contou que tinha conhecido alguém. Uma menina *de boa família*. Para meninas como nós, uma boa família era tudo. Depois de um tempo ela me mandou uma foto dela com uma mulher de trinta e tantos anos na frente da Freedom Tower. As duas de mãos dadas olhando uma para a outra. Fiquei tão feliz por ela que chorei.

Com muita naturalidade, todo dia, eu pensava em me matar. Não com comprimidos, como sempre tinha planejado, mas me afogando no mar. Sentia que merecia aquela beleza final. Mas o instinto de sobrevivência era muito forte, e é por isso que eu achava minha mãe mais forte do que eu jamais poderia conceber.

EM UM DIA QUALQUER DE CÉU LIMPO EU ESTAVA NO DUNKIN' DONUTS DE La Cienega e havia uma mulher no balcão, uma mulher negra, altona, com um tênis lindo e panturrilhas saltadas.

— Quero bem, bem, bem doce — ela disse.

Achei a voz dela mágica. Em nenhum momento ela olhou para o homem para quem estava fazendo o pedido.

— Ouviu? E preto. Preto que nem eu.

Em mesas separadas, estavam uma mulher mexicana e um velho homem branco de calça larga manchada de tinta e uma camiseta marcada de suor.

— Oi, Billy — disse a mulher mexicana.

— Ei, Rosita — disse o velho branco, sem olhar para ela. — Casou já?

— Não. Não quero.

Billy balançou a cabeça como se soubesse que ela estava mentindo. Ela tinha peitos enormes com uma caverna no meio. Um vestido velho com flores bordadas.

— E você? — disse Rosita. — Casou?

— Eu? Nah.

— Então. Está vendo? Qual é o sentido de perguntar se eu casei se você não casou?

Billy se fez de desentendido. No balcão, a mulher negra provou o café.

— Não está doce o bastante — ela berrou. — Eu pedi *bem* doce!

Foi nesse instante que alguma coisa se debateu dentro do meu corpo e tentou me serrar ao meio por dentro. Achei que finalmente fosse morrer. Mas a dor passou e pude ouvir Rosita e Billy de novo, comentando que a única coisa boa de Los Angeles era que as caixas de correio não eram trucidadas por limpa-neves, e me vi surpresa por qualquer um dos dois já ter vivido em algum lugar que não naquele Dunkin' Donuts, e como eu merecia ser punida por esse pensamento, a dor voltou. Alguma coisa estava rachando no meu traseiro. Alguma coisa estava me fustigando. Meu corpo estava se atacando. Foi piorando rápido, até que eu não conseguia mais me levantar.

Liguei para ela. Eu não falava com ela desde o dia no píer de Santa Mônica, mas era tudo o que me restava. Ela sempre tinha sido a única coisa que me restava. Eu a tinha sentido do meu lado na cama quando ela era grande o bastante para se sentar sozinha. Tinha sentido os pequenos lábios dela no meu pescoço. As perninhas dela batendo nas minhas.

Vi o Prius dela parar no estacionamento do pior Dunkin' Donuts de Los Angeles. Eu estava largada em cima de uma mesa. Ninguém ali dava a mínima se eu estava morrendo.

Ela saiu do carro usando um body preto e me viu pela janela encardida. Não era culpa dela que meu pai tinha gozado dentro de outra mulher. A contração seguinte foi a pior de todas até então. A dor começava no meu traseiro. Se o som de um prato de bateria pudesse ser traduzido em uma sensação física, era assim que eu estava me sentindo. Passava pelo estômago e chegava até a

cabeça. Eu me contorci. E então Alice estava lá dentro, comigo nos braços, e eu estava aos berros.

— Muita cafeína — Alice gritou para os clientes bisbilhoteiros.

ELA DIRIGIU MUITO RÁPIDO ENQUANTO EU OLHAVA PELA JANELA E VOLTA E meia convulsionava de dor. Eu estava tentando não olhar para ela. Estava tentando ser perfeita. Estava prestes a ter um bebê, mas estava mais focada em não afastar Alice. Ela colocou a mão na minha perna e a deixou ali, e fui tomada por uma imensa gratidão.

Na base do cânion, perguntei se ela sabia que éramos irmãs.

Ela me disse que, no velório da mãe dela, um dos ex-amantes casuais da mãe tinha insinuado qualquer coisa. Alice tinha perguntado por aí, mas ninguém sabia ao certo. A mãe dela era bem reservada.

— Você sempre soube? — ela me perguntou.

— Sei faz um bom tempo, sim.

Quando Gosia morreu, só fiquei sabendo mais de uma semana depois. Mesmo na morte ela era descomplicada. Estava esquiando em Courchevel com alguém que não era meu tio. Teve um derrame descendo uma montanha íngreme. Foi levada para o hospital às pressas, mas morreu na ambulância. Estava com sessenta e três anos, bem-cuidada. O cabelo platinado exuberante, o pescoço macio e quase sem rugas. Não teve velório, porque ela não queria, e não havia ninguém mais forte do que ela para ir contra a vontade dela. No fim das contas, ela sabia que ninguém iria querer criar confusão. Quando alguém partia, não restava nada a se fazer. Seguir em frente era exaustivo. Respeitar a tradição quando você podia estar bebendo vinho e lamentando ao sol.

Além dos contratos fiduciários e da própria coleção de joias, Gosia tinha deixado mais uma coisa para mim. Um pedaço de papel em um envelope selado. Era um envelope do correio aéreo, mas acho que isso não significava nada. O pedaço de papel era rudimentar, recortado de um papel maior. Não era do feitio de Gosia, porque todos os presentes dela, todos os gestos, eram grandiosos. Ela não regulava nem tentava economizar. A informação no papelzinho era para ser lida em um dia chuvoso, ou algo do tipo, e acho que foi a única coisa na vida que fiz no momento certo. Do lado de fora do envelope ela tinha escrito, *Espera até você precisar*.

E dentro estava o nome completo de Alice. Não dizia *irmã*, mas claro que eu sabia. Quanto à Alice, ela sabia que tinha sido um bebê ilegítimo. Sabia

que o pai tivera um caso com a mãe. Mas a princípio ela não sabia que já havia outra criança. A mãe tinha falado para ela que o amante e a esposa não tinham filhos, que a esposa não podia ter filhos. Mas, além da insinuação do ex-amante da mãe, Alice tinha encontrado umas cartas que aludiam a uma criança. Ela disse que na primeira vez que apareci numa aula de ioga, ela sentiu uma pontada estranha. Foi como mágica, e ela ficou assustada.

Olhamos pelas janelas enquanto passávamos pelos prédios baixos, pelo galpão da Home Depot aonde eu sempre ia atrás de flores novas para a banheira enferrujada. Atrás de uma tábua espessa para colocar debaixo das cadeiras bambas do meu “quintal”. Eu sempre ia embora de mãos abanando. Não tinha dinheiro para gastar. Era gostoso dirigir, gastar a gasolina, sentir o cheiro de pinha.

Outra contração. Um berro estridente de dor. Agarrei a barriga e mordi os lábios. Ela apertou minha coxa até a dor passar.

— Por que você me deixou? — perguntei.

— Fiquei muito chateada. Você trepou com um cara pra me machucar.

— Digo, da primeira vez.

— Não sei.

— Eu estava muito carente.

— Não — ela disse.

— Por quê, então?

— Não sei. Alguma coisa. Quando a menina apareceu e ficou na sua casa, alguma coisa mudou. Senti algo e não quis saber o que era.

E então caiu a ficha. A presença de Eleanor tinha soltado um cheiro. Alice farejou o passado em mim. Eu planejava contar para ela de um jeito que não a tirasse do prumo. Mas quando Eleanor apareceu, Alice pôde sentir, pelo tanto que eu me assemelhava à menina. Eu sempre soube o jeito certo de dar uma informação. Ninguém mais sabia.

— Acho que sei o motivo — falei.

— E qual é o motivo?

— Eu vim para a Califórnia pra contar pra você.

— Como assim? — ela perguntou.

— Eu só queria dizer... Fiquei tão mal quando você foi embora. Eu amava... Eu amo você.

Fiquei com receio de ela não falar de volta.

— Eu teria voltado. Mas aí você trepou com ele.

— Foi terrível da minha parte.

— Eu achava que amava ele — ela disse.

— Mas ele é um idiota.

Demos risada. Ela pegou minha mão e apertou com força. Ela dirigiu com a mão direita no meu joelho esquerdo.

— Joan, eu também te amo.

Olhamos uma para a outra. O carro quase saiu da estrada. Uma nova contração rachou minha lombar. Tínhamos tanta coisa para falar que não atinamos muito para o fato de que eu estava em trabalho de parto.

— Quer saber uma coisa doida? — perguntei depois que passou.

Ela balançou a cabeça e disse que claro que queria e comecei com a história do Vic, de como ele já tinha traído com outra pessoa antes de mim. Ela ficou um tempão dando risada. Então disse, Viu como eu estava certa?

Então contei para ela que tinha matado Lenny. Pedi para ela não me deixar de novo, por causa disso. Falei para ela como tinha sido, praticamente um acidente. Depois que passou o choque, ela me disse que soava como um verdadeiro acidente e que eu não deveria pensar nesses termos. Então ela disse, Está tudo bem, Joan. Honestamente, às vezes eu acho que é o único recurso. Matar homens em tempos como este.

Ela disse que não ter conhecido nosso pai acabava com ela e que queria que eu contasse tudo sobre ele. A mãe tinha contado algumas coisas. Elas sentavam para beber chá de saquinho e observar as vacas no pasto em frente à casa delas e falavam da beleza dele, de como ele era encantador, salvando vidas. Uma vez a mãe dela contou que ele tinha levado sopa para ela quando ela estava resfriada, uma canja. Ele tinha pedido para os funcionários pegarem a melhor canja do mundo para ele e apareceu na sobreloja dela de jaleco branco, ela estava delirante de febre e sentiu que estava no paraíso e que ele era Deus. Eu disse, É assim que a sociedade faz a gente ver os médicos. Mas também houve noites em que nosso pai a deixou esperando. Noites em que ele nunca aparecia, por causa da esposa. Era estranho pensar no paradeiro dele naquelas noites. Será que estávamos no Maggie's Pub?

Uma nova contração rasgou minhas vísceras.

— Teve uma noite — ela continuou —, uma noite em particular que minha mãe comentou. Ela tinha feito essa sopa, sopa *pistou*. Passou o dia cozinhando. Ela usou o manjerição que cultivava em um vasinho de argila na beira da janela. E nosso pai nunca apareceu. Nunca nem telefonou. Ela arremessou o vaso de manjerição contra a janela, estilhaçou. Ela ficou com a mão toda cortada. Disse que foi dormir sem limpar. Quando acordou na

manhã seguinte, jurou que nunca mais ficaria mal por ele. Jurou que não passaria a dor para a criança.

Encostei a cabeça na janela fria. Vai saber como a mãe da Alice teria agido se meu pai tivesse feito com ela o que fez com a minha mãe. Em todo caso, eu tinha aprendido que não era minha mãe a fraca da história. Era meu pai que era fraco e cedia às próprias necessidades triviais. Foi o meu pai que fez minha mãe enlouquecer. Mas de novo, *loucura* não é a palavra. O mundo tinha me feito acreditar que eram as mulheres que enlouqueciam. E era simplesmente a dor das mulheres que se manifestava como loucura.

Olhando para a estrada, ondulada por causa do calor, falei bem baixinho.

— Você quer saber como nosso pai morreu? — perguntei.

— Como assim? — ela disse.

— Ele não morreu de câncer.

— Morreu de quê, então?

— Minha mãe matou ele. Esfaqueou ele muitas vezes com uma faca comum de cozinha. E depois cortou os próprios pulsos na banheira. Foi como todos os filmes que você já viu, mas era a minha mãe. E nosso pai na cama. Ele estava com o pijama que eu tinha dado pra ele de Natal. De lã, marrom, com trevos de quatro folhas. Ninguém na minha família era da Irlanda.

— Mas por quê?

— Por causa da sua mãe e de você.

Ela estava tremendo e pediu para eu dizer que, pelo amor de Deus, aquilo não era verdade, e espiralou de um jeito que minha mãe teria achado hiperbólico. Outra contração. Alice ficou mais histérica. Eu me preocupei com a capacidade dela de conduzir. Mas estava esperando para chegar a esse ponto fazia meses. Estava esperando para contar para ela. Ela era a única pessoa que podia fazer eu me sentir menos sozinha. Ao longo da vida, temi que ele amasse mais a mãe dela do que a minha. Mas essa não era a questão. A questão mesmo era: será que meu pai me amava tanto quanto eu achava que amava?

Foi por isso que minha mãe o matou. Não porque ele traía, não porque ele engravidou a amante, nem mesmo porque ela achava que ele queria estar com a segunda família. Os homens adoram uma segunda chance, Gosia me disse. Eles não merecem, não às custas de uma mulher.

A razão por que minha mãe matou meu pai era que ele não a amava — ou não me amava — o quanto dizia amar. Lembro da vez em que fomos para Los Angeles e meu pai comprou aquele vestido para mim com a gola Peter

Pan. Vi na loja e me apaixonei, minha mãe disse que eu não podia levar e mais tarde no jantar ele passou a sacola da loja por cima da mesa. A parte de baixo da sacola encostou no molho do *pollo alla Valdostana* da minha mãe. O vestido cobiçado estava lá dentro. Chorei de amor. Quando ele se levantou para usar o banheiro — talvez para ligar para a amante —, minha mãe me disse, Você ama mais o seu pai, e tudo bem. Achei que ela estava sendo mesquinha, mas de repente me lembrei da dor nos olhos dela. A injustiça por eu pensar que ele era o melhor dos dois.

Meu pai não amava uma família mais que a outra. A questão era que ele não se importava com nenhuma mais do que se importava consigo mesmo. E assim, de repente, entendi por que minha mãe fez o que fez.

E ali estava Alice, minha irmã mais nova, que obviamente não sabia de nada. Eu tinha passado uma sabedoria de mago para ela e ela era só uma criança. Não sabia de nada além da felicidade, da dádiva do amor materno que nunca tinha se corrompido. Eu queria te dar isso. Eu queria ser boa. Eu sabia que pelo menos melhor eu seria.

— Foi planejado?

— Não — falei. — Acho que não. E acho que ela não pensava em se matar. Só que provavelmente se odiava tanto quanto alguém pode se odiar.

Alice estava chorando tanto que precisou parar. Eu sabia que não faria bem para o parto. Mas não podia impedi-la. Ela desabou em cima de mim e eu a abracei. Ela chorou agarrada a mim. Falei, Shh, shh, e disse que estava tudo bem. Agora tínhamos uma à outra. Falei que eu sempre a sentira do meu lado, que era uma das coisas que me sustentavam. Que, uma semana após a morte dos meus pais, passei a senti-la se enroscando comigo na cama. Agarrando-se às minhas pernas quando eu me levantava para usar o banheiro, sorrindo enquanto me ouvia fazer xixi, no meu encalço diante do armário enquanto eu me vestia. Me seguindo para cima e para baixo. Mais para a frente, pegando meu jeans emprestado, todos os meus vestidos de piriguete. Lendo do meu lado. Pedindo para eu ajudar com a maquiagem. Perguntando de meninos. Gosia fazendo *barszcz* com *uszkami*, uns pasteizinhos horríveis em caldo de beterraba, e a gente fingindo comer enquanto dava escondido para o cachorro. Nossas mãos manchadas de beterraba. Nós duas debaixo das cobertas na minha cama com uma lanterninha cor-de-rosa, falando do nosso pai. E nós duas olhando para o teto de lençol como se fosse a galáxia e eu recitando contos de fada para ela. Os sapatinhos de rubi que ele tinha passado a noite fazendo. Eu dizia para ela que ele a teria amado muito. Mais do que

você?, ela perguntava, porque era só uma menininha. Sim, eu dizia, mais do que eu. Tenho certeza absoluta.

QUERO CONTAR PARA VOCÊ SOBRE A ESPOSA DO BIG SKY, QUE, EM UM DIA DE Ação de Graças, pouco antes das visitas chegarem, derrubou a faca de trincar no próprio pé e acertou bem a unha do dedão. Espirrou um sangue teatral pela ardósia. Tentei imaginar o que minha mãe teria dito. Ela teria dito que era impossível limpar, que o chão ficaria sujo para sempre. Big Sky me contou a história, como tinha perguntado para a esposa se ela achava mesmo que precisava ir para o hospital. Ele tinha acabado de tomar o primeiro martíni da noite, aquela tacinha antes de todo mundo chegar, e isso foi em Montana, onde você não quer sair de casa a menos que seja para ir para o rio ou para a montanha. Eu me lembro de pensar, Você não é um bom homem, graças a Deus. Mas isso só me veio à mente naquela vez. Passou assim que ele fez amor comigo, e só fui pensar nessa história de novo anos depois.

No hospital Alice se cadastrou como meu contato de emergência. No carro, no caminho para o hospital, tinha me perguntado quem era o pai *dessa vez*. contei a verdade para ela. Achei que ela daria as costas para mim mais uma vez, para todo o sempre. Mas não.

— Olha só para você — ela disse. — Você achando que era estéril, e mal consegue passar um mês sem engravidar de novo. Vadia.

Enquanto esperávamos, pedi para Alice me mostrar uma foto da mãe dela. Ela tirou uma da carteira. A mãe, Francesca, tinha um cabelo mel e volumoso como o da Alice. Ela estava recostada em uma balaustrada de pedra, na beira de uma estrada na Toscana, de suéter de lã verde e saia de cotelê. Ela não era mais bonita do que minha mãe. As duas eram lindas.

Na triagem parecia que meu estômago ia sair de dentro de mim. Como se eu fosse dar à luz todos os meus órgãos em vez de uma criança. Um enfermeiro aferiu minha pressão e ficou claro que minha dor terrível não estava só na conta do parto. Eu sabia que você ainda era muito pequena, mas jamais esperava que desse errado, não de novo.

O enfermeiro saiu para chamar um médico e passaram-se minutos sem que alguém aparecesse.

Alice berrou:

— Minha irmã está passando mal!

Quando finalmente me levaram para um quarto, jorrava sangue e as contrações eram de outro mundo. Entrou um médico de bigode, não parecendo muito abalado. Falou comigo como se eu fosse pobre. Usava aliança de casamento e anel de formatura da faculdade. Ele me perguntou quem era o pai.

— Que diferença faz? — perguntei.

Ele balançou a cabeça e me disse que a criança era muito pequena, pequena demais, e era isso.

— Pode ser que dê tudo certo — ele disse. — Mas pode ser que não.

As contrações duraram horas e horas, mas você não descia e eu estava muito mal para ficar esperando. Mesmo assim, não quiseram fazer a cesárea. Disseram que quanto mais tempo dentro de mim, melhor. Como se você fosse um pedaço de pão malcozido e o calor dentro de mim, ainda que só por contato, fosse melhor do que você sair e ficar exposta às cores de papel-jornal do ar ali.

MOSTREI PARA VOCÊ OS DESTROÇOS DOS MEUS RELACIONAMENTOS. SEI QUE você não vai cometer os mesmos erros. Posso sentir como você é forte dentro de mim. Quero que saiba que nasceu de uma união tenra, breve, mas afetuosa. Foi profunda entre quatro paredes, ainda que tenha se restringido a isso. E foi a primeira vez que usei um homem por algo que eu queria de fato e não por algo que eu julgava precisar.

Ouvi uma das enfermeiras dizer, Está demorando muito, podemos perdê-la. Não sei se estavam falando de mim ou de você. Agiam como se fosse o fim do mundo, você ser tão pequena, mas eu já tinha visto o fim do mundo e sabia mais do que eles. Eu sabia que você iria sobreviver.

Uma enfermeira, uma mulher tranquila, limpou meu rosto com álcool e sorriu para mim como se me amasse. Ela pressionava um pano frio na minha testa quando vinham as contrações.

— Aguenta firme, menina — ela disse. — Aguenta só mais um pouquinho pra mim, menina.

Ela tinha orelhinhas de elfo e um corte de cabelo de pajem.

QUANDO VOCÊ ESTAVA PRONTA, ERA TÃO PEQUENA QUE MAL TIVE QUE FAZER força. Não peguei você, foi a enfermeira tranquila que pegou, enquanto eu estava viajando dentro da minha cabeça. Estava pensando em Alice, em como ela daria uma boa mãe. Como saberia as brincadeiras certas. Como seguraria seu rosto debaixo da torneira da banheira para não entrar água nos seus olhos. Eu não era delicada como ela. Minha mãe também não era delicada, só calorosa e contida.

— Sua filha, sua filha — ficavam dizendo. — Olha a sua filha.

Era um menino, o outro, e não vou chamá-lo de seu irmão porque acho que não era. Gosto de pensar que era você — preciso pensar assim, porque a alternativa é um inferno —, que era uma parte sua que você não precisava trazer ao mundo. E essa parte sua, como um órgão vestigial, foi feita para desaparecer. Foi o que meu pai disse uma vez de certas despesas médicas. Foi assim que ele conheceu a mãe da Alice, diga-se de passagem. A mãe dela tinha levado para o hospital uma amiga mexicana que trabalhava com ela na cozinha. A amiga tinha um tumor que precisava tirar do pescoço. Tinham que agir rápido e a cirurgia custava algo na casa das dezenas de milhares. Ela era uma imigrante ilegal. Lembro do meu pai de volta em casa naquela noite. Eu tinha oito anos. Ele entrou pela garagem e bati palma para ele, e na mesa de jantar com carne à *pizzaiola* ele contou de duas mulheres desafortunadas que haviam aparecido, duas cozinheiras, uma delas tinha um tumor e a salvaram bem a tempo, e ele fez as despesas sumirem. E a outra ficou tão agradecida, chorou e chorou e disse, Deus te abençoe! Eram as únicas amigas uma da outra no mundo inteiro, meu pai contou. Ou na América, em todo caso. Meu pai é um homem tão bom, pensei.

Gosia nunca me falou mal do meu pai. Também não falou bem da minha mãe. E raramente falava de si. Acho que ninguém teria feito um trabalho melhor que ela, dadas as circunstâncias. Eu tinha dez anos e ela era uma pessimista austríaca, sem filhos por escolha. Tinha amantes em cidades de pedra e o marido dela — meu tio — era irrelevante. Ela sempre buscava dar o exemplo. Mas também me deixava sozinha para resolver o que faria da vida. Ela me abraçava quando eu gritava, mas não me dizia como me sentir. Para um calo se formar sobre o meu passado. E foi só quando conheci Alice que entendi precisamente como eu tinha sido afetada. Como a noite das mortes embasava tudo o que eu fazia com homens e tudo o que eu não fazia com mulheres. Minha mãe não tinha como *segurar* meu pai. Dá para imaginar que isso já tenha passado pela minha cabeça?

Olha a sua filha.

Por um longo período depois que eles morreram eu conseguia evocá-los, conseguia senti-los como se estivessem me abraçando na cama. Eu conseguia fazer isso com mais facilidade quando tomava os comprimidos para dormir. Quando eu ia à farmácia com Gosia, ela deixava eu escolher alguma coisa das prateleiras, valeriana e maracujá. Frascos com as mais belas flores do luar. Como uma cientista, eu fazia misturas com três ou mais extratos. Usava à noite, mas às vezes bebia de manhã bem cedo para voltar a dormir. Aos quinze anos, eu ainda acordava no meio da noite aos berros, e Gosia me deu zolpidem.

O zolpidem ajudou, mas o cair da noite ficou pior. Você pode achar que o meio da madrugada era o pior de tudo, a hora da bruxa, o horário em que os encontrei mortos, mas por mais estranho que pareça era o momento mais tranquilo para mim. Em todo caso, quanto melhor o sono, pior a manhã. Quando eu dormia pesado, era de manhã que lembrava: Seus pais estão mortos. Foi assim que eles morreram. Você está completamente sozinha.

— Ela está muito doente — ficaram dizendo, como se eu estivesse gripada. Eu não me sentia doente. Me sentia leve. Estava com uma hemorragia. Entraram no quarto com bolsas de sangue.

Não pergunte para os homens como foi o dia deles. Se estiverem cansados e parecerem infelizes, diga, Ah, pena, no máximo.

TEREI UNS MINUTINHOS COM VOCÊ, ME FALARAM, ANTES QUE ME LEVASSEM para o quarto branco.

Olha a sua filha.

O passado era tudo para mim. Por essa razão, embora não apenas essa, não quero que você tenha um. Só estas palavras, um breve guia. Vai acontecer o seguinte. Vou ver você jogar futebol em um campo esmeralda em um internato mais esplêndido ainda que aquele para onde Big Sky vai mandar os filhos dele. Você vai correr pelo campo e todo mundo — os outros pais, irmãos mais novos, o técnico do time adversário — vai ficar hipnotizado por você, por suas longas pernas bronzeadas, pelo brilho vencedor nos seus olhos, pela sua velocidade, seu cabelo e sua clavícula. Você vai ser mais rápida do que o resto. Vinda de lugar nenhum, você estará certamente indo a algum lugar. Vai sempre dormir em camas com lençóis limpinhos. Vai comer fatias de bolo de limão em propriedades do interior da Inglaterra e beber chá gelado com folhas lanosas de hortelã. Vai passar férias nos melhores lugares, não só os de nomes grandiosos, mas lugares que nem mesmo os mais abastados conhecem direito. Você vai ter dinheiro o bastante para boa parte da vida. Não vai torrar tudo, como eu fiz.

Minha mãe deixou todas as joias dela para mim. Em caixas de tinta para cabelo, que ela escondia pela casa toda. L'Oréal e Wella e umas velhas caixas manchadas de Féria, da Harmon Cosmetics. Tinha correntes grossas de ouro com crucifixos e anéis de esmeralda, pulseiras de rubi e platina, e o famoso anel de trinta e duas pedrinhas de diamante, que costumávamos contar juntas, os brilhantes todos. Mais tarde descobri que era imitação. Nem cristalinos eram. Lembrei dos brinquinhos de rosa também, que Alice também tinha. Acho que foi isso que mais doeu para mim, pensando na minha mãe. Que meu pai tinha comprado os mesmos brinquinhos de rosa para ela e para a amante. Talvez estivessem em promoção. Dois por um.

A relíquia nem valia muito, mas ela dizia que voltaria do túmulo e morderia meus pés se eu vendesse. Não vendi. Pode vender se quiser. Não me importo se você guardar ou não, se colocar sempre ou nunca usar.

Minha mãe era demais para mim, e olha que ela nem passou do meu décimo ano de vida. Eu não conseguia parar de pensar nas *coisas* dela. Os livros todos que ela tinha lido na piscina local, ondulados pela umidade das minhas mãos encharcadas quando eu a abraçava. Histórias românticas de letrinhas minúsculas aglomeradas nas páginas. As vezes em que passeamos em galpões de descontos. Caixas de produtos baratos em embalagens plásticas empoeiradas. Tulipas, por Deus, como minha mãe amava as tulipas dela e as panelas de cobre. Depois que ela morreu, por meses poli as panelas, até que a

casa foi vendida. Gosia teria me deixado ficar com elas, com o que eu quisesse, mas no fim o que eu queria mesmo era me livrar de tudo.

Olha pra ela. Sua filha.

Limpavam você e te trouxeram para junto do meu peito. Você parecia vagamente anfíbia. Eu ainda não queria olhar para você. Queria saborear a sensação. Queria adiar a gratificação, porque eu sabia que continuaria vivendo até tê-la.

Precisavam levar você, colocá-la em uma incubadora e aquecê-la. Iam me levar também. Iríamos em direções opostas. Quero te contar como foi terrível para mim. Mas não consigo descrever.

Disseram, Cinco minutos, aproveita. Você merece esse momento.

Finalmente olhei para você. E perdi o ar, porque vi que você era ela. Você era a menina de todos os meus sonhos. Era você no litoral da Grécia olhando pelas portinholas, era você no estacionamento do restaurante de fast food me esperando voltar. Você tinha dois e três e quatro e cinco anos. Dez anos. Você esteve comigo desde o começo. E desde o começo há alguém tentando tirar você de mim.

Falei para a enfermeira mais próxima que queria todo mundo fora do quarto. Não queria que Alice entrasse, embora ela já pudesse entrar àquela altura. Fazia um tempão que eu estava esperando para conhecer a filha da amante do meu pai. E eu não a odiava. Eu a amava. Mas minha vida dura não me levava até ela. Não vim aqui por ela. Vim por você.

Esperei todo mundo sair, peguei seu corpo nas mãos e segurei você junto ao peito. Queria colocar você dentro de mim de volta. Passei o dedo pela curva perfeita do seu nariz e chorei como tinha chorado depois do meu primeiro encontro com Big Sky. Aquele êxtase primitivo, insustentável. Mas dessa vez o amor era verdadeiro.

Já dava para ver que você não precisaria de muita coisa dos outros. Sua boca ficou ruminando por uns segundos até que seus lábios se fecharam em volta do meu mamilo. Seus olhos se descortinaram e você olhou para mim. Seus olhos! Você tem olhos turquesa de sereia. Seu rosto é indiscutivelmente deslumbrante. Ninguém vai conseguir tirar os olhos de você. Do mesmo jeito que eu não consegui tirar os olhos de você. Agora que eu tinha visto você, não podia suportar não a ter nunca diante de mim.

NÃO IMPORTA O QUE ACONTEÇA, VAI CHEGAR O MOMENTO EM QUE NÃO estarei mais com você. Vejo você no estacionamento de um restaurante de fast

food. Você está saindo do Dodge Stratus e cobrindo os olhos com as mãos em concha. Você está me procurando. Sei que estou aqui e você está lá, mas mesmo assim aperto os olhos tentando enxergar dentro do restaurante, pensando que não é possível que eu tenha deixado você no carro. Eu não faria isso. Se estivesse com você.

Por favor, entra no restaurante, eu penso. Entra no restaurante e pergunta por mim. Fala para eles que eu sou sua mãe. Fala que não pode ir a qualquer outro lugar, mesmo se eu estiver morta. Pode comer um pouco se derem comida para você, mas não vá para casa com qualquer uma dessas pessoas. Chego no pé do seu ouvido e sussurro, Nem mesmo Alice.

Contei muitas coisas para você, mas tenho essa outra lembrança, a melhor de todas. Eu estava com cinco ou seis anos, dormindo na cama dos meus pais, em cima dos lençóis com estampa de gato gordo. Minha mãe não gostava de gato, então não sei por que raios tinha comprado aquele jogo, provavelmente porque estava em promoção na Marshalls. Eu estava dormindo de camisola amarelo-manteiga com rendinha e estava bem bronzeada. Tínhamos acabado de voltar da Itália, onde eu passava o dia inteiro ao ar livre, no sol, com os meninos e os fazendeiros e os cabritos, e acho que a parte mais importante da história é que não me lembro disso, tenho só uma foto. Foi minha mãe que tirou a foto, com sua Minolta barata, mas confiável. Devia ser de manhã bem cedo, e ela achou que eu estava linda. E estava mesmo, com meu cabelo escuro na cara, meus lábios cor-de-rosa ligeiramente entreabertos e minhas bochechas macias. Além das joias e alguns de seus melhores vestidos, as toucas de banho e os sabonetes de hotel, e todas as bolsas boas que ele tinha comprado para ela, essa era a única coisa dela que eu tinha guardado. O fato de que *ela* havia guardado a foto, de que ela tenha tirado a foto em primeiro lugar, foi o que me manteve de pé por todo esse tempo. Sabe, o passado era tudo o que eu tinha.

Por mais que eu veja minha partida, também nos vejo nitidamente no estacionamento do restaurante de fast food. Tão próximo que posso sentir a luz do sol no macadame e o cheiro laranja da comida lá dentro. Eu olho para o lado e ali está você. Olhando para mim desse jeito. Nem acredito que é você. Você é mais real do que eu sonhei. E está olhando para mim como se eu fosse sua mãe.

Vamos passar pelo drive-thru e você vai sussurrar seu pedido para mim. Vou acrescentar dois milk-shakes de chocolate e uma porção de batata frita para dividir. Então vamos estacionar o carro. Você vai ter os cabelos ondulados e

dourados da minha mãe e os olhos azuis encantadores do meu pai. Vamos derrubar alface picada nas costuras dos bancos e rir, e você vai me falar para mastigar de boca fechada, porque de repente adquiri um dos hábitos campesinos da minha mãe. Você vai ter dinheiro para viver bem e mesmo assim vamos comer porcaria em carros sujos. Nunca vamos mentir uma para a outra. Você sempre vai olhar para mim assim.



LISA TADDEO é a autora de *Três mulheres*. Ela colaborou com as revistas *New York Magazine*, *Esquire*, *Elle*, *Glamour* e com o jornal *The New York Times*, entre outros. Seus textos já fizeram parte de antologias de não ficção e seus contos ganharam dois Prêmios Pushcart. Ela mora com o marido e a filha em Connecticut, nos Estados Unidos.